

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

Curso: Estudos de Literatura  
Área: Literatura Brasileira

SUELI APARECIDA TOMAZINI BARROS CASSAL

***O BRASIL VISTO VERTICALMENTE:*  
UMA CONSTELAÇÃO CHAMADA MONTEIRO LOBATO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de doutora em letras.

**Orientadora:** PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. ANA MARIA LISBOA DE MELLO

**Porto Alegre, 30 de setembro de 2003**

## AGRADECIMENTO

Agradeço, em primeiríssimo lugar, a Ana Maria Lisboa de Mello, minha mestra e orientadora, com admiração, pela solicitude incansável, pela firmeza, pela heterodoxia de pensamento, pela generosidade intelectual e pela capacidade de abrir caminhos para todos os seus alunos. Agradeço também pelas correções, sugestões e empréstimo de livros.

As suas reflexões sobre o Imaginário nos alertaram para o fato que, além do Lobato nacionalista, havia o Lobato utopista. E o que é a Utopia senão um ramo do Imaginário Social?

Ana Maria fez-nos descobrir alguns dos textos mais tocantes da Literatura: “O colar de diamantes”, “A luz da outra casa”, “O iniciado do vento”, *Enquanto a noite não chega*. “Orientação”.

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os que, de uma forma ou outra, me apoiaram. Gostaria de citar, em especial, algumas pessoas:

Marta Maria de Fátima Ceppas de Carvalho Peixoto, minha amiga há quase duas décadas e mestra de todas as horas. Gabriela Peixoto Coelho de Souza, por fazer da ciência uma dança;

Waldemar Torres, coração paulistano e mário-andradino pousado no Menino Deus, pela acolhida sempre generosa e pelos ensinamentos;

Marlise Sapiecinski, pelo empréstimo de livros, pela troca intelectual, pela leitura sábia e entusiasta;

Minha Mãe, Wanda Tereza Batistella de Oliveira, “pingo de ouro”; minha irmã, Sonia Terezinha Tomazini, pela leitura e empréstimo de livros; meu irmão Antonio Augusto Tomazini, pelos mimos; todos nós da família dos Jecas Tatus paulistas, que Lobato tanto odiou e amou;

Dirce Zanetti & Alberto Bittencourt Alminhana, cheios de alma, pela energia espiritual;

Renata Fraga dos Santos, jovem-jovem, pelo empréstimo de livros, e por ter contribuído para a minha volta aos estudos;

Beatriz Iraí Stock, pela *Ciranda do Coração*, por nos ensinar, como Guimarães Rosa, que as histórias podem ter um desenredo;

Todos os meus professores, em especial os da pós-graduação, Maria do Carmo Campos, Eloína Prati dos Santos e Luís Augusto Fischer, pelos diferentes caminhos apontados, todos confluindo na vocação maior da Arte;

Vera Lúcia Corleto Malta, Angela Ponzio Ardais, Edda Marisa de Mamamn Roitman, Esther Roitman Wolkind, Vaniza Füller, tantas faces do Anjo na Terra, por tantas razões;

**AOS MEUS ALUNOS, COM QUEM MUITO APRENDI E PARA QUEM TUDO QUERO APRENDER.**

Este trabalho teve o apoio do CNPq durante o período de agosto de 1999 a setembro de 2002.

Fazer livros em excesso ξ não tem alvo ξξ  
e excesso de estudo ξ entristece a carne

Eclesiastes, 12,12. Tradução de  
**HAROLDO DE CAMPOS**, com a  
nossa homenagem e saudade.

A verticalidade é indutora de explorações  
aeronáuticas ou alpinistas, mas também de  
retidão moral.

Gilbert Durand (1988, p. 103)

SOMOS ESPÍRITOS IMORTAIS E DIVINOS. Fortes e  
inalteráveis. Sempre tendentes a melhorar, a  
aperfeiçoar, a apurar as nossas qualidades.

Monteiro Lobato (v. 13, p. 148)

## RESUMO

### **O Brasil visto verticalmente: Uma constelação chamada Monteiro Lobato**

Abordamos, nesta tese, quatro perfis do escritor paulista Monteiro Lobato (1882-1948). Primeiro, seu lado visionário, que redundou na criação de uma extensa obra voltada para a infância e, paralelamente, em uma grande investida no mundo empresarial. É a utopia escrita e passada ao ato.

Para levar a cabo seu trabalho hercúleo, Lobato sorveu da filosofia de Nietzsche o *quantum satis* para lhe redobrar a ímpeto intelectual. Este é o segundo ponto discutido aqui.

Fazendo *tabula rasa* dos ideais educacionais de seu tempo, Lobato criou personagens paradigmáticos para povoar sua Utopia, calcados no pensamento de Rousseau (Emílio x Emília) e nos ideais do Iluminismo. É a matéria do terceiro capítulo.

Para fechar o círculo, no quarto capítulo, examinamos os vínculos do autor com a sociedade norte-americana do início do século XX, que lhe forneceu o modelo de uma comunidade próspera e feliz, que o escritor sonhava implantar no Brasil.

## RÉSUMÉ

### **Le Brésil vu verticalement: Une constellation nommée Monteiro Lobato**

Nous analysons dans cette thèse quatre facettes de l'écrivain brésilien Monteiro Lobato (1882/1948).

Premièrement, son côté visionnaire, qui a abouti à la création d'une grande oeuvre tournée vers l'enfance, parallèlement à une large incursion dans le monde des affaires. C'est l'utopie écrite et mise en acte.

Pour réussir son travail en quelque sorte herculéen, Lobato a puisé dans les eaux de Nietzsche le *quantum satis* pour décupler son élan intellectuel. C'est le deuxième point abordé ici.

En faisant table rase des idées pédagogiques de son temps, Lobato a créé des personnages paradigmatiques pour peupler son Utopie, calqués sur la pensée de Rousseau (Émile x Emília) et sur idéal de l'Illuminisme. C'est la matière du 3ème chapitre.

Pour clore cette boucle, nous examinons, dans le 4ème chapitre, les liens de l'auteur avec la société nord-américaine du début du XXè ; celle-ci lui a fourni le modèle d'une communauté prospère et heureuse, sur la base de laquelle il voulait transformer la société brésilienne.

## SUMÁRIO

	Página
<b>INTRODUÇÃO</b>	
O Brasil visto verticalmente: Uma constelação chamada Monteiro Lobato	9
<b>DA DISTOPIA À UTOPIA</b>	29
1.1 A literatura brasileira sob o prisma da utopia	29
1.1.1 A América como “topia”	29
1.1.2 Utopia e distopia	33
1.1.3 Utopia e distopia na literatura brasileira	38
1.2 Um utopista na Jecatatuásia	49
1.2.1 Da sátira à utopia	49
1.2.2 Monteiro Lobato, leitor de utopias	55
1.3 O utopismo iluminista-desenvolvimentista-reformista	68
1.3.1 Anticlericalismo	70
1.3.2 Rebaixamento do dinheiro	71
1.3.3 Rebaixamento da propriedade privada e importância da agricultura	74
1.3.4 Eugenia, ou a bela raça	75
1.3.5 Crença no progresso	81
1.3.6 Transparência: No Reino das Águas Claras	82
1.3.7 Profetismo	86
1.4 A utopia pica-pau amarelista	90
1.4.1 Pássaro profeta	94
1.4.2 Insularismo	97
1.4.3 Universalismo	98
1.4.4 Matriarcado	101
1.4.5 Viagem extraordinária	103
1.4.6 Ordem nova	107
1.4.7 Domínio da natureza	111
<b>2 ASSIM FALAVA MONTEIRO LOBATO</b>	113
2.1 Zaratustra na Jecatatuásia	114
2.2 Lobato, leitor e tradutor de Nietzsche	119
2.2.1 Presença de Nietzsche na correspondência com Godofredo Rangel	124
2.2.2 Presença de Nietzsche em outras obras lobatianas	127
2.3 Lobato & Nietzsche: Conexões	129
2.3.1 Estilo	130
2.3.2 Educação	132
2.3.3 Eugenia	133
2.3.4 Apolíneo x dionisíaco	137
2.3.5 Anticlericalismo	139

2.3.6	Eterno retorno x espiritismo	141
2.3.7	Super-homem x super-heroína	146
<b>3</b>	<b>EMÍLIA, OU DA EDUCAÇÃO</b>	<b>154</b>
3.1	Lobato, leitor de Rousseau	154
3.2	Monteiro Lobato educador	161
3.2.1	A criança	166
3.2.2	A Escola Nova	173
3.2.3	A leitura e o livro	179
3.3	Lobato & Rousseau: Lição de coisas	190
3.3.1	Robinson Crusoe	190
3.3.2	Rousseau e La Fontaine	192
3.3.3	Lobato e La Fontaine	197
<b>4</b>	<b>A AMÉRICA NÃO É AQUI</b>	<b>205</b>
4.1	Ianquecentrismo de Lobato: Projeto liberal	205
4.1.1	Lobato e os Estados Unidos	205
4.1.2	Admirador e tradutor de Ford	210
4.1.3	Lobato e o <i>New Deal</i>	215
4.1.4	Empreendedor nato	217
4.1.4.1	Introdução de um novo bem e de um novo método	218
4.1.4.2	Abertura de um novo mercado	222
4.1.4.3	Conquista de uma nova fonte de matéria-prima	224
4.1.5	Modernização à Lobato: Implantação da indústria pesada brasileira	226
4.2	A Era Vargas	229
4.2.1	Não implantação da indústria pesada brasileira: Industrialização truncada	229
4.3	Lobato & Vargas: Conexões	233
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>243</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>251</b>

## INTRODUÇÃO

### O Brasil visto verticalmente: Uma constelação chamada Monteiro Lobato

E o que é que eu queria? Ignorava. E como ignorasse, buscava. Fossei outros filósofos. Nada. Em todos só via sistemas, o meu indefinível anseio desadorava a rigidez dos sistemas. Era o anseio por certo tipo de liberdade que não via em nenhum.  
(LOBATO, 1964, p. 222).<sup>1</sup>

Começemos explicando o título de nossa tese. “O Brasil visto verticalmente” é o título de um artigo de Lobato, publicado no jornal *La Prensa*, de Buenos Aires, em 31 dezembro de 1939, artigo disponível em parte na Internet, e que não consta de sua obra editada. Nele, o escritor afirma que teve uma “visão do alto” do Brasil, graças às inúmeras viagens de avião que fizera. Do alto, descortina um imenso vazio, verdejante, cheio de tesouros a serem descobertos, se for colocada em prática a sua idéia obsessiva: a extração de ferro, para mobilizar o desenvolvimento de um país àquela altura ainda escassamente dominado pelo homem, a não ser nas franjas litorâneas. No meio dessa massa de verdura, um imenso baobá, o fisco, e as ondulações das montanhas de ferro de Minas Gerais. “Curioso!” — afirma — “Há aspectos humanos que só vemos com clareza quando já não vemos o homem: só o afastamento vertical suprime todos os detalhes e nos permite perceber o jogo das massas [...]”<sup>2</sup>.

Acreditamos que a metáfora do país visto de cima é apropriada à obra de Lobato. Ele tem um projeto para a sociedade brasileira que parte da idéia do rei-filósofo, conforme desenvolvemos no primeiro capítulo: a reforma da

---

<sup>1</sup> Todas as citações de Lobato remetem à seguinte edição: **Obras Completas de Monteiro Lobato**: literatura geral, 3ª edição, São Paulo, Brasiliense, 1950, v. 1 a v. 13. Os volumes póstumos das Obras Completas (v. 14 a v. 18), bem como obras esparsas, estão indicados nas Referências. Procedemos à atualização ortográfica, menos no que respeita à palavra “pica-pau”, por se tratar do título consagrado da série infantil.

<sup>2</sup> “El Brasil visto verticalmente”. Ver bibliografia.

sociedade brasileira se faria pela modernização e por uma política educativa que deveria vir do alto, da elite esclarecida do país.

Em 1913 escreve a Rangel: “O meu grande sonho literário, jamais confessado a ninguém, é um livro que nunca foi escrito e talvez não o seja nunca — porque Rabelais o esqueceu. É uma visão da humanidade extra-humana ou sobre-humana. O homem visto pelos olhos dum ser extra-humano, um habitante de Marte, por exemplo, ou dum átomo, ou da Lua”. (v. 11, p. 341)<sup>3</sup>. Lobato utiliza esse estratagema em *Viagem ao Céu*: da lua, os personagens do *Sítio* olham a terra e descrevem sua geografia para São Jorge.

Observamos que várias personagens lobatianas corroboram a idéia de um país visto verticalmente. A “Nota dos Editores” (não seria do próprio Lobato, o editor?), do livro *Mr. Slang e o Brasil*: Colóquios com o inglês da Tijuca (1927), traz a seguinte explicação: “A finura e a superioridade mental do impassível britânico [Mr. Slang] permite que uma série de aspectos brasileiros sejam discutidos de um alto ponto de observação. Todas as coisas são vistas como de um cume de montanha, em linhas gerais e filosoficamente”. Trata-se de um livro que segue a tradição literária de Montesquieu que, nas *Cartas Persas* (1721), aproveita o olhar do estrangeiro, para fustigar a sociedade de seu tempo. Em Lobato, é um inglês que dá seu ponto de vista sobre a realidade brasileira. O livro é uma crônica da atualidade brasileira: o personagem Mr. Slang, um inglês radicado na Tijuca, que há quarenta anos coleciona artigos de jornais sobre os problemas nacionais, comenta com um brasileiro a situação política, durante intermináveis partidas de xadrez. Nesse diálogo, o estrangeiro defende a estabilidade monetária, o saneamento básico, a eficiência, a construção de estradas, a entrada de imigrantes europeus, a indústria do livro nacional. Investe contra a burocracia, o protecionismo e o parasitismo. Em apenas três páginas desse livro, detectamos quinze vezes as palavras “parasita” e “parasitismo”. Convém destacar, nesse livro, o capítulo final “Dos trinta

---

<sup>3</sup> Na verdade, esse texto existe. É “Icaromenipo”, de Luciano, onde Menipo descreve a terra do ponto de vista da lua (REGO, 1989, p. 64).

homens”, em que o personagem Mr. Slang afirma que no Brasil só se salvam cerca de trinta homens. Desses, só dois são citados: o sanitarista Belisário Pena e o militante comunista Luiz Carlos Prestes. Sabemos também que Machado de Assis integra o rol dos eleitos. Esse personagem, estrangeiro/observador, reaparece no livro *América*, de 1932.

O artigo “País de Tavolagem” (em *Na Antevéspera: Reações mentais dum ingênuo*, 1933) também traz a mesma idéia: “Quem olha do alto para o nosso país apreende logo a causa última de todos os seus males: pobreza”.

Mas é na carta aberta “O Voto Secreto”<sup>4</sup> que se confirma a idéia de que, para Lobato, o país deve ser transformado verticalmente, pela sua elite empreendedora, liberal e nacionalista. Ao discorrer sobre as vantagens do voto secreto facultativo (ele afastaria a plebe ignara das urnas, que só vota de cabresto, interessada nas recompensas, e delas aproximaria a sua elite). Eis o que afirma:

O voto secreto opera o milagre de destruir o mal do *Censo Altíssimo*, mero disfarce da ditadura dum casta [a que compra os votos], e instituir o Censo Alto, que é o bom, porque é a direção do país pela sua elite pensante. Nem Censo Baixo nem Censo Altíssimo — sim Censo Alto. Opera a seleção que é mister, afastando o leitor inconsciente ou venal e atraindo o voto livre e consciente da elite do país. Que interesse tem em votar, sob o regime do voto secreto, o meu criado, que é um imbecil, se ninguém lhe impõe esse ato ou não lho paga? (v. 9, p. 301; grifo do autor).

Chamamos, em apoio à nossa idéia, a pesquisadora Nelly Novaes Coelho, que no seu *Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil* (1985, p. 185), resume a visão “do alto”, expressa na obra lobatiana, fazendo com se entenda melhor o desprezo pelo Jeca Tatu e a audácia de Emília: “[...] [Lobato] pertenceu, por formação, à estirpe dos humanistas liberais, de raízes aristocráticas (nietzschianas — aqueles que viam no indivíduo de exceção, na

---

<sup>4</sup> O voto secreto foi implantado com a constituição promulgada em 1934. Os analfabetos (2/3 da população nacional) eram impedidos de votar.

inteligência, cultura e esforço das minorias esclarecidas (e não nos movimentos de massa) a solução para os grandes problemas que afligem a humanidade.”

A visão vertical de Lobato parece inserir-se na tradição nacional, se acreditarmos nas palavras de Sérgio Buarque de Holanda (2002, p. 160):

É curioso notar-se que os movimentos aparentemente reformadores, no Brasil, partiram quase sempre de cima para baixo: foram de inspiração intelectual, se assim se pode dizer, tanto quanto sentimental. Nossa independência, as conquistas liberais que fizemos durante o decurso de nossa evolução política vieram quase de surpresa: a grande massa do povo recebeu-as com displicência, ou hostilidade. Não emanavam de uma predisposição espiritual e emotiva particular, de uma concepção da vida bem definida e específica, que tivesse chegado à maturidade plena.

A visão do alto é uma visão prometéica, visão do homem equiparado aos deuses, no seu intuito de solucionar os problemas da humanidade. Em lugar de um “deus carniceiro”, Lobato considera que o homem, amparado pela ciência, transforma-se em deus. Registrando o progresso da aviação, o autor afirma que é hora de os deuses do Olimpo se aposentarem ou se naturalizarem homens, já que é a única forma de voltarem a ser deuses. (v. 6, p. 52). Essa idéia de o homem equiparar-se aos deuses remete ao mito de Prometeu que, segundo Gilbert Durand (1982, p. 99), reflete a mentalidade do século XIX: “anticlerical, anti-religioso, Prometeu é um titã que rouba o fogo aos deuses supremos, e isto é um mito bakuniano, um bocado anarquista mas que entra na ordem da ciência, na ordem das luzes”. Importa assinalar que, em *O Minotauro*, Prometeu é apresentado como “o titã amigo dos homens”.

Prometeu, símbolo da origem divina da técnica, alça os homens à altura dos deuses: “Uma palavra explica os helenos: liberdade. Liberdade de pensar, de criar — de viver, em suma. Homens somos, e à nossa imagem e semelhança faremos os deuses do Olimpo.” (LOBATO, 1982, p. 1263). A visão prometéica do homem, tal como a concebia Lobato, parece estender-se até o século XXI, pois a ciência, com a clonagem (fato antevisto pelo autor), está a caminho de replicar o ser humano,.

Agora temos que explicar a idéia de constelação. Observamos que a obra do escritor Monteiro Lobato compõe uma teia de ecos, de retomadas, de ressonâncias, resultando num conjunto paradoxal, de múltiplas entradas, ou séries heterogêneas, no sentido deleuziano<sup>5</sup>. Poder-se-ia falar da série “tradição culta”, sintetizada pela personagem Dona Benta; da série “tradição popular”, representada por Tia Nastácia; da “série científica”, representada pelo Visconde de Sabugosa; da série “fantasia” representada por Emília; da série “infância”, representada por Pedrinho e Narizinho. Essas séries interagem

---

<sup>5</sup> Segundo Deleuze (1969), não há sentido único, não se podem separar as direções do sentido, que é tributário de uma distribuição nômade e de um tempo que se situa na encruzilhada do passado e do futuro. A obra lobatiana se apresentaria como uma superfície furta-cor onde, incessantemente, se faz e desfaz o sentido, nas inumeráveis séries em que se conforma.

continuamente, abalando a via interpretativa de mão única, e culminando no Maravilhoso carnavalizado<sup>6</sup>, característica da Lobatolândia.<sup>7</sup> Existem muitos Lobatos, um contradizendo o outro: um racista e outro defendendo os negros; um propulsor da civilização industrial e outro promovendo um verdadeiro apocalipse, fulminando a humanidade. A isso chamamos constelação Monteiro Lobato.

Dessa constelação, decidimos privilegiar quatro aspectos, pela sua representatividade: a configuração utópica da obra, a influência de Nietzsche no pensamento lobatiano, a concepção da educação que acreditamos ser inspirada em Rousseau e a influência americana, decorrente da estada do autor, durante quatro anos, em Nova York, no final da década de 1920.

Regina Zilberman (1982, p. 36) afirmou, pioneiramente, que família, religião e escola são instituições ausentes da literatura infantil de Lobato. Nossa tese busca mostrar o porquê dessa ausência: sem família, como nas utopias; sem religião<sup>8</sup>, como em Nietzsche (Deus está morto) e sem escola, como em Rousseau. Essas três instâncias de poder, onde se reproduz a estrutura repressiva da sociedade, são negadas por Lobato na literatura infantil.

Nossa primeira constatação é que Monteiro Lobato foi um utopista, nos moldes de Platão e de More, considerados ícones da utopia política. Utopista no sentido da busca da cidade ideal, forjando, por intermédio de sua obra, condições de vida e de educação mais favoráveis para alcançá-la.

---

<sup>6</sup> O Visconde de Sabugosa é um exemplo dessa carnavalização. Se considerarmos que o Visconde representa a ciência e Emília, a imaginação, concluiremos pela vitória desta sobre aquela. O personagem sofre muitos percalços na obra lobatiana. É subjugado por Emília, morre diversas vezes e vive embolorado: “O pobre visconde de sabugo cada vez mais verde de bolor e todo duro de reumatismo, veio lá de seu canto gemendo. [...]. Todos no sítio consideravam o visconde um grande sábio, mas na realidade ninguém sabia o que ele sabia. Por isso, atrapalharam-se com a pergunta. Mas Emília, que não se atrapalhava com coisa nenhuma, disse logo, toda espevitada: — Ele sabe embolorar muito bem. Fica todo verdinho por fora, quando quer. É doutor em bolor”. (LOBATO, 1982, p. 132).

<sup>7</sup> Mas convém não esquecer que a razão prima, mesmo dentro da fantasia. Ao criticar uma história de Tia Nastácia, que tinha final confuso, Emília deixa claro que gosta de fantasia, mas “fantasia com pé e cabeça”. (LOBATO, 1982, p. 531).

<sup>8</sup> Ou religião sem Deus, como em Auguste Comte. (a Deusa Humanidade).

Depois de ter realizado um obra de caráter satírico (os contos), onde fustiga o presente, com sua escrita cáustica, Lobato optou pelo seu contraponto utópico, o futuro, escrevendo a série de livros que integram o *Sítio do Picapau Amarelo*. Assim, examinaremos no primeiro capítulo de nossa tese alguns itens que configuram o autor como um utopista, a saber: o anticlericalismo, o rebaixamento do dinheiro, a desvalorização da propriedade privada, a importância da agricultura, a eugenia, a crença no progresso e na máquina, a transparência, o profetismo, o insularismo, o universalismo, a concepção de família (matriarcado), a viagem extraordinária, a ordem nova, o domínio da natureza e o reformismo.

No segundo capítulo, abordaremos a influência de Nietzsche sobre Lobato. Essa influência foi tão forte a ponto de Lobato ter retraduzido, do francês, duas obras do filósofo alemão. A descrença nas religiões reveladas, o anticlericalismo e o eterno retorno são idéias inspiradas em Nietzsche. Também nesse filósofo, Lobato colheu a idéia do super-homem, criando uma super-heroína, Emília, conforme afirmou Zinda Vasconcellos. Essa boneca de trapo e de língua de trapo, próxima da natureza, como o pupilo de Rousseau, tornou-se parte do imaginário nacional, tanto quanto Iracema e Capitu, na opinião de Marisa Lajolo. No final da vida, acreditando na imortalidade da alma, Lobato voltou-se para o espiritismo, que tem pontos de contato com o eterno retorno. Isso não é tão surpreendente se pensarmos que o espiritismo tem muito do positivismo comtiano, com sua crença no progresso e na evolução dos seres, em sua incessante transmigração. Essas idéias são defendidas por Lobato em vários momentos, como no prefácio ao livro espírita *Afinal, quem somos*, de Pedro Granja, onde escreve: “A lei da Evolução não segue em linha reta infinita. Descreve um círculo em que todas as coisas retornam. Tudo que hoje é, já foi e será de novo no futuro, ou em sua forma atual ou em formas novas imprevisíveis. [...] SOMOS ESPÍRITOS IMORTAIS E DIVINOS. Fortes e inalteráveis. Sempre tendentes a melhorar, a aperfeiçoar, a apurar as nossas qualidades. [...]” (v. 13, p. 148-149; grifo do autor).

Outro aspecto da obra lobatiana é a educação, que trataremos no terceiro capítulo. O pensamento pedagógico lobatiano tem pontos de contato com a pedagogia utópica de Rousseau, expressa em *Emílio, ou da educação*. Não é por acaso que a heroína lobatiana se chama Emília, tal como o pupilo de Rousseau<sup>9</sup>. Além do Emílio, a literatura lobatiana para a infância tem pelo menos duas matrizes rousseauianas: o interesse por Robinson Crusoe (o *homo faber*) e a crítica a La Fontaine. Além disso, veremos como a pedagogia lobatiana, centrada na criança e nos processos pragmáticos de aprendizagem, tem elos com o movimento escola-novista, implantado no Brasil no início da Era Vargas, e com as idéias do educador Anísio Teixeira, amigo e correspondente de Lobato, introdutor das idéias de John Dewey no panorama educacional brasileiro.

O quarto capítulo de nossa tese versará sobre o pensamento econômico de Lobato, que foi influenciado pelo modelo taylorista-fordista de produção, implantado para promover a industrialização norte-americana no início do século XX. Ao tentar implantar esse modelo no Brasil, o escritor enfrentou sérias resistências do Estado Novo, pois o projeto de Getúlio, de criação e centralização do Estado brasileiro, então esfacelado pelo poder das oligarquias locais, mostrou-se renitente, devido às circunstâncias, à implantação do capitalismo em termos privados no Brasil, como queria Lobato. Vargas iniciou a industrialização, mas é só a partir de sua volta ao poder, em 1951 que pôde, finalmente, concretizar o sonho lobatiano — a implementação da indústria de base, em termos estatais! Lobato já não estava vivo para ver o coroamento parcial de seus esforços.

Essa busca do pensamento filosófico de Lobato pretende trazer uma contribuição para a fortuna crítica lobatiana, verticalizando a discussão sobre pontos que a crítica já vem apontando.

---

<sup>9</sup> Depois de termos vislumbrado a influência de Rousseau sobre Lobato, lemos no livro de Pentecost (1997, p. 214) essa mesma afirmação: “Outra especulação atraente consiste em imaginar se Lobato teria batizado a boneca, inconscientemente, com a versão feminina do

A fortuna crítica do autor, via de regra, divide-se em três vertentes: uma que valoriza o autor como divulgador do livro e da leitura no Brasil e criador da literatura infantil brasileira, corrente liderada pelas pesquisadoras Regina Zilberman e Marisa Lajolo, que desenvolvem, na PUCRS e no IEL/UNICAMP, dois núcleos de excelência em pesquisas sobre práticas de leitura no Brasil. Outra vertente destaca o antimodernismo de Lobato que, em plena vigência das vanguardas iconoclastas, teria destruído a carreira de Malfatti. Nessa tendência, incluiremos Mário da Silva Britto e Sérgio Milliet. Na terceira vertente, podemos situar o trabalho de Vasda Bonafini Landers (Lobato precursor do modernismo) e de Francisco Foot Hardmann, no tocante à reavaliação de escritores pré-modernistas. O pesquisador Cassiano Nunes desenvolve um trabalho importante de pesquisa, relacionado com a correspondência do autor, assunto que já tratamos em nosso livro *Amigos Escritos: correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel* (2002).

Além dessas linhas de pesquisa, panegiristas de toda ordem repisam a mal sucedida investida lobatiana no setor metalúrgico e petrolífero. Mas dados a respeito dessa contenda talvez estejam nos anais da burocracia brasileira, nunca interessando aos pesquisadores mais do que como novela literária. Em nenhum livro pesquisado sobre a industrialização do Brasil, o nome de Monteiro Lobato é citado. Os livros dessa área, em geral escritos por economistas, limitam-se a dar tabelas e gráficos sobre a industrialização, mas passam ao lado do estudo das idéias. Monteiro Lobato não é levado a sério quando se trata de focar suas incursões como industrial. Sua carreira no setor perde-se no anonimato de estatísticas de industriais pioneiros, de corte liberal, que buscaram a industrialização num momento em que nem as circunstâncias nacionais nem as internacionais o permitiram.

Destacaremos apenas alguns títulos recentes da fortuna literária lobatiana, que comporão alguns perfis do autor.

---

nome dado por Rousseau à criança que cria e molda de forma idealizada: Émile [...]”. Na nossa opinião, o batismo não foi inconsciente, como veremos no terceiro capítulo.

Da extensa obra de Marisa Lajolo e de Regina Zilberman, consagrada ao escritor Monteiro Lobato e à leitura no país, destacaremos o livro *A Formação da Leitura no Brasil* (1996). Trata-se de um texto que desentranha, do interior da própria literatura, a conformação das práticas de leitura no país e integra, em pé de igualdade, o políptico dos livros de formação do Brasil, a saber: *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942), de Caio Prado Jr.; *Formação da Literatura Brasileira* (1957), de Antonio Candido; *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (1995), de Darcy Ribeiro.

As práticas de leitura no Brasil colonial foram severamente coibidas pela metrópole, pela proibição da imprensa, da tipografia e de ensino superior, só instalados aqui no início do século XIX. As raras bibliotecas situavam-se nos conventos dos jesuítas e os poucos livros que circulavam vinham na bagagem dos estudantes na Europa ou por contrabando. Nos dois primeiros séculos do Brasil colônia, a literatura, exceção feita aos cronistas, era oral. Gregório de Matos, com sua viol, ilustra essa preeminência do oral sobre o escrito entre nós àquela época. É nesse contexto de extrema escassez e controle estatal que nasce a nossa literatura romântica, dependente tanto do beneplácito das autoridades quanto dos jornais.

Depois de rastrear as dificuldades tanto de escritores quanto de jornalistas para sua inserção no mundo das letras impressas, depois de um percurso que enfoca, entre outros, Manuel Antonio de Almeida, Machado de Assis e Lima Barreto, em suas relações com o mundo editorial, as pesquisadoras salientam o papel desempenhado por Monteiro Lobato como um dos primeiros intelectuais brasileiros a cedo debaterem e enfrentarem o problema da profissionalização do escritor<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Até então o mundo literário girava em torno do editor Garnier, inclusive o mercado da tradução. Brito Broca (1991, p. 61), faz um inventário do início da tradução no Brasil, assinalando a tentativa de Garnier nos meados do século XIX, ao traduzir romances-folhetins, em geral do francês e do espanhol. Cita correspondência de Machado de Assis de 4 de março de 1886 a Lúcio de Mendonça, em que Machado relata as dificuldades do mercado para traduções no final do século XIX: “[...] O Faro e o Garnier não podem tomar a edição; disse-me este último que cessara inteiramente com as edições que dava de obras traduzidas, por ter

Sérgio Milliet é um dos mais implacáveis críticos de Lobato. No volume IV de seu *Diário Crítico*, podemos ler:

Não pretendo repisar o assunto, mas apenas frisar a atitude, já então hostil, de Monteiro Lobato (moço naquela época embora velho de sensibilidade) contra toda e qualquer espécie de manifestação original, toda e qualquer curiosidade diante da produção intelectual mais moça, menos amarrada ao convencionalismo. A incompreensão de 1916 cresceu e se fortaleceu no caricaturista amargo de Jeca Tatu, o que o levou no fim da carreira a escrever prefácios para livros medíocres e diatribes contra os inovadores de maior ou menor talento. (1947, p. 53).

E Sérgio Milliet (1947, p. 56) prossegue, destacando, na produção lobatiana, o naturalismo, o pitoresco, a falta de inquietação metafísica e conclui: “[...] ficou para sempre (inclusive na literatura infantil) a preocupação de divulgar conhecimentos e de comparar as excelências superficiais da gente de fora com as falhas insanáveis da gente de dentro.”

Correu muita tinta sobre a crítica de Lobato a Anita Malfatti. Não há ninguém, minimamente informado sobre literatura brasileira, que não tenha ajuntado a sua pá de cal sobre Lobato, cujas concepções estéticas bafejam, é verdade, um halo de mofo. O escritor foi envolvido pela doxa, que se constitui como uma verdadeira difamação, entendida aqui no sentido empregado por Rousseau, ou seja, a palavra que metamorfoseia o difamado, transformado em monstro pelo contágio da violência e da rivalidade miméticas .

O livro *Um Jeca nos Vernissages*, de Tadeu Chiarelli tenta, justamente, reabilitar Monteiro Lobato como crítico de arte. Chiarelli lembra que o historiador Mário da Silva Brito, ao situar a crítica de Lobato a Malfatti dentro da construção de sua “história ideal” do modernismo, comparando Lobato a Hitler, no desafeto de ambos pela arte moderna, ratificou as análises de Menotti del Picchia (“crítica navalha”) e de Mário de Andrade (“chorrilho de tolices”). Chiarelli

---

visto que não eram esgotadas ou por concorrência das de Lisboa, ou porque, em geral, o público prefira ler as obras em francês”.

sustenta que uma das formas de se desautorizar Lobato como escritor foi a constante referência ao mesmo como pintor fracassado, sendo o escritor também desconsiderado como crítico de arte, atividade assídua exercida na imprensa, principalmente de 1915 a 1919. Chiarelli insiste que Malfatti retrocedeu em sua pintura em direção ao academicismo antes de 1917, o que invalida a opinião de que Lobato lhe teria destruído a carreira.

O crítico Wilson Martins integra a corrente dos que valorizam Lobato como antecipador do modernismo. Eis o que escreve em *História da Inteligência Brasileira* (1978a, p. 14-15):

[...] Monteiro Lobato antecipa-se de oito anos ao modernistas, não apenas em denunciar o caráter idealizador do Indianismo (a primeira parte de “Urupês” forneceu a Oswald de Andrade nomes e idéias, referências históricas e perspectivas para escrever o “Manifesto Pau-Brasil”), mas também em identificar no “caboclisto” então reinante uma nova metamorfose das sublimações românticas.

Mas o crítico não se ilude com essa precedência, que acaba sendo apenas temporal, pois conclui: “a posição conteudística de Lobato confirma, mais do que qualquer outra coisa, a natureza convencional e rotineira desse escritor aparentemente revolucionário.” (1978a, p. 14-15).

Na mesma linha de Wilson Martins, destacamos o livro de Vasda Bonafini Landers, *De Jeca a Macunaíma: Monteiro Lobato e o modernismo*, de 1988. Apesar de bastante comprometido com o seu objeto de estudo, o livro, apoiado em Wilson Martins, tem o grande mérito de discutir as relações de Lobato com o Modernismo brasileiro. A autora defende a tese de um Lobato modernista, em pé de igualdade com Mário de Andrade, baseando-se no repertório temático e nunca formal desses dois autores. Por sua parte, Wilson Martins acredita que a desavença entre Lobato e os Modernistas, que teriam procedido a um “parricídio simbólico” (LANDERS, 1988, p. 14), não apenas encerrou a carreira de Anita Malfatti como também a de Lobato, que teria

---

buscado outros derivativos à literatura. Com efeito, a sua identidade de literato, pacientemente forjada na correspondência com Godofredo Rangel, esfacela-se: panfletista, “publicista”<sup>11</sup>, editor, escritor de literatura infantil, adido comercial, pedagogo, metalurgista, pintor de aquarelas, epistológrafo, presidiário.

Por nossa parte, aproveitamos para lembrar as idéias de Baudelaire sobre a crítica, convergentes com as de Lobato. Aquele exaltava a cor de Delacroix em detrimento do desenho de Ingres, arrogando-se o direito de falar com sinceridade: “Para ser correta, ou seja, para ter sua razão de ser, a crítica deve ser parcial, apaixonada, política — isto é, concebida de um ponto-de-vista exclusivo, que descortina o máximo de horizontes”, afirma Baudelaire (1988, p. 20). O erro de Lobato foi recorrer, ao longo de sua obra, à sátira, que é uma forma de ultra-transparência. Tivesse ele optado pela nuance irônica, pelo distanciamento, teria disparado suas farpas com elegância e não menor contundência. Jogando o jogo da transparência, tornou-se o bode expiatório do Modernismo brasileiro. Sofreu tanto nesse papel que virou a página da literatura e mudou de campo, tornando-se definitivamente um escritor para crianças.

Discordamos, todavia, da autora, pois não consideramos Lobato um escritor que se enquadre no cânone modernista. Expliquemos por quê. Estudando a correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel, chegamos à conclusão de que o escritor se afasta efetivamente do Modernismo brasileiro, devido a sua concepção sobre a representação lingüística da realidade. Pelo menos do Modernismo iconoclasta da primeira fase, voltado para a problemática do texto, da forma, da estética. Isso não significa que Lobato não tenha inovado em termos formais. O ensaio de Maria Tereza Gonçalves Pereira — “Processos expressivos na literatura infantil de Monteiro Lobato” — mostra, com riqueza de detalhes, o quanto Lobato, um leitor de dicionários, inovou em termos lexicais, com seus neologismos e coloquialismos saborosos. Observamos, porém, que as inovações formais apontadas na obra se restringem ao vocabulário, ao jogo com as palavras. Isso

---

<sup>11</sup> A expressão é de José Guilherme Merquior (apud ZILBERMAN, 1986, p. 11).

não basta para inserir o autor nas hostes da modernidade literária, pois, em sua literatura para “adultos”, concebe a arte (aí incluída a literatura) como uma reprodução, uma cópia, visando à verdade — e não como um constructo imaginário — sempre a serviço de uma causa: a melhoria de condições do homem brasileiro.

Assim, não nos parece profícua a linha de pesquisa que quer deslocar as fronteiras históricas do Modernismo, levantando a bandeira de que alguns pré-modernistas sofreram um rebaixamento, devido ao olhar crítico do Modernismo. Com sua produção de folhetos, suas traduções de livros de aventura, seu gosto pela ficção científica, concluímos, em *Amigos Escritos: correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel* (2002), que o escritor se aproxima da literatura de massa, quando não da paraliteratura. É o próprio Lobato que se vale da tradição folhetinesca para definir sua literatura: “Vou fazer um verdadeiro *Rocamboles* infantil, coisa que não acabe mais”, escreve ele a Rangel (v. 12, p. 329). Ao analisarmos sua correspondência, que é quase um fichamento de leituras, fizemos um levantamento dos livros comentados pelo autor. Naquela oportunidade, nossa intenção era mostrar o quanto o seu pensamento estava moldado pelas grandes narrativas do século XIX e, dessa forma, afastava-se do Modernismo. Detectamos que Lobato é leitor de Fialho, de Camilo Castelo Branco, de Lamartine, de Zola, entre outros, mas ignora toda a vanguarda da virada do século XX, diferentemente de Oswald de Andrade, por exemplo, apesar de terem leituras convergentes.

Na linha de biografia de Lobato para a infância, cabe assinalar *O Menino Juca*, escrito pela nora e sobrinha de Lobato, Gulnara Lobato Pereira (1982), publicado na bela edição da Berlendis & Vertecchia, em comemoração ao centenário de nascimento de Lobato. Gulnara recria toda a magia da infância de um menino arteiro, que recebera de presente da mãe o livro *João Felpudo*, pois esta identificava o filho ao personagem Simplício, menino distraído, sempre olhando para o céu, vivendo no mundo da lua. Gulnara lembra que Lobato foi o primeiro menino a ter bicicleta em Taubaté e, com ela, pedalava na vasta sala

de estar do Visconde de Tremembé, seu avô. Como não gostava da “Visconda”, faz mil e uma maldades, dignas de um saci-pererê: enche de ar as bananas da fruteira, substitui por limão o suco de abacaxi, tudo isso para espantar as visitas e indispô-las com a “Visconda”. Em compensação, com as irmãs Judite e Ester, e Generosa, filha de uma ex-escrava, pesca no ribeirão, caça borboletas. É no gabinete mágico do Visconde, que tinha a coleção completa da Revista Ilustrada de Ângelo Agostini, a coleção completa da Larousse do Século XIX, a obra do geógrafo anarquista Elysée Réclus, e muitíssimas outras preciosidades, que o menino Juca se torna um leitor.

Gulnara repisa a idéia de que Lobato mudou seu nome para se apropriar de uma bengala do pai, José Bento, bengala que todo jovem de boa família devia ostentar, e que trazia no castão as iniciais J. B. M. L. Lobato teria repudiado seu nome Renato, como diz o livro, pois “Renato rima com rato”? Seria só isso? Não seria a troca de nomes a maior homenagem do filho adolescente à figura do pai?

Na linha de ficcionalização de textos de Lobato, gostaríamos de assinalar o interessante livro do poeta Horácio Dídimo (1996), *Ficções Lobatianas: Dona Aranha e as seis aranhinhas no Sítio do Picapau Amarelo*. Trata-se de um ensaio ficcional, onde o autor cria um personagem-autor, Hermano Brat, “pastichógrafo e aracno-repórter”, que faz uma reportagem sobre o universo lobatiano.

Dídimo explora a intersemiticidade, partindo da idéia do texto lobatiano como tessitura, no qual se enredam diferentes vozes (cinema, quadrinhos, literatura clássica, autores), explorando a metáfora da fiandeira Dona Aranha, e usando como subsídio teórico a obra *Palimpsestes*, de Gérard Genette, embora Dídimo crie sua própria taxionomia<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Embora o conceito literário venha sempre após as obras, gostaria de lembrar aqui que, teoricamente, o conceito de intertextualidade (estudo das relações transtextuais) foi explorado por Julia Kristeva em 1969, quando a semióloga se esforçava para criar uma ciência de textos e de documentos, que depois resultou num Departamento da Universidade de Paris VII. Posteriormente, Kristeva embrenhou-se pelo estudo do inconsciente freudiano, até desembocar na prosa ficcional. Fazemos este registro como uma homenagem a essa grande intelectual, que

Cabe lembrar que o mito de Aracne está presente em *Reinações de Narizinho*. Aracne é uma princesa encantada por malefício de uma fada. Somente quando teceu o vestido de Narizinho, de teia cor de rosa, tão belo que até o espelho arregalou os olhos de espanto e rachou, desfez-se o feitiço.

Dídimo mostra como o texto lobatiano foi fiado por essa Aranha claudicante, de “mil anos de idade”, reunindo em suas páginas (seu vestido) todas as cores do arco-íris da literatura infantil. Segundo Dídimo, o texto-memória lobatiano é tecido com o fio intertextual (Cinderela, Aladim, etc.), intercontextual (outros sistemas semióticos), extratextual (pessoas reais transformadas em personagens), transtextual (textos recontados), metatextual (personagens criados por personagens) e hipertextual (personagens calcados em outros já existentes). Dídimo cita, como exemplo do fio extratextual, o encontro de La Fontaine e de Esopo nas páginas de Lobato.

Em *Ficções Lobatianas*, Emília cria o SSP — Serviço de Salvamento de Personagens. Juntamente com Pedrinho e Narizinho, salva o Assum Preto, o Pato Pateta e faz uma campanha para salvamento de alguns personagens marcantes do Lobato contista: o jardineiro Timóteo (“Tio Mota”) e Negrinha (“Nica”). Pena que a expedição não salvou igualmente o Príncipe Escamado, que morreu ao desaprender a nadar (LOBATO, 1982, p. 123). Ou será que ele teria ido mesmo parar no papo do Gato Félix?

O tom do livro de Dídimo pode ser conferido na citação abaixo, que trata da descoberta do “jardim lobatiano”: “Por incrível que pareça, esse jardim têxtil, cheio de aranhinhas coloridas, tem ligações secretas com o jardim da infância espiritual de São Francisco de Assis e de Santa Terezinha do Menino Jesus. Como o de Bandeira.” (DÍDIMO, 1996, p. 188).

Como depreendemos da análise poética de Dídimo, a obra lobatiana se apresenta como uma rede textual. Com relação ao livro *Geografia de D. Benta*, há uma observação interessante em *Histórias das Invenções*. Tratar-se-ia de

---

tivemos como professora nos idos dos anos 80. Cf. Mello (1996), os tipos de conexões transtextuais identificados por Genette são: intertextualidade, paratextualidade,

uma adaptação de Lobato, a partir da obra do escritor holandês Hendrik Willem van Loon. “Já li para vocês a geografia que ele escreveu e agora vou ler este último livro *História das Invenções do Homem, o Fazedor de Milagres*”. Hendrik Willen van Loon escreveu também *The Story of Mankind*, que, juntamente com *Child’s History of the World*, de V. M. Hillyer, pode ter fornecido idéias para *Histórias do Mundo para as Crianças*, de Lobato. Aliás, em seu livro *Lives*, Van Loon recebe como hóspedes várias figuras históricas, como Erasmo, Andersen, etc. Tal como acontece em textos lobatianos.

Desconhecemos estudos a respeito da intertextualidade em Monteiro Lobato, a não ser a dissertação “Um inglês no Sítio de Dona Benta”, de Adriana Silene Vieira, sob a orientação de Marisa Lajolo, dissertação que trata da adaptação de *Peter Pan and Wendy*, de J. M. Barrie, por Lobato. De nossa parte, chegamos à conclusão que a maior parte da obra infantil lobatiana são adaptações, a saber: *Hans Staden* (do livro “Narração breve e verdadeira sobre o comércio e costumes dos tupinambás, cujo prisioneiro fui eu”, de Hans Staden); *Geografia de D. Benta* (Hendrik van Loon); *História das Invenções* (*História das Invenções do Homem, o Fazedor de Milagres*, de Hendrik van Loon); *D. Quixote das Crianças* (Cervantes), *Fábulas* (Esopo, La Fontaine); *Os Doze Trabalhos de Hércules* (mitologia), *Histórias do Mundo para as Crianças* (a partir de *Child’s History of the World*, de V. M. Hillyer), *Histórias de Tia Nastácia* (folclore; Sílvio Romero), *O Saci* (mitologia brasileira), *O Gato Félix* (desenho animado americano).

Queremos assinalar igualmente a reedição de *Reinações de Narizinho no Reino das Águas Claras*, edição comemorativa do cinquentenário da morte de Lobato em 1998, com consultoria editorial e posfácio de Nelly Novaes Coelho. A edição foi apreendida pela justiça em 1998<sup>13</sup>, pois a Editora Brasiliense previa desdobrar o texto em três volumes, a saber: “No Reino das

---

metatextualidade, hipertextualidade e arquitextualidade.

<sup>13</sup> Cf. artigo da *Revista Veja*: Estado de Sítio: A quem pertence o Pica-pau Amarelo, 2/12/1998. Segundo informações do site da Editora Brasiliense, os livros foram liberados pela Justiça e continuam sendo reproduzidos e comercializados. Nas livrarias, a edição encontra-se esgotada.

Águas Claras”, “No Reino das Maravilhas”, “No Reino da Fábula”. O desdobramento do texto resgata uma prática original de Lobato, que começa a carreira de escritor para a infância escrevendo *sueños*. Não por acaso, no final da vida, chamou de “Rocamboles” (LOBATO, 1943, p. xxxvii), personagem dos folhetins de Ponson du Terrail, a sua literatura infantil. Seus livros eram desdobrados em fascículos, vendidos separadamente. De *Os Doze trabalhos de Hércules*, que fecha a saga infantil, Lobato afirma: “O trabalho de escrever 12 livrinhos de 96 páginas em 36 dias está-me parecendo que é o Décimo Terceiro Trabalho de Hércules.” (LOBATO, 1959b, v. 2, p. 134).

A edição, a cargo de Nelly Novaes Coelho, traz um glossário, com a explicação de alguns vocábulos, no que não faz senão pôr em prática a teoria lobatiana da leitura que discutiremos nesta tese, no terceiro capítulo, ao falarmos da adaptação do *Dom Quixote* feita oralmente por Dona Benta. Além disso, ao longo da literatura para a infância, Dona Benta age como uma filóloga que se demora sobre as palavras ininteligíveis para os netos, evitando os “acidentes de leitura”, como disse Mário Quintana. Todavia, tanto o desdobramento do livro em fascículos, quanto a explicação vocabular, prática de Lobato, originaram a apreensão do livro. O que valia para o escritor, via de regra, não vale para seus adeptos.

Com relação ao estilo, cabe destacar o livro *Chapéus de Palha, Panamá, Plumas, Cartolas*: a caricatura na literatura paulista (1920-1922), de Sylvia Helena Telarolli de Almeida Leite, publicado em 1996, pela UNESP, onde a pesquisadora aborda a obra lobatiana pelo viés da caricatura e da sátira.

Lobato sempre esteve próximo da caricatura, como chargista, tendo colaborado nas seguintes publicações: *Revista Moderna*, *Revista Feminina*, *O Pirralho*, *O Queixoso*, *A Cigarra* e *Fon-Fon*. Escreveu igualmente um ensaio sobre a história da caricatura, publicado em 1915, com o título “A caricatura no Brasil”, artigo que lhe valeu carta elogiosa do chargista J. Carlos. (v. 12, p. 18).

A autora assinala que, em Lobato, a caricatura revela o pendor plástico, a tendência à estilização, a persuasão e visa à criação de uma literatura de gosto

popular. A pesquisadora (que estuda outros autores paulistas como Cornélio Pires, Marcondes Machado e Hilário Tácito) identifica a caricatura à sátira, como forma de punição. O caipira de Lobato é uma resposta à corrente ufanista: diferente do sertanejo de Euclides da Cunha, o caboclo de Lobato é sonso, triste e fraco.

Não poderíamos deixar de falar de um livro fundamental, *A República do Picapau Amarelo*, do historiador André Luiz Vieira de Campos que, sem nunca mencionar Platão, a não ser uma única vez, em uma transcrição do próprio Lobato, analisa a obra lobatiana sob a perspectiva utópica, embora a plataforma teórica de Campos não fique clara. O historiador destaca que a utopia lobatiana — a cidade ideal — é a cidade industrializada, cujos pilares são o trabalho e a eficiência. Campos destaca como elementos constitutivos da utopia pica-pau-amarelista a redenção pelo trabalho, pelo ferro e pelo petróleo, num momento concomitante à industrialização do Brasil. No que tange ao trabalho, Lobato regia suas atividades pelo taylorismo, buscando a produtividade e a eficiência. O livro de Campos destaca vários momentos da obra em que o escritor segue a cartilha de Ford, momentos esses que podem passar despercebidos numa leitura literária, como fizemos. Eis um trecho, destacado por Campos (1986, p. 127), do livro *O poço do Visconde*, que à primeira vista não nos tinha tocado e que revela a estratégia fordista:

Narizinho mandou fazer a cem metros dali uma série de casas para operários, muito bonitas e higiênicas, tão bonitas que Pedrinho achou demais.

— Demais não, protestou ela. Quanto melhor acomodarmos nosso homens, melhor eles trabalham. Não concordo com o sistema de tratar os operários como se fossem pedras insensíveis. As casinhas têm tudo dentro — até geladeira e rádio.

Acreditamos ter pontuado, nessa resenha de importantes livros sobre Lobato, os caminhos da crítica: patrono da leitura e do livro; precursor do modernismo; paladino da modernização e tradutor das idéias de Ford para o Brasil.

Começaremos, agora, nossa reflexão sobre a obra de Monteiro Lobato, pela análise do viés utópico, situando-o primeiramente na história literária brasileira. A pergunta inicial que nos fazemos é se Lobato foi o único utopista da literatura brasileira, ou se esta, ao configurar-se como um pensamento sobre a realidade nacional, alterna-se entre séries utópicas e distópicas?

## 1 DA DISTOPIA À UTOPIA

### 1.1 A literatura brasileira sob o prisma da utopia

*O, Wonder!*  
*How many goodly creatures are there here!*  
*How beauteous mankind is! O brave new*  
*world,*  
*That has such people in't!*  
Shakespeare, *The Tempest* (1608), act v,  
scene I.

Os selvagens da América, que andam completamente nus e que só vivem do produto de sua caça, jamais foram subjugados; com efeito, que jugo se imporá a homens que de nada necessitam?  
Rousseau, *Discurso sobre as ciências e as artes*.

#### 1.1.1 A América como “topia”

A literatura ocidental vai valer-se do ciclo das descobertas para reativar o pensamento utópico depois do longo parêntese que vai de *A República*, de Platão (aproximadamente 384-377 a. C.) à *Utopia*, de Thomas More (1516). O ciclo dos descobrimentos aconteceu numa época em que o pensamento religioso ainda era dominante. Durante toda a Idade Média se substituiu a busca de um lugar ideal neste mundo por um lugar garantido no Além, tendo o homem se convertido num “viajante perdido na terra”, na expressão de Oswald de Andrade (1995, p. 177). Assim, não é surpreendente que a recepção do Novo Mundo tenha se feito sob o prisma do Éden e que seus rios ombreassem com os que manavam do Paraíso Terreal, conforme afirma Sérgio Buarque de Holanda, em *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil* (1959), livro que faz uma releitura dos cronistas do descobrimento, destacando o quanto a sua recepção da nova terra moldou-se por mitos preexistentes sobre o Paraíso. Nesse livro, Sérgio Buarque de Holanda faz um inventário dos mitos edênicos reencontrados na América. De

repente, o novo mundo — com sua paisagem viridente, seus rios e terras férteis, suas aves falantes, suas montanhas reluzentes, seu clima ameno, seu povo inocente vivendo no ócio, tendo os pomos ao alcance da mão, sua ausência de miasmas, da peste e de outras doenças que assolavam a Europa — era a prova do paraíso reencontrado. O Jardim das Delícias agora tem um endereço, como afirmou em 2000, na conferência “A utopia no mundo ocidental”, o filósofo Gerd Bornheim: situa-se do outro lado do Atlântico, lá onde desde sempre se localizara, na mente dos geógrafos, cartógrafos e aventureiros, toda uma geografia fantástica que viria a ser descoberta.

Assim, a partir dos descobrimentos, no Renascimento o Jardim do Éden migrou do céu para a terra americana, transformada em “topia”, ou seja, no espaço da realização do ideal utópico europeu. Paralelamente, um novo homem nascia junto com os descobrimentos. Verificam-se, então, vários deslocamentos: de Deus para o homem, da Europa para a América, do passado (o paraíso perdido) para o presente (o paraíso reencontrado). Nesse contexto, a América é a terra da promessa, o *algo nuevo* e, segundo certos cartógrafos e aventureiros, é a Atlântida platônica, devolvida pelas águas, para onde acorrem os navegantes em busca do Eldorado ou da Fonte da Juventude, como o conquistador espanhol Juan Ponce de León.

No interessante artigo “Origens da palavra Brasil”, Gustavo Barroso afirma que esse vocábulo existe bem antes da descoberta do Brasil, questionando-se se procede da madeira cor de brasa (do francês *Brésil*, pelo italiano *verzino*, madeira tintórica) ou daquele que serviu para designar, desde o século XIII, certas ilhas afortunadas imaginadas a oeste da Europa, e sua raiz céltica *Hy-Bressail*, “implica a idéia de bênção e significa boa sorte ou prosperidade. De onde o verbo inglês *To bless* — abençoar”.

O nome Brasil surge na geografia muito antes do descobrimento da grande região sul-americana banhada pelo Atlântico. No seu livro *Études sur les Rapports de l'Amérique et de l'Ancien Continent avant Christophe Colomb*, Paul Gallarel escreve que, nas cartas geográficas da Idade Média, aflora sempre no meio do oceano a ilha de Brazil, Berzil ou Brasil. Cita

em apoio à sua asserção o portulano Medici, datado de 1351, e o mapa de Picignano, Pizignano ou Pzigani, datado de 1367. (Barroso, 1931, p. 163).

Para Barroso, a famosa ilha Brasil nos é revelada pela língua gaélica como sendo “a dos Afortunados”: “Houve verdadeira intercorrência entre a lenda e a História. O Brasil do pau cor de brasa, ou melhor, verzino, berzino ou berzil, confundiu-se com o Brasil da Ilha Bem-aventurada, da Terra Feliz, do O’Brasil Céltico” (1931, p. 169).

Sérgio Buarque de Holanda (1994, p. 173) subscreve essa idéia, ao relatar que o mitológico arquipélago de São Brandão aparece associado, em mapa de 1467, à ilha do Brasil, ou Braçile: “Segundo já o mostrou decisivamente Richard Henning, aparenta-se o topônimo antes às vozes irlandesas *Hy Bressail* e *O’Brazil*, que significariam ‘ilha afortunada’”. Ou seja, havia uma ilha mítica chamada Brasil e depois houve o achamento de um território, ao qual se atribuiu primeiramente o nome de Ilha de Vera Cruz, Ilha de Santa Cruz e, finalmente, Brasil, a Ilha de Utopia, segundo Oswald de Andrade, escritor que desenvolveu importante reflexão sobre a utopia, coligida sob o título “A marcha das utopias”.

O imaginário americano revigorou a narrativa européia ou, no mínimo, o pensamento filosófico, que iria desembocar em Rousseau. Ao mesmo tempo que a literatura do novo mundo é, necessariamente, uma conseqüência da do velho mundo, o imaginário americano também moldou práticas literárias européias. Nesse sentido, More, Bacon, Campanella, Montaigne, Voltaire, Rousseau e Chateaubriand foram influenciados pelo descobrimento da América<sup>14</sup>. Oswald de Andrade, em sua tese acadêmica para a docência de filosofia na USP — *Crise das Filosofias Messiânicas*, 1950 — afirma: “Há um

---

<sup>14</sup> O personagem de *Utopia* (1516), de Thomas More, é um marinheiro português que participou da viagem de Américo Vespúcio. Montaigne, no capítulo XXXI dos *Ensaios* (1580), elogia os canibais. Em *Cidade do Sol* (1602), de Campanella, há um capitão genovês, antigo piloto de Cristóvão Colombo. No *Candide* (1759), de Voltaire, Cândido e Cacambo encontram o Eldorado, na América. Rousseau, no *Discurso sobre a Origem da Desigualdade* (1753), fala do “bom selvagem”, também presente em *Atala* (1801), de Chateaubriand.

ramo da literatura utópica ocidental que tem seu tronco nas Américas”. Na sua reflexão pioneira, Oswald (1970, p. 151) afirma que a literatura européia utópica colheu sua inspiração na descoberta do novo mundo:

A geografia das Utopias situa-se na América. É um nauta português que descreve para Morus a gente, os costumes descobertos do outro lado da terra. Um século depois, Campanella, na *Cidade do Sol*, se reportaria a um armador genovês, lembrando Cristóvão Colombo. E mesmo Francisco Bacon (possivelmente Shakespeare), que escrevia *A Nova Atlântida* em pleno século XVII, faz partir sua expedição do Peru.

A não ser *A República* de Platão, que é um estado inventado, todas as *Utopias*, que vinte séculos depois apontam no horizonte do mundo moderno e profundamente o impressionaram, são geradas da descoberta da América. O Brasil não fez má figura nas conquistas sociais do Renascimento.

Assim, Oswald de Andrade atribui aos documentos que falam das terras novas (as cartas de Vespúcio, o livro de Hans Staden) o reavivamento do imaginário utópico europeu. Ou seja, no horizonte das utopias, com More, Campanella e Bacon, está a aventura do descobrimento da América, onde o europeu se deparou com o homem natural, livre, sem doenças, vivendo no ócio, em contato com a natureza pródiga, num perfeito Eldorado, que lembrava a Idade de Ouro perdida.

Com efeito, *A Utopia* (1516), de Thomas More, livro que engendra um gênero literário, trata da descrição de uma ilha paradisíaca, cujas instituições seriam moldadas de forma semelhante às sugeridas por Platão, em *A República*. O fato interessante, porém, é que o narrador é um marinheiro português, Rafael Hitlodeu, que participou das expedições de Américo Vespúcio: “Ele deixou a seus irmãos o patrimônio que lhe cabia em seu país, Portugal, e, desejoso de conhecer o mundo, juntou-se a Américo Vespúcio nas três últimas de suas quatro viagens, cujo relato hoje se lê quase em toda a parte.” (MORUS, 1997, p. 18). Rafael Hitlodeu viveu mais de cinco anos nessa ilha e pôde, assim, descrever como funciona um Estado Ideal.

Baseado na carta de Vespúcio, Franco (2000, p. 138-139) defende a tese que a ilha que teria servido de modelo para *Utopia* seria Fernando de Noronha:

Recordemos agora que a Utopia estava situada no Hemisfério Sul, que era uma ilha e que o seu visitante [Hitlodeu] saíra da armada de Vespúcio; relembremos ainda uma vez que este, na sua carta que serviu de modelo a Morus, só faz referência a uma ilha, que era a de Fernando de Noronha. [...]

Fernando de Noronha (cujo nome é uma corruptela do de Fernão de Loronha, cristão novo, contratador de pau-brasil), antiga ilha da Quaresma, cheia de pássaros, de matas, de águas cantantes, mas deserta de gentes, na descrição romanceada do piloto italiano, foi, pois, provavelmente aproveitada pelo sonho do filósofo inglês, e por ele povoada pelos homens perfeitos [...]. Uma terra que ele pudesse transformar em uma pátria de justiça e de paz social; em uma ilha venturosa que flutuasse, muito alta, no meio do mar violento de crueldades, misérias e opressões que era o mundo de seu tempo.

Américo Vespúcio teria escrito a carta<sup>15</sup>, conhecida como *Mundus Novus*, onde narra sua terceira viagem ao novo mundo, inclusive pelas costas brasileiras. *Mundus Novus* era o nome da costa brasileira em mapa de 1558 (em 1513, a costa brasileira aparece como Terra Incógnita). Com certeza More conhecia as cartas de Vespúcio, publicadas em latim em 1504 [circa], sendo *A Utopia*, de More, diretamente influenciado pela descoberta do Brasil. Assinalamos esse fato para enfatizar que a América foi, *ab ovo*, não apenas exportadora de matérias-primas para o Velho Mundo, mas também de todo um repertório de idéias que iria desembocar na Revolução Francesa, como revelou Afonso Arinos de Melo Franco, no impressionante livro *O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa* (1937), livro capaz de inverter, por si só, os vetores dos estudos comparatistas.

### 1.1.2 Utopia e distopia

A utopia é uma idéia que recobre dois caminhos: de um lado, é um gênero literário que, segundo Raymond Trousson (1979, p. xxiv), apresenta

alguns invariantes: descrição de uma organização social, recurso ao romanesco, imaginação de um além geográfico ou temporal como paraíso terreno. Esta última característica pode ser encontrada no singelo poema de Manuel Bandeira “Vou-me embora para Pasárgada”, ou no do repentista nordestino Manuel Camilo dos Santos (apud RESENDE, 1993, p. 161), que diz em “Viagem a São Saruê”:

Lá eu vi os rios de leite  
Barreira de carne assada  
Lagos de mel de abelhas  
Atoleiro de coalhada  
Açude de vinho quinado  
Monte de carne guisada.

Ao lado desses retratos de países afortunados, países da Cocanha, há uma espécie de “passagem ao ato” da teoria, e a idéia utópica tenta ser implantada, tal como o fizeram Saint-Simon, Fourier e Owen, socialistas utópicos do século XIX, decepcionados com o ideário iluminista e com os resultados da Revolução Industrial, com o seu contingente de “humilhados e ofendidos”, como retrata a obra de Charles Dickens, para a Inglaterra.

Saint-Simon (1760/1825) imaginou a Idade de Ouro sob a forma de um industrialismo otimista, gerador de bem-estar social. Na sociedade que idealizou, não haveria ociosos (militares, clero, nobreza, magistrados) nem a exploração do homem pelo homem. Propôs uma sociedade dividida em três classes (sábios, proprietários e despossuídos), governada por um conselho de sábios e artistas. Seus seguidores, reunidos em torno de Enfantin, instalaram-se nos arredores de Paris, numa comunidade excêntrica, onde os trabalhos se organizavam por categorias: carroceiros, peleiros, entulhadores etc., que trabalhavam entoando hinos.

Charles Fourier (1772-1837) absorveu algumas idéias de Rousseau (o homem é bom, a sociedade o perverte). Ao mesmo tempo que escreve *Nouveau Monde Amoureux*, traçou os planos (que não passaram de sonhos)

---

<sup>15</sup> Sérgio Buarque de Holanda (1994, p. 247) considera esse texto um “provável apócrifo”.

de seu falanstério, espaço coletivizado, no qual viveriam e trabalhariam em comum grupos harmoniosamente compostos, por intermédio dos quais esperava superar os impasses da desarmonia capitalista.

Eis como Trousson (1979, p. 191) descreve o falanstério:

Organizar-se-ão falanstérios, associações de produção e de consumo fundadas na co-propriedade e na co-gestão e praticando, não o assalariamento, mas a participação nos lucros. Uma espécie de palácio em forma de estrela, com galerias mercantis cobertas, devendo abrigar de 1.500 a 1600 pessoas, das quais 7/8 agricultores e artesãos, 1/8 artistas ou cientistas. Ali se encontrariam amplas salas de jantar, um conselho, uma biblioteca, um templo, etc. As crianças, educadas em comum, receberiam uma educação unindo instrução e prática.

O inglês Robert Owen (1771-1858), administrador de uma manufatura têxtil na Escócia, pôde observar de perto as condições desumanas dos trabalhadores e revoltou-se com a perspectiva do progresso a todo custo. Na Escócia, tendo assumido o controle dos cotonifícios de New Lanark, chegou a implantar uma cooperativa. Seu sucesso nesse projeto, bem como suas críticas à religião e à propriedade, geraram pressões. Abandonando a Grã-Bretanha, vai para os Estados Unidos, em 1825, acompanhado de oitocentas pessoas, para fundar, em Indiana, uma colônia comunista, *New Harmony*, que fracassa dois anos mais tarde. No final da vida dedicou-se intensamente à organização dos *trade unions*, pois se convencera de que a felicidade não pode ser encontrada individualmente.

As idéias utópicas de Owen influenciaram o francês Etienne Cabet que, depois de ter escrito *Voyage em Icarie* (1840/1842), parte com alguns discípulos para o Texas, em 1848, “utopianizar o universo”, fundando a primeira comunidade icariana no Novo Mundo. A experiência de Cabet, apesar de mal sucedida, estendeu-se até o final do século XIX em terras americanas, tendo como lema “Fraternidade, Igualdade e Liberdade”. Essa mesma América, terra de sonho e promessa, que vai tornar-se um pesadelo no romance *América*, de

Kafka (1927) (Cf. TROUSSON, 1998, p. 100), é também o modelo da utopia lobatiana, conforme veremos no quarto capítulo.

Segundo Trousson (1979), deve-se distinguir “utopismo”, como mentalidade, e “utopia” propriamente dita, como construção literária, ou seja, a utopia caracteriza quer um pensamento crítico, quer um gênero literário. Por utopismo, compreende-se o pensamento que visa melhorar as condições sociais do homem e tem como substrato a crença no desenvolvimento das ciências e na continuidade do progresso. Via de regra, trata-se de um pensamento anticlerical, que desvaloriza a propriedade privada, o dinheiro, a família e tem base eugenista.

O homem quer ser feliz e chegar ao paraíso, que pode estar no fim ou no começo dos tempos, pode ser uma dádiva divina ou uma construção humana. Na mitologia judeu-cristã, que está na raiz da tradição ocidental, Adão e Eva conhecem a felicidade no Jardim do Éden, lugar de delícias e de perfeição, mas, devido à *felix culpa*<sup>16</sup> doravante o homem não mais tem acesso a esse paraíso, a essa Idade de Ouro, que só será reencontrada fazendo a travessia da morte. Por outro lado, na mitologia pagã, desde a Antiguidade, existe no imaginário coletivo a Idade de Ouro, um estado de felicidade onde os homens vivem na proximidade dos deuses, livres das misérias humanas (morte, velhice, doença, pobreza). Já uma corrente dissidente do cristianismo, que se desenvolve a partir do século XII, leva ao pé da letra o Apocalipse joanino e seu anúncio de um reino de mil anos de felicidade na terra, inaugurando o que se convencionou chamar de milenarismo.

Por seu turno, os utopistas invertem o sentido da História, colocando a Idade de Ouro não mais no começo, mas no fim da História. Para estes, a felicidade é passível de ser alcançada aqui e agora, no século, através da empreitada humana, da ciência e do progresso.

Trousson especifica bem o que entende por utopia como gênero literário, diferenciando-a do que chama de “mundo pelo avesso” (a contra-utopia, como

em Swift), da robinsonada, da Idade de Ouro, do País de Cocanha, do Milenarismo, da Arcádia, das viagens imaginárias e dos tratados sobre sociedades ideais, *topoi* esses relacionados com a utopia. E por que essa distinção? Trousson lembra que a utopia é um sonho racional. Os utopistas são obcecados pela idéia de um projeto de futuro, e se colocam em oposição a seu tempo.

Assim, a utopia se distingue do “mundo pelo avesso”, devido ao caráter burlesco e à inverossimilhança do mesmo. Quanto à robinsonada, esta põe em cena um indivíduo isolado, ao passo que a utopia prevê uma comunidade. A Idade de Ouro e o milenarismo são descartados por serem tributários do pensamento teológico e serem independentes da vontade humana, motor da utopia. O País da Cocanha representa, segundo Trousson, apenas um mecanismo compensatório para o camponês medieval esfomeado. Quanto à Arcádia, é apenas um lugar de refúgio da sociedade humana, num quadro campestre e pastoril.

Feitas essas ressalvas, Trousson (1998, p. 25) chega a esta definição de utopia:

Pode-se [...] falar de utopia quando, numa instância narrativa (o que exclui os tratados políticos como o *Contrato Social* ou a críticas pura e simples da ordem existente, como o *Testamento* de Meslier), vê-se animada uma coletividade (o que exclui a robinsonada), que funciona segundo certos princípios políticos, econômicos, éticos, restituindo a complexidade de uma existência social (o que exclui a Idade de Ouro, a Cocanha ou a Arcádia), coletividade essa situada num lugar remoto (no tempo e no espaço), incrustada ou não numa viagem imaginária.

Numa utopia, busca-se a comunidade de bens, a felicidade do grupo, que é assegurada por uma espécie de Estado-providência. Esse pensamento exacerbado, porém, desemboca na distopia. O oposto da utopia recebe também outros nomes: contra-utopia, antiutopia, cacotopia. Teixeira Coelho (1981, p. 45) considera a expressão “contra-utopia” inadequada, sugerindo-nos

---

<sup>16</sup> Expressão usada por Santo Agostinho para se referir positivamente ao pecado original.

a palavra “distopia”, já que o contrário de utopia é “topia” (o lugar concreto de instauração da sociedade utópica) e as espécies do gênero “utopia” são eutopia (o belo lugar; do grego *eu* = belo) e distopia (o mau lugar; do grego *dys* = em mau estado, dificuldade). Na edição original da *Utopia*, de Thomas More, há uma sextilha em latim em que a Ilha, antropomorficamente, afirma: “Eutopia mereceria eu ser chamada” (BRUNEL, 1997, p. 924).

Oswald de Andrade (1970, p. 166) chamou de “avesso da Utopia” obras como a de Rabelais, Cervantes e Erasmo, por seu caráter de negatividade (sátira e crítica). Já no século XX, como exemplos de distopia citam-se os livros *Admirável Mundo Novo* (1932), de Aldous Huxley (distopia científica) e *1984* (1949), de George Orwell (distopia política), crítica ao totalitarismo stalinista, onde o ideal comunitário, levado às últimas conseqüências, destrói o indivíduo. Segundo Oswald de Andrade, tanto Auschwitz quanto o gulag têm uma matriz utópica, pois a uniformidade, a igualdade, a disciplina da sociedade ideal, ao serem levadas ao extremo, estiolam a liberdade, em nome do bem comum, culminando no totalitarismo, quer de direita quer de esquerda.

### 1.1.3. Utopia e distopia na literatura brasileira

Conheces o país onde florescem os limoeiros,  
Em meio à folhagem escura ardem os pomos  
de ouro,  
Uma brisa suave sopra no céu azul,  
E o mirto e o louro em silêncio crescem?  
Não o conheces? Pois lá, para lá,  
Quisera contigo, meu bem amado, ir!  
Goethe (1994, p. 193)<sup>17</sup>.

Ao lermos o livro *O que é Utopia*, de Teixeira Coelho (1981, p. 77) chamou-nos a atenção que, no capítulo dedicado ao Brasil, os únicos registros de utopia literária sejam o poema “Pasárgada”, de Manuel Bandeira ou as idéias de Afonso Schmidt, “sobre uma cidade do século XXI (descrita como

---

<sup>17</sup> Versos da canção de Mignon, de *Wilhelm Meister*, de Goethe, livro que tem fragmentos utópicos (A Sociedade da Torre): “*Kennst du das Land, wo die Citronen blühen./Im dunkeln*

localizada num certo vale de Zanzalá...)”. Teixeira Coelho considera algumas outras obras como de interesse “quase museológico”. São elas: um texto de Pedro Fernando de Queirós (1617), de título imenso: *Cópia do pedido apresentado ao rei de Espanha pelo capitão Pierre Ferdinand de Quir sobre a descoberta da Quinta parte do mundo chamada Terra Austral, desconhecida, e das suas grandes riquezas e fertilidade*; uma *Crônica*, de Simão de Vasconcelos (1663) e *Nova Luz sobre o Passado*, 1907, de A. Sergipe, interpretação da origem do universo baseada em etimologias fantasistas (MARTINS, 1978, p. 340).

Teixeira Coelho destaca no Brasil práticas utópicas de tipo quiliástico ou milenarista (a “terra sem mal” da cultura guarani), messiânico (Canudos, Muker, Padre Cícero), e socialista-comunista (Quilombo dos Palmares, 1694; Reino Encantado, 1838; Colônia Cecília, 1890; Colônia Vapa, 1930).

O pesquisador Arno Kern, em *Utopias e Missões Jesuíticas* (1994, p. 28), lembra que o Pe. Antonio Vieira, pertencente tanto ao cânone brasileiro quanto ao português, também idealizou uma utopia, de cunho político-religioso, na obra inacabada e póstuma intitulada *História do Futuro, Esperanças de Portugal e Quinto Império do Mundo* (1665/1667). Só publicado em 1718, esse livro, impregnado pelo pensamento milenarista, fala de um quinto império, depois do assírio, persa, grego e romano, onde certo rei iria ressuscitar (herança do sebastianismo, em Portugal). Segundo Maria Leonor Carvalho Buescu (Vieira, 1982, p. 24), essa obra não é uma utopia, nem mesmo uma eutopia, pois “seu espaço é o mundo” e “seu tempo é o milênio”.

Evidentemente, se nos ativermos a um purismo de gênero literário, não encontraremos nenhuma obra na literatura brasileira que se enquadre plenamente no molde utópico calcado em Thomas More. Entretanto, examinando o cânone literário brasileiro desde os seus primórdios, notaremos duas correntes que ora se cruzam, ora se excluem, configurando um

---

*Laub die Gold-Orangen glühen? .../Kennst du es wohl? — Dahin dahin! Moch'ich [...] ziehn.*”  
Epígrafe do poema “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias.

mapeamento agônico da representação do país, quer como uma utopia, quer como uma distopia.

Queremos destacar, nessa direção, os estudos do pesquisador Francisco Foot Hardman, que estuda a literatura social libertária do início do século XX no Brasil. Em seu ensaio “Antigos Modernistas”, Hardman (1992) estende o inventário de Teixeira Coelho, detectando, em grande parte da literatura brasileira da virada do século XIX, o que ele chama de “verdadeiras tradições fundantes do processo da modernidade”, sob dois pólos: o eufórico-diurno-iluminista e o melancólico-noturno-romântico, na terminologia do autor. Concentrando-se no estudo da literatura brasileira do período que se convencionou chamar de pré-modernista, Hardman destaca algumas obras que se filiaram à utopia romântica, de cunho messiânico: *Ideólogo* (1903), de Fábio Luz e *Regeneração* (1904), de Curvelo de Mendonça, dando destaque ao romance *Canaã* (1902), de Graça Aranha, que exploraria, de forma exemplar, “as relações dialéticas entre ruína e utopia”. O pesquisador acrescenta outro título<sup>18</sup>, o romance *O Reino Encantado*, de Araripe Jr. (1878) sobre o movimento messiânico em Pernambuco em 1836 (os cabanos). Acrescenta ainda “duas obras raras e tipicamente classificadas no gênero utópico do período: *São Paulo no Ano 2000*; ou *Regeneração Acional: Crônica da Sociedade Brasileira Futura* (1909), de Godofredo Emerson Barnsley; e *O Reino de Kiato: no País das Verdades* (1922), de Rodolfo Teófilo”.

Vamos explicitar agora nossa tese de que a representação do Brasil na literatura se faz ora como a “terra sem mal”, ora como um mau lugar. Acreditamos que a vertente utópica recobriria o que se convencionou nomear “ufanismo”, vocábulo derivado do título do livro de Afonso Celso, *Por que me Ufano de meu País*, publicado em 1900, para comemorar o quarto centenário do descobrimento do Brasil. Nesse livro, Afonso Celso exalta o Brasil como

---

<sup>18</sup> Essa pesquisa está em aberto e, certamente, há muitos outros títulos referentes ao tema, que poderiam ser buscados na obra de contistas do final do século XX. Ocorre-nos a ucronia (utopia no tempo) escrita por Menotti del Picchia, *A República 3000*, livro de antecipação; *Quarup*, de Antonio Callado ou ainda *Utopia Selvagem*, de Darcy Ribeiro.

terra superior, inventariando os motivos de nossa superioridade (a grandeza territorial, a beleza, a riqueza, a amenidade e variedade do clima, a ausência de calamidades, a formação étnica, o caráter nacional, a história). Termina seu livro que, segundo Vecchi (1998), trata de “uma geografia imaginária, projetada fora da História, um não-lugar, uma utopia”, com um resumo das grandezas nacionais, que faz eco ao título *Diálogo das Grandezas do Brasil*, de Fernandes Brandão, de 1618: “[um astrólogo] achara que a terra novamente descoberta havia de ser uma opulenta província, refúgio e abrigo da gente portuguesa.” (CANDIDO, 1974, p. 32).

O livro de Afonso Celso nomeou, *a posteriori*, toda uma tradição ufanista que se origina no documento inaugural da literatura brasileira, a *Carta de Caminha*, de 1500, assim como na obra dos cronistas do século XVI os quais, segundo Antonio Candido (1974, p. 31), lançaram “os fundamentos de uma literatura de inspiração nativista”, enquanto encobriam um dos mais tremendos acontecimentos dos tempos modernos, a invasão, expropriação e genocídio nas terras virgens americanas, e a conseqüente transfusão do sangue novo que revitalizaria a Europa e deixaria exangue até hoje o continente americano, que nasce para o ocidente, como uma imensa feitoria, regida pela expolição de bens e de homens.

Maria do Carmo Campos (1999), em seu ensaio “O Brasil de longe e de perto: as lentes da cor local”, lembra que “as imagem do Brasil, composta por muitas malhas históricas e um tecido de singulares reflexos, vai sendo debuxada à base de tons do paraíso”, onde se infiltram, insistentemente, “traços dissonantes”.

A *Carta de Caminha*<sup>19</sup>, com que Oswald de Andrade dialoga em “História do Brasil” e no “Manifesto Antropófago”, apresenta o autóctone e a terra brasileira de forma positiva, inaugurando a imagem do país como paraíso.

---

<sup>19</sup> A propósito dessa Carta, Roberto Damatta (1997, p. 105) lembra que ela é inaugural sob outro aspecto: ao pedir, no final, um favor ao Rei, Caminha estaria dando início à nossa

Caminha mostra-se muito impressionado com as águas, com o arvoredo, com a nudez dos corpos enfeitados de penas e pintados de cores vivas, “dançando e folgando”. Destaca a boa índole do nativo, seus corpos “tão limpos e tão gordos e tão formosos que não podem ser mais”, mostrando os silvícolas vivendo num mundo paradisíaco, a *terra papagalli*. Sua visão não é completamente eurocêntrica, insistindo, várias vezes, que os indígenas são melhores que os conquistadores:

Eles não lavram nem criam. Nem há aqui boi ou vaca, cabra, ovelha ou galinha, ou qualquer outro animal que esteja acostumado ao convívio com o homem. E não comem senão deste inhame, de que há aqui muito, e dessas sementes e frutos que a terra e as árvores de si deitam. E com isso andam tais e tão rijos e tão nédios que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos. Nesse dia, enquanto ali andavam, dançaram e bailaram sempre com os nossos, ao som de um tamboril nosso, como se fossem mais amigos nossos do que nós seus. (CASTRO, 1985, p. 94).

Essa imagem idílica do bom selvagem irá mudar, aos poucos, quando a relação invasor/invasido se explicita e os índios, relutando em submeter-se, aparecem como “cruéis e bestiais” ou ainda como “cavalos”, em Manuel da Nóbrega, numa clara alusão à sua irracionalidade (HOLANDA, 1994, p. 313-314).

Em outro trecho, Caminha descreve a nova terra, dando-lhe as características que são atribuídas ao paraíso: o verde perene, o clima temperado, água e terras férteis:

[...] a terra em si é de muitos bons ares, assim frios e temperados, como os de Entre-Douro e Minho, porque, neste tempo de agora, os achávamos como os de lá. As águas são muitas e infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo aproveitá-la, tudo dará nela, por causa das águas que tem. (CASTRO, 1985, p. 98).

Hans Staden, que escreveu o primeiro livro sobre o Brasil em 1556, dá uma descrição da sociedade indígena que apresenta algumas semelhanças

---

linhagem de malandragem. Depois do Jeca tatu, o malandro: não seria essa outra forma de rebaixar o povo brasileiro?

com as sociedades utópicas: ausência de propriedade da terra e de dinheiro, não-valorização do ouro: “Não há divisão de bens. Nada sabem de dinheiro. As riquezas não passam de penas de aves, e quem possui muitas é rico. Também são ricos os de pedra nos beiços.. [...]” (STADEN, 1945, p. 49).

A *História da América Portuguesa* (1730), de Rocha Pitta, também se insere nessa corrente. Vejamos um trecho da introdução, que nos dá clara idéia do Brasil visto como o Éden redescoberto:

Em nenhuma outra Região se mostra o Céu mais sereno, nem madrugada mais bela a Aurora: o Sol em nenhum outro Hemisfério tem os raios tão dourados, nem os reflexos noturnos tão brilhantes: as Estrelas são as mais benignas, e se mostram sempre alegres: os horizontes, ou nasça o Sol, ou se sepulte, estão sempre claros: as águas, ou se tomem nas fontes pelos campos, ou dentro das Povoações nos aquedutos, são as mais puras: é enfim o Brasil Terreal Paraíso descoberto, onde têm nascimento, e curso os maiores rios; domina salutífero clima; influem benignos Astros, e respiram auras suavíssimas, que o fazem fértil e povoado de inúmeros habitantes. [...]. (1964, p.4).

Sérgio Buarque de Holanda (1994, p. 144) cita outro trecho de Rocha Pitta em que este volta a associar a nova terra ao paraíso reencontrado: “Deixe a memória o Tempe de Tessalia, os pensis de Babylonia e os jardins das Hesperides, porque este terreno em continuada primavera é o vergel do mundo, e se os antigos o alcançaram, com razão podiam por nelle o terreal Paraíso, o Lethes e os Campos Elysios, que das suas inclinações lisonjeadas ou reverentes, às suas pátrias fantasiaram em outros lugares”.

Outro marco nessa linha, já no Romantismo, é o poema “Canção de Exílio”, que, como lembra Péricles Eugênio da Silva Ramos, inspirou algumas estrofes do Hino Nacional, e é tema recorrente na poesia brasileira.

Aqui cabe situar José de Alencar e perguntar se ele participa da tradição ufanista, ou se já problematiza a representação de um país ideal, como quer a

crítica literária Lucia Helena<sup>20</sup>. O certo é que Alencar procede, no século XIX, a uma reabilitação do índio, agora como símbolo do “bom selvagem” e, nas “Notas”, de *Ubirajara*, critica alguns cronistas que não teriam compreendido o caráter do silvícola, especialmente seus rituais da antropofagia, comparando os autóctones a cavaleiros medievais:

As leis da cavalaria, no tempo em que ela floresceu em Europa, não excediam por certo em pundonor e brios à bizzarria dos selvagens brasileiros. Jamais o ponto de honra foi respeitado como entre esses bárbaros, que não eram menos galhardos e nobres do que esses outros bárbaros, godos e árabes, que fundaram a cavalaria.

Aí está uma pedra de toque para aferir-se do caráter do selvagem brasileiro, tão deprimido por cronistas e noveleiros, ávidos de inventarem monstruosidades para impingir-las ao leitor. Nem isso lhes custava; pois a raça invasora buscava justificar suas crueldades rebaixando os aborígenes à condição de feras, que era forçoso montar. (ALENCAR, 1999, p. 160).

A linha da utopia/ufanismo culmina com o livro de Afonso Celso, como já dissemos. Mas, nesse panorama predominantemente edênico do Brasil, insinuam-se notas de degradação. Se a partir do século XX, a linha é francamente distópica, a representação de um país distópico já começa com Gregório de Matos, que recupera a tradição satírico-medieval portuguesa, presente em Gil Vicente, para satirizar a sociedade mestiça que se formava no século XVII.

Darcy Ribeiro (1997, p. 134) examina a relação daquele escritor, nostálgico de uma colônia onde o lusitano tinha papel preponderante, com a Bahia multirracial da época: “Lamentavelmente, o processo de construção da etnia não deixa marcas reconhecíveis senão nos registros de um grupo tão exótico e ambíguo como os letrados. Esses, por duas razões, além de poucos e raros, são fanaticamente identificados seja com a etnia do colonizador português, seja com sua variante luso-jesuítica.”

---

<sup>20</sup> Segundo Lucia Helena (2000), em *O Guarani e Iracema* “não nasce uma nação, mas uma danação. São textos que, inscritos numa época da história como progresso, refletem a história como catástrofe. Peri e Iracema são heróis míticos mortos, de uma nação órfã.”

A corrente distópica atinge seu auge com Lima Barreto, que construiu, na esteira de Swift, o avesso da utopia, especialmente em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, *Os Bruzundangas* e alguns contos como “O homem que sabia javanês” e “Harakashy e as escolas de Java”. Em *Os Bruzundangas*, Lima Barreto faz contraponto a *Porque me Ufano de meu País*, de Afonso Celso. O capítulo “As riquezas da Bruzundanga” começa assim:

Quando abrimos qualquer compêndio de geografia da Bruzundanga, quando se lê qualquer poema patriótico desse país, ficamos com a convicção de que essa nação é a mais rica da Terra.

“A Bruzundanga”, diz um livro do grande sábio Volkate ben Volkate, possui nas entranhas do seu solo todos os minerais da terra. (BARRETO, 1998, p. 69)

No ensaio já citado, Maria do Carmo Campos (1999, p. 29-30) destaca o movimento utópico/distópico na literatura brasileira: “Mas nem tudo é abundância ou bem-estar no Brasil, bem-estar freqüentemente associado ao sol e ao clima temperado. Em *Vidas Secas*, o sol é o cruel avesso da desejada sombra. Num dos poemas de *A Educação pela Pedra*, João Cabral de Melo Neto desenha um magnífico sol, excesso cuja outra face é a tortura, a própria inclemência.”

Maria do Carmo Campos destaca ainda o fato que o amarelo aparece, em “Os reinos do Amarelo”, de Cabral, associado à opulência (o sol, as frutas), mas também ao ouro podre, ouro que não reluz, às secreções espúrias do homem alijado da cultura e da felicidade, salientando, tanto em Cabral quanto em Graciliano, a opulência das imagens do deserto, os canaviais cruciais, as paisagens-cemitérios, a paisagem-hospital.

Essa dicotomia na literatura brasileira também é expressa por Hardman (1992, p. 297), que afirma, já agora a propósito de Euclides da Cunha:

Euclides [...] não viajava sozinho. Toda uma tradição historiográfica e memorialístico-ficcional, de matriz romântica, de alguns de nosso melhores prosadores, esteve, assim, desde a segunda metade do século passado, inteiramente voltada para o jogo de alternância entre iluminações utópicas e depressões antiutópicas dessa poética das ruínas.

Depois de Euclides da Cunha e de Lima Barreto, chegamos a Monteiro Lobato. Em uma conferência para divulgar o petróleo, este nega, com um sinal de menos, toda a tradição que via o Brasil (a “Papuásia”) com um sinal de mais<sup>21</sup> e se insurge contra a leitura romântica do Brasil, visto sob o prisma do Paraíso. Depois de afirmar, em “Velha Praga”, que “o caboclo é uma quantidade negativa”, argumenta:

Até aqui quem nos formou a mentalidade foram uns pobres poetas. Versos e mais versos, com maravilhosas mentiras sobre as nossas coisas. Mais estrelas têm o nosso céu — tolice astronômica. Mais flores têm nossos campos — tolice botânica. Mais amores nossos corações — tolice sexual. Mais, mais, mais — um mundo de ingênuos. Mais, para esconder a evidência dum tremendíssimo Menos.

A realidade desmente os poetas. Somos o país menos. Menos tudo. Principalmente menos miolo e menos olhos. Copiamos a avestruz que esconde a cabeça debaixo da asa para não ver o perigo. Chegamos ao ridículo de nos proclamarmos o país mais rico do mundo, quando numa população de 40 milhões temos 30 milhões que vegetam em tal estado de penúria que nem usar sapatos podem. [...]. (LOBATO, 1965, p. 36).

Hardman cita, de passagem, o caso de Monteiro Lobato, na vertente do pensamento crítico à ordem dominante. Por nossa parte, pensamos que esse escritor é um representante do pensamento utópico no Brasil, quer como produtor literário, quer como mentalidade utópica. Assim, sua obra apresenta o arco — típico do pensamento utópico — que vai do repúdio a uma realidade (que ele chama de “Jecatatuásia”), à sua contrapartida de redenção (*O Sítio do Picapau Amarelo*).

Verifica-se, então, uma dualidade no pensamento de Lobato, dualidade que o faz mover do abismo à esperança. Esse abismo tem um nome: Brasil, a paixão do escritor. Nele investiu sua fortuna (herdeiro que foi de um Visconde,

---

<sup>21</sup> Haroldo de Campos, já no plano formal, ao estudar a poética de Machado de Assis, Oswald de Andrade, Graciliano Ramos, João Cabral de Melo Neto e Augusto de Campos, fala em “arte pobre, tempo de pobreza, poesia menos”. Nessa mesma direção, Hardman (1992, p. 301) fala do “verbo prolífero de Castro Alves” e da “palavra estilhaçada” de Sousândrade.

amigo de D. Pedro II) e sua energia. Seus mais variados textos insistem na idéia de pântano, de lamaçal, de cipó, de atoleiro. Espaços de morte de onde o escritor — qual um super-herói — tenta arrancar um país novo (o que são quinhentos anos diante da cultura muitas vezes milenares de outros povos?) mas debilitado e envelhecido precocemente, devido a sua elite corrupta e a seu modo de inserção na economia mundial.

Da leitura dos contos de Lobato, emerge a imagem de um país devastado, roído, vicejando no atraso e na falta de caráter nacional. Na impossibilidade de aprofundar-se na psicologia humana, Lobato foi um exímio caricaturista, talhando seus personagens à foice, com o corrosivo da água-forte. O conto lhe serviu para a fixação de tipos. No seu regionalismo não há lugar para o saudosismo. Investindo contra a literatura “sorriso da sociedade”<sup>22</sup>, mostra o esgar, o estigma de um “mundo caduco”. Seu livro *Urupês, outros contos e coisas* delinea uma série de caracteres satirizados: o sábio maçante (“*Gens Ennuyeux*”), o marido decadente (“O romance do Chopim”), o roceiro enfermiço (“Bucólica”), o plumitivo (“O plágio”), o gramaticante (“O Colocador de Pronomes”), o matassanos (“*Pollice Verso*”), a justiça (“Júri na roça”), o funcionário público (“O Luzeiro Agrícola”), as empregadas domésticas (“Dona Expedita”)<sup>23</sup>.

Mas Lobato não pára na crítica contundente, onde se pode sentir a influência de Nietzsche e dos polemistas portugueses do final do século XIX (Camilo Castelo Branco, Fialho e Eça de Queirós). Vimos que, ao lado do abismo, há a esperança. Essa palavra é do campo semântico das utopias, geralmente relacionada com a busca da terra prometida. Só que para o autor, a esperança é ativa, age, busca soluções, debate-se, constrói. É um “esperançar” ou uma “esperança crítica”, aquela que visa à articulação de um projeto utópico concreto a uma revolução ética.

---

<sup>22</sup> Conforme Lúcia Miguel Pereira: Coelho Neto, Júlia Lopes de Almeida, Afrânio Peixoto, João do Rio.

<sup>23</sup> Algumas personagens escapam desse olhar impiedoso: Timóteo, Negrinha, o burrinho do estafeta [*Um suplício moderno*], o capão de pintos, a esposa em *O bom marido*.

Por isso, ao mesmo tempo que lança suas “farpas”, tenta transferir sua energia para o meio circundante desenergizado (cujo protótipo é o homem de cócoras, a marionete, o Jeca Tatu). Após ter dilatado até à sátira os males de nossa realidade, Monteiro Lobato quer construir um mundo diferente: outra família (afastamento dos pais); outro espaço (sítio); outra economia (desvalorização do ouro e da terra). Também quer outro homem brasileiro: não mais o Jeca (camponês expropriado e doente), mas o Zé Brasil (beneficiário da reforma agrária que, diga-se de passagem, é uma bandeira da própria política liberal).

Alfredo Bosi, em seu ensaio “Poesia resistência”, fala desse arco que liga o pensamento profético-satírico ao pensamento utópico:

Há um denominador comum que sustenta o imaginário profético e o apocalíptico: é o eixo presente-futuro com a sua vigorosa e concreta antinomia, pela qual o presente é o cenário da maldição, objeto de escarmento, e o futuro é antecipado pelo sentimento como o reino da justiça e da liberdade. (BOSI, 1997, p. 161).

Acreditamos, portanto, que a obra predominantemente satírica (a negação do agora), que Lobato parou de escrever no início da década de 20, deu lugar à obra predominantemente utópica (o “ainda-não”), que inicia justamente em 1921<sup>24</sup>: José Bento *versus* Dona Benta. Contrapondo-se às imagens de negatividade citadas acima, podem-se detectar as *imagens-desejo* (*Wunschbilder*) que impulsionam o autor para o que *ainda-não-é* (*Noch-nich-Sein*), na terminologia de Ernst Bloch: *algo nuevo*, liberdade, porviroscópio, livro, ferro, petróleo, Hércules.

Começando sob o signo negativo do Jeca Tatu, erigido em bode expiatório das mazelas brasileiras, e fechando-se sob a égide positiva de Emília, a super-heroína, Lobato configura-se como um autêntico utopista, que

---

<sup>24</sup> Bosi assinala estrutura análoga em textos do profeta Isaías, Dante e Victor Hugo. De nossa parte, verificamos que a *Utopia* de More também apresenta, no Livro Primeiro, um quadro de uma sociedade distópica (a Inglaterra de seu tempo) e, no Livro Segundo, a descrição da Ilha Utopia propriamente dita.

ergue numa mão o sonho e, na outra, a ferramenta que transformará o mundo. Cavando poços de petróleo, escrevendo e imprimindo livros à mão cheia, tentou, na primeira metade do século XX, instaurar seu sonho: a modernização da sociedade brasileira, feita pela sua elite, para o bem de todos.

## 1.2 Um utopista na Jecatatuásia<sup>25</sup>

Penso no amanhã, porque estou prestes a deixar o mundo e quero entrever o país do futuro. Não há mais nada para mim afora adivinhar e penetrar o futuro.

Monteiro Lobato (v. 13, p. 306).

### 1.2.1 Da sátira à utopia

Lobato não tinha em alta conta a espécie humana (sob certos aspectos, é misantropo<sup>26</sup>), nem o Brasil e os brasileiros, em particular. Sua literatura “geral” ressuma negatividade, em parte devido a seus reiterados fracassos empresariais e políticos: “Quanto a mim, um desejo me resta, da floresta de desejos que fui: morrer. Que delícia morrer, e escapar à infinita canalhice da humanidade. A impressão última que levarei da vida é esta: a mais sórdida canalhice.” (LOBATO, 1986a, p. 81)

No conto “Era no paraíso” (1924), o autor parodia o Gênese, contrapondo uma versão darwiniana à teoria criacionista do universo. Apresenta o homem como o resultado patológico da evolução de um chimpanzé lesado depois da queda de uma árvore, e substitui o *homo sapiens* pelo *homo sceleratus* (v. 13, p. 113). O resultado da “chimpanzeização” do mundo é drástico:

[...] E viu que os homens de penacho organizadores das chacinas eram tidos em elevadíssima conta. Todos os aplaudiam, delirantes, e os carregavam em charolas de

---

<sup>25</sup> Lobato utiliza essa expressão no v. 12, p. 40.

<sup>26</sup> Em *História das Invenções*, Lobato justifica a misantropia, como uma forma de defesa encontrada por artistas, inventores e sábios, exemplificando com o caso de Spencer, que punha algodão nos ouvidos ao receber certas visitas. Em *Mr. Slang e o Brasil*, Lobato resume a população brasileira a apenas trinta homens dignos de nota. Dentre eles, assinala Machado de Assis, Belisário Pena e Luís Carlos Prestes. Todos os demais seriam marionetes, “aparências de homens, burocratas da biologia”.

apoteose. E viu que a multidão caminhava sempre inquieta e em guarda, porque o irmão roubava o irmão, e o filho matava o pai, e o amigo enganava o amigo, e todos se maldiziam e se caluniavam, e se detestavam e jamais se compreendiam [...].<sup>27</sup> (v. 2, p. 209-210).

Estamos muito longe do mito do homem naturalmente bom de Rousseau. Antes, o ser humano desse conto lembra os repugnantes Yahoos de Swift, personagens de sua quarta viagem, “seres humanos, perdidos de vícios, apodrecendo no lixo, caídos no mais baixo grau da animalidade” (TROUSSON, 1979, p. 173). Entende-se a virulência de Lobato, pois como diz João Cabral de Melo Neto, referindo-se aos selvagens subumanos, repugnantes e peludos de Gulliver (*Viagem ao país dos Houyhnhnms*): “para falar dos Yahoos, se necessita/ que as palavras funcionem de pedra”<sup>28</sup>.

Em uma carta de Lobato, da década de 40, podem-se aquilatar idéias de teor malthusiano:

Traduzi um livro de Wells, o “Do Destino do Homo Sapiens”, em que ele prevê a autodestruição desse antropóide. [...] A desgraça da guerra atual é matar muito pouca gente e destruir muita “coisa feita”. [...] Destruir isso é o maior dos crimes imagináveis — ao passo que destruir gente é apenas sangria aliviadora do grande mal que é o excesso de gente. (1959b, v. 2, p. 131).<sup>29</sup>

---

<sup>27</sup> As idéias de Rousseau a esse respeito são extremamente parecidas: “O concerto reina entre os elementos, e os homens estão no caos! Os animais são felizes, somente seu rei é miserável! Ó, sabedoria, onde estão tuas leis? [...] Vejo o mal sobre a terra.”

<sup>28</sup> “Para falar dos Yahoos, se necessita/Que as palavras funcionem de pedra:/Se pronunciadas, que se pronunciem/Com a boca para pronunciar pedras;/Se escritas que se escrevam em duro/Na página dura de um muro de pedra;/E mais que pronunciadas ou escritas,/Que se atirem, como se atiram pedras.” (João Cabral de Melo Neto).

<sup>29</sup> Nesse ponto, Lobato coincide com Marinetti, que no artigo nono do “Manifesto do Futurismo” (1909) afirma: “Nós queremos glorificar a guerra — única higiene do mundo — o militarismo, o patriotismo, o gesto destrutor dos anarquistas, as belas idéias que matam, e o menosprezo da mulher.” Essa idéia é repisada na *Chave do Tamanho*, de 1942, agora para uso do público infantil. Já em *Idéias de Jeca Tatu* (v. 4, p. 99), Lobato lança um brado contra o homem cordial, acreditando que ele deva ser retemperado na guerra: “A nós, brasileiros, nada escasseia mais do que o sentimento belicoso. O pacifismo edulcorado da alma nacional é pura covardia num planeta destes. [...] Espicaça-la [a criatura humana], espertá-la, criar a ebriedade coletiva dos fortes, arrastar o povo à luta, seria um programa de gênio ao ditador estatuário que se apossasse desta inerme massa humana, tão plástica e a plasmasse, com mãos heróicas, pelos moldes mavórticos. “

Lobato julgava os animais muito superiores aos seres humanos. No artigo “*Homo sapiens*”, conclama os leões, os tigres, as onças, as cascavéis, os lobos, os bisões, as girafas, os elefantes, as hienas, os chacais, os urubus e muitos outros animais a se unirem contra “o gorila que evoluiu”: “Quando o homem abdicar — ou for deposto — da terrena realeza, que usurpa, e em seu poleiro o plebiscito livre de todos os seres vivos entronizar o boi, a foca ou o abutre, a vida do globo ganhará imenso em amabilidade.” (v. 5, p. 59).

Encontramos igualmente em numerosos textos lobatianos um discurso permeado de negatividade sobre a realidade do país e de seus habitantes. Há, em sua obra, recorrência da imagem do país como um campo de ruínas: o Brasil é “um imenso tartarugal”; “um atoleiro”; “um gigante deitado e amarrado”; “um gigante encipoadado”; “um país cocainizado”; uma “Zululândia”; “um pântano com 40 milhões de rãs coaxantes”; “um complexo sistema de parasitismo em repouso sobre um larguíssimo pedestal de escravos andrajosos e roídos de todas as doenças endêmicas”; “um gigante deitado e amarrado”; um “pátio dos milagres”; “um país de tavelagem”; “mamonal”; “papuásia”; “jecatatuásia”; para citar apenas algumas das inúmeras expressões em que apresenta o país como uma distopia, como um mau lugar: “Dentro dessa ruinaría palermeiam urupês humanos amaleitados, criaturas em tapera, com a tapera n’alma e no cérebro, aparvalhadas múmias ambulantes que pitam e votam”, afirma.

Com relação ao homem brasileiro, o discurso segue o mesmo teor de negatividade, como já ressaltou Márcia Naxara (1998). Lobato considera a população brasileira como “40 milhões de mendigos, de cócoras sobre um tesouro”; “um ajuntamento de aventureiros e de dirigentes profundamente desonestos”; “dezessete milhões de opilados”; “três milhões de idiotas e papudos”; “dez milhões de impaludados”. “O caboclo é uma quantidade negativa”, afirma em 1914 em “Velha Praga”. O artigo “Urupês” termina com uma descrição apofática do Jeca que, segundo Lobato, reduz o mundo a uma visão “jecocêntrica”: “Só ele não fala, não canta, não ri, não ama. Só ele, no

meio de tanta vida, não vive...” (LOBATO, 1943, p. 134). Há um rebaixamento do Jeca (ele é um Tatu, mora nas tocas) e é inferior até mesmo aos animais.<sup>30</sup>

O autor usa a alegoria do parasita (o urupê, o carrapato, a lêmnea, o chupim, o berne, a erva-de-passarinho, o percevejo, o redoleiro, o chapéu-de-sapo, o mata-pau) para definir o Jeca Tatu, parasita infestado de parasitas<sup>31</sup>.

A máquina administrativa também é alvo da virulência do escritor. Vizentini (1983, p. 8) assinala justamente que a elite liberal da República Velha se caracterizava por seu projeto político de oposição, traduzido em “ferrenhas críticas às instituições corruptas”. Mas a corrupção não é o único entrave às aspirações economicistas de Lobato. O Estado brasileiro era fraco e foi facilmente infiltrado pelas forças oligárquicas regionais, empobrecidas com a libertação dos escravos, classes que buscavam no emprego público um derivativo para suas necessidades. Eis algumas das expressões do autor (onde a imagem do parasita é recorrente) para falar dessa classe que suga o Estado brasileiro: “máquina de tapear o pobre Brasil”; “a carrapatoosa vaca do Estado”; “redoleira”; “cipoeira”; “boi coberto de carrapatos sanguessugas”; “estafermos orçamentívoros”; “carrapatos orçamentívoros”; “o ácaro político”; “inação da piolheira vitalícia”; “mediocracia rapinante”.

Em seus contos e cartas (“Urupês”, “Uma velha praga”), cuja dominante é a sátira, Monteiro Lobato dava uma resposta à corrente ufanista da literatura brasileira e, como o fizera Lima Barreto (*Triste Fim de Policarpo Quaresma, Os Bruzundangas*, entre outros), pinta um universo distópico, em réplica ao pensamento vigente, que encontra sua síntese em *Por que me Ufano do Meu*

---

<sup>30</sup> Bem diferente é a análise do antropólogo Darcy Ribeiro, no capítulo “O Brasil caipira”, do livro *O Povo Brasileiro* (1997, p. 364 sq.). Darcy lembra que, em sua formação, pela proximidade com os indígenas, o paulista se apropriara de suas técnicas como a coivara, a tralha doméstica reduzida ao mínimo (porongos, gamelas), à coleta e à caça. Depois do período da mineração, o jeca volta ao seu estatuto de homem baldio, vivendo de forma rude, com suas necessidades reduzidas ao extremo. Desalojado de suas terras pelos grileiros, suplantado como mão-de-obra pelos imigrantes, o Jeca é uma “quantidade negativa” que, efetivamente, incomodava a oligarquia, que dificilmente conseguia submetê-lo.

<sup>31</sup> Como alternativa a esse homem de cócoras, Lobato cria a heroína Emília, dotada de poderes mágicos e de esperteza. Depois de ter transformado o Jeca Tatu em bode expiatório dos problemas nacionais, Lobato se identifica com a sua criatura, alcunhando-se de Jeca Tatu.

*País*, de Afonso Celso<sup>32</sup>, passando, segundo Lobato, pelo “balsâmico indianismo” de Alencar (LOBATO, 1943, p. 125)<sup>33</sup>.

Lobato refuta a longa tradição de idéias ufanistas sobre o Brasil, idéias essas que obliteram a percepção de nossas mazelas: “Vem de longe o vezo ditirâmico dos mistagogos que oficiam no altar de Pangloss a eterna apoteose de Rocha Pitta” (v. 8, p. 267). Vale lembrar que Pangloss, personagem de *Candide*, de Voltaire, sintetiza o otimismo inexpugnável, infenso a todas as lições da experiência. Lobato critica os autores que dão uma visão deformada da nossa realidade:

Esses heróicos sertanejos, fortes e generosos, evolução literária dos índios plutárquicos de Alencar; essa caipirinha arisca, faces cor de jambo, pés lépidos de veada, carne dura de pêssego: licenças bucólicas de poetas jamais saídos das cidades grandes.

O que nos campos a gente vê, deambulando pelas estradas com ar abobado, é um lamentável naufrago da fisiologia, a que chamamos homem por escassez de sinonímia. Feiíssimo, torto, amarelo, cansado, exangue, faminto, fatalista, geófago — viveiro ambulante do verme destruidor. (v. 8, p. 234).

Opondo-se à vertente ufanista, em carta a Rangel, de 20/10/1914, escreve: “Gesto uma obra literária, Rangel, que, realizada, será *algo nuevo* neste país vítima duma coisa: *entre os olhos dos brasileiros cultos e as coisas da terra há um maldito prisma que desnatura as realidades*”. (v. 11, p. 362; grifo do autor).

A literatura, para Lobato, era um dos muitos instrumentos de transformação da realidade, devendo desmascarar a mentira crônica: “O Brasil tem vivido cocainizado por uma ilusão — a de ter-se como um paraíso terreal,

---

<sup>32</sup> Ou em *Canaã*, como afirma VECCHI (1998): “certo utopismo ufanista de Milkau parece antecipar aquela que será a sua paródia em Policarpo Quaresma”. O Prof. Roberto VECCHI, da Universidade de Bolonha, Itália, em seu curso “Figuras e raízes do Brasil Moderno: para uma semântica dos tempos históricos e estéticos do pré-modernismo brasileiro”, realizado no Departamento de História da UFRGS, de 25 a 28/08/98, fez uma bela análise de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, analisando-lhe a estrutura que se compõe de movimentos utópicos e distópicos.

num país riquíssimo, invejado pelos outros povos”, repete, lançando mão da mesma expressão de Rocha Pitta, conforme vimos anteriormente.

Darcy Ribeiro (1997, p. 390) faz uma análise brilhante da posição de Lobato com relação ao Jeca Tatu: a de um fazendeiro, integrante da oligarquia paulista, diante do caipira, alijado de sua terra, forçado à integração e ao abandono de seu modo tradicional de vida<sup>34</sup>:

As páginas de Monteiro Lobato que revelaram às camadas cultas do país a figura do Jeca tatu, apesar de sua riqueza de observações, divulgam uma imagem verdadeira do caipira dentro de uma interpretação falsa. Nos primeiros retratos, Lobato o vê como um piolho da terra, espécie de praga incendiária que ataçava fogo à mata, destruindo enormes riquezas florestais para plantar seus pobres roçados. A caricatura só ressalta a preguiça, a verminose e o desalento que o faziam responder com um “não paga a pena” qualquer proposta de trabalho. Descreve-o em sua postura característica, acororado desajeitadamente sobre os calcanhares, a puxar fumaça do pito, atirando cusparadas para os lados. Quem assim descrevia o caipira era o intelectual-fazendeiro da Buquira, que amargava sua própria experiência fracassada de encaixar os caipiras em seus planos mirabolantes.

Em outro momento de seu livro, Darcy Ribeiro afirma que quem nos forjou a identidade, desde o Brasil colônia, foram sempre literatos, bastante comprometidos com seu *locus* da enunciação, criando uma série de mitos que, muitas vezes, não transcendem seu universo pessoal. Parece ser este o caso de Monteiro Lobato, que desabafa com seu cunhado Heitor em 1916:

Farto ando da roça e de me aborrecer diariamente com a maior peste que Deus ou o Diabo botou no mundo para eterno castigo

---

<sup>33</sup> Essa posição com relação a Alencar é partilhada por Oswald de Andrade que, no Manifesto Antropófago fala do “índio tocheiro. O índio filho de Maria, afilhado de Catarina de Médicis e genro de D. Antonio de Mariz”.

<sup>34</sup> Silviano Santiago tem opinião idêntica, expressa em seu artigo na *Folha de São Paulo*, (“O Civilizador dos trópicos”, Caderno MAIS!, 28 de junho, de 1998) por ocasião da comemoração do cinquentenário de Lobato: “Lobato posava de libertador do povo e, no entanto, era injusto e impiedoso para com esse povo. Lobato se esqueceu de que ele e demais latifundiários amigos eram os verdadeiros parasitas dos antepassados dos atuais agregados, como o tinham sido os velhos escravos. É na condição de também parasita que competia a ele diagnosticar os males do caboclo-parasita. Os defeitos do explorador do trabalho alheio (do latifundiário) se escondem para que mais salientem a indolência do explorado (do caboclo).”

dessa besta de carga que é um fazendeiro norte-paulista: o caboclo. Oh! Quadrúmanos! Oh! Quadrúpedes (ainda não afirmei em que espécie eles residem) vagabundos! Que horror eles têm ao trabalho! Suspiro pelo domínio alemão no mundo, porque só o alemão, conquistando este país, teria o topete bastante para revogar a Lei 13 de Maio, pichar a caboclada e pô-la a substituir o negro no eito, sob a vista de truculentos feitores armados de uma máquina de surrar aperfeiçoadíssima, movida a eletricidade.

Como se observa, o fazendeiro à beira da falência não só pensava na volta da escravidão, como imaginava até objetos para tortura, no intuito de submeter o caboclo.

### 1.2.2 Monteiro Lobato, leitor de utopias

O mosaico de títulos que emerge da correspondência geral de Monteiro Lobato mostra que ele leu vários autores de utopias<sup>35</sup>: Platão, More, Rabelais, Cyrano de Bergerac, Swift, Voltaire, Rétif de la Bretonne, Bernardin de Saint-Pierre, Anatole France, Zola, Wells. Nessa lista de autores, cabe distinguir contra-utopistas (Rabelais, Swift<sup>36</sup>); pensadores utópicos de tendência socializante (Anatole France, Zola), e pensadores de utopias científicas (Jules Verne e H. G. Wells, considerado o “utopista-tipo” (TROUSSON, 1979, p. 230). Desses autores, alguns influenciaram mais diretamente Lobato: Platão, Thomas More, Anatole France, Émile Zola, Jules Verne e H. G. Wells.

Vamos comentar algumas dessas leituras, procurando mostrar que foram, de certo modo, a matriz do pensamento utópico de Lobato.

A *República*, de Platão, cujo título é Governo ou Constituição da Cidade, é um colóquio entre Sócrates e alguns discípulos, realizado em casa do ancião

---

<sup>35</sup>Platão (*A República*); Rabelais (*Gargantua*, 1534); Cyrano de Bergerac (*Histoire Comique des États et Empires de la Lune*, 1657, e *des États et Empires du Soleil*, 1662); Swift (*Viagens de Gulliver*, 1726); Voltaire (*Candide, ou l'Optimisme*, 1759); Rétif de la Bretonne (*La Découverte Australe par un Homme-Volant ou le Dédale Français*, 1781; *L'An Deux-Mille*, 1790); Bernardin de Saint-Pierre (*Arcadie*, 1781); Anatole France (*Sur la Pierre Blanche*, 1903; *L'Île des Pingouins*, 1908); Zola (*Le Docteur Pascal*, 1893; *Travail*, 1901); H. G. Wells (*A Modern Utopia*, 1905). Ademais, entre os livros tombados de sua biblioteca, consta *Aventures de Télémaque* (1699), de Fénelon.

Céfalo, no porto de Pireu, em Atenas, há cerca de 24 séculos atrás<sup>37</sup>. Os ouvintes estão, antes de mais nada, empenhados em discutir o que é a justiça e como ela funcionaria na sociedade. Não existindo uma cidade perfeita, decidem fundá-la, na imaginação, para nela ver como opera o mecanismo da justiça e da injustiça<sup>38</sup>. É como se o livro de Platão fosse uma constituição o que, aliás, é bastante plausível, se pensarmos que Platão, ao escrever o livro, está descontente com sua pólis. Fez três viagens para Siracusa<sup>39</sup>, na Magna Grécia, tentando influenciar o tirano Dionísio e transformá-lo no rei-filósofo, mas foi expulso. É do fracasso de sua empreitada que nasce *A República*. As idéias desse livro resultam de aulas dadas a Dionísio II e a políticos de Siracusa, na Magna Grécia.

Fazer do rei um filósofo foi coisa que Platão só conseguiu no discurso. Na *República*, Platão acha que só com ajuda divina poderia conseguir seu objetivo: fazer o filósofo ter acesso ao poder ou o rei tornar-se um filósofo. (1965, v. 2, p. 216). A amargura pela frustração em implantar o seu projeto (a sua constituição de um governo ideal) transparece nas *Leis*, sua última obra.

Trata-se, então, na *República*, de estipular como seria o governo da cidade, quem seriam seus comandantes e que tipo de cidadão ali viveria. Platão desenvolve, no livro, a idéia de um Estado baseado na educação dos indivíduos para diferentes funções. Por isso, a idéia é começar com a educação da criança, o ponto zero, o marco inicial da cidade platônica.

---

<sup>36</sup> Lobato adaptou Swift: *Viagens de Gulliver ao País dos Homenzinhos de um Palmo*.

<sup>37</sup> A primeira edição de conjunto dos *Diálogos* é de aproximadamente 315 a.C. e deve-se à própria Academia.

<sup>38</sup> A grande discussão que subjaz à *República* é se vale ou não a pena ser justo. De certa forma, Lobato tematiza esse assunto no conto “Um homem honesto”, que se pode comparar ao mito do “Anel de Giges”, narrado por Glauco: tendo achado um anel que o torna invisível, o pastor Giges assassina o rei, conquista a rainha e apodera-se do trono. Esse conto ilustra a idéia de quem ninguém é justo por si mesmo e, na primeira oportunidade, deixará de sê-lo. Já no conto de Lobato, o homem honesto, depois que devolveu uma grande soma de dinheiro encontrada torna-se o mais infeliz dos homens, é considerado otário por todos, a começar pelos familiares, nada lhe restando a não ser suicidar-se ao final.

<sup>39</sup> Platão relata, na *Carta Sétima*, também conhecida como *Viagem a Siracusa*, o resultado de sua empreitada. Cf. afirma CHAUI (1994, p. 166), “Platão viaja a Siracusa para formar Dião, mas fracassa. Deste fracasso nasce a famosa expressão, usada por muitos historiadores da filosofia: não tendo podido fazer do rei um filósofo, escreverá para fazer do filósofo, rei.”

Nessa cidade ideal — Calípolis, a Bela Cidade, como é chamada (PLATÃO, 1965, v. 2, p. 124) — é preciso que se alie a ciência ao poder, isto é, os filósofos devem ser reis pois conhecem a justiça, ou os reis devem se tornar filósofos, para chegarem a ela. Vejamos como Platão define o rei-filósofo:

— Enquanto os filósofos não forem reis nas cidades, ou os que hoje chamamos reis e soberanos não forem verdadeira e seriamente filósofos: enquanto o poder político e a filosofia não se encontrarem no mesmo sujeito: enquanto as numerosas naturezas que perseguem atualmente um ou outro destes fins de maneira exclusiva não forem reduzidas à impossibilidade de proceder assim, não haverá termo, meu caro Glauco, para os males das cidades, nem, parece-me, para os do gênero humano, e jamais a cidade que há pouco descrevemos será realizada, tanto quanto possa sê-lo, e verá a luz do dia. (PLATÃO. 1965, v. 2, p. 45).

Como será esse filósofo-rei? Deve ser sincero, odiar a mentira, prezar a verdade, ser temperante, corajoso, justo, não acalentar sentimentos vis, estar amadurecido pela idade e pela educação. Assim, recebe uma educação particular, submete-se a toda sorte de provas, até conseguir, aproximadamente na casa dos cinqüenta anos, atingir a contemplação do Bem. Agora está pronto para legislar. Depois da missão cumprida, habitará a Ilha dos Bem-aventurados.

E quando houverem chegado à idade de cinqüenta anos, os que tiverem saído sãos e salvos destas provas e se tiverem distinguido em tudo e de toda maneira, na conduta e nas ciências, deverão ser levados ao termo e compelidos a elevar a parte brilhante de suas almas ao ser que dispensa luz a todas as coisas; e quando tiverem contemplado o bem em si, hão de utilizá-lo como modelo para regular a cidade, os particulares e suas próprias pessoas, cada um por seu turno, durante o resto da vida: passarão a maior parte do tempo no estudo da filosofia, mas, quando lhes tocar a vez, aceitarão penar nas tarefas de administração e governo, por amor à cidade, encarando-as, não como nobre ocupação, porém como dever indispensável: e, assim, após terem formando incessantemente homens que se lhes assemelhem, a fim de lhes legar a guarda do Estado, irão habitar as ilhas dos Bem-aventurados. (PLATÃO, 1965, v. 2, p. 142).

Podemos, agora, cotejar esse fragmento, com a síntese que o próprio Lobato faz de sua obra, comparando o *Sítio do Picapau Amarelo à República*, de Platão, e a contadora de estórias Dona Benta — um dos *alter ego* do escritor José Bento — ao rei-filósofo, em entrevista a Mário da Silva Brito:

Emília e Tia Anastácia têm idéias muito sérias a respeito do Brasil. Ambas desejam que este “gigante deitado em berço esplêndido” seja como o sítio de Dona Benta, esse lugar onde todos vivem felizes, contentes uns com os outros, e onde há plena liberdade de pensamento. Querem que o país se torne um sítio de Dona Benta, o abençoado refúgio onde não há opressão nem cárceres — lá não se prende nem um passarinho na gaiola. Todos são comunistas à sua moda, e **estão realizando a república de Platão, com um rei-filósofo na pessoa de uma mulher: Dona Benta.** (v. 13, p. 308-309; o grifo é nosso).

O *Sítio* é claramente indicado como paradigma, assim como a cidade de Platão é tida como um modelo da cidade ideal, talvez inexecutável, a não ser com a ajuda divina, pensa Platão. Lobato refere-se ao *Sítio* como uma espécie de comunismo primitivo.

Não seria essa a única semelhança entre as duas cidades ideais. Na Calípolis platônica, as artes são condenadas por falsearem a realidade. Não seriam prejudiciais as fábulas que contamos às crianças, demanda-se Sócrates, já que representam os deuses e os heróis de forma inconveniente (lamentação ou riso excessivo)? Os poetas, além de enganosos, são imitadores, reproduzem a imagem de um objeto que, por sua vez, é cópia de uma Idéia. Platão, na *República*, pede que se vigiem os poetas, mas também os demais artífices para “impedi-los de introduzir o vício, a incontinência, a baixeza e a feiúra na pintura dos seres vivos, na arquitetura, ou em qualquer outra arte” (1965, v. 1, p. 173).

Nunca é demais lembrar as diatribes de Lobato contra a arte moderna, embora a ruptura do pacto mimético que condenara se opõe a Platão. Em outras palavras, Lobato quer a arte /espelho e Platão abomina a mímese, preocupado que está com a Idéia. Por isso, expulsa os poetas de sua cidade imaginária, não sem antes coroá-los.

Vejamos outras idéias de Platão, compartilhadas por Lobato.

Ao final da *República*, temos a doutrina da metempsicose, a vida vindoura que nos aguarda, sob as mais diferentes formas. O destino da alma não se estanca no tumba. Er, voltando do reino dos mortos, faz revelações sobre a vida futura. Essas idéias se coadunam com a concepção espiritual de Lobato, conforme discutiremos no segundo capítulo. Também na *República* de Platão emerge a idéia de que o bem público está acima do bem privado, como acontece no pensamento lobatiano.

Platão pregava a mesma educação para homens e mulheres, a eugenia, e o governo de um pequeno número de filósofos. A educação dos filhos seria socializada: “— As mulheres de nossos guerreiros serão todas comuns a todos: nenhuma delas habitará em particular com nenhum deles: do mesmo modo, os filhos serão comuns e os pais não conhecerão os filhos nem estes os pais.” (Patão, 1965, v. 2, p. 18). Nota-se que nesse universo não se fala em amor (nem sequer o amor filial é contemplado). Pode-se perguntar se essa cidade, isenta de amor, cidade cujos sentimentos maternais, filiais e sensuais estariam como que anestesiados, seria mesmo a cidade ideal?

Para Platão, a cidade ideal não é democrática, mas fundamentalmente aristocrática, pois confere aos melhores a autoridade suprema. Para explicar as diferenças de classe, Platão concebe o mito das quatro raças: a de ouro (a dos magistrados), destinada a comandar; a de prata (a dos guardiães), destinada a proteger a cidade; a de bronze e de ferro (a dos artesãos), destinada aos trabalhos e à manutenção da cidade.

A concepção política de Lobato tampouco era especialmente democrática. Pensava que era a elite esclarecida que devia governar o país. Por isso, propugnou pelo voto secreto não obrigatório, que chamava de censo alto. Em lugar de o povo (“tabaréus boçalíssimos”) votar, em troca de um chapéu novo ou de algumas moedas, o voto secreto facultativo levaria às urnas a elite. Por que esta se abstém, até então, de votar a descoberto, pergunta-se.

Ao lado dessa massa bruta, deste músculo inconsciente ao qual a lei dá funções de cérebro mas que permanece músculo, visto como acima das leis humanas estão as leis naturais, ao lado dessa multidão ignara, verdadeiramente boçal, vi a elite do país, a parte culta, a parte cérebro, a parte pensante, a parte nobre por excelência, conservando-se na mais rigorosa abstenção! De modo que entre nós vota quem não tem o direito natural de voto; e não vota justamente quem devia votar, isto é, quem possui a capacidade natural de voto, com base na cultura e no discernimento! [...]. (v. 9, p. 298-299).

Para Lobato, o voto secreto, em lugar de ser uma forma de o povo participar democraticamente da vida política, significava uma forma de afastá-lo, pois não recebendo recompensa, a maioria não iria votar:

Deixando de ir às urnas essa massa bruta, desaparece o motivo que delas afastava a elite da nação, e veremos apresentarem-se os homens de bem, os homens cultos, todos enfim que constituem a parte nobre do país. E isto automaticamente, naturalmente, sem forçar a ninguém e sem infringir essa grande ilusão do sufrágio universal, que é ainda a base das democracias modernas. (v. 9, p. 302).

Vamos agora a Thomas More que, juntamente com Bacon e Campanella no século XVII, foi o fundador do gênero utópico. Todos os utopistas reivindicam a idéia greco-romana da cidade ideal. Eles a imaginam à imagem do cosmos, onde reina uma ordem inspirada em uma harmonia superior — a do Grande Operário. Diferentemente dos sonhos milenaristas e das promessas escatológicas, aqui nenhuma providência divina é requerida. Diferentemente da Idade de Ouro e dos Países de Cocanha, a natureza não dá mostras, em Utopia, de uma generosidade sobrenatural, que dispensaria as fadigas humanas.

A cidade que Thomas More descreve é uma sociedade ideal realizada pelo esforço humano. Nela, transparece uma vontade de reforma em profundidade. Os principais tópicos do livro são a supressão da propriedade privada, trabalho para todos, estado agrário, rebaixamento do ouro, língua universal e eugenia.

Publicado em 1516, *Utopia*, de Thomas More, funda um gênero novo, no cruzamento da literatura, da política e da filosofia. A utopia, como gênero literário e como filosofia, nasce propriamente no Renascimento, pois traduz uma idéia própria do humanismo: o mundo é uma construção humana.

A primeira edição do livro de More traz em sua capa a ilustração de uma Ilha e de seu alfabeto, que configuraria a língua universal. Há versos que dizem: “representei para os mortais a cidade filosófica”.

O livro de More coloca-se como contraponto da Inglaterra de seu tempo. De um lado, há o retrato de uma Inglaterra distópica, onde os campos começavam a ser cercados, expulsando os camponeses para as cidades, gerando a miséria no campo, criando ladrões para enforcá-los em seguida<sup>40</sup>. Nessa Inglaterra, a justiça é uma máscara que favorece os bajuladores; os ociosos valem-se do trabalho das classes inferiores. De outro lado, Thomas More descreve as instituições das cidades da Ilha Utopia, um lugar ideal, baseado na *República*, de Platão: um lugar onde a felicidade é possível, desde que coletiva.

Estou portanto convencido de que os recursos só podem ser repartidos com igualdade e justiça, que os negócios dos homens só podem ser bem administrados, se for suprimida a propriedade privada. Enquanto ela subsistir, a parte mais numerosa e melhor da humanidade carregará um pesado e inevitável fardo de miséria e de preocupações. (MORUS, 1997, p. 62).

More é tão radical que justifica inclusive a invasão de terras inativas, pois se o homem tem que se alimentar e outros detêm a terra, deixando-a como “um bem inútil e vacante”, justifica-se tomá-la à força, prevalecendo a lei da natureza, que reza que todos têm que se alimentar.

---

<sup>40</sup> Escreve Franco (2000, p. 140): “Talvez seja interessante reproduzir aqui uma informação documentada de Karl Marx no seu capítulo destinado à gênese do capital, e segundo a qual, nos últimos quinze anos do reinado de Henrique VIII, nada menos de 72.000 pessoas foram enforcadas por vagabundagem e vida irregular.”

Paralelamente à supressão da propriedade privada, o trabalho deve ser estendido a todos, num período de seis horas. Atente-se à ousadia dessa idéia, lembrando que em 1802, uma lei do Parlamento inglês limitava o trabalho das crianças a dezoito horas por dia.

Se todos trabalham apenas seis horas, pensarão vocês, não haverá inevitavelmente o risco de uma escassez de objetos de primeira necessidade?

— Longe disso: [...]

— Vocês me compreenderão facilmente se pensarem na considerável parcela da população que permanece inativa entre os outros povos, a quase totalidade das mulheres, em primeiro lugar, ou seja, a metade da humanidade; ou então, onde as mulheres trabalham são os homens que roncam em seu lugar. Acrescentem a isso os padres e os chamados religiosos, que formam um bando numeroso e ocioso. Acrescentem todos os ricos, sobretudo os latifundiários, os chamados nobres. Acrescentem seus lacaios, essa escória de patifes em armas: e os mendigos robustos e saudáveis que inventam uma invalidez para justificar sua preguiça. E verão que são bem menos numerosos do que supunham aqueles cujo trabalho provê as necessidades dos homens. (MORUS, 1997, p. 81-82).

Outro autor de utopias lido por Lobato é Anatole France. Seu romance *Sur la Pierre Blanche* (1903) fascinou o escritor<sup>41</sup>. Esse livro tem apenas um capítulo de caráter utópico: trata-se de “Pela porta córnea ou pela porta ebúrnea”<sup>42</sup>, no qual o personagem Hippolyte Dufresne, depois de um longo sono, acorda no ano 2270, época em que a humanidade vive uma nova era, baseada no coletivismo e no progresso científico. Nesse texto profético, Anatole France prevê a revolução russa, a supremacia econômica do Japão, a guerra

---

<sup>41</sup>Como Rangel mostra-se reticente em ler esse romance, Lobato esbraveja, em carta: “Não pôde? Impossibilidade material como olho furado? Proibição da polícia?” (v. 11, p. 218), o que mostra a importância que Lobato dava ao livro. O entusiasmo de Lobato por Anatole France — compartilhado por Lima Barreto, não se restringe obviamente a isso. Vale lembrar que Lima Barreto, no artigo “Literatura militante”, está falando também de Anatole France. “A começar por Anatole France, a grande literatura tem sido militante. Não sei como o Senhor Malheiro Dias poderá classificar a *Ilha dos Pingüins*, os *Bergerets*, e mais alguns livros do grande mestre francês, senão dessa maneira”.

<sup>42</sup> Título referente ao Livro XIX da *Odisséia*, em que Penélope conta a um desconhecido (o próprio Ulisses) o seu sonho (vinte gansos devorados por uma águia). Penélope fala que os sonhos vêm através de duas portas: os falazes, através da de marfim, e os verdadeiros, da de chifre.

eletrônica, a federação européia, chamada de “Estados Unidos da Europa”, uma época sem tribunais, exércitos, comércio ou propriedade individual. Já o romance *L’Île des Pingouins* (1908), que Lobato assinala na correspondência com Godofredo Rangel, apresenta uma versão negativa do progresso no seu capítulo final “*Temps futurs*”, conforme assinalou Trousson (1998, p. 68).

Com relação à influência de Zola, Lobato cita *Le Docteur Pascal* e *Travail*. Em carta de 20/1/1904, escreve a Rangel: “E eu estava cansado, esmagado pela genial estopada do maçante Zola no *Travail*”, livro que apresenta uma pequena sociedade feliz, organizada nos moldes fourieristas<sup>43</sup>.

Em *Mundo da Lua* (1923), coletânea das reflexões juvenis do diário de Lobato, encontramos o seguinte trecho sobre *Le Docteur Pascal*:

*Le docteur Pascal*. A sensação de quem sai dum romance de Zola é sempre a mesma, de reconciliação com o mau presente e de imensa esperança no futuro. Pascal é o homem por vir, cidadão desse mundo de verdade e justiça que Zola sonhou. Também Clotilde é a mulher futura, companheira meiga dos futuros Pascais. Nascidos assim fora de tempo, caíram vítimas da precocidade, hostilizados pelo meio. É grande Zola, nestes revôos pelos países quiméricos donde traz criações deste jaez. E é o maior dos românticos. Abandona o passado e romantiza o futuro. Lógico, talvez sua obra morra por excesso de lógica. Todo excesso mata. (v. 10, p. 38-39).

Quanto a Jules Verne, Lobato reputa-o como um dos formadores de seu espírito (v. 10, p. 8). O capitão Nemo<sup>44</sup>, comandante do submarino Nautilus de *Vinte mil léguas submarinas*, é título de um capítulo do livro *O Presidente Negro*, de Lobato, que compara literalmente seu personagem — o cientista Benson — ao personagem de Verne: “Eu lera em criança um romance de Júlio Verne, *Vinte Mil Léguas Submarinas*, e aquele gabinete misterioso logo me evocou várias gravuras representando os aposentos reservados do capitão

---

<sup>43</sup> Esse romance é o último que Zola publica em vida e integra o ciclo *Quatre Évangiles: Fécondité* (1899), *Travail* (1901), *Verité* (póstumo) e *Justice* (inacabado).

<sup>44</sup> Segundo Sevcenko (1983, p. 182), esse personagem casmurro e misantropo de Verne, que se embrenha no mar cercado de toda uma parafernália científica, teria servido de modelo para vários personagens de Lima Barreto. Francis Lacassin (*Magazine Littéraire*, 1976, p. 25) define

Nemo. Lembrei-me também do professor Aronnax e senti-me na sua posição ao ver-se prisioneiro no ‘Nautilus’” (v. 5, p. 142). A figura do cientista é corriqueira nos livros de Verne, tanto quanto nos de Lobato, que plasmou, num sabugo de milho, o personagem do cientista. Quando envereda pela literatura infantil, Lobato refere-se a Jules Verne, afirmando que pretendia escrever livros onde as crianças pudessem morar, como ele próprio morara no *Robinson* e n’*Os Filhos do Capitão Grant*.<sup>45</sup> (v. 12, p. 293).

Com suas *Voyages Extraordinaires*, Jules Verne foi um grande divulgador da ciência e da técnica. Michel Serres (1974), em *Jouvences sur Jules Verne*, nos descortina a complexidade dessa extensa obra que resume, na sua opinião, o “itinerário humano”<sup>46</sup>. Umberto Eco (1991, p. 116) afirma que na *Ilha Misteriosa*, de Verne, “o engenheiro Cyrus Smith transforma a ilha selvagem em algo semelhante a uma escola politécnica, fabricando até mesmo nitroglicerina, com uma sapiência de *bricoleur* verdadeiramente excessiva”. Segundo Maria José Queiroz (1998, p. 169), em *Os Males da Ausência ou a literatura do exílio*, “seduzido pelo tema da insularidade, Júlio Verne refez com os naufragos da *Ilha Misteriosa* todo o trajeto cumprido pelo *homo faber*”. Assim como Balzac, como o nosso Alencar, Verne tinha um afã totalizante. Tentou realizar a utopia do fim do século XIX: o saber para todos. Trabalhava em sintonia com o editor Hetzel, que apostava em livros populares para a juventude. Embora tenha criado obras calcadas na imaginação, o caráter didático de sua obra é evidente.

Lobato também visa à totalidade, quando escreve sua obra infantil, que é toda uma biblioteca. No *Sítio do Picapau Amarelo*, reforma-se a natureza, estuda-se geologia, descobre-se petróleo. Em *Viagem ao Céu*, cita Verne (*Da*

---

Nemo: “Com Nemo, e ainda mais com Robur, Jules Verne criou um herói de dimensão prometéica, uma estátua de bronze quente atravessada por tentações nietzschianas.”

<sup>45</sup> *Les Enfants du Capitaine Grant* (1867-68) integram as *Voyages Extraordinaires*, de Verne.

<sup>46</sup> Serres (1974, p. 12) compara essa obra ao *Cours de Philosophie Positive*, de Comte: “nenhuma região que existe deixará de ser atravessada, desse país de enciclopédia, que é o mundo mesmo, as terras conhecidas, classificadas por Auguste Comte, e as desconhecidas, o não-sabido temporário que a narrativa explora.”

*Terra à Lua*). Cria, em *O Minotauro*, o navio “Beija-flor das Ondas”, para levar seus personagens à Grécia antiga; e, em *Geografia de D. Benta*, o navio “Terror dos mares”<sup>47</sup>, para conduzir seus personagens a um passeio pelo globo terrestre pela geografia. Como em Verne, Lobato percorre o espaço celeste (*Viagem ao Céu*) e o submarino (o Reino das Águas Claras). Sua temática não se limita à Terra, mas ao universo.

H. G. Wells, autor de *A Modern Utopia* (1905), também exerceu influência decisiva sobre o pensamento de Lobato, que foi seu introdutor no Brasil, traduzindo-lhe na década de 30 os seguintes títulos: *O Homem Invisível*, *A Ilha das Almas Selvagens*, *História do Futuro*, *O Destino da Espécie Humana*, *A Construção do Mundo*, um tomo da enciclopédia *História Universal*, todos pela Companhia Editora Nacional, editora que fundara no final da década de 20, juntamente com Octales Marcondes Ferreira.

Em carta a Rangel, de 1905, Lobato afirma estar “semeando” uma obra de antecipação. Se, no final da vida, autodenominou-se o “Andersen da América Latina”, no início da carreira ambicionava ser o “Wells de Taubaté”:

Ando com idéias dumais coisas a Wells em que entrem imaginação, a fantasia possível e vislumbres do futuro — não o futuro próximo de Júlio Verne, futurinho de 50 anos, mas um futuro de mil anos. [...] Se a terra dos meus canteiros mentais não for propícia a essas sementinhas, então é que não estou destinado a ser o H. G. Wells de Taubaté, e paciência. (v. 11, p. 113).

Já em carta ao escritor Flávio de Campos, de 29/10/1939, Lobato escreve:

Demorei-me para atracar-me com V. porque estava concluindo a tradução de um livro que terás de ler, porque é básico — *The Shape of Things to Come*<sup>48</sup>, que vamos dar com o título de

<sup>47</sup> É o navio do Capitão Gancho, que em *Peter Pan*, chama-se Hiena dos Mares. Agora, com outro nome, o navio pertence a Pedrinho.

<sup>48</sup>Trousseau (1998, p. 37) já aproxima esse livro da contra-utopia. Anísio Teixeira afirma, em carta a Lobato (1986b, p. 81) que queria traduzir esse livro: “O *The Shape of Things to Come*, de Wells, é um dos meus manuais, a continuação do *Outline*, com o mesmo método, a mesma exatidão penetrante, até o ano 2106 [...]. Nada conheço de mais convincente, de mais persuasivo, de mais fulminante contra as estupidezas atuais e de mais inspirador de grandes esperanças para o futuro.”

História do Futuro. Havemos mais tarde de conversar sobre esse monumento de *utopia científica*. Todas as utopias anteriores, da de Platão à de More, foram apenas filosóficas.” (LOBATO, 1986a, p. 63; grifo do autor).

Em 1947, pouco antes de morrer, Lobato escreve, da Argentina, uma carta a um jovem amigo, Hernani Ferreira, totalmente dedicada a Wells:

A leitura de Wells é indispensável. Não compreendo um intelectual moderno sem muito Wells na cabeça. Sobretudo o da *Formação do Mundo*. É indispensável para nós mais do que para qualquer outra gente, dada a nossa falta de cultura, ou de base científica. A biologia, ciência hoje fundamental, foi ele quem a vulgarizou chegando até a *Science of Life*, que te recomendo acima de tudo. Estamos na era da vitória absoluta da ciência, culminada com a abertura de um mundo novo, a nova América que vai nascer da física atômica e que é o amanhã [...]. Wells é a penicilina da teologia. [...] Devo muito a Wells. Foi um dos meus desasnadores, talvez o meu San Martín<sup>49</sup>. (LOBATO, 1986a, p. 72).

Em uma de suas últimas entrevistas, Lobato responde ao jornalista que lhe perguntara sobre o mundo que desejava, invocando o país do futuro sob os traços daquele descrito por Wells. “— Ah, eu desejo aquele mundo que Wells pinta na ‘História do Futuro’, tão bom que até desaparece a classe das lavadeiras: a roupa é feita duma substância nova e baratíssima - e usada uma vez só [...]” (v. 13, p. 299).

Influenciado por Wells, Lobato concretizará seu projeto de ficção científica apenas em 1926, quando escreveu o romance *O Presidente Negro*<sup>50</sup>, livro de antecipação, “meio a Wells, com visão do futuro”, conforme afirma (v. 12, p. 293). Nesse livro, cuja tônica é a eugenia, o personagem professor

---

<sup>49</sup> Referência ao general e libertador argentino, comparado a Aníbal e Napoleão.

<sup>50</sup> Publicado inicialmente em folhetim, no jornal *A manhã*, 1926, foi editado com vários títulos (*O Choque*, *O Choque das Raças*, *Reino Louro*). Convém observar que Lobato deu o subtítulo de “Romance americano do ano 2228”. Acreditamos, porém, que o termo “romance” é inadequado, pois se trata de um livro muito esquemático, que privilegia a descrição em detrimento da narração. Conforme assinalou Trousson (1998, p. 31), a narrativa utópica caracteriza-se, justamente, pela “indigência romanescas” e isso se entende, pois os personagens são meros espectadores. Não há herói “problemático” em conflito com seu mundo, logo não há romance.

Benson inventa um instrumento chamado “porviroscópio”<sup>51</sup>, que pode perscrutar o futuro. Com a ajuda do porviroscópio, o professor Benson focaliza os Estados Unidos do ano 2228, onde, diante da vitória nas urnas de um presidente negro, os chefes da raça branca inventam um estratagema fraudulento, baseado na ciência (a esterilização mediante um produto de alisamento para cabelos), visando à exterminação dos negros americanos. Esse livro é um exemplo de uchronia, ou seja, é a projeção de uma sociedade no futuro.

Notamos que foi antes o sociólogo, o enciclopedista Wells que influenciou Lobato<sup>52</sup> e não o escritor de contos fantásticos amado por Borges. Uma pitadinha do estilo de Wells pode ser encontrada no livro *O Saci*. Quando o duende desaparece, depois de ter salvo Narizinho das garras da Cuca, deixa-lhe um raminho de miosótis, em inglês, “*forget-me-not*”. Ora, o explorador do futuro, na *Máquina do Tempo*, de Wells, também encontra no bolso uma flor murcha, lembrança derrisória de sua incursão pelo mundo do futuro.

O pessimismo de Lobato em relação ao ser humano encontra eco em Wells. Em *A Máquina do Tempo* (1895)<sup>53</sup>, um explorador percorre o tempo no futuro, passando por paisagens habitadas por estranhos seres (no ano 800.000, os cândidos Elóis que habitam a superfície são devorados pelos repugnantes Morlocks antropófagos, que habitam as entranhas da terra). Ao chegar a 30 milhões de anos futuros, o explorador depara com enormes caranguejos que habitam uma paisagem desolada, onde o ar é rarefeito e o sol, baço. Tudo fora varrido da superfície da terra: é o ocaso do nosso planeta. E o narrador do livro indaga, no fim, se valeu a pena tanto progresso para se chegar a essa “terra devastada”. Eis uma amostra do pessimismo cósmico de Wells — que Lobato subscreve —, para quem o *Homo sapiens* atualmente no comando do planeta, age em detrimento de todas as formas de vida, e o levará fatalmente à

---

<sup>51</sup> “uma espécie de globo cristalino” [...] “o *porviroscópio*, o aparelho que toma o corte anatômico do futuro, como pitorescamente diz Jane, e o desdobra na multiplicidade infinita das formas de vida futura que estão em latência dentro da corrente congelada” (v. 5, p. 165).

<sup>52</sup> Anísio Teixeira também era um entusiasta de Wells. Escreveu a Lobato, em 1936, que “há mais pedagogia em Wells do que em todos os professores do mundo”. (LOBATO, 1986b, p. 74).

<sup>53</sup> Lobato dá-nos um resumo desse livro em seu artigo “Rondônia” (v. 4, p. 137).

autodestruição. Segundo Trousson (1979, p. 237), o que está em jogo nas utopias ao estilo de Wells “é o devir psicobiológico do homem, sua história enquanto espécie e não mais enquanto ser social”.

### 1.3 O utopismo iluminista-desenvolvimentista-reformista

Como falamos anteriormente, a utopia caracteriza quer um gênero literário, quer uma ação (utopia concreta). Acreditamos que o pensamento de Monteiro Lobato abriga essas duas tendências: a utopia escrita e a praticada. Literariamente, cria um mundo ideal, o *Sítio do Picapau Amarelo*, que Marisa Lajolo (1981, p. 104) chamou de “sede da utopia”, espaço ilhado que serve de trampolim para espaços alternativos<sup>54</sup>. Outrossim, mediante suas atividades como capitão de indústria<sup>55</sup>, tenta corrigir, por intermédio da modernização, o mau presente, pois como assinalou Ricoeur (1997, p. 306), “a utopia não é apenas um sonho, mas um sonho que aspira a realizar-se”.

Como empresário, Lobato levou a cabo quatro campanhas básicas: a do saneamento, a do livro, a do ferro e a do petróleo. Nessas campanhas, fala-se do gigantismo do sonho, do titanismo<sup>56</sup> do escritor. Loraine Luz o definiu com a feliz expressão “um perfurador de poços impossíveis”<sup>57</sup>. O educador Anísio Teixeira também o considera um homem voltado para o amanhã. Em uma carta que endereçou a Lobato, elogia seus livros infantis, de caráter didático: “As idéias que lhe roem a cabeça como piolhos são do tope das que roíam a cabeça daquele outro visionário que foi Bacon. Com ferro, petróleo e inteligência se hão de afinal construir a ‘componente nova’ do Euclides.” (LOBATO, 1986a, p. 41).

---

<sup>54</sup> Da mesma forma que, em Nova Atlântida, de Bacon, os “mercadores de luz” abandonam o espaço ilhado para irem aprender em outras geografias.

<sup>55</sup> A expressão de Schumpeter é usada por Caio Prado Júnior para definir Lobato. (LOBATO, 1950, v. 7, p. x.).

<sup>56</sup> A expressão é de Cassiano Nunes, *Jornal de Brasília*, 1/2/98.

<sup>57</sup> Cf. *Jornal Zero Hora*, 20/9/1997, Porto Alegre.

Ao analisar a correspondência entre Anísio Teixeira e Lobato, Cassiano Nunes (1986b) afirma que, nessas cartas, ressoa a “utopia pedagógica de *O jogo das contas de vidro*”, de Herman Hesse. Regina Zilberman, por sua vez, (1982, p. 37), também assinala que o *Sítio do Picapau Amarelo* é o contraponto utópico à estrutura social brasileira vigente. Observamos, assim, que vários estudiosos já destacaram Monteiro Lobato como utopista. Por nossa parte, gostaríamos de explicitar os mecanismos utópicos em jogo na obra.

Se a campanha pelo saneamento básico dá prosseguimento a um amplo movimento iniciado no final do século XIX, baseado nas pesquisas científicas de Oswaldo Cruz, a campanha pelo livro leva Lobato a vender sua fazenda de dois mil alqueires e investir todo o seu capital na indústria livreira. Nessa atividade, a desmesura de seus empreendimentos somada à conjuntura política e econômica brasileira, levou-o à falência. Seus inúmeros insucessos comerciais são tributados, pelos amigos, ao fato de ele ser um sonhador.

Acreditamos que é sobretudo nas campanhas pelo ferro e pelo petróleo que se destaca o utopismo do pensamento de Monteiro Lobato: um homem sozinho, literato por acréscimo, contra uma máquina burocrática baseada historicamente na prática da corrupção, do favor e do apadrinhamento, vai buscar, nas entranhas da terra, o petróleo e o ferro, empreendimento de porte, num país de estruturas arcaicas como o Brasil, visando a promover o progresso social.

Os livros *Ferro* (1931) e *O Escândalo do Petróleo* (1936) integram o gênero panfletário, pelo tom provocativo, cáustico e pela linguagem de combate.

Em vários momentos de sua obra, Lobato insurge-se contra os idealistas utópicos, aqueles que se regem apenas por idéias, pregando o idealismo orgânico, que busca “melhorar o que existe” (LOBATO, 1986a, p. 137).

Alicerçado na idéia de que o progresso técnico elevará o nível de riqueza e beneficiará toda a população, escreve a Anísio Teixeira em 1932:

Como anima e levanta a alma da gente, isto de iniciar uma coisa grande, uma coisa que pode crescer indefinidamente e da qual todos poderão se beneficiar! Em vista disso, mergulhei-me no OIL de corpo inteiro e não mais me interessam o caso mineiro, o caso paulista e mais a infinidade de casos MEXE ANGU. Só me preocupa o problema da solução prática do AUMENTA ANGU. E em vez de pregar para que os outros façam, pegar e fazer. (LOBATO, 1986a, p. 94).

Desde o início dos anos 20, Lobato volta-se para os Estados Unidos, modelo em termos econômicos (ferro e petróleo) e político (liberalismo). No livro *América* (1932), resume o seu entusiasmo pela civilização americana: “Inda há de surgir o Nietzsche americano que ponha em filosofia e imponha ao mundo, como dogma novo, a impetuosidade alegre dos grandes Vândalos que estão a criar o mundo de amanhã” (v. 9, p. 122). Abordaremos esse assunto no quarto capítulo.

Examinemos agora em que medida as características do utopismo aparecem no pensamento de Monteiro Lobato:

### 1.3.1 Anticlericalismo

Em relação ao problema religioso, as obras utópicas apresentam diferentes soluções. No pensamento utópico há um ecletismo religioso, a começar por More; mesmo se, em seu livro, este coloque ao lado do deus Mitra o próprio Cristo, pois era um ardente cristão, tendo sido decapitado por opor-se a Henrique VIII e defender a Igreja de Roma, o que lhe valeu a canonização em 1935<sup>58</sup>. O pensamento religioso na *Utopia* apresenta uma síntese entre paganismo e cristianismo:

Suas religiões variam de uma cidade a outra, e mesmo no interior de uma única cidade. Uns adoram o sol, outros a lua ou algum planeta. Há também os que veneram como deus supremo um homem que se destacou em vida por sua coragem e por sua glória. (MORUS, 1997, p. 144-145)

---

<sup>58</sup> Homenageado com uma estátua pelos líderes da Revolução Russa e canonizado pela Igreja.

Em outro momento do livro, More refere-se ao “operário de todas as coisas”, que expõe a “máquina do mundo” (a expressão é de More) ao homem, com o fito de que este participe da sua criação: “Nas idéias utopianas, o criador, assim como os operários da terra, expõe sua máquina do mundo aos olhos do homem, único ser capaz de compreender esta bela imensidade. Deus olha com amor aquele que admira essa grande obra e procura descobrir suas molas e leis; olha com piedade o que permanece frio e estúpido perante esse maravilhoso espetáculo<sup>59</sup>, como um animal sem alma” (MORE, 1979, p. 264).

Em Campanella e em Bacon domina o cristianismo. Porém, dentro de uma mentalidade antropocêntrica, que quer plasmar o paraíso na terra, nas utopias sobra pouco espaço para religiões como o cristianismo, que se revelam como uma negação da vida, na espera da recompensa no além.

Na obra de Lobato, ressentido-se o anticlericalismo, possivelmente reforçado por Nietzsche, de quem traduziu o *Anticristo* e *O Crepúsculo dos Ídolos*, em 1906. Lobato tratava o clero de forma desrespeitosa: eram os “percevejos de batina”. Lendo-se a passagem a seguir, compreende-se por que o autor foi expurgado de muitos colégios católicos<sup>60</sup>: “O grande principio da justiça humana, consagrado pelo Deus carniceiro inventado pelo homem à sua imagem e semelhança, resume-se nesta coisa horrenda: o inocente pagará o crime do pecador. Principio bíblico! Divino! [...]” (v. 5, p. 61).

### 1.3.2 Rebaixamento do dinheiro

Monteiro Lobato ganhou e perdeu muito dinheiro. Neto de visconde, herdeiro de uma fazenda vendida em 1917 por 40 mil dólares, acabou a vida em um apartamento cedido pela Editora Brasiliense, que fundara juntamente

---

<sup>59</sup> É o que ocorre com o “eu lírico” do poema “A máquina do mundo”, de Drummond.

<sup>60</sup> Coelho (1985, p. 190) afirma: “Em Taubaté, por volta de 1934, tem início uma campanha contra Lobato, movida por colégios religiosos. Motivaram essa reação, certas ‘verdades’ divulgadas em *Histórias do Mundo para as Crianças* (1933) e *Geografia de D. Benta* (1935). Tal reação propala-se e chega a Portugal, onde Salazar proíbe a circulação da *Histórias do*

com Caio Prado Júnior. Investiu na Bolsa de Nova York em 1929, e perdeu todo o seu capital, sendo obrigado a vender suas ações da Cia. Editora Nacional. Na década de 30 e 40, teve que sobreviver fazendo traduções (traduziu mais de cem livros), trabalhando “a galope”.

Em certa oportunidade, quis comprar uma paineira florida. Para tanto, teve também que comprar, é claro, a casa onde a paineira estava. Insistiu, certa época, em doar parte de sua fazenda ao amigo Godofredo Rangel, para curá-lo da neurastenia. Esses dados mostram a falta de cerimônia que Lobato tinha para com o dinheiro, pois, impulsionado pelo sonho, não fetichizava nenhuma mercadoria, nem mesmo o ouro.

Focalizemos seu artigo “Moeda regressiva” (v. 10, p. 197), de cunho político-financeiro, artigo que, à primeira vista, poderia parecer incongruente, tal o despropósito das soluções financeiras ali apontadas. Quando publicado no México, no jornal *El Economista*, sob o título “*La Moneda Rescindible*”, o diretor do jornal não deixou de assinalar a “viva imaginación del autor”, surpreendente em um artigo de cunho técnico.

Cotejado com o universo utópico, porém, tal artigo ganha especial relevo. Nesse artigo, Lobato propõe um plano econômico baseado na depreciação constante da moeda retirada da circulação pelos usuários ou poupadores.<sup>61</sup> Ou seja, a moeda se tornaria deteriorável e, de forma alguma, seria remunerada, como ocorre habitualmente. Seus detentores seriam obrigados a trocá-la por mercadorias, o que geraria a valorização do trabalho humano, e a desvalorização do dinheiro, como ocorre na ilha Utopia, onde paralelamente à desvalorização da moeda há a valorização do trabalho. “Guardar moeda equivalerá a guardar sorvete no forno”, assevera Lobato (v. 10, p. 208).

---

*Mundo....*, já condenada no Brasil por várias ‘distorções’ ou livres interpretações dos fatos históricos”.

<sup>61</sup> Essa idéia está presente na fábula “Unha de fome”, inspirada em pelo menos duas fábulas de La Fontaine: “*O entesourador e o macaco*” e “*O tesouro e os dois homens*” (ambas sobre a usura), na qual um avaro, que escondera seu tesouro, é roubado e perde tudo. No comentário de Dona Benta, apenso à fábula, aparece o seguinte trecho: “— Mas o dinheiro é uma utilidade pública, Emília, e ninguém tem o direito de retirá-lo da circulação. Quem faz isso prejudica aos outros”. (LOBATO, 1982, p. 444). Notamos assim o caráter circular da obra de Lobato.

Dessacralizando o ouro, pregando o seu rebaixamento como padrão monetário, Lobato exalta as virtudes das moedas de níquel, em constante circulação devido a seu baixo valor. A moeda regressiva não mais teria lastro em ouro: “[...] o ouro volta ao seu papel de simples metal, de mercadoria como qualquer outra, carvão, trigo ou sapatos; volta a ser um simples produto do trabalho humano — trabalho extrativo”. (v. 10, p. 204-205).

Esse rebaixamento do ouro também está presente na cidade ideal de Platão. Nem os magistrados nem os guardiães devem fazer-lhe caso, tendo que se contentar com o metal de origem divina que lhes conforma o nascimento, metal que lhes foi designado, na origem, segundo a teoria das quatro raças: a de ouro (os magistrados), a de prata (os guardiães), a de ferro e de bronze (os demais):

No tocante ao ouro e à prata, dir-lhe-emos que contam na alma com os metais que receberam dos deuses, que não precisam os dos homens, e que é ímpio macular a posse do ouro divino, juntando-a a do ouro mortal, porque muitos crimes foram perpetrados pelo metal amoedado do vulgo, enquanto o deles é puro; que só a eles, dentre os habitantes da cidade, não é permitido manusear e tocar ouro, nem estar sob um teto que o abrigue, nem carregá-lo consigo, e nem beber em taças de prata ou de ouro; que assim hão de salvar-se a si mesmos e hão de salvar a cidade. (PLATÃO, 1965, v. 1, p. 194).

Essa posição aproxima-se da de More, na *Utopia*, onde o ouro se destina à confecção de correntes para prisioneiros e de recipientes destinados a uso pouco nobre: “Ao mesmo tempo que comem e bebem em utensílios de terracota ou de vidro, de forma elegante, mas sem valor, eles fazem de ouro e de prata, tanto para as casas privadas quanto para os salões comuns, vasos noturnos e recipientes destinados aos usos mais imundos.” (MORUS, 1997, p. 97-98).

Segundo Oswald de Andrade, o rebaixamento do ouro, vigente nas comunidades indígenas pré-colombianas — que representaram para o homem do Renascimento a concretização da utopia — teria influenciado More.

Franco (2000, p. 141) lembra que Lenin preconizava a mesma coisa: “Lenin, em artigo publicado no *Pravda*, no mês de novembro de 1921, sobre a política do ouro, declara que, quando a revolução comunista fosse vitoriosa no plano mundial, os bolchevistas, para acabarem com o preconceito do ouro, fariam construir mictórios desse metal nas ruas das maiores cidades do globo.”

Já em *As Aventuras de Telêmaco*, de Fénelon, o ouro serve para fabricar lâminas de arado (TROUSSON, 1979). No livro *Emílio*, ou da educação (1971, p. 133) Rousseau afirma que, para seu educando, o ferro deve ter mais valor que o ouro e o vidro que o diamante.: “Assim, o ferro deve ter, a seus olhos, um preço bem maior do que o ouro, e o vidro, que o diamante; da mesma forma, ele honrará muito mais um sapateiro, um pedreiro que um Lempereur, um Le Blanc e todos os joalheiros da Europa [...]”.

### **1.3.3 Rebaixamento da propriedade privada e importância da agricultura**

Dentro do universo utópico geralmente a propriedade da terra é abolida, conforme vimos anteriormente. Para Platão, a propriedade individual acarreta uma série de misérias, como a preocupação com a criação dos filhos, acúmulo de fortuna, a manutenção de escravos e dívidas. No *Crítias*, o Estado ideal é o Estado agrário.

Em More, a propriedade individual é abolida. Quando a propriedade é mantida, as terras improdutivas devem ser taxadas, como em *Aventuras de Telêmaco*, de Fénelon. (TROUSSON, 1979, p. 99).

No *Ensaio sobre a Desigualdade*, Rousseau, além de ressaltar a bondade natural do homem e o papel corruptor da vida em sociedade, prega a comunidade de bens e o fim da propriedade privada.

Assim como propõe a “moeda regressiva”, Lobato também pensa que a terra deve escapar da propriedade individual: “Teria que ficar como o ar — que todos respiramos mas que ninguém apropria” (v. 10, p. 226). Como na *Utopia* (1516), de More, a agricultura é um componente fundamental do universo

lobatiano. Apesar de lutar pela industrialização, paradoxalmente Lobato via o Brasil como um país essencialmente agrário.

Coerente com essas idéias, defende a reforma agrária (conforme folheto *Zé Brasil*, 1947) e sua última campanha foi pela instauração do imposto único sobre a terra (o georgismo), forma de taxar os que se apropriaram de um bem comum, que ele compara à água e ao ar. Para Lobato, a terra deveria pertencer ao Estado, que a cederia para exploração, mediante indenização.

O georgismo baseia-se nas idéias de Henry George, publicista e político americano que, em seu livro *Progresso e Pobreza*<sup>62</sup>(1879), preconizou a instauração do imposto único sobre a terra, como meio de lutar contra os latifundiários. Segundo Cassiano Nunes (1983), as idéias de George teriam influenciado Tolstói, Gandhi, Einstein, entre outros.

Citemos trecho do folheto *Georgismo e Comunismo*: o imposto único

[...] o imposto único, isto é, a eliminação de quaisquer outros impostos que ainda existam, ficando apenas o territorial — que então poderia mudar de nome e passar a chamar-se Imposto Único. O primeiro país a alcançar esse alvo terá, *ipso facto*, atingido o Milênio e será o Paraíso na Terra. (1965a, p. 290).

É a única oportunidade em que o escritor utiliza a expressão “milênio” em sua obra. O milenarismo, parente remoto da utopia, é a expectativa do retorno de Cristo na terra (a *parousia*), para nela restabelecer o Reino de Deus — a Jerusalém Celeste, de acordo com o *Apocalipse* de São João. No final da vida, o escritor concebia o paraíso terrestre sob forma de um país agrário. E, coerente com essa idéia, situa sua utopia literária também no campo.

### 1.3.4 Eugenia<sup>63</sup>, ou a bela raça

---

<sup>62</sup> O livro *Progress and Poverty*, de Henry George, foi traduzido em 1935 pela Companhia Editora Nacional, na coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira (Iniciação Científica), por Américo Werneck Júnior. Comentando o reformismo implícito na obra de George, que elimina apenas o capital fundiário mas não o industrial e o comercial. Bloch (1976, v 2, p. 211) tem palavras duras: “O *Progresso* só operará contra a *Pobreza* a partir do momento em que não mais será o progresso reformador que engendrará a pobreza, mas a pobreza ativa que engendrará o progresso.”

<sup>63</sup> Retomaremos esse tópico mais adiante, ao falarmos da influência de Nietzsche sobre o autor.

A eugenia está presente nas reflexões filosóficas desde Platão. Podemos ler na *República* que os casamentos se farão entre os melhores indivíduos, a fim de manter a pureza da raça e que as crianças defeituosas serão sacrificadas: “— Estes prepostos hão de conduzir ao lar comum os filhos dos indivíduos de elite, confiando-os a nutrizas residentes à parte num bairro da cidade . Quanto aos filhos dos indivíduos inferiores, e mesmo os dos outros, que apresentarem alguma deformidade, escondê-los-ão em local proibido e secreto, como convém.” (PLATÃO, 1965, v. 2, p. 22). Explica-se a eugenia em Platão pelas necessidades da guerra, pois o soldado tinha de ser perfeito.

Os procriadores serão escolhidos entre os melhores, os que estiverem na flor da idade, com o fito de se chegar, um dia, a se ter apenas cidadãos bons e belos: “[...] formar uniões ao acaso, ou cometer falta do mesmo gênero, seria impiedade numa cidade feliz e os chefes não a suportarão.” (PLATÃO, 1965, v. 2, p. 19). Os magistrados procurarão melhorar a raça e controlar as relações entre os indivíduos inferiores, mediante casamentos escolhidos, pois os maus casamentos dão origem a uma prole inferior.

Comum nos escritos dos utopistas depois de Platão, a eugenia foi sistematizada como disciplina de estudo pelo primo de Darwin, Francis Galton, que, em 1885, criou a cadeira Eugenia, no University College de Londres. A eugenia prevê a existência de indivíduos indiscutivelmente superiores e outros, inferiores, admitindo que se deviam propagar apenas os superiores. Os tipos indesejáveis seriam objeto de esterilização, sob controle do Estado. Muitos estados americanos, no início do século XX, criaram leis nesse sentido<sup>64</sup>. A esterilização é a proposta do romance de Lobato, *O Presidente Negro* (1926), como mecanismo susceptível de exterminar os negros americanos.

---

<sup>64</sup> “Se as poucas castrações praticadas nos estados Unidos (Kansas) suscitaram a reprovação, a prática de esterilização dos fracos de espírito aí se desenvolveu rapidamente: em 1917, 17 Estados tinham tomados medidas favorecendo a esterilização dos inaptos hereditários (a maior parte foram rejeitadas como não constitucionais). Em 1930, 30 Estados estavam engajados nessa política. Cerca de 20.000 ‘inaptos’ foram esterilizados de 1907 a 1930, a maioria na Califórnia.” (*Dictionnaire du Darwinisme et de l'Évolution*, 1996, p. 1418).

As idéias eugênicas reaparecem em vários momentos da obra lobatiana, em especial no livro *O Presidente Negro* (1926) e na carta aberta “O voto secreto”, anexada ao livro *América* (1932). Neste último livro, o personagem Mr. Slang assevera: “Temos de chegar à Eugenia. Esta sim. Esta será o grande remédio, o depurativo curador das raças. Pela Eugenia teremos afinal o homem e a mulher perfeitos — perfeitos como os cavalos e éguas de puro sangue.” (v. 9, p. 208).

Embora com algumas exceções (“A violeta orgulhosa”, de *Histórias Diversas*, por exemplo), o negro na obra de Lobato é sempre representado em posição subalterna. Apesar da libertação dos escravos em 1888, Tia Nastácia é uma doméstica em tempo integral, o que pouco a distingue da escrava que fora quando moça, como aparece em *Geografia de D. Benta* (1982, p. 1079): “— Tia Nastácia conta que a mãe dela veio da África, dum lugar chamado Angola — lembrou Narizinho. — Também conta que foi escrava sua, quando moça, vovó.”

Em *Reinações de Narizinho*, podemos ver a comparação da negra com um animal de estimação: “Na casa ainda existem duas pessoas — Tia Nastácia, negra de estimação que carregou Lúcia em pequena, e Emília, uma boneca de pano bastante desajeitada de corpo”.

Em vários momentos da obra, a etnia negra é desqualificada<sup>65</sup>, pelas intervenções de Emília, desqualificações que poderiam se converter num *Leitmotif*, tal sua recorrência. Citemos, ao acaso, o assombro de Tia Nastácia ao ouvir Peter Pan falar do mundo das fadas. Emília insinua-se, agressivamente:

— Cale a boca! — berrou Emília. — Você só entende de cebolas e alhos e vinagres e toicinhos. Está claro que não poderia nunca ter visto fada porque elas não aparecem para gente preta. Eu, se fosse Peter Pan, enganava Wendy dizendo que uma fada morre sempre que vê uma negra beijuda...

— Mais respeito com os velhos, Emília! — advertiu Dona Benta. — Não quero que trate Nastácia desse modo. Todos aqui sabem que ela é preta só por fora. (LOBATO, 1982, p. 591)

---

<sup>65</sup> Convém não esquecer que Emília foi criada pela negra Tia Nastácia, da mesma forma que os filhos da elite escravocrata eram, via de regra, criados pela ama-de-leite negra.

Como se observa, a emenda ficou pior que o soneto. Nesse mesmo trecho, o Visconde de Sabugosa, com a sua científicice, põe-se a falar dos pigmentos que deixaram os negros retintos. E Emília, mais uma vez, retoma suas agressões, terminando por botar a língua a Tia Nastácia, no que representa bem o menino filho de senhor de escravos, que estabelece uma relação sádica com os negros, como retrata Machado de Assis e Gilberto Freyre: “Quer dizer — observou Emília — que se os pigmentos de tia Nastácia fossem cor de burro quando foge, ela não seria negra e sim uma burra fugida...” (LOBATO, 1982, p. 591).

Assinalemos certo prazer sádico em Emília em sempre trazer sempre à baila a discussão sobre a cor da sociedade brasileira.

Em carta a Rangel, de 3/2/1908, Lobato escreve o seguinte trecho, censurado em edições ulteriores da correspondência<sup>66</sup>, aqui computado em extenso, por tratar-se de documento de difícil acesso: “Que diferença de

---

<sup>66</sup> É necessário uma edição crítica da obra pois, por cruzamento de leituras, notamos várias modificações na mesma. Por exemplo, *Histórias do Mundo para as Crianças* é de 1933. A edição que compulsamos relata a história até o final da Segunda Guerra Mundial. Só uma pesquisa cotejando-se as edições originais e as subseqüentes poderia revelar a autoria do texto acrescido. Agora, com a doação do acervo da família Lobato ao CEDOC da UNICAMP (disponível para pesquisa a partir de 2005), poder-se-ão efetuar tais estudos. Constatamos omissão de trecho de crítica à Central do Brasil, em *Geografia de Dona Benta*, nas edições que nos serviram de referência. “ — Estou também vendo dois trens em marcha, um que vem do Rio e outro que vem de São Paulo..” — Então feche os olhos antes que se choquem. Essa estrada diverte-se todos os dias em brincar de desastre de trens. É federal...”. Segundo Azevedo (1997, p. 163-164), a edição original de *Fábulas* trazia um posfácio de Lobato. O livro *Peter Pan*, por exemplo, apreendido durante o Estado Novo, por falar da desigualdade entre crianças brasileiras e inglesas, apresenta modificações. O livro foi expurgado precisamente do trecho que lhe valeu condenação: “Há no Brasil uma peste chamada governo que vai botando impostos e selos em todas as coisas que vêm de fora, a torto e a direito, só pela ganância de arrancar dinheiro do povo para encher a barriga dos parasitas.” (Apud CARNEIRO, 2002, p. 153). Cotejemos a edição do centenário (1982, p. 587): [...] chuchu é brinquedo de meninos da roça, e Londres é uma grande cidade, a maior do mundo. As crianças inglesas são muito mimadas e têm os brinquedos que querem. Os brinquedos ingleses são dos melhores’. Trecho do mesmo livro, transcrito por Carneiro: “[...] boi de xuxu é brinquedo de meninos da roça e Londres é uma grande cidade, a maior no mundo. As crianças inglesas são muito mimadas e têm brinquedos que querem, porque na Inglaterra os brinquedos não custam os olhos da cara, como aqui. E que bons e bonitos são! “. Comentando a falta de edições críticas no Brasil, Arthur Nestrovski (1996, p. 98-99) afirma: “[...] nossa literatura permanece dormindo feliz nos seus erros, seus cortes, suas adaptações e acidentes de impressão. Nós simplesmente não

mundos! Na Grécia, a beleza; aqui, a disformidade. Aquiles lá; Quasímodo aqui. Esteticamente, que desastre foi o cristianismo com sua insistente cultura do feio!”. A seguir, o trecho censurado:

Estive uns dias no Rio. Que contra-Grécia é o Rio! O mulatismo dizem que traz dessoramento do caráter. Dizem que a mestiçagem liquefaz essa cristalização racial que é o caráter e dá uns produtos instáveis. Isso no moral — e no físico, que feiúra! Num desfile, à tarde, pela horrível rua Marechal Floriano, da gente que volta para os subúrbios, perpassam todas as degenerescências, todas as formas e má-formas humanas — todas, menos a normal. Os negros da África, caçados a tiros e trazidos à força para a escravidão vingaram-se do português da maneira mais terrível — amulatando-o e liquefazendo-o, dando aquela coisa residual que vem dos subúrbios pela manhã e reflui para os subúrbios à tarde. E como vão apinhados como sardinhas e ha um desastre por dia, metade daquela gente não tem braço ou não tem uma perna, ou falta-lhes um dedo, ou mostram uma terrível cicatriz na cara. “Que foi?”. “Desastre da Central”.

Como consertar essa gente? Como sermos gente, no concerto dos povos? Que problemas terríveis o pobre negro da África nos criou aqui, na sua inconsciente vingança!

Talvez a salvação venha de S. Paulo e outras zonas que intensamente se injetam de sangue europeu. Os americanos salvaram-se da mestiçagem com a barreira do preconceito racial. Temos também aqui essa barreira do preconceito racial. Temos também aqui essa barreira, mas só em certas classes e certas zonas. No Rio não existe.

Há tempos assisti em Taubaté a uma cena muito ilustrativa do que é essa defesa na América do Norte. Um americano desceu do trem e foi ao restaurante Pereira comer qualquer coisa. Sentou-se e pediu. Nisto entra um guarda-freio de boné na orelha, gaforinha e senta-se-lhe ao pé. O americano ergue-se de impulso, atira a cadeira e some-se no trem. O país equiparava-o ao guarda-freio, mas ele não aceitava o presente. Filosoficamente me parece horrível isto — mas certo do ponto de vista racial. (LOBATO, 1944, p. 133).

Como podemos notar, de acordo com essa carta, na ótica do autor, o sujeito das transformações esperadas para o novo Brasil seria o imigrante branco. É certo que essa carta é de 1908, data ainda próxima à escravidão,

---

sabemos o que estamos lendo, mas há motivos para se suspeitar que não seja tudo do bom e

quando os negros estão em uma situação difícil. Convém não esquecer, porém, que desde a extinção oficial do tráfico, com a *Bill Aberdeen*, o governo imperial decretou a Lei de Terras, proscricção da propriedade pela simples ocupação, obrigando o posseiro à compra ou legitimação da posse. Essa lei teve efeitos perversos, pois previa o acesso à terra através da compra por preço elevado, visando destiná-las prioritariamente aos grandes proprietários (e assim recompensá-los pela extinção do tráfico) e negando o acesso à terra aos alforriados e futuros colonos. Quando foi proclamada a República, ao mesmo tempo que Rui Barbosa queima todos os documentos relativos à escravidão, os negros, os únicos que até então tinham trabalhado no país — são sumariamente impedidos de trabalhar e substituídos pelos imigrantes. Como afirma Carrion (2002): “Em sintonia com a Lei de Terras, foi elaborada uma legislação de colonização que subsidiava com recursos públicos a vinda de imigrantes europeus para substituir os escravos que não mais viriam.”

As mesmas idéias sobre a imigração reaparecem em carta de 1946, dessa vez com referência à Argentina: “Semear homens europeus de boa qualidade nas terras desertas da América é criar mundos. Com os músculos do imigrante entra também cérebro — e o rendimento de um cérebro importado é muitas vezes fabuloso.” (LOBATO, 1986a, p. 120). Ao falar em “contra-Grécia”<sup>67</sup>, nota-se o eurocentrismo de Lobato, cujo parâmetro é o mundo helênico clássico, em detrimento da miscigenação americana. É o lado “apolíneo” do pensamento de Lobato, que em termos de arte se expressou no artigo sobre a pintura de Anita Malfatti. Segundo Nelson Werneck Sodr e, o eurocentrismo é uma das faces da ideologia do colonialismo, que utiliza a supremacia racial como justificativa para a dominação e exploração econômica.

Convém notar que a campanha pelo saneamento levada a cabo por Lobato traduziu-se no livro *Problema Vital*, que trazia, em sua primeira edição, a informação de que era patrocinado pela Sociedade Eugênica de São Paulo e

---

do melhor.”

pela Liga Pró-Saneamento do Brasil. Esse tipo de agremiação floresceu no início do século XX, principalmente nos Estados Unidos e na Alemanha, espalhando-se por toda a Europa e alcançando o Brasil. Os artigos jornalísticos de Lobato participam da eugenia em seu caráter positivo, ou seja, o esforço para melhorar geneticamente o ser humano, enquanto em *O Presidente Negro* verifica-se a eugenia negativa, isto é, a que visa à exterminação dos indesejáveis, controlando cientificamente os mecanismos de reprodução da raça.

O fragmento de carta acima é de 1908. Lobato, porém, continua com as mesmas idéias raciais no final de sua vida, conforme podemos ler numa carta de 1935, dirigida ao interventor da Bahia, Artur Neiva, onde Lobato fala de sua visita a Bahia, para divulgação do seu programa de petróleo. Referindo-se ao povo baiano, escreve:

Sua Bahia, meu caro Dr. Neiva, possivelmente enfeitiçou-me. [...] Como é caleidoscópica! Mas que feio material humano formiga entre tanta pedra velha! A massa popular é possivelmente um resíduo, um detrito biológico. Já a elite que brota como flor desse esterco tem todas as finuras cortesãs das raças bem amadurecidas. [...] (LOBATO, 1986a, p. 191).

Essas idéias são repassadas também para as crianças. Em *Histórias do Mundo para as Crianças* (1982, p.1574) pode-se ler:

— Qual a principal dessas raças, vovó? — perguntou a menina.  
— A ariana, evidentemente, embora eu seja um tanto suspeita para afirmar isso. Se eu fosse semita, é possível que tivesse uma opinião diversa. Em todo o caso os arianos foram os primeiros a domesticar o cavalo selvagem, o boi e o carneiro. Conseguiram assim criar as bases da civilização pastoril.

### 1.3.5 Crença no progresso

Uma das maiores utopias do século XIX foi a religião do progresso.

---

<sup>67</sup> Na pólis grega, os escravos e os estrangeiros, embora mais numerosos que os cidadãos gregos, não tinham direitos civis ou políticos.

Segundo Oswald de Andrade, o progresso seria a etapa inevitável para se chegar ao ideal utópico do ócio. É somente quando “os fusos trabalharem sozinhos”, como pensava Aristóteles (ANDRADE, 1995, p. 203) que o homem poderá se liberar. É nessa ótica que podemos analisar o livro *História das Invenções*, onde Dona Benta explica para os netos que todas as invenções vão sendo plasmadas para aperfeiçoar o trabalho humano e dominar a natureza. Assim, a roupa dobrou a pele; os instrumentos aumentaram a força das mãos; a roda deu mais alcance ao pé humano; os microfones auxiliaram o ouvido; as lentes, o olho humano etc.

Se Jules Verne foi um criador de mundos e inventor de engenhos mecânicos, também Lobato defendia a civilização da máquina, que o ferro fabrica e o petróleo movimenta.

No final da vida, todavia, o autor vê abalada sua fé no progresso, que mostra sua face sombria. Em carta da Argentina, em 1947, escreve: “O progresso marcha acompanhado da miséria. Debalde surgiu a Máquina economizadora do trabalho humano. Inutilmente os governos concebem planos quinquêenais. Quanto mais progride o homem, mais a miséria aumenta [...]”. (LOBATO, 1986a, p. 221).

### **1.3.6 Transparência: No Reino das Águas Claras**

Lobato sempre defendeu a arte verista, transparente, a serviço da educação. No que respeita à literatura, queria atingir a linguagem transparente, sem empastamento, buscando um estilo “água de pote”, limpo. Se Bilac falava em arte “asseada”, Lobato, por sua vez, escreve a Godofredo Rangel que “sem limpidez, sem asseio de forma, a idéia vem embaciada, como copo mal lavado”<sup>68</sup> (v. 11, p. 222). Pretendia fazer literatura com idéias e não com palavras, no que se afasta da revolução formal da literatura na virada do século

---

<sup>68</sup> Dentro dessa perspectiva, pode-se entender o fato de ter editado *Memórias de um Sargento de Milícias*, com correções. Eis o que escreve a Rangel em 1925: “Vai a Menina do Nariz

XIX, que se caracterizou por um questionamento dentro da própria linguagem, e cujos representantes no Brasil são, no primeiro momento, basicamente Mário de Andrade e Oswald de Andrade. O escritor valoriza a linguagem, mas no sentido contrário ao que faria Guimarães Rosa, por exemplo. Para Lobato, ter bom estilo significa buscar a “palavra justa” para nomear determinada situação: “Na propriedade da expressão está a maior beleza; dizer ‘chuva’ quando chove — ‘sol’ quando soleja.” (v. 11, p. 46). Em outra oportunidade afirma:

O que mais aprecio num estilo é a *propriedade* exata de cada palavra e para isso temos de travar conhecimento pessoal, direto, com todos os vocábulos, um por um, em demorada, pensada e meditada vocabulação dicionarística. Só pelo conhecimento exato do valor de cada um é que alcançaremos aquela qualidade de estilo. (v. 11, p. 263, grifo do autor).

Em 1909, Lobato escreve a Rangel que resolvera interromper a elaboração dos contos que pacientemente escrevia, para apurar o estilo. Em busca da palavra exata para descrever o que via, lê e ficha o dicionário de Caldas Aulete, numa leitura deleitosa, comentada *pari passu* com Rangel:

Na rua vemos passar cavalos. No dicionário encontramos um CAVALO. “Quem é você?” E ele muito sério: “... *substantivo masculino*. Quadrúpede doméstico; solípede; ramo ou tronco em que se enxerta; banco de tanoeiro, etc., etc.”. A gente regala-se com o monte de coisas que o cavalo é, e muitas vezes também nos regalamos com as cavalidades do dicionarista. (v. 11, p. 240).

Em sua correspondência com Rangel, escreve: “[...] a mim me salvaram as crianças. De tanto escrever para elas, simplifiquei-me, aproximei-me do certo (que é o claro, o transparente como céu).”<sup>69</sup> (v. 12, p. 339).

Campão revelou-me o segredo da aquarela: não empastar as cores, não sobrepor tintas, pois só assim alcançamos o que nesse gênero há de mais belo: a transparência. No estilo literário dá-se a mesma coisa: o empastamento mata a transparência, tal qual nas aquarelas. (v. 12, p. 339).

---

Arrebitado e depois irá o nosso Sargento de Milícias com os pronomes no lugar e outras limpezas. Ficou muito mais decente que nas outras edições” (v. 12, p. 276).

<sup>69</sup> Muito embora em sua literatura infantil Lobato já tenha se desvincilhado da influência de Camilo Castelo Branco, usa em *Peter Pan* (1930), a palavra “abantesma” (quase um arcaísmo), para referir-se à “fantasma”, contrariando sua idéia de um estilo “água de pote”.

Ora, a linguagem transparente é uma utopia, como assinala Haroldo de Campos (1969, p. 150). “As utopias são obcecadas pela transparência: é o que assinala Dostoïevski quando critica, em *Notas do Subterrâneo*, o “Palácio de Cristal”<sup>70</sup> Nas utopias, há uma vitória absoluta do sol, que deve traspassar tudo. A arte, no pensamento utópico, é um dos inumeráveis braços da educação. Deve exprimir-se com clareza. Daí entende-se o interesse de Lobato pela pintura realista (ver artigo sobre Almeida Jr.<sup>71</sup>), sua diatribe contra o expressionismo de Anita Malfatti. A “querela dos antigos e dos modernos”<sup>72</sup>, no Brasil, foi selada no polêmico artigo “Paranóia ou mistificação”, de 1917, que separou Lobato do Modernismo brasileiro e de seu líder, Mário de Andrade.

Lobato ficou do lado antigo, e isso até o final de sua vida, pois bateu-se pela não construção de um Museu de Arte Moderna em São Paulo (o atual MASP), conforme podemos ler em carta de 1946, endereçada ao prefeito de São Paulo: “[...] surgiu a engenhosa idéia do Museu de Arte Moderna. O que eles de fato queriam não era museu nenhum e sim apenas um ‘depósito’ municipal onde fosse guardada a enorme produção encalhada, mas como ficava feio pedirem à Prefeitura um depósito, pediram um museu...”.

---

<sup>70</sup> Lemos essa referência sobre Dostoïevski e o Palácio de Cristal no *site* da Biblioteca Nacional da França (ver Referências).Voltaire Schilling (2003), por sua vez, descreve o Palácio de Cristal, que representaria, para Dostoïevski o símbolo do Iluminismo e do materialismo, que o autor abomina: “[...] enorme pavilhão de vidro que fora construído em Londres para abrigar a Exposição Mundial de 1851. O espetacular edifício fora erguido no Hyde Park com um milhão de pedaços de vidro e ferro para mostrar ao público todas as preciosas formas, fossem artesanais ou industriais, que o engenho humano alcançara até aquela época.”

<sup>71</sup> No livro *Idéias de Jeca Tatu*, de 1919, Lobato prega uma arte nacional, que exprima o “*terroir*”. No artigo “Almeida Junior”, defende a idéia de uma arte que procure a verdade: “[Almeida Junior] Preocupava-se com a verdade somente — e nisto revelou maravilhosa compreensão da verdadeira estética.” (v. 4, p. 86)

<sup>72</sup> Essas querelas verificaram-se também em outras literaturas. No séc. XVII, na França, houve a “Querela dos Antigos e dos Modernos” (1687), envolvendo, de um lado, Boileau, La Bruyère, Racine e La Fontaine (partidários dos autores clássicos da Antiguidade) contra Perrault e Fontenelle (defensores dos escritores modernos, apropriando-se dos contos orais, do Maravilhoso). Em Portugal, a “Questão Coimbrã” (1865), envolvendo de um lado Castilho, Camilo Castelo Branco e Ramalho Ortigão (Lisboa, o passado, o Romantismo); e de outro, Antero de Quental, Teófilo Braga (Coimbra, a renovação, o Realismo).

Como o prefeito recusa o pedido, Lobato continua: “A cobra ficou macetada. Ainda rabeará por algum tempo: depois morrerá no esquecimento. E daqui a uns anos haverá perguntas assim: “Lembra-se daquele movimento modernista em São Paulo que até museu queria? Coitadinhos...” (1959b, v. 2, p. 175). A beleza da escultura barroca, pelo que tem de torturado e dionisíaco, também lhe teria escapado. Nas páginas da *Revista do Brasil*, considerou Aleijadinho como “santeiro vulgar”. (MILLIET, 1947, p. 56).

A influência do pensamento utópico pode explicar a não adesão de Lobato ao Modernismo brasileiro, em sua fase iconoclasta, já que a concepção de arte utópica visa à transparência, ao espelhismo, à educação dos cidadãos, ideário que se contrapõe aos padrões estéticos da modernidade.

A partir da idéia de transparência, pode-se entender a relação de Lobato com a poesia. Notam-se, em sua obra, raras referências a obras poéticas. Pode-se dizer que, à exceção de Bilac, que sabia de cor na juventude, e de Ricardo Gonçalves, tradutor e poeta de inspiração sertaneja, autor do livro póstumo *Ipês*, Lobato pouco apreciava a poesia e, embora tenha escrito alguns versos na juventude, considerava-se “amaldiçoado das Musas”. A poesia, prima irmã da música (que o escritor só conseguiu apreciar no final da vida), situa-se nos antípodas da linguagem utilitária, que tanto seduzia o autor. A poesia — pensamento sobre a linguagem, o ser, o tempo e a morte; mergulho do conhecido no desconhecido (Georges Bataille) —, pouco o sensibilizaria. Chamado de “Victor Hugo do petróleo”, Lobato conciliou literatura e luta política, rejeitando entretanto a poesia.

Para além das idiosincrasias de gosto do autor, vale lembrar que ele buscava a legibilidade da mensagem, o fundo mais do que a forma (idéia presente inclusive na teoria translática de Lobato), para educar os cidadãos. O sonho da transparência é também um sonho iluminista: fazer as palavras corresponderem às coisas.

A busca pela transparência significa tentar atingir, pela inteligibilidade, um mundo sem sombras, deslocando-se as fronteiras do incognoscível de Spencer

pelo “Inconhecido em vias de ser conhecido” (LOBATO, 1986a, p. 248). Ao afirmar isso, Lobato reitera sua confiança na capacidade especulativa, empírica e positiva, de tudo saber.

### 1.3.7 Profetismo

Em sua correspondência com Godofredo Rangel, em 1904, Lobato transcreve, em francês, uma frase do prefácio de *Assim Falou Zaratustra*, de Nietzsche, frase que mostra a importância que o jovem paulista, então com 22 anos, atribuía aos homens visionários: “*J’aime tous ceux qui sont comme de lourdes gouttes qui tombent une a une du sombre nuage suspendu sur les hommes: elles annoncent l’éclair qui vient, et disparaissent en visionnaires*”. (v. 11, p. 66-67).<sup>73</sup>

Lobato considerava-se a si próprio como profeta<sup>74</sup> e a linguagem colérica de muitos de seus textos lembra o tom vociferante dos profetas bíblicos:

Incríveis as prebendas que o Destino dá a certas criaturas no Brasil. A mim coube a de profeta, imagine. No livro *O poço do Visconde* profetizei os pontos em que vamos ter petróleo no Brasil, e na pág. 158 está a profecia do “Lobato”, com acerto até da qualidade do óleo.

Os profetas antigamente eram corridos a pedradas, porque profetizavam desgraças. Os de hoje, apesar de profetizarem “bonanças”, também recebem seus castigozinhos. Ainda agora tive um, curioso. O Ministério da Justiça negou-me autorização para lançar uma revista infantil, com o título *O Sítio de D. Benta* [...].<sup>75</sup> (LOBATO, 1986a, p. 195).

---

<sup>73</sup> Trata-se, provavelmente, da tradução de Henri Albert. Na tradução de Marthe Robert, a versão é diferente: “*J’aime tous ceux qui sont comme de lourdes gouttes tombant une à une du nuage sombre suspendu au-dessus de l’homme: ils annoncent l’éclair qui vient et périssent en annonceurs*”. Em português: “Amo todos aqueles que são como gotas pesadas caindo uma a uma da nuvem sombria: eles anunciam o relâmpago que vem, e sucumbem como visionários”.

<sup>74</sup> Em carta a Getúlio Vargas, escreve: “Dr. Getúlio, pelo amor de Deus, ponha de lado a sua displicência e ouça a voz de Jeremias” (v. 7, p. 169).

<sup>75</sup> Chamamos a atenção para esse projeto de Lobato, que apenas agora começa a ser discutido pela crítica: o Lobato precursor dos quadrinhos. Numa carta a Artur Neiva, Lobato volta a falar no assunto: “Imagine que o Ministério da Educação chegou até a me negar autorização de publicar uma revista infantil com o título *O Sítio de Dona Benta*. Para o Fleury, tudo; para mim, nem licença para trabalhar no meu ofício... Maravilhosa terra, não?” (NUNES, 1981, p. 54).

De forma geral, os utopistas foram antecipadores. Sabemos que muitas das previsões de Jules Verne — como as de Lobato — se concretizaram, pois eram calcadas em conhecimento científico. O fato de Lobato ter sido um prospector de petróleo explica a profecia do Visconde de Sabugosa, em *O Poço do Visconde*<sup>76</sup>. Em *O Presidente Negro*, livro em que defende as idéias antecipatórias de escritores e de cientistas como sendo profecias rigorosas, Lobato aventa a possibilidade de “clonagem”<sup>77</sup>, fato que acabou se verificando no final do século XX. Com relação à realidade brasileira, as profecias captadas pelo porviroscópio vislumbram o Mercosul - Mercado Comum do Sul. “O Brasil temperado, além disso, continuou a ser um dos grandes países do mundo em território, visto como fundia no mesmo bloco a Argentina, o Uruguai e o Paraguai.” (v. 5, p. 215).

Em *A Reforma da Natureza*, Emília e o Visconde de Sabugosa manipulam geneticamente animais e plantas, mutações só obtidas nos anos 90 do século XX, porém imaginadas, segundo Trousson (1998, p. 54) desde os séculos XVII e XVIII pelos utopistas Foigny, Cyrano de Bergerac ou Rétif de la Bretonne, embora Trousson desconsidere as fantasiosas “mutações biológicas” concebidas por esses autores como prenúncio das descobertas científicas:

Poder-se-iam multiplicar indefinidamente exemplos desse tipo [antecipações científicas], que tenderiam a provar que os utopistas, inovadores audaciosos em matéria política, estiveram igualmente na vanguarda do saber. Sem dúvida, conviria fazer algumas nuances: se eles se tornaram campeões de uma ciência “séria”, nem por isso deixaram de ser ávidos por uma ciência bizarra e irracional que lhes seduzia a fantasia e não estava ao abrigo dos erros de seu tempo.

---

<sup>76</sup> No livro infantil *O Poço do Visconde*, de 1937, o narrador afirma que jorrará petróleo na Bahia. Com efeito, Oscar Cordeiro descobre o primeiro petróleo brasileiro, em 1939, numa localidade situada a quatro quilômetros de Salvador, coincidentemente chamada Lobato.

<sup>77</sup> “— Desdobramento da personalidade? perguntei. — Sim, mas desdobramento anatômico”. (v. 5, p. 184). A idéia de clonagem reaparece em *Serões de D. Benta*: “Logo que os sábios conheçam perfeitamente o jogo das moléculas dos tais corpos simples, são bem capazes de fazer tudo quanto queiram.

— Até gente — gritou Emília — porque nós no fundo, que somos? Uma combinação de oxigênio, hidrogênio, carbono, etc. Ora, é só conhecer a receita da combinação desses elementos e pronto! Temos gente fabricada em casa, ou nos tais laboratórios, sob medida, e assim, assim, igualzinha com a encomenda...” (LOBATO, 1982, p. 1773).

A linguagem profética, que se manifesta através de imprecações, ameaças e exortações, tem como marcas estilísticas o uso do futuro e do imperativo, da hipérbole e da simbologia animal.

Em *O Presidente Negro*, Lobato prefigura a Internet, que ele chama de rádio-transporte, recorrendo ao tempo verbal futuro:

[...] o rádio-transporte **tornará** inútil o corre-corre atual. Em vez de ir todos os dias o empregado para o escritório e voltar pendurado num bonde que desliza sobre barulhentas rodas de aço, **fará** ele seu serviço em casa e o **radiará** para o escritório. Em suma: **trabalhar-se-á** a distância (v. 5, p. 174; o grifo é nosso).

Já o uso do imperativo e a simbologia animal podem ser aquilatados no trecho abaixo, do artigo “*Homo sapiens*”, em que Lobato exorta os animais a se libertarem de seu opressor, o ser humano:

**Levantai-vos**, leões do Saara, tigres da Índia, onças do Brasil; e vós todos, do ar, da água, da terra, cascavéis dos campos, lobos da Rússia, bisões do Arizona, girafas, elefantes, rinocerontes, hipopótamos, hienas, chacais, urubus, condores, tubarões, golfinhos: — **uni-vos!**<sup>78</sup> (v. 5, p. 61; o grifo é nosso)

Aliado ao seu tom corrosivo, Lobato assumiu o papel de missionário e, por vezes, o de taumaturgo. Desde a época em que era promotor em Areias, chamavam-no para aplicar injeções. Durante a campanha de saneamento, era procurado para curar doenças. Escreve, em 1924, o folheto *Jeca Tatuzinho*, para vender remédio (Biotônico e Fontol). Na década de 40, confessa a Rangel que uma carta enviada a um pequeno leitor ajudara este último a recuperar-se de uma doença: “O menino estava no fundo da cama convalescendo de doença grave, e minha carta fê-lo melhorar... Ora, evidentemente este sujeito

---

<sup>78</sup> Nessas palavras ressoa a última linha do belo *Manifesto do Partido Comunista* (1848), de Marx e Engels. É como se Lobato identificasse os animais, explorados pelo homem, aos proletários, subjugados pelo dono do capital. “[os comunistas] proclamam abertamente que seus objetivos só podem ser atingidos pela derrubada violenta de toda ordem social passada. Que as classes dominantes tremam à idéia de uma revolução comunista. Os proletários nada têm a perder, exceto seus grilhões. Têm muito a ganhar. Proletários de todos os países, uni-vos.”

taumaturgo vale muito mais que aquele *magister dixit* de Taubaté”. (v. 12, p. 350).

Notam-se, ademais, certos traços messiânicos no discurso lobatiano. Em correspondência a Rangel, de 1943, escreve: “Este Brasil, Rangel, é uma coisa que só eu era capaz de endireitar — e meu ódio por tudo vem de não me terem deixado endireitar nem o petróleo! Tudo torto...”. (v. 12, p. 355). Diante da derrota de seus projetos e exasperado com a situação política brasileira, em entrevista, prega, apocalipticamente, a morte, a “antiutopia” por excelência:

— Uma coisa que sempre desejei fazer e até agora não pude, era dirigir um apelo ao Brasil, ao povo brasileiro. Quem sabe se o seu jornal se dispõe a veicular minhas palavras? Proponho que todos no Brasil nos suicidemos no mesmo dia e fiquemos, os 40 milhões que somos, fedendo no nariz da Ditadura... (v. 13, p. 308).

Nos vários momentos de sua carreira, Lobato apresenta um remédio infalível para o Brasil. Em 1918, acha que o saneamento básico resolveria as nossas mazelas. Em 1927, em *Mr. Slang e o Brasil*, fala que somos vítimas da incultura e da política fiscal que visa aniquilar o livro. Em 1931, é a vez do ferro. Concomitantemente, aponta o petróleo, apostando na solução do problema econômico. Pouco antes de morrer, a panacéia é o imposto único sobre a terra, o que livraria o Brasil de duas calamidades: a excessiva tributação e o latifúndio. Em seu artigo “O Brasil visto verticalmente” (1939) diz que a primeira árvore plantada no Brasil (e também na América Latina) foi o fisco que, àquela altura, já estava transformada num baobá, estrangulando o país.

Ao erigir-se como a única pessoa que podia salvar o Brasil, Lobato colocase no papel de herói da ação individual, indiferente ao fato de que o sujeito da história é o conjunto da sociedade. Está só, lutando contra o capitalismo internacional, aliado da burguesia nacional. Não conseguindo alcançar seus intentos ou vislumbrar a vitória, torna-se obcecado pela morte:

O homem me repugna. Começo a ter medo desse monstro. Olho com pavor para cada cara que vejo na rua. São monstros de estupidez e crueldade. Quero morrer. Quero ver-me em outro mundo, ou em outra condição. Já vivi muito neste circo

romano e não suporto mais. [...] Morte, morte, bendita sejas. Não tenho mais gosto em viver. (v. 10, p. 170).

O desespero de Lobato é tal que chega mesmo a elogiar Hitler, achando que este daria cabo na humanidade e que a natureza animal viria a preponderar. É o que escreve em carta a um amigo, em 1940:

A esperança é que com a vinda da primavera os alemães, que são o único povo realmente eficiente na arte das artes, que é a de matar, façam qualquer coisa de sensação — esmagamento de Holanda e Bélgica, desmonte da Suíça, uma onda de lewisite que não deixe escapar nem a Duquesa de Windsor. Só eles têm a coragem dos grandes lances. Hitler entusiasma. Está criando coisas novas, é um gênio. Criando uma loucura nova, e meus votos são para que vença e tire ao resto da humanidade o gosto de viver. Para que humanidade? Quantos milhões de anos viveu o Cosmos sem a pulga humana? Espero a morte, minha e de todos [...]. (1959b, v. 2, p. 51).

#### 1.4 A utopia pica-pau-amarelista

Não quero saber de modernismos, nem de pré-modernismos, nem de pós-modernismos. Sou mesmo, como você diz, um pica-pau-amarelista, um pirlimpimpista, e até, de certo modo, um pasargadista.

Horácio Dídimo.

Ao longo da correspondência com Godofredo Rangel, reunida no livro *A Barca de Gleyre*, Monteiro Lobato fala insistentemente em sua busca de *algo nuevo* na literatura brasileira. Rastreando suas leituras, descobrimos que essa expressão foi colhida em Eça de Queiroz, e é atribuída pelo narrador do livro *Correspondência de Fradique Mendes* a Ponce de León, o descobridor da Flórida, que “se fizera ao mar para buscar outras terras e mirar *algo nuevo*”.

Como Ponce de León, o escritor paulista também persegue *algo nuevo*, território esse vislumbrado mas não atingido, qual Canaã. Daí o título de seu epistolário, que remete ao quadro *Ilusões perdidas*, de Gleyre, título que nos dá uma estrutura em abismo da figura do “falho”, do “raté”. Lobato tampouco alcançou a Terra da Promissão, como a personagem Mignon, do *Wilhelm*

*Meister*, de Goethe, a desterrada, que jamais retornou ao país onde “florescem os limoeiros”.

Sem caixa de ressonância em seu meio, pregando uma arte verista quando as estruturas da linguagem estética tinham sido irremediavelmente abaladas, só restou a Lobato, como a Platão, a More e a outros utopistas, criar mundos alternativos. Situou seu mundo outro não mais numa cidade, mas no campo. Não se dirige mais a adultos, mas às crianças, pois “a criança é a humanidade de amanhã” (LOBATO, 1964, p. 249): “De escrever para marmanjos já me enjoiei. Bichos sem graça. Mas para as crianças, um livro é todo um mundo”, afirma<sup>79</sup>. Encontramos essa mesma admiração pela infância em Rousseau, que admira a criança, por encerrar a idéia de futuro, e não o velho, que caminha a passos largos para a morte.

Do outro lado do abismo-Brasil, a esperança, bússola que aponta sempre para o futuro, tênue broto que cabe resguardar. Por isso, Lobato leva as crianças para longe, para o seu *Sítio* onde, com exceção da legisladora Dona Benta e seu duplo, Tia Nastácia, não há adultos, como também o fez Platão, afastando as crianças da influência perniciosa dos adultos, relegando-as a campos afastados (PLATÃO, 1965, v. 2, p. 143).

Trousseau (1979, p. 21) assinala a presença do legislador na maioria das utopias (“este sábio mais que humano, que junta a clarividência ao desinteresse absoluto”), citando como exemplo Hoh em Campanella; Salomão em Bacon; Olphaus em Harrington; Sévarias em Veiras e Icar em Cabet. A essa lista de legisladores utópicos, cabe acrescentar Dona Benta e Tia Nastácia.

---

<sup>79</sup> Observem-se as imagens negativas: “marmanjo”, “bichos”. A admiração de Lobato pela juventude pode ser sentida na exclamação de La Fontaine, ao despedir-se da turma do *Picapau Amarelo*, no livro *Reinações de Narizinho*: “— Felicidade, teu nome é juventude!...”. Ou ainda quando Peter Pan responde ao Capitão Gancho, que não consegue vencê-lo: “Peter Pan, diga-me quem é você? [...] — “Eu sou a Juventude! Sou a alegria da vida! Sou eterno e invencível!”. Com essa supervalorização da infância, de certo modo, Lobato mantém seus personagens no “País do Nunca”. Convém não esquecer que Peter Pan encarna o mito da infância: os meninos perdidos (fugiram dos pais que os ameaçavam, acenando-lhes com a idade adulta) encontram refúgio no ventre da Terra.

A admiração por sociedades ideais está presente em Lobato desde o início da obra infantil. Em *Reinações de Narizinho*, logo depois da incursão pelo Reino das Águas Claras, as crianças do *Sítio* vão conhecer o reino das abelhas, animais sociais por excelência, capazes de realizar a comunidade utópica. Note-se que ele privilegia as abelhas, seres programados, sem vontade própria, sem individualidade, trabalhando todos para a comunidade

— Já reparou, Emília, como é bem arrumado este reino? Uma verdadeira maravilha de ordem, economia e inteligência! [...] O que admiro é como as abelhas sabem aproveitar de modo que a colméia funcione como se fosse um relógio. Ah, se no nosso reino também fosse assim... Aqui não há pobres nem ricos. Não se vê um aleijado, um cego, um tuberculoso. Todos trabalham, felizes e contentes. (LOBATO, 1982, p. 35).

No livro *História das Invenções*, Dona Benta fala do “mel humano”, alimento que deveria ser descoberto e que seria “a maior das invenções”. Ora, o mel é o alimento que mana, juntamente com o leite, nos rios das terras prometidas (Êxodo, 3, 8).

Outro modelo de organização social é o das formigas: “[...] São insetos de alta inteligência. A muitos respeito a formiga está mais adiantada que nós, homens. Há mais ordem e governo na sociedade delas. São mais felizes.” (LOBATO, 1982, p. 137).

Vimos anteriormente que, no século XX, as idéias utópicas desembocaram no totalitarismo. Ora, o totalitarismo confronta-se radicalmente com o pensamento de Lobato, que era extremamente individualista e sempre rejeitou filiações a partidos e a escolas literárias. A divisa da personagem Emília — que poderia se estender a toda sua obra — é: “Sou a Independência ou Morte” (v. 12, p. 341).<sup>80</sup>

---

<sup>80</sup> Além da de Lobato, outra utopia livre é a Abadia de Thélème. Na verdade, trata-se de um enclave dentro de um livro (capítulos 52 a 58, de *Gargantua*, de Rabelais). A única cláusula do regulamento dessa abadia é “Faça o que quiser”. Na verdade, a abadia fundada por Gargantua é uma antiabadia, pois transgredir todas as regras monásticas: não tem muralhas nem relógios, só são admitidos homens e mulheres belos; a vida é livre de regras, com livre trânsito; a riqueza é permitida, contrariando as regras de perpetuidade, castidade e pobreza, características das ordens monásticas. Além disso, Gargantua proíbe toda a escória humana de ali penetrar.

Certa feita, questionado sobre o que faria se tivesse o poder, respondeu: “— Restauraria todas as liberdades. Tristão de Ataíde chamou-me ‘libertário’. Fui ao dicionário ver que era isso. Encontrei: ‘Amigo da liberdade em todos os sentidos’. Emília mandou um abraço ao homem que me classificou tão bem” (v. 3, p. 234).

Em *A Reforma da Natureza*, Dona Benta é caracterizada como “a democracia em pessoa”: “Jamais abusou da sua autoridade para oprimir alguém. Todos eram livres no sítio, e justamente por essa razão nadavam num mar de felicidade”. (LOBATO, 1982, p. 1187).

É por essa ênfase na liberdade e no pensamento antiautoritário que a saga infantil lobatiana é um mundo utópico *sui generis*. Lobato procede a uma dissolução da utopia tradicional, considerada como um universo estandardizado, obediente à lei.<sup>81</sup> Apesar de detectarmos em sua obra muitos traços característicos do pensamento utópico (a viagem maravilhosa, a importância da pedagogia, a ausência da família tradicional, a crença na ciência), Lobato detesta regras e busca a liberdade. Não por acaso se autodenominou cigano. Seus personagens estão em férias num sítio e de lá partem para aventuras rocambolescas, onde há inversão de valores (em *Os Doze trabalhos de Hércules*, é a boneca Emília — a super-heroína —, que, com os poderes do faz-de-conta, ajuda Hércules — o super-homem — a vencer suas tarefas).

Acreditamos que a ênfase no individualismo, característica básica de Lobato, seja de raiz nietzschiana. A divisa de sua vida é um verso da *Gaia Ciência*, de Nietzsche: “Queres seguir-me? Segue-te”. Ora, o individualismo está nos antípodas do mundo utópico, que é uma nomocracia (o mesmo tipo de vestuário, o mesmo tipo de habitação, a comunidade, a felicidade coletiva).

Lobato lutava contra o poder instituído e centralizador e, por intermédio da personagem Emília, pregava a insubmissão. Ele próprio, usando de seu

prestígio junto às crianças, ao receber uma cartinha de pedido de ajuda para uma escola, aconselha suas correspondentes a incendiarem a mesma. Transcrevemos tal carta, de 18/11/1944, pois é um documento importante para caracterizar o pensamento de Lobato, visceralmente antiestatal:

Meninas Nilda, Margarida e Rute:/ Em mãos a cartinha de 25 do mês passado, sobre a falta de gabinete dentário aí. Que vergonha! Uma escola da Prefeitura do Distrito Federal em que as crianças precisam andar pedindo esmola para cuidar dos dentes! Vergonha das vergonhas — mas eu não me admiro, porque uma prefeitura que chegou ao ponto de mandar retirar das bibliotecas das suas escolas os meus livros infantis e queimou-os é naturalíssimo que não pense nos dentes das crianças. É uma prefeitura amiga da Cárie. *Asinus asinum fricat*, diz o latim. *Qui ressemble s'assemble*, diz o francês. Para tal Prefeitura, só mesmo a Cárie Dentária./ Querem vocês que eu contribua... Pois não. Vou mandar uma caixa de fósforos para vocês porem fogo nessa escola da Prefeitura — venham todos brincar no Sítio do pica-pau amarelo. O Quindim virou dentista e bom dentista. Ele trata dos dentes de vocês todas, de graça.../ Do amigo velho/ Monteiro Lobato. (LOBATO, 1959b, v. 1, p. 143).

Notamos que, nessa carta, Lobato convida as crianças para brincarem no seu *Sítio*. Nela estão presentes elementos que caracterizam o pensamento utópico: a contestação de determinada ordem, o confronto com o poder e a proposta de um lugar alternativo para essa ordem. Foi com a idéia de seduzir as crianças que Lobato escreveu sua obra. Roberta Jansen (apud Prada, 1997) comparou o autor ao flautista de Hamelin que, “ludibriado pelas autoridades de uma cidade, seduz com o som mágico da sua flauta todas as crianças e as leva embora consigo”.

Cumpre-nos, então, caracterizar o *Sítio do Pica-pau Amarelo* como uma utopia diferente das outras, ou seja, como um espaço de liberdade, espelhando as posições políticas de seu autor.

#### 1.4.1 Pássaro profeta

---

<sup>81</sup> Roland Barthes (1975, p. 88) também fala de uma utopia de diferenças: “Utopia (à Fourier): a de um mundo onde não haveria senão diferenças, de forma que se diferenciar não seria mais se excluir”.

O pássaro, que dá nome ao lugar ideal criado por Lobato, é associado, em várias mitologias, à proteção da espécie humana. Segundo Jung (apud Chevalier, 1982, p. 761), “é a volta ao seio materno que representa esse pássaro prestativo, imagem liberadora do pensamento, desejo nascido da introversão”.

Notamos, então, que a própria simbologia do nome da obra já nos remete a um lugar-refúgio. Segundo a mesma fonte, pelo fato de cavar os troncos, o pica-pau simboliza o renascimento.

Jung, em *Símbolos da Transformação* (1986, p. 546), fala do pica-pau: “O pica-pau deve sua importância ao fato de cavar buracos nas árvores. Por isso, é compreensível que na lenda romana [o pica-pau alimenta os gêmeos Rômulo e Remo] tenha sido celebrado como dono ou senhor da árvore sagrada, o protótipo do ‘*Pater familias*’”.

Lobato conhecia a lenda da origem de Roma, que trata desse pássaro provedor, que alimenta as crianças abandonadas: “A loba tirou os meninos da água e os amamentou juntamente com a sua ninhada de lobinhos e com a ajuda de um pica-pau que lhes trazia amoras do mato.” (LOBATO, 1982, p. 1596).

Notamos uma coerência nos símbolos lobatianos, já que, paralelamente ao pica-pau, adota como símbolo outro animal cavador, o tatu<sup>82</sup>. Sua obra representa os dois pratos de uma balança: de um lado, o tatu, símbolo subterrâneo da obra de negatividade, o mundo das trevas, presente nos livros até 1921; de outro, o pica-pau, símbolo aéreo do espaço utópico, o mundo das luzes, na obra iniciada a partir de 1920. “No Sítio do pica-pau amarelo não bate geada, não há fogo-de-mato, nem broca de café, nem exploração do caboclo.

---

<sup>82</sup> Vale dizer que Nietzsche, inspirador de Lobato, também se define como um animal cavador, a toupeira, “que anda debaixo da terra roendo as raízes das velhas verdades” (v. 11, p. 162). A toupeira, aliás, espécie européia aparentada ao tatu, é um animal que simboliza os cultos agrários. O tatu é tão importante como símbolo da obra lobatiana que, em *O Poço do Visconde*, é alçado a prospector de petróleo.

Lá tudo corre como no melhor dos mundos possíveis”, afirma (LOBATO, 1943, p. xxxix-xl).

Ainda segundo o dicionário anteriormente citado, considera-se o pica-pau um pássaro-profeta, que guia os viajantes<sup>83</sup>. Conforme já falamos anteriormente, Lobato se considerava profeta. Orígenes Lessa chamou-o de “Amós<sup>84</sup> caboclo”, pois como um Amós, deixou o campo e saiu anunciando a boa nova desenvolvimentista. Durante a campanha do petróleo, uma *charge* de Belmonte retratou-o como João Batista pregando no deserto (ver ilustração).

Outro detalhe que se deve levar em consideração é a cor da plumagem do pica-pau: trata-se de um pássaro de coloração amarela. Assim, paralelamente ao rebaixamento da realidade brasileira (urupê e tatu), o pássaro (verde) amarelo vai configurar a idéia de um novo espaço nacional regido pela liberdade, pela aventura e pelo conhecimento. Artur Neves (apud Lobato, 1943, p. xxxix) sintetiza exemplarmente a idéia do Sítio como um espaço utópico: “O antigo latifundiário do Buquira possui hoje uma única propriedade — o famoso ‘Sítio do pica-pau amarelo’, esse ‘Shangri-lá’ das crianças brasileiras”.

Ainda com relação à imagem do “pica-pau”, convém lembrar que, no livro *América* (1932), Nova York é chamada de “Cidade dos Picapaus”, porque o ruído das britadeiras lembra o ruído dos pica-paus na floresta. Mais uma vez, a idéia que emana do “pica-pau” é a de construção de um espaço idealizado (o espaço urbano tecnizado):

[...] New York é a Cidade dos Picapaus.  
Mr. Slang não entendeu. Enrugou a testa.  
— Já ouviu no mato o pica-pau picando pau? perguntei-lhe.  
Pois o ruído que fazem é exatamente este dos martelos de ar comprimido. (v. 9, p. 154).

---

<sup>83</sup> Nietzsche, em *O Nascimento da Tragédia* (1977, p. 150), também fala de um pássaro que sobrevoa a cabeça do herói Siegfried e lhe mostra o caminho.

<sup>84</sup> Amós é considerado o mais antigo dos profetas escritores. (*Bíblia*, 1983, p. 1387). Cassiano Nunes (1982, p. 82) transcreve as palavras de Orígenes Lessa: “De poucos homens ouvi ou li mais desvairados libelos, mais tremendas acusações contra o Brasil do seu e do nosso tempo. Ele está contra pelo menos há 25 anos. Ele acusa e denuncia, pelo menos há um quarto de século, como um Amós caboclo que substituiu as grandes apóstrofes de arrepiar pelo sarcasmo impiedoso, pela ironia de tirar sangue. [...]”.

### 1.4.2 Insularismo

O espaço geográfico das utopias é geralmente uma paisagem longínqua. A ilha é um *topos* constante, pois representa um espaço fechado e autônomo, onde os homens vivem em harmonia. Na Idade Média, o mito das Ilhas Afortunadas reatualizou a idéia de um paraíso terrestre, alcançado ao termo de um périplo, de uma busca, que conduz à descoberta desse lugar ideal. Com as descobertas, os navegadores assimilaram tais ilhas do imaginário coletivo às Ilhas Canárias.

Como Lobato, ex-fazendeiro, é um homem visceralmente ligado à terra, situou seu espaço ilhado no campo, que tradicionalmente representa um lugar de refúgio. Daí a escolha do sítio, que é situado vagamente em *Reinações de Narizinho*: “Numa casinha branca, lá no Sítio do pica-pau amarelo, mora uma velha de mais de sessenta anos [...] Que tristeza viver assim tão sozinha neste deserto [...]”. Já no livro *O Pica-pau Amarelo*, há uma referência mais explícita ao território. O sítio teria aproximadamente cem alqueires, revelando-se um espaço exíguo para abrigar todos os personagens do *Mundo da Fábula* que para lá se mudariam, obrigando Dona Benta a adquirir, para abrigá-los, as terras limítrofes, que passaram a chamar-se Terras Novas. Note-se que a localização incerta do Sítio é enfatizada por Lobato, quando escreve num álbum infantil estas palavras de Dona Benta: “Felizmente as crianças do mundo não sabem o caminho aqui do Sítio, senão todas se mudavam para cá”<sup>85</sup>.

Esse insularismo no espaço conjuga-se com um insularismo no tempo. Acabou a corda do relógio e o tempo é uma ficção. Tanto se pode estar na Grécia da época heróica (século XV a. C.) quanto na Grécia da época clássica (século V a. C.): “Aqui no Sítio nós fizemos guerra ao tamanho e empacamos.

---

<sup>85</sup> Essa frase faz parte dos “pensamentos” dos personagens do *Sítio do Pica-pau Amarelo*, escritos por Lobato num álbum infantil em 1937, com uma caligrafia diferente para cada personagem. Cf. Hilda Junqueira Villela Merz, caderno 6, 1985, Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato.

Ninguém cresce. Pedrinho e Narizinho estão parados há anos — como Peter Pan”, diz Emília em *A Reforma da Natureza*.<sup>86</sup>

Em *Peter Pan: A História do Menino que não queria crescer*, este explica-nos suas razões por ter fugido de casa: “Porque ouvi uma conversa entre meu pai e minha mãe sobre o que eu havia de ser quando crescesse. Ora, eu não queria crescer. Não queria, nem quero virar homem grande, de bigode na cara feito taturana. Muito melhor ficar sempre menino, não acha? Por isso fugi e fui viver com as fadas.” (LOBATO, 1982, p. 591).

A tentativa de elaborar um novo calendário, uma nova contagem do tempo, é uma forma de utopia. Isso ocorreu na Revolução Francesa, quando se instituiu a semana de dez dias (“*decadaire*”) e se modificaram os nomes dos meses. Curiosamente, no início de sua correspondência com Godofredo Rangel, imitando o calendário republicano francês, como na *Correspondência de Fradique Mendes*, o grupo de Lobato começou a contar o tempo depois da fundação do Cenáculo, nome do grupo, e a atribuir ao calendário o nome de seus integrantes. Assim, a carta de 9/12/1903 aparece também como “9 de Yewsky (pseudônimo de Lobato) do ano II” (do nascimento do Cenáculo). Outra é datada de “4 de Bruno”, pseudônimo de Ricardo Gonçalves. Quando Rangel diz que vai visitar Lobato em “Raul”, este atrapalha-se todo, pois já não se lembra a que mês corresponde “Raul”.

### 1.4.3 Universalismo

Apesar do insularismo que caracteriza as utopias literárias, elas têm um sentido cósmico, e buscam realizar aquilo que John Donne falava na sua “Meditação 17: “Nenhum homem é uma ilha inteiro por si próprio; cada homem é um pedaço do continente, uma parte do principal”. Na utopia, há a idéia de uma ilha que se expande até o cosmos. Em Monteiro Lobato não é diferente.

---

<sup>86</sup> Daí o diminutivo nos nomes. Representam a criança feliz, nem férias, numa propriedade rural. De certa forma opõem-se à criança negra, privada de tudo, conhecida apenas pelo apelido

Vamos citar abaixo um trecho de *A Reforma da Natureza* em que, claramente, o *Sítio do Picapau Amarelo* aparece como modelo para a felicidade coletiva planetária. As suas fronteiras são ilusórias, pois ele visa expandir-se para o mundo todo. Nesse livro, Dona Benta e Tia Nastácia foram convocadas para a conferência de Paz, no final da Segunda Guerra:

O Rei Carol, depois de cochichar com o General de Gaulle, prosseguiu no seu discurso.

Só conheço — disse ele — duas criaturas em condições de representar a humanidade, porque são as mais humanas do mundo e também são grandes estadistas. A pequena república que elas governam sempre nadou na maior felicidade. (LOBATO, 1982, p. 1185).

E mais adiante:

— Muito bem! aprovou o Duque de Windsor, que era o representante dos ingleses. — A Duquesa me leu a história desse maravilhoso pequeno país, um verdadeiro paraíso na terra, e também estou convencido de que unicamente por meio da sabedoria de Dona Benta e do bom senso de tia Nastácia o mundo poderá ser consertado. No dia em que o nosso planeta ficar inteirinho como é o sítio, não só teremos paz eterna como a mais perfeita felicidade. (LOBATO, 1982, p. 1186).

Dona Benta exprime a idéia do “homem civil”, que Rousseau (1971, p. 21) assim define: “O homem civil não é senão uma entidade fracionária que se refere ao denominador, e cujo valor está em sua relação com o inteiro, que é o corpo social”<sup>87</sup>. Segundo Frye (1989, p. 144), “a metáfora de que somos todos membros de um corpo tem estruturado a maior parte da teoria política de Platão a nossos dias”.

Observe-se que, em *A Chave do Tamanho*, Dona Benta expressa exatamente a mesma idéia:

A humanidade forma um corpo só. Cada país é um membro desse corpo, como cada dedo, cada unha, cada mão, cada braço ou perna faz parte do nosso corpo. Uma bomba que cai

---

“Negrinha”, no conto epônimo.

<sup>87</sup> Segundo Franco (2000, p. 280), no *Contrato Social*, Rousseau trata da passagem do estado natural ao estado civil: “O estado natural tem os seus encantos, mas o homem, abandonando-o pelo estado civil, se elevou e elevou o seu próprio destino. [...] não era possível que o livro deixasse de reconhecer a superioridade das instituições políticas sobre a desordem natural.”

numa casa de Londres e mata uma vovó de lá, como eu, se fere uma netinha como você ou deixa aleijado um Pedrinho de lá, me dói tanto como se caísse aqui. (LOBATO, 1982, p. 1106).

Em *A Reforma da Natureza*, essa idéia é retomada: “Só essas criaturas poderão propor uma paz que, satisfazendo a toda a humanidade, também satisfaça aos povos, porque a humanidade é um todo do qual os povos são as partes. Ou melhor: a humanidade é uma laranja da qual os povos são os gomos”. (LOBATO, 1982, p. 1185).

Assim, em seus livros, esse construtor de mundos reserva amável acolhida a todos os personagens da Fábula (trata-se de uma grande operação de leitura, conhecida como “intertextualidade”). As fronteiras de sua obra se dilatam para abrigar todo o repertório conhecido da literatura infantil.

Não faltou ao *Sítio do Picapau Amarelo* sequer a idéia da língua universal, presente em muitas utopias<sup>88</sup>. O Dr. Zamenhof, criador do esperanto, é personagem de *A Reforma da Natureza*, livro no qual Emília fala das reformas que já fizera na língua.

Antes de reformar a Natureza, Emília já havia feito várias reformas na língua.

— Que está fazendo aí, menina — perguntou a mãe da Rã, ao vê-la dividindo o misterioso pó.

— Estou “bi” o que leva e traz para que me leve e traga — respondeu ela em língua da pitonisa de Delfos (na língua emiliana “bi” queria dizer “dividir em dois”). (LOBATO, 1982, p. 1188).

Quanto ao Dr. Zamenhof, ele vem ao Sítio, atraído pelas reformas de Emília e do Visconde:

— Deve ser por aqui — dizia o Dr. Zamenhof, chefe da comissão. — Por aqui foram avistadas as primeiras formigas monstros, a gigantesca Noventaquatropéia, descoberta pelo Sr. Pedro Encerrabodes de Oliveira, e também o grilão e o minhocão. Temos de organizar um cerco e ir fechado o círculo. (LOBATO, 1982, p. 1215).

---

<sup>88</sup> Na *Utopia*, lemos: “Para aprender as ciências eles se servem de sua língua nacional. De fato, esta tem um vocabulário rico, é harmoniosa, feita como nenhuma outra para traduzir os sentimentos da alma. Com umas poucas alterações regionais, ela é comum a vastas regiões do universo.” (MORUS, 1997, p. 102).

No conto “O Centaurinho”, reunido no livro *Historias Diversas*<sup>89</sup>, fala-se da língua imaginária de Emília, misto de várias outras línguas associada a “caretas, micagens e gestos de todos os tipos, pinotes, botamentos de língua, espirros e até pontapés”:

Era tão expressiva a “língua da Emília”, que um filósofo inglês, que pousou uma noite no Picapau Amarelo, disse mais tarde a Bernard Shaw<sup>90</sup>: “A língua universal, com que há tanto tempo a humanidade sonha, não é em nenhuma universidade que se está formando, e sim no maravilhoso sítio de Dona Benta” — e consta que Bernard Shaw tomou a seguinte nota em sua carteira: “Descobrir Emília e conversar com ela.” (LOBATO, 1982, p. 497).

#### 1.4.4 Matriarcado

Notamos que a figura da mulher é dominante na obra de Lobato e que, mediante seu livro *América* (1932), ele introduziu no Brasil, no início da década de 30, o debate feminista que vivenciara nos Estados Unidos, quando lá exerceu a função de adido comercial de 1926 a 1930. Nesse sentido, aproximase da visão de Oswald de Andrade que, repetidas vezes, fala em matriarcado no Manifesto Antropófago. Oswald de Andrade entende o matriarcado como a primeira forma de relação humana (anterior ao patriarcado), onde a criança se desvincula de sua família biológica, vinculando-se ao grupo, numa época anterior à propriedade privada, ao casamento monogâmico e à herança, corolários da sociedade patriarcal.

Segundo Haroldo de Campos, Oswald de Andrade vislumbra

[...] uma nova “Idade de Ouro”, pós-moderna, uma cultura antropófago-tecnológica, na qual o homem natural tecnificado (ou seja, resgatado de todas as suas servidões pelo uso progressista das conquistas tecnológicas), e sob a égide do matriarcado (vale dizer, sem as amarras da família, da propriedade e do estado de classes, próprias da cultura

---

<sup>89</sup> Este livro é uma coletânea de estórias esparsas reunidas em livro em 1959.

<sup>90</sup> Bernard Shaw deixara legado, em testamento, para o desenvolvimento de um alfabeto fonético, com a especificação de que *Androcles and the lion* fosse a primeira das suas peças a ser transcrita.

patriarcal, “messiânica”), redescobrirá a felicidade social e o ócio lúdico, propício às artes.

Embora Tatiana Belinky (apud COELHO, 1985, p. 194) afirme que a constelação familiar esboçada por Lobato em sua literatura infantil seja a mais apta a aplinar os conflitos familiares (ausência de pai, de mãe e de irmãos), acreditamos que é mais plausível examiná-la à luz da perspectiva utópica: ausência da família patriarcal, criação socializada dos filhos (no caso, pela avó Dona Benta e seu duplo, sua antiga escrava, a cozinheira Tia Nastácia), tal qual preconizava Platão (1965, v. 2, p. 21), no livro v da *República*: “— Os filhos, à medida que forem nascendo, serão entregues a pessoas encarregadas de cuidar deles, homens, mulheres, ou então homens e mulheres juntos, pois os cargos são comuns a ambos os sexos.”

Lobato tem uma visão muito crítica do casamento<sup>91</sup>, expressa em alguns contos onde ora a mulher, ora o homem estão no papel de vítimas de uma instituição que os transforma em escravos. Lembremos os contos “O mata-pau”, “Porque Lopes se casou”, “O romance do Chopim”, “Barba Azul”, “O bom marido”. Na literatura infantil, Narizinho fica “viúva”, pois o Príncipe Escamado morre:

— Por que não vem o príncipe? — indagou Narizinho.  
— Porque o príncipe já não existe mais — murmurou o médico baixando os olhos.  
— Como não existe mais? Que aconteceu? Fale!...

---

<sup>91</sup> Lobato nada filtra de seu casamento em 1908, escrevendo, anos depois, a seu amigo Godofredo Rangel que se deveriam instituir férias conjugais. Quando Rangel se casa, em 1904, Lobato faz, por carta, uma catilinária contra o casamento, e conforma-se em dividir o amigo com a noiva de Rangel, Bárbara, comentando que o hábito de escrever desdobrara-o em dois, um da noiva, em carne e osso, e o outro, o epistológrafo, só dele. Como Bárbara pilhara uma dessas cartas, passa a considerá-lo como inimigo e os ciúmes dela são o motivo freqüentemente invocado por Lobato para justificar a recusa em visitá-los em Minas Gerais. O conto “Por que Lopes se casou”, de *Cidades Mortas*, é uma sátira ao casamento, escrita por ocasião do casamento de Rangel. Nele, o homem aparece como vítima de uma matrona e da inumerável prole. Nos outros contos sobre o assunto, a posição de vítima desloca-se para a mulher. Em *O Marquês de Rabicó* (1922), também há nota crítica ao casamento. Emília casa por interesse, e o noivo revela-se um ogro, tentando comer até a aliança. Logo após esse episódio, em *Reinações de Narizinho*, realiza-se com toda a pompa, no fundo do mar, um casamento, no âmbito do grotesco, entre uma menina e um peixe.

— Não sei o que aconteceu. Mas depois daquela viagem ao sítio de dona Benta, o nosso amado príncipe nunca mais voltou ao reino.

— Narizinho recordou-se da cena. Lembrou-se de que o falso gato Félix havia aparecido para avisá-la de que o príncipe estava se afogando por ter desaprendido a arte de nadar. Lembrou-se de que correria ao rio para salvá-lo, mas nada encontrou. Ter-se-ia mesmo afogado?

— Acha que ele morreu afogado, doutor?

— Isso é absurdo, menina. Um peixe nunca desaprende a arte de nadar. O que aconteceu, sabe o que foi?

— Diga...

— Foi comido pelo falso gato Félix, aposto.

— O choque sentido pela menina foi enorme, e não caiu com um desmaio unicamente porque os convidados estavam chegando e isso estragaria a festa. (LOBATO, 1982, p. 123)

Já para Emília, que se casara enganada como o Marquês de Rabicó, Narizinho prevê o divórcio: “— Emília é uma emproada, príncipe, que não dá confiança ao marido. Casou-se só por casar, pelo título, e se encontrar por aqui algum duque, é bem capaz de divorciar-se do marquês.” (LOBATO, 1982, p. 55).

#### **1.4.5 Viagem extraordinária**

Em sua correspondência, Lobato exalta o “artista deambulatório” que, com sua harpa, capta os sons da vida para depois aprisioná-los em “livros vividos”. Em carta a Godofredo Rangel, em 1908, faz o elogio à viagem que, na cultura ocidental, está geralmente ligada à pedagogia:

Que ótimo se pudéssemos nos engajar um ano como marinheiro, outro como soldado, outro como garçom de café, outro como cocheiro de tálburi — e assim vivermos nesses pitorescos e variados ambientes, vendo novas facetas da vida, em vez de nos estiolarmos com a fixidez num ponto da terra toda a vida, existindo mais que vivendo. (v. 11, p. 205).

Lobato apreciava livros de aventuras e de viagens imaginárias (sempre fala em Robinson Crusoe e em Gulliver). Esse amor pela viagem reflete-se na obra, onde os personagens usam o espaço do *Sítio* como plataforma para a viagem no tempo e no espaço (sideral ou marítimo). As viagens extraordinárias, segundo Fortunati (apud TROUSSON, 1998, p. 26), representam um invariante do gênero utópico. Os pica-pauzinhos viajam ao país das fábulas (*Pena de papagaio*); à Grécia antiga (*O Minotauro* e *Os Doze Trabalhos de Hércules*); ao redor do mundo (*Geografia de D. Benta*); à lua (*Viagem ao Céu*); ao fundo do mar (*Reinações de Narizinho*), quando interagem, de modo irreverente, com heróis míticos, sábios e animais fabulosos.

Na obra infantil lobatiana há várias “fugas” para mundos alternativos. Já em *Reinações de Narizinho*, esta percorre o Reino das Águas Claras e o Reino das Abelhas. A primeira, incursão ao fundo do mar: a segunda, uma visita a um mundo perfeito e bem ordenado, que poderia servir de modelo ao nosso. Os personagens também se deslocam no tempo, indo ao Mundo das Fábulas, convivendo com La Fontaine e Esopo, e à Grécia antiga, convivendo com Hércules e Fídias.

Em *Caçadas de Pedrinho*, há uma incursão pelo mundo fabuloso da floresta. Este livro também pode ser lido como uma rescrita de um mito bíblico, a luta do fraco (Davi e sua funda; Pedrinho e seu bodoque) contra o forte (Golias, a onça<sup>92</sup>).

A viagem à Grécia heróica e à clássica possibilita o encontro com Hércules e com a arte clássica, dois dos pilares do pensamento lobatiano. As outras viagens, ao *País da Gramática*, ao globo terrestre, aliam necessidade de conhecimento e evasão.

Em suas adaptações principais (*Aventuras de Hans Staden*, *D. Quixote das Crianças*, *Peter Pan*) também vemos personagens em busca de lugares

---

<sup>92</sup> Entre os hobbies de Lobato, além da pintura e da fotografia, podem-se citar a caça. Como Pedrinho, gostava de caçar onça no mato, chegando a ter seis carabinas. Lido sob a ótica do século XXI, da preservação das espécies, o livro *Caçadas de Pedrinho* parece politicamente incorreto.

ideais. Hans Staden é um herói viajante; Dom Quixote, um andarilho e Peter Pan, o menino que não queria crescer, vem da Terra do Nunca.

As viagens representam ritos de iniciação. Segundo Michel Serres (1974, p. 13), a ligação das viagens com a pedagogia é uma constante na cultura ocidental. Os pica-pauzinhos viajam para aprender. Mas também agem como super-heróis que, pela astúcia e inteligência, resolvem, no decorrer das viagens, os mais intrincados problemas. É assim que, em *O Minotauro*, Sócrates confessa que a conversa com Dona Benta vai levá-lo a mudar alguns de seus pontos de vista; Tia Nastácia vence o minotauro com seus bolinhos; Narizinho e Dona Benta participam da Panatenéia, a principal festa de Atenas, em honra à deusa Palas Atena etc.

As viagens também se inserem dentro da pedagogia ativa buscada por Lobato. Notamos que em *Emílio*, Rousseau fala de um livro de geografia que começa assim: “*O que é o mundo? É um globo de papelão*. Tal é precisamente a geografia das crianças.” (1971, p. 76). Em *Geografia de D. Benta*, esta começa conversando sobre o assunto até que Emília tem uma idéia: “Vamos estudar geografia de outro jeito — propôs. — Tomamos um navio e saímos pelo mundo afora vendo, o que é muito mais interessante.” (LOBATO, 1982, p. 993).

Até aqui temos observado que a literatura infantil lobatiana filia-se a uma longa tradição literária e científica. Não podia faltar nessa obra a *Viagem ao Céu*. Ao escrever a sua aparentemente despretensiosa obra em 1932, Lobato se inscreve numa linhagem da literatura que remonta à Antiguidade, com Luciano de Samósata, com “Icaromenipo” e *História Verdadeira*.

Lobato é também tributário de Cyrano de Bergerac (*Histoire Comique des États et Empires de la Lune*, 1657; *des États et Empires du Soleil*, 1662), e de Júlio Verne (*Da Terra à lua*, 1865), autores citados em *Viagem ao Céu*. No primeiro, o tom é a sátira: a lua representa um espaço ideal, aquilo que se gostaria de ver sobre a Terra. No segundo, predomina a aventura científica.

Eis como São Jorge relata para os pica-pauzinhos as visitas que recebeu na lua:

— Estimo muito mas saiba que inúmeros homens têm tentado vir à Lua e bem pouco o conseguiram. O último veio dentro duma bala de canhão, num tiro mal calculado. A bala passou por cima da Lua e ficou rodando em redor dela. Não sei quem foi esse maluco.

— Eu sei! —gritou Pedrinho. — Foi um personagem de Júlio Verne [Michel Ardan] , no romance DA TERRA À LUA. Vovó já nos leu isso.

São Jorge estava ali desde o reinado do Imperador Diocleciano sem outra companhia a não ser o dragão, de modo que ficava muito alegre quando alguém aparecia por lá. Mas como era raro! Um dos “lueiros” mais interessantes foi um tal Cirano de Bergerac, que por lá andou e escreveu a respeito uma obra célebre. (LOBATO, 1982, p.639).

Na aventura espacial lobatiana prevalece o conhecimento científico à sátira social. Embora seja nesse livro que o personagem Burro Falante se torna Conselheiro<sup>93</sup>, o *status quo* da Terra se mantém. Tia Nastácia, que chegou à lua enganada (cheirou o pó, pensando tratar-se de rapé), continua na sua função de cozinheira. Quando as crianças decidem continuar o passeio sideral, deixam Tia Nastácia na lua, cozinhando para São Jorge: “ [...] E não se esqueça de que a maior honra para uma cozinheira como você é ficar fazendo bolinhos para um santo de tanta importância.” (LOBATO, 1982, p. 649).

Trata-se de uma viagem de reconhecimento, muito mais do que de conhecimento.<sup>94</sup> Na verdade, os pica-pauzinhos vão buscar no céu aquilo que já aprenderam na Terra. Os longos trechos aprendidos com Dona Benta aparecem entre aspas.

Quanto a cientistas, há referência a dois: o explorador David Livingstone (o Visconde de Sabugosa se metamorfoseia nele) e o astrônomo Flammarion (Pedrinho é chamado de Sr. Flammarionzinho, pois é o guia da viagem espacial. Suas descrições da geografia espacial são dignas de um astrônomo positivista.

---

<sup>93</sup> Irônico, ao se inteirar do fato, São Jorge retruca: ” — Burros falantes de dois pés. — respondeu o santo — conheci numerosos em minha vida terrena, mas de quatro jamais ouvi falar de algum.” (LOBATO, 1982, p. 649).

Assim, os *topoi* “lua” ou “espaço sideral” simbolizam a esperança do progresso técnico. Apesar da presença de São Jorge, o céu de Lobato é o céu da ciência e não o céu da Igreja. Simboliza o sonho milenar de o homem desvendar o segredo do universo. O autor lança seus personagens no espaço para responder a uma pergunta científica (como Cyrano de Bergerac): existe vida no espaço? Procura realizar, pela fantasia, o sonho da ciência de desvelar totalmente o universo.

A viagem ao espaço é também uma possibilidade de unir a fantasia ao conhecimento. A história de São Jorge e o dragão, as peripécias da viagem inter-estelar (O Burro Falante e Pedrinho ficam girando no éter, como os personagens de Jules Verne), os anéis de Saturno convertidos em escorregador, as cavalgadas na Via Láctea, em lombo de cometas, fazem parte do genial repertório da “gaia ciência” lobatiana.

Suas personagens levitam devido à ausência da gravidade, vêem o invisível, fazem o impossível, mesmo que seja às custas do “super-pim”, fabricado num laboratório<sup>95</sup>:

— Para nós não há impossíveis — afirmou Pedrinho com orgulho. Quem tem no bolso este pó mágico, zomba das leis da natureza. Sabe o que podemos fazer? Montar num cometa e esfregar no nariz dele um pouco de pirlimpimpim — e juro que ele alcança o outro num instantinho! Ah, São Jorge, o senhor não faz idéia do que é o pó de pirlimpimpim!... (LOBATO, 1982, p. 648-649).

#### 1.4.6 Ordem nova

Vimos que Monteiro Lobato se considerava profeta. O profetismo evidencia uma verdade (da etimologia grega: uma pessoa que fala em lugar de

---

<sup>94</sup> Na bela análise que faz da obra de Jules Verne, Michel Serres (1974, p. 22) fala que toda viagem “é indexada a uma legenda com três entradas”: deslocamento espacial, busca de conhecimento e lugar de peregrinação ou epifania.

<sup>95</sup> No caso de Cyrano de Bergerac, o recurso usado para alcançar a lua são frascos de orvalho.

outra). No caso de nosso autor, a verdade é o mal-estar chamado Brasil. É uma espécie de oráculo, cujas previsões nem sempre são levadas a sério.

A escrita profética desemboca na escrita apocalíptica. Monteiro Lobato acreditava que para instaurar uma ordem nova era necessário fazer tábula rasa da ordem estabelecida. Nesse sentido, acreditamos que o livro *A Chave do Tamanho* (1942), cujo subtítulo é “História da maior reinação do mundo, livro escrito após a prisão do autor e onde a personagem Emília reduz temporariamente o tamanho das criaturas humanas”, é um marco em sua obra infantil. Acionando a chave do tamanho, a boneca falante vai provocar uma reviravolta no mundo, um verdadeiro fim dos tempos, invertendo a sua ordem e inaugurando um novo mundo, uma nova idade, próxima da natureza, onde os valores da civilização (poder e dinheiro) não mais têm vigência. Lembremos que, em *A Reforma da Natureza*, a personagem Rã cogita na possibilidade de a boneca ser um anjo extraviado na terra: “E quem sabe se Emília não é de fato um anjo do céu que anda pelo mundo disfarçado em gatinha?” (LOBATO, 1982, p. 1198). Isso nos lembra uma frase do Apocalipse de São João: “Vi um anjo descer do céu com a chave do abismo”.

O livro *A Chave do Tamanho* tem um tom apocalíptico e pessimista. Por que apocalipse? Apocalipse significa “revelação” e remete, atualmente, à idéia de destruição, de catástrofe. O apocalipse é uma resposta violenta à violência humana. René Girard (1978, p. 279) fala da violência apocalíptica como *pharmakon*, ou seja, é ao mesmo tempo “veneno” e “remédio”.

Ora, foi o que aconteceu com a Terra, devido à traquinagem de Emília. Buscando uma solução para a Segunda Guerra Mundial, que destruiu 50 milhões de vidas, Emília aciona, inadvertidamente, a chave do tamanho, equiparando os seres humanos a pequenos vermes. Como não pensar na segunda viagem de Gulliver, “Viagem a Brobdignag”, o país dos bons gigantes? O Visconde de Sabugosa é o único ser que conserva o tamanho, convertendo-se num “formidável e pacífico gigante”; todos os demais, tornam-se Pequenos Polegares, inclusive as grandes autoridades, que comandavam a guerra. Hitler,

o Grande Ditador, um montinho de farda vazia, insetiforme, reconhecido pelo bigodinho, é duramente admoestado por Emília, que o ameaça com redução do tamanho a zero e o impede de se expressar. O imperador do Japão, o Filho do Sol, está escondido dentro de uma tampa de caneta, ameaçado pelo gato imperial. Os problemas do presidente americano resumem-se, agora, a fechar a janela e manter aceso o fogo na lareira.

Emília provoca, assim, um apocalipse, “um Grande Desastre”. Seria ela o anjo exterminador lobatiano, a justiceira, executando um julgamento sumário da humanidade, fazendo-a desaparecer e destruindo toda a civilização humana, para instaurar uma ordem nova? Ao se deparar, casualmente, com o Visconde, este a adverte em termos duros: “— Será possível? Então foi você, Emília, a causadora do tremendo desastre que vitimou a humanidade clássica”? (LOBATO, 1982, p. 1141).

Com o tamanho reduzido, toda a humanidade ficou à mercê de dona Seleção<sup>96</sup>, a Papuda-mor. Morte dos homens aos milhares, nos banheiros, vítimas de afogamento; nos campos, vítimas dos insetos. Os grandes inimigos já não são os leões e os tigres, mas os gatos, a passarada e os leitões (inclusive Rabicó, transformado em ogro). Todos eles se regalam com a humanidade reduzida ao tamanho de inseto. Qualquer descuido e os homens vão parar na Papolândia.

Foi isso que aconteceu com os pais de Juquinha e Candoca, devorados pelo gato de estimação. Emília ajuda essas crianças a salvar-se do desastre que provocara. Mais uma vez, então, notamos na obra lobatiana o interesse pela criança. Estas sobreviverão se se adaptarem (o que não aconteceu com os pais das crianças, que se recusaram a buscar abrigo numa fresta da parede).

Como resume Ana Maria Lisboa de Mello (1981, p. 70): “O princípio da relatividade das coisas é experimentado e compreendido em toda a sua extensão: o jardim toma a dimensão de uma floresta; o mede-palmo surge

como um monstro; os pássaros adquirem proporções gigantescas e podem devorar o homem; qualquer ventinho passa a ser, agora, um perigo para o ser bípede.” Adaptação é a palavra-chave desse novo mundo. Primeira regra de sobrevivência. A segunda é o mimetismo, forma de defesa do fraco, que revela, dessa forma, astúcia e inteligência.

Uma ordem nova surge da desordem. A Nova Ordem da Humanidade sem Tamanho opõe-se à ordem antiga: sem dinheiro, sem trabalho, sem máquina, sem invenções delirantes, com alimentação simplificada ao alcance da mão. Nela, há inversão de valores: um animal (o Burro Falante) e um vegetal (o Visconde de Sabugosa), comandado por uma boneca de trapo, são os seres mais importantes. Para realizar a utopia lobatiana — um mundo sem guerras — é preciso sair do gênero humano. Os donos do mundo agora são Emília e o Visconde, ou melhor, é um ser híbrido (milho/boneca de pano), composto do Visconde e de Emília, empoleirada na cabeça do sabugo, em cuja cartola vai instaurar o seu sítio (a sua morada).

Assim como Emília, ao pilhar-se minúscula, consegue sobreviver pela astúcia, assim também uma pequena comunidade, comandada por um cientista, dá início à cidade nova: a Cidade do Balde emborcado.

Notamos, claramente, no livro *A Chave do Tamanho*, a estrutura clássica da utopia. De um lado, um mundo antigo, vitimado pela guerra, pela ganância, pela pressa, pelo progresso. De outro, a cidade nova: “sem pressa, sem galopes, sem ferro, sem fogo.”

Outro fato que chama a atenção nesse livro é a crítica impiedosa à Idade do Ferro. Depois de ter feito a apologia do ferro em muitos textos, especialmente nos livros *Ferro*,<sup>97</sup> de 1931, coletânea de artigos técnicos sobre

---

<sup>96</sup> Campos (1986, p. 148) afirma: “D. Seleção, claro indicio do evolucionismo darwinista no autor”. Nesse livro, Lobato realiza seu velho sonho de eliminar o homem do controle do planeta, substituindo-o pelos animais.

<sup>97</sup> Mais de cinquenta anos depois de Lobato, sob o patrocínio do grupo Gerdau, Gilberto Freyre faz também a apologia do ferro em *Ferro e Civilização no Brasil*, publicado em 1988 pela Fundação Gilberto Freyre. Esse livro cita, apenas de relance, a contribuição de Monteiro Lobato no setor.

o assunto publicados no *Estado de São Paulo* — e *História das Invenções* (1935), e depois de ter fundado uma empresa para a extração do minério<sup>98</sup>, agora o autor parece recuar em suas posições desenvolvimentistas: o mundo da idade do ferro está em ruínas, é preciso voltar a viver segundo a natureza. Dentro do mundo do “destamanho” criado pela boneca Emília, há uma microutopia – *Pail City* (a Cidade do Balde), que se organiza de forma primitiva, com o reaproveitamento do lixo (um balde rachado e emborcado representa aquilo que se salvou da catástrofe) e o retorno à vida natural. Observe-se que essa cidade tem como legislador um sábio, tal como preconizava Platão para a sua cidade ideal. Trata-se do Dr. Barnes, ex-professor de antropologia da Universidade de Princeton, o qual Emília associa a Robinson em sua ilha, pois com seu conhecimento de antropologia vai iniciar uma nova civilização entre os hominídeos.

Temos, na *Chave do Tamanho*, a guerra, o apocalipse, o apequenamento (a humanidade reduz-se, literalmente, à situação de verme), a nova era, a volta do tamanho... Nessa visão circular do mundo parece não haver solução. É que confirma Lobato, com seu canto do cisne: com uma piscadinha de olhos, na sua última entrevista, pelo rádio, graceja: “Mas cá entre nós, que ninguém nos ouve, eu também não acredito mais em nada.”

#### **1.4.7 Domínio da natureza**

A vitória sobre a natureza é um dos *topoi* da utopia. Diferentemente da generosidade da natureza na Idade de Ouro ou no País de Cocanha, na utopia a natureza deve ser domada graças ao voluntarismo e à técnica. Vale lembrar que, em *More*, o território Utopia não era inicialmente uma ilha e foi uma criação artificial de Utopus:

De acordo com tradições confirmadas pelo aspecto do país, a região outrora não era cercada pelo mar antes de ser conquistada por Utopus, que se tornou seu rei e lhe deu seu

---

<sup>98</sup> Trata-se do Sindicato Nacional de Indústria e Comércio, em sociedade com Fortunato Bulcão.

nome. [...]. Utopus decidiu cortar um istmo de quinze milhas que ligava a terra ao continente, fazendo com que o mar a cercasse de todos os lados. Incumbiu os habitantes da tarefa, mas juntamente com seus soldados, para evitar que considerassem esse trabalho uma corvêia humilhante. (MORUS, 1997, p. 70).

É nessa ótica que podemos analisar o livro *A Reforma da Natureza*. Depois da partida de Dona Benta para pacificar a Europa, no final da Segunda Guerra, Emília, sozinha no *Sítio*, com Quindim e o Burro Falante, resolve reformar a natureza. Cria o passarinho-ninho, a vaca com torneirinhas (a ordenha mecânica), os pernilongos e moscas sem asa, os percevejos que carregam perfumes, os livros comestíveis, as laranjas sem casca, etc. Depois do desastre de suas experiências, une-se aos estudos do Visconde de Sabugosa que, no seu laboratório, no oco de uma figueira, faz diversas manipulações genéticas. Criam a pulga gigantesca, a noventaquatropéia, o minhocão de seis pernas, o grilão.

Emília justifica suas reformas:

A obra da Natureza está tão cheia de “bissurdos” como a obra dos homens. A natureza vive experimentando e errando. Dá cem pés à centopéia e nem um para as minhocas — por que tanta injustiça? Faz um pêssego tão bonito e deixa que as moscas ponham ovos lá dentro e dos ovos saiam bichos que apodrecem a linda carne dos pêssegos — não é uma judiação? Veste os besouros com uma casca grossa demais e deixa as minhocas mais nuas do que a careca do Quindó — isso é erro. Quanto mais observo as coisas mais acho tudo torto e errado. (LOBATO, 1982, p. 1202).

Esses são os caminhos do projeto utópico de Monteiro Lobato. O conceito de utopia explica alguns aspectos de sua obra, quais sejam: a ausência da família e da escola tradicionais, a contestação ao poder, a insipidez romanesca (seus livros tratam sempre de aventuras), a depreciação do dinheiro, o caráter profético, a defesa da arte realista.

## 2 ASSIM FALAVA MONTEIRO LOBATO

Talvez um dia dirão de nós, que também nós, **navegando para o ocidente, esperávamos alcançar umas Índias** — mas que nosso destino era naufragar no infinito? Ou meus irmãos? Ou? (Nietzsche, Nós aeronautas do espírito, 1978, p. 186, grifo do autor)

Passar da reflexão sobre a utopia diretamente para presença de Nietzsche no pensamento de Monteiro Lobato parece-nos, não um salto, mas uma continuação natural. O utopista tem que agir, mesmo se, muitas vezes, sua obra se resume a castelos na areia. Lobato, homem de ação, levantava numa mão o sonho e na outra, a ferramenta do *homo faber*. O vitalismo que o impulsionou, colheu-o na filosofia de Nietzsche, que é considerado como o precursor dos “filósofos da vida”<sup>99</sup>, filósofo que afirma a vida a despeito de um homem particular e que, não podendo falar para seus contemporâneos, foi um homem extemporâneo, assim como Monteiro Lobato, que se coloca também como homem fora de seu tempo e lugar: vira as costas ao Modernismo quando os ventos estavam a favor da inovação literária; vira as costas a Getúlio Vargas, pregando a livre iniciativa quando os ventos favoreciam as empreitadas estatizantes.

Sobrevém o dilema — calar-se ou falar para o futuro. Ora, tive a desgraça de dar um salto na minha evolução mental. Passei do plano inteligível aos contemporâneos a um ininteligível. Rir-se-iam de mim se eu falasse — e o desencantamento da vida me tira o ânimo de escrever para o futuro. Solução: silêncio. (LOBATO, 1986a, p. 49).

Lobato, impregnado da idéia de utopia, vai buscar também em Nietzsche uma plataforma filosófica. Conceitos de raiz nietzchiana como o super-homem (o além-do-homem), o eterno retorno, a luta, a transmutação de valores, a intuição, a afirmação da vida e a primazia da ação dão esteio a seu

---

<sup>99</sup> Ou “existencialistas”: Bergson, Husserl, Sartre, Marcel, Jaspers (NUNES, 1967).

pensamento, tributário de uma exaltação que é de ordem dionisíaca, desmesurada e prometéica .

Deixamos de lado o estudo de pensadores como Comte (positivismo), Gustave Le Bon (psicologia coletiva), Stuart Mill (empirismo), Taine (determinismo) e Spencer (evolucionismo), autores esses que também influenciaram Lobato. E assim procedemos, seguindo as pistas dadas pelo próprio autor, o qual confessa pouco antes de morrer que, depois de sofrer, aos dezoito anos, um verdadeiro choque mental com a obra de Gustave Le Bon, autor de *Psychologie des Foules*, desviou-se dele e igualmente de Comte, para desembocar em Nietzsche:

O bombardeio de Le Bon. O desmoronamento. O mal-estar de minha alma aflita em meio só de escombros. Eu procurava albergue novo. Quem sabe se Augusto Comte... Não era Augusto Comte o que eu procurava. Convenci-me logo às primeiras leituras. Apesar de verdolengo, que exigentezinho eu era na escolha da casa nova!

Refugado o positivismo, pus-me a estudar comigo mesmo e a fazer a coisa mais difícil de todas: pensar. [...] Por algum tempo acomodei-me na arquitetura de Herbert Spencer, mas sem adesão incondicional. Ainda não era bem o que eu queria. E que é que eu queria? Ignorava. E como ignorasse, procurava. Fosse outros filósofos. Nada. Em todos só via sistemas, o meu indefinível anseio desadorava a rigidez dos sistemas. (LOBATO, 1964, p. 222).

Nietzschiano de primeira hora, já no final da adolescência, Lobato foi fortemente influenciado por *Assim Falou Zaratustra* (1884), onde Nietzsche trata, em termos de fábula, do nascimento do super-homem e do eterno retorno. Ressente-se essa influência tanto na vida pessoal quanto na obra de Lobato. Veremos mais abaixo como Nietzsche influenciou sua literatura, desde o estilo até a concepção de personagens. Vejamos, primeiramente, a presença do filósofo alemão na literatura brasileira.

## **2.1 Zaratustra na Jecatatuásia**

Segundo Will Durant (1959, p. 400), escritores como Artzibashef, Strindberg, Przybyszewski, Hauptmann, Dehmel, Hamsun e D'Annunzio<sup>100</sup> foram influenciados por Nietzsche. Jack London também o teve por mestre, conforme assinala Paes (1990, p. 21): “*O Lobo do mar* vai além do romance de aventura, inculcando-se uma parábola acerca do problema nietzschiano do super-homem em face do Bem e do Mal.”

O próprio Lobato, em 1905 fala da influência de Nietzsche sobre a literatura universal:

Na *Revue*, a cada momento tropeço nele; no Japão, Hakonsai o assinala como a maior determinante da inteligência atual. D'Annunzio e Maeterlinck são seus filhos. Nos Estados Unidos, Jean Jussier o dá como um dos máximos influenciadores, e num estudo de um ou outro sobre os máximos de hoje vem ele entre Tolstói, Kipling, Górkí e Maeterlinck, apontado como número um dos grandes cinco [...]. (LOBATO, 1959b, v. 1, p. 80).

Brito Broca, em *A Vida Literária no Brasil: 1900*, e Wilson Martins, em *História da Inteligência Brasileira*, abordam a influência de Nietzsche na literatura brasileira da passagem do século XIX para o XX. Para Martins, o escritor Elísio de Carvalho seria um nietzschiano, na medida em que exalta a teoria do super-homem. (1978, p. 198). Outro escritor brasileiro que teria sofrido essa influência, segundo Martins, seria Graça Aranha:

[...] *Canaã* é, à sua maneira, o “romance da energia nacional”, o primeiro brado de guerra contra o “terror cósmico” — e ainda mais “nietzschiano” do que poderíamos pensar à primeira vista. Claro, não devemos jamais empregar nem aceitar esse qualificativo sem ter no espírito a observação de Karl Jaspers segundo a qual os partidos e as idéias mais opostas costumam acolher-se sob a égide de Nietzsche. No caso de Graça Aranha, era sobretudo a exaltação da vida que parecia exercer a atração mais imperiosa — e, correspondentemente, no plano ideológico, os ensinamentos da *Genealogia da Moral*. Mas, Graça Aranha unia o Nietzsche antiwagneriano da última fase

---

<sup>100</sup> Artsybachev, romancista e dramaturgo russo (1878-1927); Strindberg, dramaturgo sueco (1849-1912); Przybyszewski, escritor polonês (1868-1927); Hauptmann, escritor alemão (1862-1946); Dehmel, poeta alemão (1863-1920); Hamsun, romancista norueguês (1859-1952); D'Annunzio, escritor italiano (1863-1938).

com o Wagner nietzschiano dos primeiros anos, segundo, aliás, os sedimentos homogeneizadores da Escola do Recife, que permaneceram para sempre na sua inteligência. [...]. (1978, p. 198).

Cabe ressaltar que Lobato sempre foi leitor muito perspicaz de Nietzsche e não lhe escapou, de forma alguma, desde cedo, a ambigüidade do pensamento desse filósofo, que seria cooptado pelo nazismo. Referindo-se ao Livro *Canaã*, adverte Rangel, em 1904, de que as idéias do personagem Lentz, calcadas em Nietzsche, podem simbolizar “a Alemanha perigosa que eu tenho medo que surja de Nietzsche” (v. 11, p. 53). Em uma carta provavelmente de 1905 (1959b, v. 1, p. 78), mais uma vez Lobato revela o excelente leitor que era, ao fazer a revisão de Nietzsche, num momento muito anterior ao nazismo: “Essas caricaturas de Nietzsche que correm mundo, sob o nome pretensioso de críticas, de super-homens e histórias são uma grande mentira. É o que Nietzsche parece ser a quem o vê pela primeira vez, mas nunca o que ele é realmente.”

O livro *Exaltação*, de Albertina Berta, é escrito sob a égide de Nietzsche. Começa com uma epígrafe desse autor e, nos vários capítulos, há extensas citações, em francês, do livro póstumo de Nietzsche *A Vontade de Poder*<sup>101</sup>. No último capítulo, o romance culmina com o suicídio da personagem principal, Ládice. Esse capítulo é precedido pela epígrafe de Nietzsche, em francês: “*La mort est une perfection tout aussi bien que la vie.*” Monteiro Lobato, tanto como Nietzsche<sup>102</sup>, também exalta a morte. Além de considerá-la como um “alvará de soltura”, fala da vantagem da morte precoce:

Gênios como Euclides não merecem fins de vida sórdidos. São explosões da natureza — e devem acabar em explosões. [...] O prêmio de Nietzsche foi a loucura. O prêmio de Shelley foi o afogamento. Num mundo mais mecanizado, como o nosso, está muito bem que o prêmio de Euclides haja sido uma bala de parabelum no peito. (v. 6, p. 255).

---

<sup>101</sup> Obra póstuma reunida arbitrariamente após a morte do autor por sua irmã Elisabeth Forster, que aproximou o filósofo do nacional-socialismo alemão.

<sup>102</sup> Nietzsche, em *O Nascimento da Tragédia*, relata antiga lenda ática segundo a qual é melhor não ter nascido ou morrer cedo.

João do Rio, em *Psicologia Urbana*, também começa seu livro com uma epígrafe, em francês, de Nietzsche. “*Le serpent perit quand il ne peut pas changer de peau. De même les esprits que l'on empêche de changer leurs opinions cessent d'être des esprits.*” Também no livro *No Tempo de Venceslau*, reaparecem idéias nietzschianas, citadas de maneira superficial (vontade de poder, força, além do bem e do mal), a propósito do perfil de Pinheiro Machado.

Nem sequer Lima Barreto ficou imune ao pensamento nietzschiano, conforme pudemos comprovar no livro *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919, p. 115), onde o filósofo é citado: “— Um super-homem! Considerou o invejoso Domingos./ Que diabo chama vocês super-homem? Perguntou o Rangel./ — Um cidadão que fica além do Bem e do Mal — é simples.”

Apesar dessa alusão, Lima Barreto não gostava de Nietzsche, acusando-o de muitos males para a humanidade, como o cinismo e a desumanidade. Em um artigo sobre o livro *Estudos*, de Albertina Berta, que traz um artigo sobre Nietzsche, Lima Barreto é tachativo na crítica ao filósofo alemão:

Nietzsche é bem o filósofo do nosso tempo de burguesia rapinante, sem escrúpulos: do nosso tempo de brutalidade, de dureza de coração, do “*make money*” seja como for, dos banqueiros e industriais que não trepidam em reduzir à miséria milhares de pessoas, a engendrar guerras, para ganhar alguns milhões mais. (BARRETO, 1956, p. 119-120).

Parece certo que Nietzsche foi muito lido no Brasil na virada do século XIX, na tradução francesa clássica de Henri Albert que circulava por aqui. José Antonio Nogueira, integrante do grupo Minarete, participando da pesquisa promovida por Lobato, em 1918, no jornal *O Estado de São Paulo*, fala, ironicamente, da voga de Dionísio entre os letrados da época. Todavia a adesão à sua filosofia foi superficial, restringindo-se a citações de títulos ou de conceitos.

Antes de Martins, Brito Broca (1960, p. 112-116) já fizera rápido painel da voga de Nietzsche no Brasil no início do século XX. Destaca dois romances:

*Assunção*, de Goulart de Andrade e *Exaltação*, de Albertina Berta. Segundo Brito Broca, o filósofo alemão já seria conhecido no Brasil desde 1898. Em 1902, José Veríssimo publica um ensaio sobre Nietzsche. Em 1904, foi a vez de João Ribeiro e de Araripe Jr. abordarem a obra de Nietzsche. Nestor Vitor (1969) também é um leitor entusiasta de Nietzsche, conforme expressa no artigo “F. Nietzsche”, do livro *Crítica de Ontem*, livro que mereceu o seguinte comentário de Lobato: “Sobre Nietzsche tem, no volume, duas páginas fulgurantes, onde se encontra esta bem apanhada observação, que é aliás, o tom geral do livro: ‘Nietzsche é o sentimento da proibidade intelectual levado à loucura. Depois de nos havermos encontrado com ele, qual o de nós que não se sente mais ou menos cabotino?’” (LOBATO, 1965, p. 28).

Em uma conferência de 1934, Gilberto Amado fala da leitura de sua geração: “[...] Em Pernambuco líamos tudo. Prosseguíamos na rota do darwinismo e do haeckelismo, seguindo os autores franceses, ingleses e italianos que entravam em circulação, mas sem tomar a peito o transformismo, sem formar batalhão. Nietzsche nos levara a Goethe.” (MARTINS, 1978a, p. 250).

Wilson Martins (1978b, p. 104) informa que, em 1917, José Maria Bello realizou um inquérito nas livrarias do Rio de Janeiro sobre os hábitos de leitura de sua geração, chegando ao seguinte resultado: entre vários autores como Le Bon (o mais vendido), encontra Schopenhauer, Spencer, Bergson, Kant e Nietzsche.

Filho de seu tempo, como tantos jovens intelectuais da virada do século XIX, Lobato leu, entre outros, Zola, Balzac, Machado de Assis, Camilo Castelo Branco, Fialho, Anatole France, Maeterlinck e Nietzsche (Broca, 1960, p. 109; Martins, 1978b, p. 104). Quando o escritor paulista afirma que aprecia os escritores que misturam ácido fórmico à tinta, está pensando no filósofo alemão, a quem considerava “o Grande Sabão dissolvente das velhas verdades” (v. 11, p. 162), pois seus textos livrariam o leitor de embotamentos prévios, de caráter ideológico. Além disso, Lobato finca pé no desejo de uma

singularidade absoluta, resumida no aforismo VADEMECUM — VADETECUM, do livro *A Gaia Ciência* de Nietzsche, aforismo que se transforma na divisa de Lobato (v. 11, p, 61).

Ernani Chaves (2000), por sua vez, analisa a influência de Nietzsche sobre o livro *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, assinalando a carência de estudos sobre a influência do pensador alemão sobre o modernismo brasileiro:

Valeria a pena investigar mais de perto o quanto o autor do *Zaratustra* foi uma leitura bastante presente no círculo dos modernistas freqüentado por Sérgio. Lembremos, por exemplo, que no mesmo ano de 1936, Manuel Bandeira, grande amigo de Sérgio, publicou *Estrela da manhã*, onde se encontra o poema intitulado “Nietzchiana”. A *Antropofagia*, por sua vez, como já mostrou Benedito Nunes no seu *Oswald canibal*, não poderia ser compreendida sem a importância de Nietzsche para a vanguarda européia e, no Brasil, em especial, na formação de Oswald de Andrade.

Segundo Benedito Nunes, na sua introdução às *Poesias*, de Mário Faustino, esse poeta também foi influenciado pelo *Zaratustra*.

## **2.2. Lobato, leitor e tradutor de Nietzsche**

Chamou-nos a atenção na leitura da obra de Monteiro Lobato ao lugar ocupado por Nietzsche, que pode ser considerado como mentor de um escritor tido como acadêmico. Lobato leu Nietzsche em francês, em tradução de Henri Albert. Certa feita afirma ter recebido “dez preciosas brochuras amarelas” da obra de Nietzsche (v. 11, p. 56).

Nietzsche é presença constante na obra lobatiana e sua influência se verifica de várias formas: comentários, alusões, citações diretas, com transcrição de fragmentos, especialmente na correspondência, anotações nos livros. Por exemplo: Como Lobato é um homem visceralmente ligado à terra, usa expressões do mundo rural para definir o que representa Nietzsche em sua

obra: o “semeador de horizontes”, o “homem-toupeira” que corrói as raízes das velhas verdades”, “o pólen que fecunda”.

Além disso, há aplicação de conceitos na concepção de personagens, bem como apropriação de idéias nietzschianas, transmutadas em filosofia do próprio Lobato. Por exemplo, em correspondência a Correia (1959b, v. 1, p. 157), afirma: “Há as bondadezinhas dos velhos, há a bondade do fraco, que é bom pela impossibilidade de ser mau.” Em *Mr. Slang e o Brasil* (1927), pode-se ler:

— Mas que é país senão raça numa terra? Como velhice-raça mais velhice-solo pode resultar em mocidade? Os povos denunciam sua mocidade nas idéias, na alegria da vida, na **dionisíaca vontade de poder**. É moço o povo americano, como é moço o povo alemão. O brasileiro é velhíssimo. (v. 8, p. 52, o grifo é nosso).

Notam-se, nesse trecho, a apropriação de idéias nietzschianas (o ressentimento do fraco, a vontade de poder<sup>103</sup> e o mito de Dionísio, simbolizando a força vital, de conservação). No seu artigo sobre tradução “Eu tomo o sol...” (1964, p. 237), Lobato define os tradutores como “tenazes abelhas da internacionalização”. É a mesma expressão usada por Nietzsche ao definir aqueles que buscam o conhecimento: “Abelhas-natas, sempre em busca, coletores do mel do espírito” (1971, p. 215).

Nietzsche foi uma leitura entusiasta, própria da juventude. O entusiasmo foi tal que chega a mandar à noiva Purezinha um cartão postal com uma efígie do filósofo (ver ilustração). Em carta a Rangel, do início do século XX, Lobato dizia que ia ler Nietzsche no campo, no alto das massarandivas e panteizar. Isso nos lembra uma opinião de Deleuze (1973), de que Nietzsche dirige-se aos jovens, àqueles que ainda se sentem com força para atuar, chocar e combater.

Em carta a Albino Camargo, provavelmente de 1905 (1959b, v. 1, p. 78), Lobato fala de suas leituras, que culminam com Nietzsche:

---

<sup>103</sup> Conceito tributário de Schopenhauer, Nietzsche assim o define (1971, p. 55): “[...] teríamos, então, o direito de qualificar toda energia que age como vontade de poder.”

Imagina que tenho indigestão no estômago da Inteligência — “monismo de Haeckel”— dois anos da “Revue”, muito Stuart Mill, algum Rudyard [...] e culminando tudo, esse colossal plinto do pensamento de amanhã — Nietzsche. Albino, Albino, vá atrás desse homem, Albino, manda buscar as suas obras e penetra-as. Só agora é que eu principiei a vislumbrá-lo, e tem sido tamanho o deslumbramento meu que sinto-me tolhido, incapaz de pensar. Ele abrange e penetra tudo, sobretudo penetra. Nietzsche estonteia e me embriaga.

A influência de Nietzsche sobre Lobato fica sobremaneira clara num texto póstumo, publicado inicialmente no jornal *O Estado de São Paulo* em 24/4/1955, e posteriormente inserido no volume *Conferências, Artigos e Crônicas* (1964). Trata-se de uma espécie de testamento espiritual. O título desse texto é “Confissões ingênuas”, que de “ingênuas” nada têm, pois são o balanço filosófico que justifica um vida e uma obra. Nele descreve a influência fulminante de Nietzsche em sua obra, depois de ter conhecido e rejeitado o pensamento de Gustave Le Bon e de Auguste Comte.

[...] O destino levou-me ocasionalmente, a ler uma frase de Nietzsche, numa brochura que um colega trazia debaixo do braço. Dessas frases-pólen que nos rebentam botões lá dentro. Fui dali a um livreiro em procura de obras desse Nietzsche. Não havia nenhuma. Encomendei todas. Algum tempo mais tarde recebi as obras de Nietzsche da tradução de Henri Albert — Foi a maior bebedeira de minha vida. Aquele pensamento terrivelmente libertador intoxicou-me. Um dos seus aforismos penetrou em meu ser como a coisa que procurava. “VADEMECUM?”. “VADETECUM”. Queres seguir-me? Segue-te. Essas palavras foram tudo — foram o meu remédio certo. Marcaram o fim da minha crise mental. Normalizaram-me. Entregaram-me a mim mesmo. O que naquela ânsia através das filosofias eu procurava era eu mesmo — e só Nietzsche me contou que era assim. Em vez de seguir a alguém, ia seguir a vaga intuição do meu eu [...]. (LOBATO, 1964, p. 222-223).

Como vemos, partidário de um individualismo feroz, rejeitando modismos e filiações a escolas, Lobato atribui a Nietzsche a força que tivera para ser ele próprio, para assumir posições descomprometidas com os interesses vigentes. Seguiu-se a si mesmo, em vez de “byronizar”, “hugoar”, “zolaizar” ou “marinetizar”, para retomar seus neologismos. Nietzsche ajudou-o a falar a

contrapelo de seu tempo, tal como sua personagem Emília introduziu na literatura infantil o “liscabão”, a fala ao contrário.

No mesmo depoimento, Lobato continua explicando que o papel de Nietzsche foi livrá-lo de aderências, funcionando como “potassa cáustica” que dissolve toda a sujeira:

A idéia de tornar-me um aparelho receptor, nu de qualquer preconceito, deixando sempre ao léu, ferrenhamente defendido contra tudo que fosse “imposição”, pareceu-me — coisa certa — e a procurada. “SEGUE-TE”. Nunca uma palavra foi melhor compreendida, melhor apreendida, melhor sentida. Sua significação última era liberdade mental e moral.

Ocorre-me um incidente dessa época. Eu estava na Livraria Gazeau, fossando livros. Achei um de Nietzsche novo para mim. Abri-o, pus-me a ler ao acaso. Um padre aproximou-se. Espiou o livro pelo meu ombro e disse: “esse filósofo é dissolvente”. — “Como o sabão”, foi a resposta que me veio instantânea, sem nem sequer erguer os olhos do livro.

Nietzsche foi de fato o meu sabão. Limpou-me de todas as gafeiras mentais e morais. Mas nunca o li totalmente, de medo de assimilá-lo demais e tornar-me nietzschiano — o que contrariaria o seu “VADE TECUM”. Sempre que lhe tomava um livro, logo nas primeiras linhas um daqueles pensamentos-pólen me empolgava e germinava em mil pensamentos meus. A função desse filósofo em minha vida foi sempre devolver-me a mim mesmo [...]. (1964, p. 223).

Chama a atenção no depoimento de Lobato o uso da expressão “aparelho receptor”, corrente na prática do Espiritismo. Falaremos disso mais adiante. Outro fato importante que se destaca nessa citação, é que ele não chegou a ler, propositadamente, toda a obra de Nietzsche (ou a obra até então editada), com medo de sofrer uma influência fulminante.

O mesmo teria ocorrido com Freud em relação a Nietzsche. “Li Schopenhauer muito tarde em minha vida. Quanto a Nietzsche, o outro filósofo cujos pressentimentos e pontos de vista coincidem, seguidamente, da forma mais surpreendente, com os resultados laboriosos da psicanálise, evitei-o durante longo tempo, justamente por essa razão.” (FREUD, 1992, p. 107).

Lobato aconselha Rangel a passar por Nietzsche a galope e só colher o que os cascos imantados atraíssem. Isso mostra a que ponto a obra

nietzschiana tem uma força de atração, que torna o leitor um aficionado. Lobato não quis ser um nietzschiano, mas sim apoiar-se em Nietzsche para tornar-se um pensador por conta própria, usando o pensamento do mestre alemão como alavanca, como pólen fecundador, para fazer germinar suas próprias idéias, para encontro consigo mesmo.

Vasda Bonafini Landers (1988, p. 19-22) comenta o texto “Confissões ingênuas” e a influência de Nietzsche sobre Lobato: “O impacto da filosofia de Nietzsche na formação do pensamento de Lobato ainda não foi estudado com o cuidado devido, o que é muito estranho, pois sendo um tipo de filosofia que enfatiza a individualidade do homem, o entusiasmo que sente pelo alemão poderia explicar a procedência de todas suas ‘iconoclastias’ diante da vida e da arte.”

Lobato retraduziu do francês *O Anticristo* e o *Crepúsculo dos Ídolos*, retraduzões nunca publicadas, embora tenha sido editor. O primeiro livro trata de uma crítica acerba ao cristianismo, por sua negação da vida e sua cultura da fraqueza e do ressentimento. Nietzsche, filho e neto de pastores protestantes, via o cristianismo como decadência e como niilismo. Segundo o cristianismo, o homem faz apenas uma rápida baldeação neste planeta, visto que já vem com passagem comprada para o Além. No segundo livro, Nietzsche faz tábula rasa de toda a tradição filosófica ocidental, afirmando que a decadência da filosofia começa com Sócrates, com o primado do *logos* (razão, medida, cálculo, proporção) e da dialética. Nietzsche critica Sócrates por ver neste o início do pensamento racional, não aristocrático. Ao criticar Sócrates, crítica a confiança em se atingir a verdade através da discussão teórica. Em oposição ao conhecimento teórico, Nietzsche (1977, p. 108) fala em conhecimento trágico, aquele “que reclama, para ser suportável, o remédio e a proteção da arte”. Não é por acaso que a linguagem nietzschiana lembra o tom oracular de Heráclito, os gnomas, e que o pensamento daquele seja tachado de irracionalista.

Quando Oswald de Andrade fala em “dialogação vomitiva”<sup>104</sup> a respeito de Platão, impossível não ver nessa provocação o dedo de Nietzsche. Só um leitor nietzschiano pode mostrar tal irreverência diante de um ícone da cultura ocidental. Lição nietzchiana bem aprendida.

Notamos, todavia, que há todo um aspecto de Nietzsche que Lobato não transporta para seu pensamento, o Nietzsche moralista — na tradição de Montaigne, La Rochefoucauld, La Bruyère, Fontenelle, Vauvenargues e Chamfort — que encontramos especialmente em *Humano, Demasiado Humano*, livro que, como o próprio nome indicada, os valores não são considerados transcendentais, definidos *a priori*, mas são uma criação humana, ao grado das mais diversas circunstâncias. É o Nietzsche que fala do diálogo do homem com sua sombra, buscando saber, no homem, qual a parte da luz, qual a da sombra.

Por sua vez, Lobato não se preocupou em escutar psicologicamente o ser humano. O máximo que se permite é o pensamento moral expresso nas *Fábulas*.

### **2.2.1 Presença de Nietzsche na correspondência com Godofredo Rangel**

No epistolário *A Barca de Gleyre*: Quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel, são citados expressamente três títulos de Nietzsche: *Assim Falou Zaratustra* (v. 11, p. 56), *A Gaia Ciência* (v. 11, p. 60), *Para Além de Bem e Mal* (v. 11, p. 65). Ademais, aparecem citados conceitos como *Vontade de Poder* (v. 11, p. 180) e *O Eterno Retorno* (v. 11, p. 314).

As referências a Nietzsche na correspondência com Rangel vão de 1903, quando Lobato tem vinte e um anos e cessam em 1917, com Lobato tem trinta

---

<sup>104</sup> “Platão salva-se mais pela sociologia utópica d’*A República* do que por quase toda a dialogação vomitiva de suas obras” (ANDRADE, 1995, p. 177). Nietzsche também tem essa opinião: “O céu me proteja dos diálogos despejados ao longo de todo papel! Se Platão tivesse tido menos prazer em desfilas os seus, seus leitores teriam mais prazer em ler Platão.” (1968, p. 155)

e cinco anos. O filósofo é citado vinte e uma vezes, constituindo praticamente todo o assunto de quatro cartas. Convém notar, então, que abrangem exatamente o período de formação, se lembrarmos que, em 1917, o escritor deixa de falar em Nietzsche, aos trinta e cinco anos, momento em que há uma virada em sua vida. Nessa época, vende sua fazenda no interior e transfere-se para a capital paulista, profissionalizando-se como editor e escritor.

Qual é a função de Nietzsche para Lobato, tal como aparece nessas cartas? Desencrostar, revelar, descascar, aperfeiçoar, pôr a nu as latências do indivíduo e entregá-lo a si próprio, ensiná-lo a nortear-se pelo próprio eu, polir, descascar o eu, para atingir o cerne de si mesmo, como já vimos anteriormente ao comentarmos o “testamento filosófico” de Lobato. Essas idéias sustentaram a prática política e filosófica do escritor. Política: bater-se pela sua verdade, contra tudo e contra todos. Filosófica: tornar-se si mesmo, não importando o grau de ostracismo e solidão daí decorrentes. Nietzsche explicaria o caráter extremamente individualista de Lobato. Se não foi revolucionário em sua obra, como pessoa, como ser humano, acreditamos que o foi e, nesse sentido, fez de sua vida uma obra de arte: oferece parte de sua fazenda a um amigo, quer comprar uma paineira florida, abre poços de petróleo, recusa-se a entrar para a Academia de Letras... Se há escritores que se propõem construir até com as vigas do próprio corpo a sua obra (Baudelaire, Flaubert, Mallarmé), Lobato troca a Obra pela Vida, contrariamente a Mallarmé que dizia que o mundo deveria resultar num livro. Em Lobato, Livro significa, ao contrário, Fome de Mundo.

Eis o que escreve a Rangel em 1904:

Não há Nietzsches nas livrarias desta Zululândia. Estes me vieram da França.

Considero Nietzsche o maior gênio da filosofia moderna e o que vai exercer maior influência. [...]. Da obra de Spencer saímos spencerianos; da de Kant saímos kantistas; da de Comte saímos comtistas — da de Nietzsche saímos tremendamente nós mesmos. O meio de segui-lo é seguir-nos. “Queres seguir-me? Segue-te!”. [...] Nietzsche é potassa cáustica. Tira todas as gafeiras. (v. 11, p. 65-66).

Ressalta nesse trecho a recusa, por parte de Lobato, do contágio mimético com outros pensamentos. O escritor destaca também as qualidades de visionário de Nietzsche que, na sua opinião, “corre na frente com o facho, a espantar todos os morcegos e corujas e a semear horizontes” ( v. 11, p. 65).

Nietzsche ensina-o igualmente a colocar-se acima do bem e do mal. E o que significa isso? Opor-se aos valores correntes, não aceitar verdades feitas, colocar-se fora da órbita da moral. Em *Para Além Bem e Mal* (1886), Nietzsche desconstrói as artimanhas do pensamento filosófico, passando em revista os vários momentos da filosofia ocidental, demonstrando sucessivamente sua falta de coragem e de sinceridade. Afirma que Kant nos confunde, que Spinoza se vale de um charlatanismo matemático para mascarar sua filosofia. Critica os estóicos (“viver segundo a natureza”) muito embora a afirmação nietzschiana da vida, o dizer sim à vida, mesmo no que ela tem de mais ignominioso<sup>105</sup>, a despeito de todo o sofrimento, possa ser considerada de raiz estóica (o *amor fati*); refuga o positivismo (*bric-à-brac* de noções heteróclitas); critica as certezas imediatas (“penso” de Descartes; “quero”, de Schopenhauer). Depois de fazer um painel de toda a tradição filosófica, com que nos brinda Nietzsche? Com os “filósofos novos”, alertando todavia que não se deve restringir a noção de filósofo unicamente àqueles que escrevem livros (1971, p. 57).

Vamos citar apenas mais um fragmento de um dos longos comentários sobre Nietzsche, enviados a Rangel, todos eles batendo na mesma tecla:

[...] Nietzsche é um pólen. O que ele diz cai sobre os nossos estames e põe em movimento todas as idéias-germens que nos vem vindo e nunca adquirem forma. “Eu sou um homem-toupeira que cavo subterraneamente as veneráveis raízes das mais sólidas *verdades absolutas*.” E é. Rói o miolo das árvores — e deixa que elas caiam por si. Possui um estilo maravilhoso,

---

<sup>105</sup> Aqui poderíamos pensar na relação de Nietzsche com a doença. Em diferentes passagens Nietzsche reflete sobre sua doença (cefalgias, problemas de visão). Esteve doente grande parte de sua vida adulta, até chegar ao delírio e à alucinação aos 45 anos, passando os últimos 11 anos de sua vida na mais completa alienação. Nietzsche foi um doente mas, como ele mesmo salienta, de forma alguma foi uma pessoa doentia. Tirava da própria doença matéria para reflexão. Quanto ao pensamento de Lobato, há dois contos — “Sorte Grande” e “O rapto”, que tratam, justamente, dos benefícios da doença.

cheio de invenções e liberdades. Para bem entendê-lo temos que nos ambientar nessa linguagem nova.

Nietzsche me desenvolveu um velho feto de idéia. Veja se entende. O aperfeiçoamento intelectual, que na aparência é um fenômeno de agregação consciente, é no fundo o contrário disso: é desagregação inconsciente. Um homem aperfeiçoa-se descascando-se das milenárias gafeiras que a tradição lhe foi acumulando n'alma. [...]. (v. 11, p. 57).

Note-se que, nesse trecho, Lobato recusa, paradoxalmente, a cultura e a tradição, como se possível fosse ignorar todas as conquistas que o ser humano vem acumulando na face da terra e da qual somos tributários. Parece que ele queria fazer uma tábula rasa da civilização e começar do zero, tal qual Adão ou Robinson Crusoe, de que falaremos no próximo capítulo. Como é possível para o homem viver sozinho e, sobretudo, querer mudar sozinho a sociedade? A nostalgia de um homem primevo, puro, livre dos sedimentos que se depositaram com o tempo, não deixa de lembrar a idéia de Rousseau, no *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade*, que afirma que o homem, em estado de natureza, era mais feliz e saudável. Nesse ponto, os três autores coincidem com a idéia de que os pensamentos, as idéias morais e religiosas acumuladas ao longo do tempo funcionam como amarras, algemas, que aprisionam, sendo sempre tributárias de uma determinada circunstância.

### **2.2.2 Presença de Nietzsche em outras obras lobatianas**

As citações de Nietzsche permeiam outras obras lobatianas. Em *A Onda Verde: Ensaios e impressões sobre homens e coisas do Brasil* (1921), Nietzsche aparece em longa citação de *Assim Falou Zaratustra*, sobre crítica ao Estado, equiparado a um monstro devorador. Até o próprio café, antropomorfizado, falando que se aproveitara da grilagem de terras, se expressa em termos nietzchianos, no ensaio “Onda Verde”: “— Minha fome está acima da moral, e eu só conheço as leis do meu apetite.”

Na sua correspondência geral, notamos que era leitura que recomendava aos amigos e onde colhia forças para enfrentar qualquer tipo de dificuldade, era uma espécie de literatura de auto-ajuda.

Podemos ler em uma carta transcrita pelo seu biógrafo Edgard Cavalheiro (1956, v. 1, p. 105), o conselho de Lobato a Lino Moreira: “Faço disso um ponto de honra, exijo em nome do teu futuro que leias esse gênio — o mais assombroso libertador d’almas e criador d’almas que jamais apareceu no mundo”.

Em *Mundo da Lua* (1923), Nietzsche é lembrado expressamente em quatro passagens. Lobato resume-lhe idéias sobre a decadência, o eterno retorno e cita alguns aforismos (sobre a cultura aristocrática e a força). Ademais, resente-se influência de Nietzsche no estilo fragmentário desse livro.

Em *Mr. Slang e o Brasil* (1927), onde aparecem com força as idéias de combate à corrupção e ao desmando na administração pública, aparecem duas citações do filósofo: a vontade de poder e a rebeldia contra o ensino tradicional. Convém destacar, nesse livro, o capítulo final “Dos trinta homens”, em que o personagem Mr. Slang afirma que no Brasil só se salvam uns trinta homens. Desses, só dois são citados: o sanitarista Belisário Pena e o militante comunista Luiz Carlos Prestes.

Em *Idéias de Jeca Tatu* (1919), a filosofia agonística do filósofo-poeta — que aponta a decadência da filosofia pós-socrática, arrasando dois mil anos de pensamento filosófico, e a transmutação de todos os valores — ajusta-se perfeitamente ao pensamento combativo de Lobato, que invoca Nietzsche em vários momentos, a propósito do eterno retorno, da decadência, da afirmação da vida, da liberdade, do individualismo e da destruição de ídolos.

Já no início do *Crepúsculo dos Ídolos* — que tem como subtítulo “Como filosofar a marteladas” (1888) — Nietzsche afirma que seu livro é um “uma grande declaração de guerra”. Na dedicatória do livro *Idéias de Jeca Tatu*, Lobato classifica o seu livro de “grito de guerra contra o macaco”, ou seja, contra o ser humano ou, mais especificamente, contra os imitadores (a sátira ao

“macaco” é um *topos* recorrente na obra lobatiana). Em *Assim Falou Zaratustra* (1971, p. 24), Nietzsche compara o homem ao macaco: “Outrora fostes macaco e ainda agora o homem é mais que macaco do que não importa que macaco”. E por isso, o filósofo plasma o super-homem, o além-do-homem, o herói, em suma, que se supera a si próprio e faz das provações e do sofrimento a matéria-prima e o motor de seu riso: “Vede: eu vos ensino o além-do-homem!”.

No prefácio de *Idéias de Jeca Tatu*, Lobato volta à carga: “uma idéia central unifica a maioria destes artigos dados à estampa [...]. Essa idéia é *um grito de guerra* em prol da nossa personalidade [...]”. (grifo nosso). Lobato entendia o “demolidor de ídolos” como o escritor que ia a contracorrente, que via além das aparências, conforme aparece em seu manifesto “Urupês” (v. 1, p. 242). Aí posiciona-se claramente contra a visão ufanista (que discutimos anteriormente), construtora de ídolos, da literatura brasileira, cujos protótipos, para ele, seriam José de Alencar e Gonçalves Dias.

Em *Literatura do Minarete* (coletânea póstuma, 1969), reunião das primeiras crônicas e artigos, publicados em jornais regionais, Lobato cita Nietzsche em dois textos: “Psicologia do sono” (1905) e “Filosofias” (1907). Neste último, afirma que sempre se associa Nietzsche à loucura porque ele ousou reagir à filosofia oficial. Lembra ainda uma idéia nietzschiana sobre a educação: “o meio de arruinar a exceção em proveito da regra”.

### **2.3 Lobato & Nietzsche: Conexões**

Onde estão os pontos de conexão entre esses dos pensadores? Sabemos que Monteiro Lobato encontra-se num entrelugar na literatura brasileira. De certa forma, ficou excluído do cânone, e tentou, a seu modo, construir outro, por intermédio de suas editoras<sup>106</sup>. Nietzsche tampouco foi um filósofo acadêmico. Assim como há os “poetas malditos”, há os “filósofos malditos”. Nietzsche é um deles.

### 2.3.1 Estilo

Enquanto Nietzsche abandona a música pela filologia, Lobato abandona a pintura pela literatura e pela indústria. Nesse sentido, pode-se dizer que ambos estão deslocados em suas aptidões primeiras. À semelhança de Nietzsche, que reivindica sua formação de filólogo e aponta o dedo para as más interpretações, podemos falar de um Lobato filólogo que, tendo começado a vida reprovado num exame de português, lê os vários tomos do Dicionário de Caldas Aulete, para conhecer nosso patrimônio lexical, sem descurar todavia do falar brasileiro, inclusive do linguajar discriminado do caipira. Mas Lobato abandonará a filologia pela ciência, como diz o Visconde de Sabugosa: “No começo dei-me à Filologia: hoje dou-me à geologia. E sabem por que mudei? Por uma razão econômica. A filologia não aumenta a riqueza dum país, ponderei eu com meus botões.” (LOBATO, 1982, p. 783).

Por outro lado, Nietzsche sustenta que “as sintaxes e as gramáticas funcionam com a onipotência de Deus” (*Magazine Littéraire*, 1978, p. 13), já que condicionam uma forma de pensar, posição que encontra eco em Lobato, para quem a gramática normativa é uma forma de poder e, portanto, nunca aceitou as normas ortográficas vigentes, tendo especial birra pelos gramáticos, como podemos ver no conto “O colocador de pronomes”, que ele afirma ser o retrato de alguns gramaticantes paulistas. Embora editasse cartilhas, gramáticas e aritméticas, achava esses livros “instrumentos de torturar as crianças” (v. 12, p. 264). Ademais, o desrespeito à ortografia vigente, que manteve até o final da vida, com edições em desacordo com as regras, revelam a desobediência civil que se inscrevia no corpo do texto e que persistiu depois de sua morte, pois durante muito tempo, devido a seu prestígio editorial, seus livros continuaram reeditados seguindo suas recomendações ortográficas. Vale lembrar que

---

<sup>106</sup> José Paulo Paes (1999), em seu artigo “O homem que fugia de si mesmo”, analisa um livro de Cláudio Giordano, em que esse editor arrola todos os editados da Companhia Editora Nacional, fundada por Lobato. Não havia medalhões, só gente nova.

Lobato recusava alguns acentos agudos e o trema, pelo qual nutria especial birra. Acreditava que a perda da hegemonia da língua francesa devia-se ao excesso de acentuação e à ortografia arcaica.

Em carta de 5/12/1937, a Francisco Campos, escreve que contraria a reforma ortográfica estipulada na constituição de 1934: “Revoltado contra os acentos acadêmicos, usei do meu prestígio na Editora Nacional para uma guerra à excrescência, e consegui que a empresa editasse centenas de milhares de livros com a ‘desacentuação’ exemplificada no livro que remeto como amostra. E não sei de uma só criança que, lendo-o, sinta falta das pulguinhas suprimidas.” (1959b, v. 2, p. 31).

A desfiguração da língua alemã pelo jornalismo, criticada por Nietzsche, que investe contra os lugares-comuns e fala em adestramento lingüístico, tem eco na crítica de Lobato à linguagem dessorada dos jornais, o estilo “redondo”. Para o nosso autor, o modelo manifesto era Euclides da Cunha, mesmo se no final tenha “desliteralizado” seus textos, seguindo seu modelo latente, Machado de Assis. O grupo de Lobato na capital paulista, o Cenáculo, tinha até um fiscal contra o uso de lugares-comuns, que à época denominavam “chapas” ( clichês) e que os filólogos denominam “séries usuais”.

O caráter fragmentário da escrita de Nietzsche reflete-se no caráter fragmentário da literatura geral de Lobato. Este considera o estilo nietzschiano “maravilhoso, cheio de invenções e liberdades”: é o estilo “cabrito”, em oposição ao estilo “taturana”, de Flaubert. Com esse estilo, Nietzsche tirou a filosofia do gueto, do nicho dos especialistas. Pode-se dizer que a filosofia saiu para as ruas. Ou seja, Nietzsche tirou da escrita filosófica o ranço fastidioso e árido da conceitualização. “[...] em que neste mundo importa a nossos jovens a história da filosofia? Será que eles devem, pela confusão das opiniões, ser desencorajados a ter opiniões?”, se pergunta Nietzsche (1982, p. 81). É só a partir de Nietzsche que se pode entender a escrita de Sartre, Deleuze e Foucault. Quanto a Lobato, no livro *Mundo da Lua*, de 1923, é flagrante a influência do estilo de Nietzsche — o livro constitui-se de manchas, reflexões, e

tem uma dicção formular que lembra os fragmentos nietzschianos, contendo inclusive uma parte denominada “Fragmentos”.

Vale lembrar, contudo, que a sua literatura para infância é um imenso diálogo, isto é, há, pela dialogação entre os personagens, a busca de um conhecimento compartilhado, um trabalho coletivo de procura da verdade ou do conhecimento. Este se constrói coletivamente pela burla, pela maiêutica, pela argumentação, pelo embate, pela dissonância. Assim como o fragmento opõe-se à noção de sistema, o diálogo opõe-se ao saber monolítico do monólogo.

Tanto Nietzsche quanto Lobato foram polemistas. O escritor paulista é um escritor militante, panfletário, em permanente estado de guerra e suas campanhas — pelo saneamento, pela arte nacional, pelo ferro e pelo petróleo — provam-no à exaustão. Esse estado de guerra revela-se basicamente através da virulência de sua escrita, do “tom maior” que lhe advém do filósofo alemão.

### **2.3.2 Educação**

Os dois escritores são educadores. Nietzsche, além de atuar durante dez anos como professor universitário, escreve sobre educação. A obra de Lobato apresenta uma dominante de caráter enciclopédico e didático (conforme veremos no próximo capítulo). Quase tudo o que escrevia, aliás, tinha por finalidade educar e formar cidadãos, tendo produzido uma obra infantil que inovava os padrões literários e moralizantes até então existentes na literatura infantil brasileira.

Lobato decide-se a escrever para as crianças ao constatar que havia pouco para eles lerem, excetuando-se *Menino Verde*, *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe e *Coração*, de d’Amicis, feito para as crianças italianas. Havia também o livro *João Felpudo*, tradução do *Struwwelpeter* escrito pelo pediatra alemão Heinrich Hoffmann, em 1876, fábulas aterrorizadoras, impregnadas de castigo e de ameaças para as crianças que ousassem rebelar-se.

Lobato ganhara esse livro da mãe, que o identificava com o personagem Simplício-olha-para-o-ar (“O cheira-céu”, na tradução de Guilherme de Almeida), menino distraído que vive aos tropeções e trambolhões. A tradução do título desse livro pode dar a impressão de que se trata de um texto favorável às crianças. Os títulos em alemão (*Struwwelpeter*/João Desgrenhado) e em francês (*Crasse-tignasse*/ Cabeleira Ensebada) restituem melhor a idéia dos contos de terror infantil que integram o livro, como por exemplo: a criança que chupa o dedo tem o polegar decepado; a que não come a sopa vai parar numa cova no cemitério; a que brinca com fósforos, reduz-se a um montinho de cinzas.

É dessa perspectiva que se pode avaliar o quão benéficos foram os livros infantis de Lobato, que ensinavam as crianças a rejeitar as idéias feitas, num momento em que a educação infantil era conduzida com métodos extremamente autoritários. Não é de estranhar que fosse leitura proibida em muitos colégios católicos.

A idéia onipresente em Nietzsche, porém, é “educar-se a si mesmo e contra si mesmo”. Nietzsche fala da precariedade de qualquer forma de educação. Ao extremo, o único educador seria o acaso. Compara os mestres a troncos retorcidos e quem neles se apoiar, em vez de crescer forte, ereto e vigoroso, terá recebido uma “educação-contorsão”.

Lobato criticava a escola tradicional (por formar repetidores) e ao longo da correspondência com Rangel não abordou diretamente esse tema, a não ser em uma oportunidade para fazer uma diatribe contra os pedagogos. Em 1907, a pretexto de comentar a situação de Rangel como professor primário, afirma: “A profissão do pedagogo é coisa para analfabetos. Um homem de algum valor só deve ensinar a si próprio — o mais é perder tempo e burrificar aos outros e a si mesmo.” (v. 11, p. 197).

### **2.3.3 Eugenia**

A eugenia é recorrente na obra de Monteiro Lobato, encontrando guarida intelectual tanto no pensamento utópico, como já vimos no primeiro capítulo, quanto em Nietzsche. As idéias eugênicas presentes na obra lobatiana, principalmente no romance *O Choque das Raças*, poderiam estar em consonância com a idéia do super-homem, tal como foi erroneamente entendido no início do século, embora o próprio Nietzsche tenha escrito sobre o desvirtuamento desse conceito. Segundo Lalande (1999, p. 1092), o termo super-homem já fora usado por Goethe e Herder. Em “Ecce homo”, Nietzsche (1978, p. 375) refere-se ao desvirtuamento de suas idéias no que toca a esse conceito: “A palavra ‘*além-do-homem*’, como designação do tipo mais altamente bem logrado, em oposição ao homem ‘moderno’, ao homem ‘bom’, aos cristãos e outros niilistas — uma palavra que, na boca de Zaratustra, do aniquilador da moral, se torna uma palavra que dá muito o que pensar —, foi, quase por toda parte, com total inocência, entendida no sentido daqueles valores cujo oposto foi apresentado na figura de Zaratustra: quer dizer, como tipo ‘idealista’ de uma espécie superior de homens, meio ‘santo’, meio ‘gênio’... Outro gado bovino erudito levantou contra mim, de sua parte, a suspeita de darwinismo [...]”

A eugenia aparece em cartas e artigos de Lobato, entendida como “aplicação da ciência para melhorar o mau animal humano”<sup>107</sup>. Lê-se em *América* (v. 9, p. 208): “Temos de chegar à Eugenia. Esta sim. Esta será o grande remédio, o depurativo curador das raças. Pela Eugenia teremos afinal o homem e a mulher perfeitos.”

Em trecho do livro *América* (1932), relato de viagem à América do Norte, há um elogio à raça branca: “[...] Que magníficas criaturas são! Altas, esguias, sólidas de pés, brancas de verdade, músculos com a *souplesse* que dá a ginástica. Sente-se a boa origem racial, a boa alimentação, vitaminada e a vida higiênica — o tudo dando como resultado saúde” [...]. (v. 9, p. 207).

No mesmo livro, o narrador, comentando uma alegoria sobre a Caridade auxiliando aleijados, cegos e órfãos, exclama: “— E para que assegurar-lhes a

sobrevivência? Adverti eu em tom de quem houvesse ingerido pela manhã uma omelete de leis espartanas preparada na caçarola de Nietzsche.” (v. 9, p. 37). Nietzsche critica as religiões, de modo geral, e não apenas o cristianismo, pois ao protegerem o fraco e o oprimido, geram uma raça doentia e medíocre: “elas conservaram em demasia seres que deviam perecer.” (1971, p. 77).

Com relação à representação do negro em Lobato, apesar de “Negrinha” ser um libelo contra a mentalidade escravocrata, verifica-se um dualismo. Em *Reinações de Narizinho*, a cozinheira Nastácia — ex-escrava de Dona Benta, ora de origem angolana, ora moçambicana — aparece como “negra de estimação” e pouco se distingue de uma escrava que caiu nas boas graças do amo. É sabido que Lobato inspirou-se numa empregada da família para moldar a personagem. Em carta de 1912, confidencia a Rangel: “O peralta é o Edgard. Põe-me doido e é escandalosamente protegido pela mãe e a tia Anastácia, a preta que eu trouxe de Areias e o pega desde pequenininho. Excelente preta, com um marido mais preto ainda, de nome Esaú.” (v. 11, p. 326). Em *Histórias do Mundo para as Crianças*, Emília a define como “bússola beijuda”, pois aponta sempre para o estômago. Em *Viagem ao Céu*, Emília diz que negra velha não tem direito de repousar. Em suas *Memórias*, Emília diz que Deus preteja uma criatura por castigo. Invariavelmente, a maioria dos capítulos dos livros didáticos termina com a entrada da negra na sala, anunciando a comida, pipocas ou bolinhos. Está sempre fritando seus bolinhos, quer para São Jorge, na lua, quer para o Minotauro, no labirinto em Creta. Em *Geografia de D. Benta*, a negra tem que mudar de sexo para virar o cozinheiro do navio. Emília chama-a de “poço da ignorância”. Em *Histórias de Tia Nastácia*<sup>108</sup>, no contraponto dos personagens, Emília exclama:

— Pois cá comigo — disse Emília — só aturo essas histórias como estudos da ignorância e da burrice do povo. Prazer não

---

<sup>107</sup> v. 13, p. 77 sq.; p. 101 sq., entre outros.

<sup>108</sup> Este livro poderia ser lido em paralelo com *Contos Populares do Brasil*, de Silvio Romero, citado por Lobato, que afirma: “[Silvio Romero] Ouvia as histórias das negras velhas e copiava-as direitinho, com todos os erros de língua e os truncamentos. É assim que os folcloristas caçam a obra popular.” (1982, p. 539).

sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e bárbaras — coisa mesmo de negra beijuda, como tia Nastácia. Não gosto, não gosto e não gosto [...]. (LOBATO, 1982, p. 524-525).

Lobato escreve, em 1926, *O Presidente Negro*, livro de ficção científica, que propõe a exterminação dos negros norte-americanos mediante procedimento científico<sup>109</sup>. Isso sem falar de trechos de sua correspondência com Godofredo Rangel em que, tributário das idéias higienistas finisseculares, posiciona-se etnocentricamente contra a miscigenação racial, conforme vimos anteriormente. Estamos bem longe do tom panfletário antiescravocrata de 1875, de Bernardo Guimarães, em que pese a paixão desse escritor pelos adjetivos.

Em carta a Heitor de Moraes (1959b, v. 1, p. 154), Lobato volta à carga, dessa vez contra o caboclo, ressaltando-lhe as qualidades negativas. Percebem-se aí idéias cujo cerne é a *areté*, a virtude, a excelência, expressas em *Assim falou Zaratustra*. Benedito Nunes (1967, p. 140), resume o conceito de nobreza nietzschiano: “o prazer em unir o útil e agradável, o bem-estar físico e a euforia com o saudável, o enérgico e o vigoroso”, qualidades de que o Jeca Tatu carecia.

Em “Pátio dos milagres”, artigo de 1926, Lobato ironiza, por intermédio de um narrador sueco, o “*melting pot*” brasileiro, opondo-o à uniformidade do padrão étnico sueco:

Mas aqui [no Brasil], que maravilha! Os homens apresentam a gama inteira da somática humana. Há-os grandes, médios, pequenos e minúsculos. Há-os retos como cabos de vassoura, gordos como abóboras, magros como palitos, tortos como latas velhas, capengas, pretos, castanhos, achocolatados, aços, amarelos, ruivos, vermelhos, verdes e até brancos. Costumo ficar na rua Larga vendo o desfile do povo suburbano. Não há dois seres iguais e ainda não vi um com a forma humana clássica dos Apolos esculpidos na Grécia ou dos jovens que passam pelas ruas de Estocolmo. (v. 6, p. 98-99).

---

<sup>109</sup> Escrevendo de Nova York a seu amigo Godofredo Rangel, Lobato fala desse livro, que pretendia editar nos Estados Unidos: “Meu romance não encontra editor. Falhou a Tupy Company. Acham-no ofensivo à dignidade americana, visto admitir que depois de tantos séculos de progresso moral possa este povo, coletivamente, combater a sangue frio o belo crime que sugeri.” (v. 12, p. 304).

Parece existir certo menosprezo de Lobato em relação ao povo, o qual que fica evidente na carta “O voto secreto” e também no livro *Histórias de Tia Nastácia* (1937), como podemos ver no fragmento abaixo:

— É o que eu digo — ajuntou Emília. — O povo, coitado, não tem finuras, não tem arte. É grosseiro, tosco em tudo que faz. Este livro vai ser só das histórias populares do Brasil, mas depois havemos de fazer um só de histórias compostas por artistas, das lindas, cheias de poesia e mimos [...]. (LOBATO, 1982, p. 536) .

Ao longo de todo o livro, Tia Nastácia conta inúmeras estórias (cerca de trinta delas presentes na coletânea *Contos Populares do Brasil*, de Sílvio Romero), apenas para merecer os comentários impertinentes dos outros personagens, numa clara oposição entre a tradição culta e a tradição oral, que é incessantemente desvalorizada. Notamos, então, que no *Sítio do Picapau Amarelo* há duas contadoras de estórias, a culta (Dona Benta) e a popular (Tia Nastácia).

Observa-se, então, que a desvalorização do caboclo (Jeca Tatu), longe de ter recuado, alcança agora a maioria do povo. Não é só o Jeca que é descrito com um capítulo de negativas, mas toda a Jecolândia.

#### **2.3.4 Apolíneo x dionisíaco**

Acreditamos que as duas facetas – apolíneo e dionisíaco – estejam representadas na obra de Lobato. Nietzsche dizia que iria parir um centauro (DIAS, 1993, p. 33). Pois a obra lobatiana tem alguma coisa da “hibridez centauresca”, alguma coisa do centaurinho “meioameio”: Tanto se pode dizer que o contista regionalista tem um lado apolíneo, no sentido de obediência a um gênero, de culto à forma (ou seja, é conservador na concepção artística), quanto que o escritor para crianças apresenta uma face dionisíaca, de subversão de modelos, de pilhagem transfigurada, de fusão, de volúpia, de excesso e de alegria na arte de contar o conhecimento (a gaia ciência). Na sua

obra infantil, tanto se pode caçar onça quanto dar cabo no minotauro, conversar com sacis quanto com centauros.

A Grécia clássica é uma constante na obra de Lobato, que chega ao ponto de equipará-la com o Sítio do Picapau Amarelo: “A Grécia, meus filhos, foi o Sítio do Picapau Amarelo da Antiguidade, foi a terra da Imaginação às soltas”. (LOBATO, 1982, p. 1230).

Falando da “puríssima arte grega” da época de Fídias, Dona Benta agrega que será substituída:

[...] “sei” que no futuro isto será motejado, e esta beleza substituída por outra, isto é, pelo horrendo grotesco que para os meus modernos constituirá a última palavra da beleza. Como prova do que estou dizendo vou mostrar um papel que por acaso tenho aqui na bolsa — e Dona Benta tirou da bolsa uma página de “arte moderna”, onde havia a reprodução dumas esculturas e pinturas cubistas e futuristas. (LOBATO, 1982, p. 1242).

No seu polêmico artigo “Paranóia ou Mistificação”, Lobato fala da pintura de vanguarda como “arte anormal ou teratológica” e refuga como “extravagâncias” a arte de Picasso e como caricatural o “futurismo, cubismo, impressionismo e *tutti quanti*”. Trata-se de artistas que vêem “anormalmente a natureza”. Afinal, um gato é sempre um gato: “É falsa a ‘interpretação’ que do bichano fizer um totó, um escaravelho ou um amontoado de cubos transparentes” (v. 4, p. 60).

Lobato subordina a arte à imitação da natureza. Acreditava no realismo, no artista vendedor de espelhos do mundo, como se o realismo não fosse ele próprio uma espécie de alucinação, idéia que quem já visitou um Museu de Cera pode muito bem ratificar. Por outro lado, seu pensamento se enraizava na sólida tradição brasileira da pintura documental, iniciada pelos artistas-viajantes (Frans Post, Albert Eckhout, Jean-Baptiste Debret, Johan Rugendas, etc.), tradição essa que só viria a quebrar-se no Modernismo.

Uma das concepções fundamentais de Nietzsche é o conceito de “dionisíaco”, presente tanto na vida (vida dionisíaca igual a vida anticristã,

artística) quanto na arte (a tragédia reuniria, segundo Nietzsche, tanto o apolíneo quanto o dionisíaco).

De acordo com Gilbert Durand, Nietzsche é um remitologizador, pois voltou a inserir os mitos — no caso Apolo e Dionísio —, no âmbito de uma crítica da cultura, mitos que, segundo Nietzsche representam uma imagem condensada do mundo e tinham sido abandonados desde o “socratismo destruidor de mitos” (1977, p. 147). Por isso o livro *O Nascimento da Tragédia* foi mal acolhido pela crítica. O então filólogo ousara examinar a cultura grega de um ponto de vista deformante, não mais por seu aspecto de equilíbrio ou de perfeição (seu lado apolíneo), mas também por seu lado exuberante e escuro (seu lado dionisíaco). Eis como Nietzsche define o dionisíaco, em *O Nascimento da Tragédia*:

Transformai em quadro o “Hino à Alegria”, de Beethoven e não deixéis vossa imaginação em repouso enquanto milhares de seres se prosternam fremindo na poeira: é assim que é possível se aproximar do dionisíaco. Agora o escravo é um homem livre, agora se rompem todas as barreiras hostis e rígidas que a necessidade, o arbitrário ou a “moda insolente” colocaram entre os homens. (1971, p. 45).

Por sua vez, Lobato, em *Os Doze Trabalhos de Hércules*, depois de contar a origem de Dionísio, assim descreve as festas dionisíacas: “— Eis a alegria dionisíaca. Há uma contaminação geral. Todos vibram de alegria. São as festas de que o povo comum gosta mais.” (LOBATO, 1982, p. 1440).

Esse mesmo frêmito de vida, que sentimos nessa página de Nietzsche, aparece em *O Sací*, quando o duende fala da “Fada vida”, a força que impulsiona os seres:

[...] dentro de cada criatura, bichinho ou plantinha, há uma força que a empurra para a frente. Essa força é a Vida. Empurra e diz no ouvido das criaturinhas o que elas devem fazer. A vida é uma fada invisível. É ela que faz o pernilongo ir picar as pessoas nas casas de noite; e que manda o grilo abrir buraco; e que ensina o bombardeiro a bombardear seus atacantes. (LOBATO, 1982, p. 218).

### **2.3.5 Anticlericalismo**

A recusa das religiões reveladas faz parte do pensamento filosófico de Monteiro Lobato. Mas este acreditava, sim, numa força superior, que se configuraria como enigma, como uma espécie de “jogador de xadrez”, que à revelia das pedras do tabuleiro (os seres humanos), joga o jogo da vida. A sua idéia de Deus era a de uma espécie de energia, como a dos cabalistas: “E lanço a idéia de um Deus hertziano, espécie de Consciência Universal, ou Consciência Cósmica, formada pela fusão ou associação de todos os ‘eus’ chegados ao último degrau da escadaria da metempsicose.” (LOBATO, 1986a, p. 250).

Rejeitava as religiões a ponto de não aderir à franco-maçonaria, por considerá-la uma espécie de religião. Enfrentou os dogmas religiosos judaico-cristãos, contestando a teoria criacionista baseada na Bíblia. O seu livro de contos *O Macaco que se Fez Homem* (1923), com o conto “Era no paraíso, lhe valeu críticas de setores do clero brasileiro. Traduziu o *Anticristo* de Nietzsche, que rejeita o cristianismo por se tratar de uma religião que nega a vida e o indivíduo e recompensa a fraqueza. Sua literatura infantil incomodou setores do clero e foi proibida em algumas escolas católicas.

Edgard Cavalheiro (1956, 1º tomo, p. 133) relata, em sua biografia de Lobato, que o mesmo se casou no religioso, mas não batizaria seus filhos. O biógrafo transcreve um pequeno incidente, por ocasião do casamento no civil.

A 28 de março de 1908, contando 26 anos de idade, ligou-se Monteiro Lobato a Maria Pureza da Natividade. Embora anticatólico, casou no civil e religioso. No ato civil houve sério incidente. Com o livro diante dos olhos, o Juiz lia: “José Bento Monteiro Lobato, brasileiro, advogado, católico...”.

— “Alto lá” — interrompeu o nubente. — “Risque a palavra católico”.

— Pasmó. Zum-zum. Risca. Não risca.

— Não tiveram outra alternativa, senão atendê-lo.

Essa era a relação de Lobato com a religião. Ele não confundia religião e espiritualidade, como veremos a seguir, ao falarmos de sua relação com o Espiritismo.

### 2.3.6 Eterno retorno x espiritismo

O eterno retorno é um filosofema da filosofia antiga, que tem como antecedentes o orfismo<sup>110</sup>, o platonismo, a metempsicose e como descendente o espiritismo. Já no final da *República*, influenciado pelo orfismo, Platão expõe a sua teoria da imortalidade da alma. Um personagem, Er (segundo uma exegese antiga, seria o próprio Zoroastro<sup>111</sup>), é o único que não bebe no doce rio Amelo, que adormece a memória das vidas passadas, podendo assim retornar à Terra, para contar o que vira depois da morte. Também Nietzsche chega à concepção do eterno retorno:

Homem! Tua vida inteira, como uma ampulheta, será sempre desvirada outra vez e sempre se escoará outra vez, — um grande minuto de tempo no intervalo, até que todas as condições, a partir das quais vieste a ser, se reúnam outra vez no curso circular do mundo. E então encontrarás cada dor e cada prazer e cada amigo e inimigo e cada esperança e cada erro e cada folha de grama e cada raio de sol outra vez, a inteira conexão de todas as coisas. Esse anel, em que és um grão, resplandece sempre outra vez. E em cada anel da existência humana em geral há sempre uma hora, em que primeiro para um, depois para muitos, depois para todos, emerge o mais poderoso dos pensamentos, o pensamento do eterno retorno de todas as coisas: — é cada vez, para a humanidade, a hora do *meio-dia*. (1978, p. 389-390).

Em 1947, deparamo-nos com uma carta de Lobato a Rangel, carta que é uma pré- despedida, onde assina como “divino e imortal” . Como não pensar em Nietzsche, que também no fim da vida assina como “Dionísio” e “O crucificado”? Nessa carta, Lobato sente a morte chegar, fala que sua alma tenta, durante o sono, escapar da prisão-corpo. Está plenamente convencido da metempsicose e aguarda, ansiosamente, o momento de trocar de casa.

---

<sup>110</sup> “No orfismo, duas questões são centrais [...]: a crença na reencarnação e a interdição de ingestão de carne animal concomitante à observância de um regime alimentar puramente vegetariano.” (GUERRA, 1999, p. 23).

<sup>111</sup> Ver Platão, 1965, v.1, p. 57.

Você deve ver-me como de fato é — um espírito numa roupagem terrena. A verdadeira pessoa — Você — não é este seu corpo, como eu não sou o meu corpo — coisas frágeis e sofredoras. Somos espíritos imortais e divinos, fortes e inalteráveis, sempre tendentes a melhorar, a aperfeiçoar, a aparar as suas qualidades. Neste momento estamos em missão na terra, que não sabemos qual seja, mas que fatalmente é para o nosso bem. (LOBATO, 1986a, p. 249).

Estamos na Terra, entende Lobato, em uma de nossas inumeráveis peregrinações, tendo antes nos banhado no rio do esquecimento, razão pela qual o velho nos parece novo. Posição de Platão que, em vários livros, acredita na imortalidade da alma, a qual volta ao local de origem somente após anos e anos de provas, em diversas condições terrenas, atingindo finalmente os Campos Elíseos. Ou a grande luz, como em Dante<sup>112</sup>, que o faz forjar, por volta de 1300, a incrível palavra “transumanar”, que significa sair da condição humana, tornar-se mais que um homem, sair da Terra para a luz. Ou o Grande Meio-Dia de Nietzsche, momento de pura luz, onde as sombras inexistem, são fulminadas e rejeitadas aos calcanhares dos seres e das coisas.

Pode-se dizer que *O Saci* (1921) é um pequeno manual de filosofia para crianças, onde o autor espelha suas idéias sobre o evolucionismo e o eterno retorno. Ouçamos o saci filosofar, entre duas baforadas de seu pito:

— Ora, ora! — disse este. — O que morre é o corpo só, a parte que em nós tem menos importância. A grande coisa que há em nós, e nos diferencia das pedras e dos paus podres, que é? A Vida. E essa não morre nunca — muda-se dum ser para outro. Tal qual a eletricidade. Quando a pequena bateria daquela lâmpada elétrica que você tem se descarrega, a bateria morre — mas morreu a eletricidade? Não. Apenas mudou-se. Saiu daquela bateria e foi para outra, ou foi para as nuvens, ou foi para onde quis. Assim como a eletricidade não morre, a Vida também não morre. A Vida é uma espécie de eletricidade. (LOBATO, 1982, p. 218).

Monteiro Lobato entende o eterno retorno como a imperecibilidade da vida. Morre-se individualmente, mas o princípio vital é eterno. Compara-o ao

astrônomo que nunca morre: quem morre (quebra), é o telescópio (o ser individual), sendo então substituído.

A idéia do eterno retorno remete bem mais do que a recorrências cíclicas, à preeminência da vida. Além das contingências do homem histórico, secularizado, a vida tende a se eternizar. É assim que Lobato em *O Saci* opõe o “século” (o agora) à “eternidade” (o princípio vital).

Creio na imortalidade do átomo e de tudo. Nascimento e morte, começo e fim: ilusões da nossa relatividade. Tudo é, sempre foi e sempre será. Apenas mudamos de condição. O Eterno retorno de Nietzsche. A roda da vida do lama vermelho do Tibé. A metempsicose do indivíduo. Lavoisier e Buda [...] (v. 10, p. 173-174).

Essas idéias se coadunam com as idéias espíritas, a que Monteiro Lobato aderiu, no final da vida. Lobato aceita o espiritismo, dentro de uma ótica positivista e evolucionista: somos espíritos em evolução, em progresso, e nossas repetidas reencarnações visam ao aperfeiçoamento: “O ‘eu’ que assiste à destruição de seu corpo, dele apenas se afasta, como se afasta da gaiola o passarinho quando pilha a porta aberta. Perece a casa; o morador continua vivo e eterno, em sua eterna peregrinação evolutiva”, afirma (v. 13, p. 147).

O ser humano tem algumas faculdades, e essas faculdades tendem a evoluir. Os sentidos foram sendo incorporados aos poucos ao ser humano, em função da evolução. Para Lobato, a faculdade mediúnica seria apenas o corolário dessa evolução, o que contraria a doutrina espírita, para a qual a mediunidade não resulta de uma evolução mas de uma lei cármica<sup>113</sup>. O escritor afirma:

Evoluir é, talvez, na essência, adquirir sentidos novos<sup>114</sup>. A observação revela entre os homens de hoje o bruxoleio dum

---

<sup>112</sup> Dante é citado em *O Minotauro*, quando O Visconde tomba de um penhasco: “Súbito, recuou, tropeçou, perdeu o equilíbrio e veio rolando pela pedrancelha abaixo como um corpo morto que cai.” (LOBATO, 1982, p. 1275).

<sup>113</sup> Há um provérbio, que expressa a lei cármica, que é um verdadeiro *Leitmotif* na obra de Lobato: “Tua alma, tua palma”.

<sup>114</sup> O pensamento espírita foi matizado com resquícios evolucionistas (também presentes em Nietzsche). Note-se a “evolução” presente em certos personagens, como Jeca Tatu: de sub-homem, transforma-se em fazendeiro no *Jecatatzinho*, após ter acesso ao saneamento básico

sexto sentido, que poderemos denominar “metapsíquico”. Essa coisa incompreensível a que chamamos vulgarmente “mediunidade” e que em grau maior ou menor se revela em certas criaturas. Que poderá ser senão o surto de um sentido novo, ainda tateante, ainda instável, mas que se irá firmando e universalizando como sucedeu aos seus cinco irmãos mais velhos? E esse sexto sentido claro que nos porá em contato com aspectos novos da natureza — novos para nós, como a velhíssima luz é nova para o cego que de súbito adquire visão. A evolução nos deu o tato; nos deu o olfato; nos deu o paladar; nos deu os ouvidos; nos deu os olhos. Essa mesma evolução nos começa a dar a mediunidade — e em remoto futuro nos dará ... Que nos dará ela no futuro? (v. 13, p. 100).

Quando se trata do espiritismo como religião, a opinião de Lobato é cética. Também nesse campo, notamos uma dicotomia no seu pensamento, pois finca pé na doutrina espírita (mediunidade, reencarnação, evolução, lei cármica) mas a recusa como religião. A doutrina espírita repousa num tripé: ciência, religião e filosofia. É o lado científico que interessa Lobato, que a encara apenas como se fosse o postulado de Lavoisier. É o que lemos numa carta, da década de 40:

Curioso esse fenômeno da substituição duma religião por outra. De há muito venho notando que o espiritismo aí pelo interior vai suplantando a religião católica. Pobre humanidade! Sempre sofredora, sempre tapeada pelo Destino, sempre impotente, agarra-se a sombras — deuses ou espíritos, como meio de aliviar-se da estupidez da realidade. Tudo isso não passa de ópios, de morfina, neste crepúsculo do *Homo sapiens* na terra. [...] (LOBATO, 1986a, p. 39).

Lendo as declarações de Lobato, muitas vezes nos desorientamos, tal a oscilação de seu pensamento: crença na vida pós-morte e recusa radical desse fato como esteio de uma religião. Queixa-se, ademais, de que o fato de ter

---

e, no final da obra, protagoniza o panfleto “Zé Brasil”, na opinião de Marisa Lajolo (1983). Outra personagem que “evolui” na obra é Emília que, de bruxa de pano, transforma-se em “dadeira” de idéias do *Sítio*. “Emília começou uma feia boneca de pano, dessas que nas quitandas do interior custavam 200 réis. Mas rapidamente evoluiu, e evoluiu cabritamente — cabritinho novo — aos pinotes. Teoria biológica das mutações. E foi adquirindo uma tal independência que, não sei em que livro, quando lhe perguntam: ‘Mas que você é, afinal de contas, Emília?’ ela respondeu de queixinho empinado: ‘Sou a Independência ou Morte!’” (LOBATO, 1950, v. 12, p. 341).

traduzido livros espíritas levará muitos a tacharem-no de espírita. “A imbecilidade nacional é absoluta”, afirma.

Lobato participa de sessões espíritas conhecidas como “os copos que falam”. Purezinha era a médium e ele, o doutrinador. Transcreveu muitas dessas sessões, como comenta em carta a Rangel de 1947:

Vou te mandar um livro sobre o assunto [a vida pós-morte], com as belas conclusões científicas do Urbano Pereira, de Taubaté. Notável. Mas para mim, Rangel, **nada vale aquela minha coleção de notas por mim mesmo tomadas diante do copo.** Não as mostro a ninguém porque ninguém lhes dará o valor que eu dou — além do que não nasci para missionário. “Converter gente”— para quê? [...]. (LOBATO, 1986a, p. 247; o grifo é nosso).

Essas anotações foram editadas por Maria José Sete Ribas, em 1972, sob o título *Monteiro Lobato e o Espiritismo: As sessões espíritas de Monteiro Lobato*. Se alguém duvidasse da autenticidade do livro, bastaria ler o trecho da correspondência acima citado, para convencer-se das práticas espíritas do autor.

Nessas sessões, aparecem espíritos de vários países e séculos. As mensagens dos mortos aparecem em várias línguas, segundo as suas nacionalidades. Podem falar português e ler o pensamento dos presentes, segundo o grau de evolução que já alcançaram. Inclusive, há a aparição insistente de um espírito que se chama K., decapitado durante o reinado de Luís XIV, espírito que entra em atrito com o grupo, mas que Lobato consegue doutrinar e apaziguar. O curioso é que, na sessão de 12 de agosto de 1944, manifesta-se “uma irmã de cor negra”. É Lobato que está anotando, com o lápis:

— Pergunte-lhe o nome, irmão [espírito que está sendo intermediário entre Lobato e Tia Nastácia], pedi — e o copo, depois da inevitável paradinha, escreveu:

— Anastácia.

Fizemos uma festa. Tia Anastácia fora a ama-seca de Edgard, e queridíssima na casa.

— Não poderá Anastácia tomar o copo e conversar conosco?

— Ainda não tem força.

— Diga-lhe, Adamastor [espírito que está sendo intermediário entre Lobato e Tia Nastácia], ou pergunte-lhe se sabe que o Edgard morreu o ano passado.

O copo, depois da pausa, respondeu dum modo curioso: repetindo as palavras com que Anastácia respondeu à minha pergunta:

— E o menorzinho também [...]. [Guilherme, o outro filho de Lobato].

Porém, em carta já de 1933, a Anísio Teixeira, Lobato faz referências desabonadoras a essa prática: “O copo dos espíritos continua a dizer coisas. Em geral acacianíssimas. Cada vez me convenço mais de que os mortos não valem os vivos. Já aqui em casa ninguém lhes dá a mínima importância. Desmoralizaram-se à força de lugares-comuns e acacianices”. (LOBATO, 1986b, p. 95). Ou seja, Lobato interessa-se muito por saber como é a vida no Além e descobre que os espíritos se transformam em luz, vagamundeiam no espaço, dividem-se em vários planos, reencontram conhecidos ou não, são recebidos por outros espíritos na sua “passagem”, encostam-se em vivos, prejudicando-os em sua vida. O que o escritor não aprecia é a boçalidade do que dizem. É como se o autor se perguntasse: por que conversar com espíritos, perder tempo com eles que, desencarnados, continuam com todos os seus tiques e maldades, podendo-se conversar com os vivos?

Lobato, Purezinha, sua filha Marta e seu marido Jurandir dedicaram-se assiduamente à prática dos copos, bem como freqüentavam médiuns conhecidos, na tentativa de falar com os parentes mortos, especialmente os dois filhos do escritor, Guilherme e Edgard. Este último, às vezes, apresentava-se, mas como Purezinha, a mãe, ficava muito perturbada, a corrente se rompia e eles não conseguiam estabelecer a comunicação.

Vemos, então, que se pode arrancar Lobato da imagem do enfurecido fazedor de livros em série, tatu cavador de poços de petróleo, para recentrá-lo também na meditação metafísica. Essa seria, a nosso juízo, sua “face oculta”.

### **2.3.7 Super-homem x super-heroína**

A idéia do super-homem começou a ser divulgada a partir de *Assim falou Zaratustra*. Nesse livro, considerado como um poema filosófico, Zaratustra busca, no cimo das montanhas e nas florestas, o homem superior. “Eu vos ensino o além-do-homem. O homem é alguma coisa que se deve superar.” (1971, p. 23). O homem é uma corda entre besta e além-do-homem — uma corda sobre um abismo (1971, p. 25). A reflexão de Nietzsche insere-se numa crítica radical do cristianismo (que prega a anulação da vontade, a humildade e elogia a fraqueza) e numa visão prometéica da humanidade. Deus está morto e o homem, doravante, está entregue a seu próprio destino, num mundo sem Deus. “O homem é algo que deve ser ultrapassado”<sup>115</sup>, é um refrão que se repete inúmeras vezes ao longo do livro. Mas esse homem, tornado herói, não tem caixa de ressonância em seu tempo. Repetidamente aparece a idéia de que Zaratustra fala para um tempo futuro, em sua busca de um país ideal, que não encontra perto de si, que está mais além, numa ilha, numa verde pastagem, na “terra porvir dos homens”, num reino “que dura mil anos”.

A felicidade! — como se faria para encontrar a felicidade no meio de semelhantes amortalhados, no meio de semelhantes eremitas! Devo ir buscar a última felicidade nas longínquas ilhas bem-afortunadas, perdidas no meio de mares esquecidos? [...] [...] Sei isso melhor do que tu. Há ainda ilhas afortunadas! Não fales delas, saco de tristeza gemebundo! (NIETZSCHE, 1972, p. 229).

O livro de Nietzsche foi inspirado em Zoroastro, profeta e reformador iraniano. Zoroastro introduz, contrariamente a Nietzsche, a idéia de moral, enquanto o pensador alemão defende um ponto de vista objetivo, fora dos parâmetros morais. Encontram-se, nesse livro, os *Leitmotive* de Lobato: anticlericalismo, repúdio à fraqueza e ao parasitismo<sup>116</sup>.

---

<sup>115</sup> Em *Histórias do Mundo para as Crianças*, Lobato define o super-homem, falando de Guilherme, o conquistador: “Era Guilherme, na realidade, o que um filósofo alemão chama super-homem, isto é, um homem que é mais que um homem.” (LOBATO, 1982, p. 1669).

<sup>116</sup> “Mas onde quer que quiserdes subir comigo, ó meu irmão, cuidado para que nenhum parasita vos siga! Parasita: é um verme rastejante e submisso que quer engordar às custas de vossas dobras doentes e feridas.” (NIETZSCHE, 1972, p. 197).

A história de Zoroastro aparece em *Histórias do Mundo para as Crianças* (LOBATO, 1982, p. 1600):

Entre os persas apareceu um homem de tanta sabedoria como Salomão. Esse homem passou a vida no meio do povo, ensinando preceitos de moral e cantando hinos — e tudo quanto disse foi reunido num livro que ficou sendo a bíblia dos persas.

Zoroastro ensinava que o mundo era governado por dois espíritos — o do Bem e o do Mal. O espírito Bom era a Luz e o Espírito Mau era o Escuro — ou as Trevas, como dizem os poetas. [...].

O super-homem de Nietzsche [*Übermensch*] é, às vezes, traduzido como “o além-do-homem”. Em Nietzsche, o além-do-homem” é um espécime mais elevado, mais nobre. Tais idéias deram uma brecha para a noção de super-homem, de eugenia, e foram aproveitadas pelos nazistas, muito embora Nietzsche fosse declaradamente antipangermanista. O fato é que sua obra é suficientemente ambígua para dar margens a tais interpretações.

Claudio Magris (1999), em seu ensaio “Utopia e desencanto”, tenta discernir o conceito de Além-do-homem:

Em seu *Übermensch*, Nietzsche não via um “Super-homem”, um indivíduo potencializado em suas capacidades e mais dotado que os demais, senão, segundo a definição Gianni Vattimo, um “Ultra-homem”, uma nova forma do Eu, já não compacto e unitário, porém constituído, como aquele dizia, por uma “anarquia de átomos”, por uma multiplicidade de núcleos psíquicos e de pulsões que no cabiam na couraça rígida da individualidade e da consciência.

Umberto Eco (1991, p. 91), subscrevendo idéias de Gramsci, lembra que muito antes de aparecer nas páginas do pensador alemão, o super-homem já vivia nas páginas dos romances populares. A apropriação da idéia de moralidade pelo super-homem nas estórias em quadrinhos destoa de Nietzsche. Zaratustra coloca-se acima do bem e do mal, ao passo que os super-heróis dos romances populares (e depois, nos quadrinhos) geralmente são justiceiros que atuam, à revelia dos mais fracos, em seu nome, assim como os profetas falam em nome de outrem.

Segundo Eco, “o que os caracteriza todos é o fato de decidirem por conta própria o que é bom para as plebes oprimidas e como elas devem ser vingadas” (1991, p. 95). Eco cita Hércules, Pantagruel, Vatek, Monte Cristo, Rocambole, Tarzan e Peter Pan como exemplos de super-homens, destacando dentre eles alguns vilões como Rocambole e Fantômas. Note-se que, dessa série, Lobato trabalhou com quase todos: adaptou a lenda de Hércules e de Peter Pan, traduziu Tarzan, fala de sua literatura infantil como um “Rocambole”. A idéia do super-homem subjaz à sua obra ficcional, ensaística, traduzida ou adaptada. Entre as traduções, citam-se Hans Staden, Tarzan, Hobin Hood, Robinson Crusoe. Entre suas adaptações, Dom Quixote, Peter Pan, Hércules e Hans Staden, todos gravitando na órbita de heróis e super-homens.

Acreditamos também que a idéia do herói ou do super-homem aparece na concepção de alguns personagens, como Pedrinho ou Emília, que é a portavoza da subversão de valores sonhada por Lobato para a sociedade brasileira. O personagem Pedrinho admira Peter Pan e Hércules. É corajoso, gosta de caçadas, quer descobrir os diferentes aspectos do local onde vive, embrenha-se na floresta tendo como cicerone um saci, enfrenta a onça, prescindindo do auxílio dos adultos: “O que vale não é ser gente grande, é ser gente de coragem”.

Na galeria de heróis, Lobato também inclui Henry Ford, a quem classifica de “herói do trabalho”.

Falemos agora de Emília. A primeira referência a Emília como “super-heroína” foi feita por Zinda Vasconcelos (1982, p. 58): “[...] Emília, animal artificial, único, que a Zoologia não poderia explicar, acaba sendo a sugestão de Lobato sobre o ‘super-homem’, que representaria a nova etapa da evolução natural... Um super-homem feminino e feminista, aliás...”.

A boneca, que completou 80 anos em 2000, é uma personagem marcante no panorama da literatura brasileira e está perfeitamente integrada e delineada no imaginário nacional, como Iracema e Capitu, como salientou

Zirald<sup>117</sup> em 1998, em vídeo na Exposição *O Brasil Mágico de Monteiro Lobato*, comemorativa do cinquentenário da morte do escritor. Diferente de sua homóloga americana Raggedy Ann<sup>118</sup>, boneca de pano criada por Johnny Gruelle no início do século XX, cuja doçura e bondade provinham de seu coração de açúcar, Emília não tem coração, situando-se sempre além do bem e mal. Comporta-se segundo sua própria vontade, independente de opiniões e convenções. Espontânea, autoconfiante, sobranceira, franca, arrogante, sempre quer o que é novo: “O meio de sossegá-la foi permitir-lhe seguir na frente do bando, para que pudesse ‘ir vendo as coisas antes dos outros’” (LOBATO, 1982, p. 38).

O fato de não ter coração retorna em vários momentos da obra: “Dona Benta perguntou, muito admirada, que era que estava faltando em Emília. Coração, vovó. Pois não vê? Emília não tem nem uma isca deste tamanhinho...”. (LOBATO, 1982, p.48).

Em outra passagem, falando com Cinderela, que perdoara a madrasta e as irmãs, Emília exclama: “Como a senhora é boa! Se fosse comigo, eu não

---

<sup>117</sup> Mandona, despótica, racista e malcriada, Zirald — cujo “Menino Maluquinho” vem em linha direta de Emília — a coloca em paralelo com Macunaíma, outro “herói sem nenhum caráter” da literatura brasileira. Lobatiano confesso, é interessante notar que os dois primeiros personagens de Zirald foram o tatu e o saci.

<sup>118</sup> Lobato cita a boneca de pano Raggedy Ann no livro *América* (1932) e no *Circo de Cavalinhos* (1927), que integra *Reinações de Narizinho*. Neste último livro, Raggedy Ann é uma das convidadas, junto com outros personagens do reino da fantasia, para o espetáculo de abertura do circo: “[...] Depois veio Ali Babá sem os quarenta ladrões, e vieram Alice de Wonderland, e Raggedy Ann e quase todos que existem” (LOBATO, 1982, p. 124). Embora não caiba nesta tese, seria interessante um estudo comparativo entre as duas bonecas. Muitos estudiosos de Lobato afirmam que a idéia da série de histórias do *Picapau Amarelo* se concretiza efetivamente após a vinda de Lobato dos Estados Unidos. Que ele conhecia a obra de Johnny Gruelle é certo, tendo em vista as citações. Johnny Gruelle (1880-1938) é um cartunista e ilustrador americano que escreveu, durante duas décadas, cinquenta e quatro livros para crianças, a maioria com ilustração de próprio punho. Protagonista desses livros, Raggedy Ann, boneca de pano, com olhos de botão, eterno sorriso e nariz em triângulo. Poder-se-ia cotejar a obra dos dois escritores, em busca de possível inspiração de Lobato. É certo que ele reverencia a boneca americana — que tem um verdadeiro fã-clube no mundo, e é objeto de colecionadores —, colocando-a no mesmo plano que Chapeuzinho Vermelho e Alice. A citação de Monteiro Lobato, em livro de 1927, prova que o autor, que naquele momento se encontra nos Estados Unidos, travou conhecimento com a boneca que fazia furor na América do Norte. É só em carta de 7/10/1934 (v. 12, p. 328), a Godofredo Rangel, que a gênese do seu “Rocamble infantil” é explicitada. Note-se que estamos em 1934, quatro anos depois da vinda de Lobato dos Estados Unidos.

perdoava! Sou mazinha. Tia Nastácia se esqueceu de me botar coração, quando me fez....” (LOBATO, 1982, p. 91). Notamos, então, na concepção dessa personagem, uma separação radical entre coração e mente. Emília é apenas uma cabeça que pensa e, na *Chave do Tamanho*, chega a morar na própria cartola do Visconde de Sabugosa, constituindo com ele uma cabeça ao quadrado.

Não podemos resistir à tentação de citar mais um trecho em que Emília, em lugar de chorar a morte do Visconde, como todos os outros personagens (inclusive o Barão de Munchausen), em *Reinações de Narizinho*, fica indiferente:

Emília, porém, demonstrou mais uma vez que não tinha coração. Em vez de derramar uma lágrima, ou dizer umas palavras tristes, a diabinha limitou-se a abrir a canastra — para ver se o visconde não havia furtado alguma coisa!... Depois teve uma idéia muito prática. “Depenou” o cadáver, isto é, arrancou-lhe as pernas e os braços roídos pelos peixes e guardou o tronco na canastrinha [...]. (LOBATO, 1982, p. 155-156).

O que caracteriza a personagem, acima de tudo, é a inteligência e a esperteza. Notamos que esse binômio reaparece na obra: Pedrinho e o saci, por exemplo, vencem a cuca pela astúcia e inteligência<sup>119</sup>.

Em *O Saci*, o duende esperto transforma-se em filósofo, e discute com Pedrinho idéias sobre o evolucionismo. Segundo a teoria evolucionista, que subjaz a este livro, para sobreviver na selva [literalmente] é preciso ser forte ou esperto:

— É o que os sábios chamam a luta pela vida. Uma criatura vive da outra. Uma come a outra. Mas para que uma criatura possa comer outra, é preciso que seja mais forte — do contrário vai comer e sai comida.  
— Mais forte só?

---

<sup>119</sup> O livro *O Saci* pode ser resumido numa frase: contra a força (da onça, da cuca), a esperteza (do saci, de Pedrinho, de Emília). Diz o saci: “— Nada de paus! Você não conhece a Cuca. Um monstro de três mil anos, como ela, havia de rir-se das pauladas de um menino como você. À força, é impossível lutar com ela. Temos de usar da astúcia. A arma a empregar vai ser o pingo d’água.” (LOBATO, 1982, p. 233).

Mais forte ou mais esperto. Aqui na mata todos procuram ser fortes. Os que não conseguem ser fortes, tratam de ser espertos. Na maior parte dos casos a esperteza vale mais do que a força. Os sacis, por exemplo, não são fortes — mas ninguém os vence em esperteza. (LOBATO, 1982, p. 213-214).

Quanto a Emília, tira partido de tudo. Ao salvar o *Sítio* da invasão das feras em troca de presentes, descobre o rinoceronte fugitivo do circo e o vende a Pedrinho. Ao longo do “Rocamboles infantil”, é sempre a boneca que resolve os problemas, enfrentando os perigos, dando sugestões e possibilitando ao grupo safar-se dos problemas. Usa como aliados os besouros espíões, o pó de pirlimpimpim e o faz-de-conta. Em *Caçadas de Pedrinho*, é quem salva Tia Nastácia e o *Sítio* da invasão das onças e iraras, com suas granadas cheias de vespas. Acha o paradeiro do rinoceronte fugitivo e enfrenta o dono do circo quando este vem reclamar o animal, “como um perfeito rábula”, enviando-o ao espaço com o super-pó:

— A coisa não vai assim, meu caro senhor! Não basta ir dizendo que o rinoceronte é seu. Tem que provar que é seu, sabe?

O alemão ficou espantadíssimo daquele prodígio: uma bonequinha falando, e falando daquele jeito, com tal arrogância. (LOBATO, 1982, p. 196).

Em contraposição ao Jeca esquelético, “parasita roído de parasitas”, a personagem Emília poderia ser vista, em parte, como o super-homem nietzschiano (nesse caso, a super-heroína de massa). Destemida, safa-se das dificuldades mediante a impertinência, o “faz-de-conta” e o pó mágico.

Emília também se considera uma filósofa e diz no início de suas *Memórias*: “ — E como sou filósofa — continuou Emília — quero que minhas memórias comecem com a minha filosofia de vida. A vida, Senhor Visconde, é um pisca-pisca”. (LOBATO, 1982, p. 243). Note-se que essa frase caracteriza Emília como adepta de uma filosofia materialista (trata-se da fugacidade da vida), bem diferente da filosofia de Lobato, no fecho de sua vida, quando passa a acreditar na imortalidade.

É assim que detectamos a influência de Nietzsche no pensamento de Lobato. Este foi um diluidor, transportou Nietzsche para um registro mais legível, aproximando-o das crianças. Essa foi a genialidade de Lobato. Fazer do saci um filósofo. Em lugar do bigode sisudo de Nietzsche, o cachimbo matreiro do saci; em lugar das imprecações de Zaratustra, as impertinências da Emília. Mas enquanto Nietzsche trocou a cabeça pelo coração, Lobato trocou o coração pela cabeça.

### 3 EMÍLIA, OU DA EDUCAÇÃO

Narizinho, cada vez mais admirada da inteligência da rainha, murmurou ao ouvido da boneca: “Vê, Emília? Isto é que é falar bem! Até parece aquele filósofo que vovó às vezes lê, o tal Rou.. Rousseau, creio. (LOBATO, 1982, p. 172).

Como Thomas Morus, como Campanella, Rousseau foi [...] responsável pela criação de utopias. A república ideal, se nunca foi objeto preciso de um livro da sua obra, nem por isso deixa de figurar, latente, em toda ela.” (FRANCO, 2000, p. 307).

O que levaria um escritor de enorme talento como Lobato a voltar-se para um segmento secundário da atividade literária a não ser o projeto de implementar um modo de educação que, atingindo o máximo possível de crianças, pudesse promover uma reforma social? Na primeira metade do século XX, em virtude do estágio dos meios de comunicação de massa, usou como ferramenta o livro (chegou a uma tiragem de 50 mil exemplares da primeira edição de *A Menina do Narizinho Arrebitado*<sup>120</sup>) para implementar o seu projeto educacional.

#### 3.1 Lobato, leitor de Rousseau

Encontramos várias conexões entre Lobato e Rousseau. No artigo “As grandes possibilidades dos países quentes”, de *Problema Vital*, Lobato afirma

---

<sup>120</sup> Em 1920, publica um pequeno livro de quarenta e três páginas, *A Menina do Narizinho Arrebitado*, com o subtítulo *Livro de figuras por Monteiro Lobato e desenhos de Voltolino*. Como sempre, Lobato está muito atento à recepção do seu público infantil. Manda um exemplar para Rangel que, cioso mestre-escola, tem condições de aferir-lhe a receptividade: “Mando-te o *Narizinho* escolar. Quero tua impressão de professor acostumado a lidar com crianças. Experimente nalgumas, a ver se interessam. Só procuro isso: que interesse às crianças.” (v. 12, p. 228). Lobato faz uma tiragem de 50.500 exemplares do livro, destinando 500 exemplares para publicidade nas escolas públicas: “O meu *Narizinho*, do qual tirei 50.500 — a maior edição do mundo! — tem que ser metido bucho a dentro do publico, tal qual fazem as mães com o óleo de rícino. [...]. Gastei 4 contos num anúncio de página inteira num jornal daqui.” (v. 12, p 230).

que foi a civilização que enfraqueceu o homem, tornando-o sujeito ao ataque de parasitas.

O homem, com civilizar-se, afastou-se da natureza. Desrespeitou-a, infringiu-lhe as leis. A conseqüência foi o enfraquecimento. O uso do vestuário quebrou a resistência da epiderme. O hábito de casa paralisou o desenvolvimento da resistência orgânica às agressões do ar livre, e atrofiou a já criada no longo estágio de vida selvagem [...].

Outra idéia do artigo de Lobato é a que as zonas temperadas são mais propícias ao desenvolvimento da civilização. Ambas as teses assemelham-se às de Rousseau que, no *Discurso sobre a Desigualdade*, argumenta que o homem, no estado de natureza, é mais forte e a maioria de nossos males advém do fato de o homem ter-se afastado desse estado.

No *Ensaio sobre as Origens das Línguas*, Rousseau exprime seu eurocentrismo, afirmando que, por um mecanismo de complementaridade, os homens de climas temperados mostram-se mais industriosos. As teorias sobre a influência do clima no homem e na cultura americana estão em pauta desde o século XVII (negatividade do homem americano *versus* glorificação da natureza paradisíaca americana). Faz parte da ideologia colonialista pensar que os climas quentes são impróprios para o pensamento. Essa teoria foi sintetizada por Montesquieu, como afirma Ventura (1991, p. 20): “Essa teoria climática é aplicada ao mapa-múndi, de modo a explicar o predomínio da liberdade na Europa como decorrência de sua extensa zona temperada”.

A teoria de que o clima quente é impróprio para as raças brancas aparece no livro *Geografia de D. Benta*. Falando sobre o Nordeste, Dona Benta afirma: “O clima é quente e, portanto, impróprio para as raças brancas que da Europa emigram para a América.” (LOBATO, 1982, p. 1010).

Ambos os pensadores foram adeptos da transparência (verdade) contra a opacidade (mentira). Lobato sempre busca dizer “desassombradamente a verdade inteira”: “a verdade dolorida, mas a verdade que salva” (v. 9, p. 311). A sinceridade absoluta é uma utopia, pois, ao homem em sociedade, torna-se perigoso mostrar-se como “ser natural”. A idéia de transparência, para

Rousseau, remete ao estado primitivo de felicidade, num mundo sem sombras, onde a distância entre aquilo que se pode conseguir e aquilo que se deseja é mínima. É o movimento da história que leva à degenerescência, à corrupção e à injustiça, atributos da sociedade civil.

Tanto para Rousseau, quanto para Lobato, o movimento histórico é uma forma de deturpação, que vai de encontro à transparência original, onde o homem era feliz. A história vai depositando crostas, vai obscurecendo, deturpando o indivíduo, semelhante ao que ocorre no mito platônico da estátua de Glauco, citado por Rousseau no *Discurso sobre a Desigualdade* (STAROBINSKI, 1958, p. 17): afogado no mar, o corpo de Glauco é desfigurado pela “ferrugem”, pelas ondas, conchas, seixos, algas, perdendo a sua pureza original. Quando Nietzsche afirma que é preciso nos desvencilharmos das camadas que se depositaram em nós e nos deturparam, também nos remete a uma versão do mito de origem.

Se Rousseau ficcionaliza a origem da sociedade e mesmo a origem das línguas (para ele, a queda do homem advém da vida em sociedade), Monteiro Lobato, no conto “Era no paraíso”, também coloca o problema da passagem da natureza para a cultura, entendendo esta última como o reino do Mal. Esse conto trata do mito da origem da humanidade (a queda), apresentando muitas conexões com o *Discurso sobre a Desigualdade*, de Rousseau.

Para o narrador do conto, a queda é primeiramente física (os problemas começam quando um macaco sofre uma queda de uma árvore, causando-lhe uma lesão que lhe enche o cérebro de caraminholas) e depois metafísica. A partir dela, o macaco começa a transformar-se, perdendo o estado original de inocência, deixando para trás a vida como obra de arte, concebida pelo “Sumo Esteta” (1943, p. 346). Não mais saberá escolher seus alimentos, torna-se invejoso, cruel e estúpido. Não saberá comer, nem morar, nem viver em sociedade, nem resolverá o problema de governo. Seu mal advém de um só: pensar: “Sua cabeça perdeu o frescor da antiga despreocupação e deu de

elaborar uns monstrengeozinhos informes aos quais, com alguma licença, caberia o nome de idéias”. (LOBATO, 1943, p. 348).

Ora, no *Discurso sobre a Desigualdade*, Rousseau afirma, escandalosamente — como o faz acima Lobato — que a queda do homem acontece quando este adquire a capacidade de refletir: “Se ela [a natureza] nos destinou a sermos sãos, ousou quase assegurar que o estado de reflexão é um estado contrário à natureza e que o homem que medita é um animal depravado”.

Como Rousseau, Lobato é um escritor político, na tradição dos escritores iluministas que contribuíram para derrotar na França a monarquia e o clero e mudar a face do mundo no final do século XVIII, e tiveram como seguidores Chateaubriand e Victor Hugo, escritores que se lançaram, de corpo e alma, na coisa pública.

Ambos encarnam o personagem que Starobinski chama de “justo perseguido”. Mas é o pensamento pedagógico que aproxima sobremaneira os dois escritores. Toda a obra infantil lobatiana se configura como uma utopia pedagógica que tem pontos de contato com a pedagogia utópica de *Emílio ou da educação*, obra de 1762.<sup>121</sup>

Rousseau insere-se na revolução da educação ocidental, que inaugurou um descentramento digno de Copérnico: do mestre para o aluno; do livro para a natureza, da teoria para a prática.

A educação para Lobato, como a do Emílio, prevê a ausência da escola tradicional, a experimentação, a autonomia, a liberdade e o desenvolvimento da faculdade do julgamento. No *Emílio*, é como se Rousseau, que admirava, por intermédio de Montaigne, a vida dos silvícolas brasileiros, estivesse fazendo um caminho educativo às avessas, e ensinando seu pupilo a ser selvagem, ou melhor, a aproximar-se do homem natural.

---

<sup>121</sup> Segundo Jean-Louis Leclerc, “Gargântua et Pantagruel contém [...] a primeira dessas grandes utopias pedagógicas que vão abundar nos dois séculos subsequentes, e das quais Emílio não será senão a mais elaborada.” (ROUSSEAU, 1978, p. 67).

Embora em seus contos Lobato seja anti-rousseauísta (o homem está longe de ser o “bom selvagem”; vive em conflito com a natureza, é o predador por excelência, o “fazedor de desertos”<sup>122</sup>), encontramos na obra infantil lobatiana — iniciada precisamente quando abandona a carreira de contista — várias matrizes rousseauístas. Vimos que, para o escritor, o mundo está errado. É necessário reformá-lo, e para tanto decide-se a educar as crianças<sup>123</sup>, como o próprio Rousseau. Este inventa um pupilo, Emílio, para moldá-lo segundo as idéias de seu governante. Aquele, cria uma boneca birrenta, rebelde e “natural”, Emília. O interesse por Robinson Crusoe e a crítica a La Fontaine também estão presentes tanto em Rousseau quanto em Lobato.

Falamos em “pedagogia utópica”, lembrando que o próprio Rousseau, no prefácio de seu livro, afirma que suas elucubrações parecerão menos um tratado de educação do que os devaneios de um visionário sobre a educação.

Poderíamos sintetizar o *Emílio*, de Rousseau, por intermédio das cinco gravuras que antecedem os livros em que se divide o texto, gravuras que Rousseau comenta e fornecem a sùmula dos diferentes capítulos.

A primeira gravura mostra Tétis mergulhando seu filho no Estinge, para torná-lo invulnerável aos sofrimentos. Fortalecer a criança, para que ela possa enfrentar os incalculáveis obstáculos que topará pelo caminho: “Sofrer é a primeira coisa que ele deve aprender, e a que ele terá a maior necessidade de saber.” (1971, p. 53). Rousseau cria seu educando no campo, enfatizando a importância dos trabalhos manuais e dos exercícios, para a saúde. A educação deve despertar o gosto pelo trabalho e por uma profissão, a qual deveria ser próxima de qualquer uma que pudesse servir a Robinson em sua ilha.

---

<sup>122</sup> Lobato escreve em “Urupês”: “Morreu Peri, incomparável idealização d’um homem natural como sonhava Rousseau, protótipo de tantas perfeições humanas que no romance, ombro a ombro com altos tipos civilizados, a todos sobreleva em beleza d’alma e corpo.” (LOBATO, 1943, p. 125).

<sup>123</sup> Também a catequese no Brasil Colonial visava essencialmente à educação dos “culumins” que, de preferência eram afastados dos pais, para melhor assimilarem os ensinamentos da Companhia de Jesus. Para doutrinar as crianças indígenas, os missionários importavam crianças órfãs da metrópole que se insinuavam entre as indígenas.

Rousseau (1971, p. 115). lembra que, numa ilha deserta, um filósofo jamais abriria um livro, mas sim vasculharia o terreno, para tentar sobreviver.

Influenciado por suas leituras de Jean de Léry e de Montaigne, relativas ao índio brasileiro, Rousseau levanta assuntos como a amamentação<sup>124</sup>, enfaixamento dos recém-nascidos e banhos. Além disso, propõe uma alimentação vegetariana, sem manteiga nem fritura. O período crucial dessa educação vai do nascimento até os doze anos.

A gravura que antecede o segundo livro representa Quíron, o centauro preceptor de Aquiles, exercitando-o na corrida. Rousseau, como Montaigne, preconiza que se aliem os exercícios físicos aos espirituais. Se possível fosse, Rousseau queria que Emílio vivesse plenamente nos quatro elementos; queria até dar-lhe asas para viver no ar ou torná-lo uma salamandra para enfrentar o fogo (1971, p. 86). A notar que, no *Sítio do Picapau Amarelo*, personagens mergulham num ribeirão, sobem em árvores, viajam no tempo e no espaço.

A terceira gravura apresenta Hermes inscrevendo nas colunas os elementos das ciências, para evitar que elas se perdessem com o dilúvio. Aqui entra uma crítica ao conhecimento livresco, pois melhor do que escrever nas colunas — segundo Rousseau — é gravar na própria mente os conhecimentos que propiciarão a autonomia do educando:

Odeio os livros; eles só ensinam a falar daquilo que não se sabe. Dizem que Hermes gravou em colunas os elementos das ciências, para colocar suas descobertas a salvo de um dilúvio. Se ele as tivesse bem imprimido na cabeça dos homens, elas ali se teriam conservado por tradição. Cérebros bem preparados são os monumentos onde se gravam, de forma mais segura, os conhecimentos humanos. (ROUSSEAU, 1971, p. 129)

---

<sup>124</sup> Na época, a amamentação é uma prática em desuso na Europa. Rousseau quer reintroduzi-la, baseando-se na comparação com os indígenas. José de Alencar viu muito bem essa característica da sociedade indígena. Iracema, para fazer jorrar seu leite, entrega os seios às pequenas iraras famintas. Mário de Andrade, por sua vez, satiriza essa prática em *Macunaíma*.

Note-se que essa mesma idéia aparece em *Serões de D. Benta*, quando esta afirma: “A riqueza que quero para meus netos é uma que possam guardar onde ninguém furte: na cabeça.” (LOBATO, 1982, p. 1838).

O quarto livro é introduzido por uma gravura que mostra Orfeu ensinando aos homens o culto dos deuses. Esse livro trata do lento aprendizado dos sentimentos do mundo moral. Emílio tem quinze anos. É uma etapa decisiva, equivalendo a um segundo nascimento. No quarto livro, há a inserção de um opúsculo autônomo — “Profissão de fé de um vigário saboiano” —, que é uma súpula do deísmo, isto é, uma religião “racional” ou natural, reverência ao Criador, sem dogmas, sem igrejas, subordinada apenas ao pensamento individual.<sup>125</sup>

O quinto livro mostra a gravura de Circe submetendo-se a Ulisses, visto que não conseguiu metamorfoseá-lo em porco, como o fez a seus acompanhantes. É a parte mais problemática dessa obra de Rousseau, pois, como a própria gravura deixa antever, a mulher encontra-se em uma posição subalterna ao homem, existindo para servi-lo. Esse quinto livro também pode ser lido como um romance, pois trata do encontro, do enamoramento e do casamento de Emílio e Sofia. Se concorda em muitos pontos com Platão, a posição de Rousseau dele difere em relação à educação da mulher. Mesmo reconhecendo que há uma grande disparidade de natureza entre o homem e a mulher e que os homens têm dons naturais em maior grau que as mulheres, Platão previa a mesma educação para os dois sexos, baseada em música, ginástica e atividades bélicas. Já Rousseau propõe uma educação diferenciada. Para a mulher, trabalhos de agulha, bordado, renda, canto e dança. Ou seja,

---

<sup>125</sup> No prefácio ao livro espírita *Afinal, quem somos?*, de Pedro Granja, Lobato escreve: “A ciência ensina, com a tremenda rigidez de quem diz e prova, que o Deus comum, e ainda universal, é puro antropomorfismo. É uma idealização do homem com todas as suas qualidades e defeitos. Até sexo esse Deus tem, porque saiu do misticismo do macho humano e o macho humano sempre puxou todas as brasas para a sua sardinha. E tem figura humana, porque o homem nada pode conceber acima ou além de si próprio. Fossem os homens leões, e Deus teria majestosa juba. E se os homens fossem minhocas, Deus seria um minhocão. A Divindade Suprema entre os negros da África tem a pele negra: já os demônios africanos são alvos de pele e louros.” (v. 13, p. 150).

muitas ocupações relacionadas com o vestuário. Aqui aparece o caráter reacionário do pensamento de Rousseau com relação à mulher, pensamento que, em Nietzsche, se torna misoginia. O filósofo francês afirma, além disso, a supremacia do homem e a dependência como sendo um estado natural da mulher. Tanto quanto para o homem, porém, a mulher só deve aprender o que é útil. Já a Emília lobatiana é uma anti-Sofia: não é tímida, nem modesta, nem obediente. Seu casamento grotesco com o Marquês de Rabicó representa o oposto do encontro Emílio-Sofia.

Com relação à Narizinho, Klinke (1999, p. 95) afirma que, embora prendada e sempre ocupada em enrolar rosquinhas, a menina subverte a noção de casamento presente no conto Branca de Neve: “A personagem brasileira é branca como a neve, a menina brasileira é morena como jambo. A tradicional personagem dos contos de fadas é salva pelo príncipe encantado: Narizinho, a nova personagem das estórias infantis, salva o príncipe Escamado e seu Reino.”

### **3.2 Monteiro Lobato educador**

A educação sempre foi o alvo primeiro de Lobato. Quando resolve abandonar a carreira de contista pela de contador de estórias infantis — de José Bento passa a Dona Benta —, volta-se basicamente para a pedagogia. Por quê? Conforme vimos antes, Lobato tinha uma visão pessimista da espécie humana, expressa em inúmeros artigos e nos contos reunidos em *Urupês*, *Outros Contos e Coisas*, de 1943. Ele tinha um projeto de sociedade e, para realizá-lo, resolveu educar a infância e, assim, criar um homem novo. Para ele, somente a criança seria o sujeito de uma eventual mudança no Brasil: essa era outra de suas utopias, conforme lemos no livro *História do Mundo para as Crianças*:

- Nós precisamos endireitar o mundo, Pedrinho.
- Nós, quem, Emília?
- Nós, crianças; nós que temos imaginação. Dos “adultos” nada há a esperar. (LOBATO, 1982, p. 1720).

O escritor queria mudar o Brasil e resolveu começar pelas crianças, escrevendo livros para educá-las. “Dói-me ter filhos, Rangel. Como educá-los, nesta terra? Em que princípios?” (LOBATO, 1950, v. 12, p. 165).

É um truísmo afirmar que a maioria de seus textos para crianças tem caráter didático<sup>126</sup>: ciências (*Serões de D. Benta*), gramática (*Emília no País da Gramática*), geologia (*O Poço do Visconde*), aritmética (*Aritmética da Emília*), geografia (*Geografia de D. Benta*), história geral (*Histórias do Mundo para as Crianças*), mitologia (*O Minotauro, Os Doze Trabalhos de Hércules*), folclore (*Histórias de Tia Nastácia*) etc. Há um afã enciclopédico em Lobato, como também se detecta em Jules Verne. Lê-se Lobato para aprender. A força de Hércules cede diante dos conhecimentos da turminha do *Picapau Amarelo*: “[...] E Hércules, com toda a sua burrice, ‘teve uma idéia’, talvez a primeira idéia de sua vida: que é a educação que faz as criaturas”. (LOBATO, 1982, p. 1356). Com muita propriedade, Ana Lúcia O. Brandão (apud MERZ, 1996, p. 26) considera Hércules um personagem tricéfalo pois une sua força à esperteza de Emília e à inteligência do Visconde de Sabugosa.

Lobato encontra uma fórmula, que fez o sucesso de sua obra num momento em que não existia televisão: “a gaia ciência”, ou seja, ele fala da ciência com alegria. Escreve a “enciclopédia saborosa”, o livro-pão. Sua forma de contar e de ensinar é pitoresca e crítica. Vale para seus livros aquilo que ele próprio disse de Gilberto Freyre: “Ensinou a *Gaia Scienza* de Nietzsche ou essa deliciosa composição que é a ciência misturada com a arte [...]”. (v. 13, p. 109).

---

<sup>126</sup> Vale lembrar que, na década de 30, as obras infantis de Lobato foram publicadas na coleção “Biblioteca Pedagógica Brasileira”, da Companhia Editora Nacional, e pelo seu caráter didático, interessou a crianças e a adultos. Michel Serres (1974, p. 13) faz um comentário parecido, dessa vez relacionado a Jules Verne: “Assim acontece com as *Viagens Extraordinárias*: escritas para uso das crianças, eram publicadas na Revista de Educação e de recreação do editor Hetzel. Crianças de sete a setenta e sete anos, bem entendido.”

Essa idéia, calcada em Nietzsche, já está presente em Lobato desde do seu primeiríssimo conto, “*Gens ennuyeux*”, de 1901. Sátira às conferências tão em voga na virada do século, o conto termina como se fosse a demonstração de um teorema. Depois de ter assistido, durante horas, a uma conferência maçante, o narrador afirma: “Se este senhor sábio trouxesse pela mão direita a Ciência e pela esquerda a Arte, para fundi-las no momento de falar, que coisa esplêndida não faria de um tal tema! [...]”. (LOBATO, 1943, p. 195).

O *Sítio* lobatiano é um espaço educacional que, na nossa opinião, condiz com a visão que Nietzsche tinha da poesia do futuro, espaço onde não caberia nada aviltante, desprezível, difamatório, maledicente, ruim. Segundo Nietzsche, só valeria a pena escrever a “poesia do futuro”, se ela pudesse mostrar “força, bondade, doçura, pureza, uma medida inata, espontânea, nos personagens e seus atos: um solo unido, que dá segurança e rejubila os pés; um céu luminoso refletindo-se nos rostos e nas cenas; o saber e a arte confundidos em uma nova unidade [...]”. (NIETZSCHE, 1968, v. 2, p. 52).

Esse espaço é identificado por Emília como o Sítio do Picapau Amarelo. Falando que no mundo há muita injustiça, conclui: “Por isso acho que o único lugar do mundo onde há paz e felicidade é no sítio de Dona Benta. Tudo aqui corre como num sonho. A criançada só cuida de duas coisas: brincar e aprender. As duas velhas só cuidam de nos ensinar o que sabem e de ver que tudo ande a hora e tempo.” (LOBATO, 1982, p. 290).

A *Enciclopédia* — obra de vulgarização científica e filosófica, síntese racional de conhecimentos, foi organizada por Diderot e d’Alembert, de 1751 a 1772, tendo os mesmos escrito muitos de seus verbetes. Essa obra máxima do Iluminismo francês representa uma importante ferramenta educacional. A obra de Lobato configura-se também como uma enciclopédia para uso das crianças, onde são tratados os assuntos que o autor julgava importantes para a educação: literatura infantil, aritmética, gramática, fábulas, histórias populares brasileiras, astronomia, geologia, História do Brasil, História Universal, geografia, ciências, mitologia. Pretendia ainda escrever o último tomo de sua

enciclopédia, a história da América para as crianças. Com efeito, em 1943, cinco anos antes de morrer, Lobato sonha com uma viagem sem prazo pelas costas do Pacífico, para escrever, depois do périplo, o livro “O Aconcágua”, em que o vulcão extinto desfilaria a história das plantas, animais, aborígenes, todos os descobridores da América, etc.

A ênfase na educação é um dos pilares do pensamento utópico, desde Platão, para quem o ponto mais importante da sua “pólis” ideal é “educação da infância e da juventude” (1965, v. 1, p. 202). Aliás, Platão começa com uma educação rigorosa para os magistrados — os filósofos-reis — que, por sua vez, estabelecerão as regras da educação das crianças e jovens. A mesma preocupação com a educação está presente no pensamento do utopista Bacon: “Saber é poder” é sua divisa. É também herdeira da *Aufklärung*, cuja divisa é: “Ousa saber”<sup>127</sup>.

O projeto educativo-literário de Lobato se insere na continuação de nossa “Época das Luzes”, entendida na forma como Antonio Candido, em seu ensaio “A nossa *Aufklärung*” (1975, p. 239), analisou a literatura brasileira dos primeiros anos do século XIX: uma literatura que se caracteriza pelo utilitarismo, por seu cunho político, pela ênfase no saber, pelo didatismo, e pelo patriotismo.

Afirma Candido:

A todos [os intelectuais<sup>128</sup> de nossa Época das Luzes, período em torno da Independência] é comum a concepção pragmática da inteligência, a confiança na razão e na ciência para instaurar a era de progresso no Brasil, a repugnância em dedicar-se de todo à literatura.

[...].

Não espanta, pois que os gêneros públicos — oratória, jornalismo, ensaio político-social — avultassem de algum modo fora da literatura, aonde, aliás, conduziam, no limite, as tendências de militância intelectual da Ilustração.

---

<sup>127</sup> Kant (1964, p. 58), em “Respuesta a la pregunta qué es la ilustración?”, afirma: “*Sapere aude!* Tem coragem se te servires de teu próprio entendimento. Eis aqui a divisa da ilustração.”

<sup>128</sup> Candido cita expressamente José Bonifácio e Hipólito da Costa.

Note-se que essa análise lapidar poder-se-ia aplicar à obra de Lobato. Nesse mesmo texto de Antonio Candido, encontramos a expressão “publicista”, usada por Merchior (apud ZILBERMAN, 1986, p. 11) para definir nosso autor. Não sabemos em que medida todas estas ilações se justificam, mas intrigou-nos o fato de que um dos representantes da nossa Ilustração, Joaquim B. Pereira, tentou traduzir o poema *Queen Mab*, de Shelley, poema de cunho anarquista e revolucionário, segundo Candido, e o fato de Lobato referir-se à Emília como “*Queen Mab*”. É claro que Lobato está se referindo à *Queen Mab* de Shakespeare ou à de Anatole France<sup>129</sup>, mas o caráter libertário da Emília lobatiana está também próximo da de Shelley, assim sintetizada por Voltaire Schilling (2003): “Mais do que Byron, Shelley foi um poeta engajado. Se bem que poucas vezes fez poesia política explícita, procurou transcrever em versos os ideais democráticos, enaltecendo a nova mentalidade gerada pela maré revolucionária. O seu longo poema visionário, o *Queen Mab (Rainha Mab)*, de 1813), por exemplo, inspirou, muito tempo depois, o Movimento Cartista<sup>130</sup>, líder das reivindicações sociais e políticas dos trabalhadores ingleses [...]”. Nesse longo poema de nove cantos, Shelley atacou a monarquia, o casamento, a igreja, o consumo de carne e previu um futuro esperançoso para a humanidade liberta desses vícios.

Pedrinho sonha com a Rainha Mab, em presença de Emília: “A ex-boneca ajoelhou-se na contemplação do maravilhoso espetáculo. Estava vendo o que ninguém no mundo ainda vira: a Rainha Mabe a provocar sonhos numa criatura!” (LOBATO, 1982, p. 469).

E, no final da vida, Lobato identifica Emília à Rainha Mab: Em carta a Rangel, de 1943, confessa: “Quando, ao escrever a história de Narizinho, lá naquele escritório da rua Boa Vista, me caiu do bico da pena uma boneca de pano muito feia e muda, bem longe estava eu de supor que iria ser o germe da encantadora Rainha Mab do meu outono.” (v. 12, p. 349).

---

<sup>129</sup> Em *Romeu e Julieta* e *Le crime de Sylvestre Bonnard*.

### 3.2.1 A criança

Num de seus últimos artigos — “O planejamento do futuro” — (v. 15, p. 299), publicado postumamente em 1949, Lobato discorre sobre a educação das crianças. Como não era um teórico, mais uma vez coloca em cena seus personagens para exemplificar suas idéias. Começa assim o seu artigo: “As idéias de Dona Benta sobre educação eram muito especiais”. Que idéias são estas? A que criança Monteiro Lobato se dirigia?

Oswald de Andrade (1995, p. 143) critica a pedagogia rousseauísta, que fornece a base filosófica de Lobato: “O padrão pedagógico do Ocidente, venha de Fénelon ou de Jean-Jacques, dá sempre, em qualquer casa, em qualquer família constituída, na educação do príncipe”. As fábulas de La Fontaine foram escritas para presentear o delfim da França, então com sete anos. Serviam, igualmente, para educar o príncipe. Afinal, para que criança falava Monteiro Lobato?

A concepção pedagógica de Lobato modifica-se com o correr do tempo. No início de sua vida, parece ainda tributário das idéias do Império, que favoreciam uma educação de elite, a “educação do príncipe”, em detrimento de uma educação popular. Vale dizer que em 1920, 75% dos brasileiros são analfabetos.

Para corroborar essa idéia, vamos citar trecho de uma longa carta de 1911, da correspondência a Godofredo Rangel. Depois de acalentar tantas idéias mirabolantes, como a de fundar um sanatório, Lobato confessa a Rangel que quer fundar um internato no interior paulista:

Mas a grande idéia não é essa: é a de um colégio que não existe, só para meninos ricos. Um colégio onde só ensinem coisas de rico — esporte, pocker, bridge, danças, línguas vivas faladas, elegâncias, pedantismos, etiquetas e as tinturas de literatura, ciência e arte necessárias nas conversas de salão. O café está a 10\$000, o fazendeiro nada em ouro — que fazendeiro não quererá os filhos educados assim?

---

<sup>130</sup> União de Operários formada em 1838, visando obter uma melhoria na condição dos trabalhadores.

Trata-se de um blefe, de um arroubo de juventude ou Lobato realmente acreditava numa educação diferenciada, segundo as classes sociais e o sexo? Até 1930, a estrutura da sociedade brasileira era dual: de um lado, uma massa de iletrados e, de outro, uma elite letrada que disputava os cargos públicos. Lobato trata, nessa carta, de uma educação para o lazer de uma classe que precisa da escola apenas para manter o *status* social e aprender os vernizes de cultura que lhe possibilitaria usufruir, com refinamento, de sua fortuna.

Esse projeto nunca se realizou.

Caberia também outra indagação. Qual o leitor ideal de Monteiro Lobato? Tudo leva a crer que ele se dirigia à criança branca, da classe média. Vamos transcrever abaixo um trecho de *Emília no País da Gramática*, onde o racismo explode de forma quase que incontrolável. Eis um trecho do diálogo entre a palavra “Urraca” (nome caído em desuso, mas muito usado antigamente, até para dar nome a princesas) e Emília, que se inteira da nova moda de nomes próprios vindos da França. Emília comenta com o arcaísmo Urraca (tornado personagem) que, como se tornara uma palavra esquecida e inútil, deveria retirar-se para os subúrbios, para não ocupar espaço de outras palavras. Mas o arcaísmo Urraca defende-se:

— Não seja tão sabida, bonequinha! Eu há muito que moro nos subúrbios, e se vim passear hoje aqui foi apenas para matar saudades. Esta casa não é minha.

— De quem é então?

— Duma diaba que veio de Galópolis e anda mais chamada que uma telefonista — uma tal Odete. Volta e meia sai daqui correndo, a batizar meninas. Mas minha vingança é que está ficando magra que nem bacalhau de porta de venda, de tanto corre-corre.

— Está aí dentro, essa palavra?

— Aqui dentro, nada! Não pára em casa um minuto. Inda agora recebeu chamado para batizar uma menina em Itaoca. Tomara que seja uma negrinha preta que nem carvão [...]. (LOBATO, 1982, p. 302).

Com o quê, reservam-se as palavras “feias”(os galicismos) para nomear negrinhas. Qualquer criança negra que lesse tal trecho, certamente exclamaria: “Credo, ele é racista!”. Por isso, concordamos com Marisa Lajolo, quando esta diz que a obra de Lobato é “ainda uma atualizadíssima cartilha de Brasil”<sup>131</sup>. “Com efeito, o escritor apresenta, na primeira metade do século XX, a sociedade brasileira dividida entre proprietários (Dona Benta) e escravos (Tia Nastácia), vivendo uma diferença não conflitual.

De qualquer forma, interessa-nos agora observar que Lobato procede a um deslocamento pioneiro no cenário pedagógico: volta-se para a criança. “Escrever para as crianças é semear em terra roxa virgem — e não praguejada. Cérebro de adulto é solo praguejado”, afirma.

Rousseau afirma que pouco se sabe do universo da criança e que sempre se procura nela o homem, sem nenhuma preocupação com o que a criança é antes de ser adulta. Como também observou Walter Benjamin (1984, p. 65), em 1928, as bonecas tradicionais, que reproduzem adultos idealizados, mostram essa desconsideração pelo universo infantil e pela capacidade imaginativa da criança, ao propor-lhes um espelho do mundo adulto: “Demorou muito tempo até que desse conta que as crianças não são homens ou mulheres em dimensões reduzidas — e as bonecas acusam há muito tempo esse equívoco”.

Ora, a boneca falante Emília, que sintetiza a utopia pedagógica de Lobato, representa não um ser idealizado (um adulto em miniatura), mas uma bruxinha de pano, muito diferente das bonecas em voga na época, e que aparecem no conto “Negrinha”: de porcelana, louras, de olhos azuis. Em *Ordem e Progresso*, Gilberto Freyre (1962, p. CLVII) fala do culto das bonecas louras e de olhos azuis, ideal da mulher nos trópicos. A boneca Emília vai de encontro a esse modelo: em vez de louça, pano. Em vez de olhos azuis e aparência de

---

<sup>131</sup> “Obra infantil do escritor é uma Cartilha do Brasil atual”. *O Estado de São Paulo*, 28/6/1998, disponível na Internet.

criança artificial, olhos de fios retorcidos e o corpo com enchimento de macela. Em vez de balbuciar a palavra “mamã”, Emília, muda inicialmente, desanda a falar num idiolecto, depois de ter engolido a pílula do Dr. Caramujo, deturpando as palavras ou falando-as de trás para a frente. “Polegada” substitui “Polegar”; “liscabão”, “beliscão”.

Em sua obra, Lobato revela-se filósofo moralista que reprova a civilização, critica a realidade histórica e se volta para um mito de origem: a bondade natural da criança, que deve ser direcionada para a luz, como determinadas plantas buscam o sol. Por que impedir o tropismo, moldando, deformando, reprimindo o impulso que leva irresistivelmente à luz? Lobato quer recondicionar as crianças, dirigindo-lhes o olhar para a luz, para o entendimento, moldando-lhes assim o futuro. “O futuro!... Palavra tremenda”.

Tudo o que a humanidade de amanhã vai ser está em germe na criança de hoje. Se fôssemos mais inteligentes e compreensivos, a vida na terra poderia tornar-se edênica. E o caminho para isso seria dos mais simples: considerar a criança como o broto do futuro e condicionar esse futuro por meio do condicionamento do broto. Podíamos planejar o futuro! Fazer do futuro um sonho de felicidade e beleza, com o simples condicionamento do broto. (1965a, p. 299).

Parece-nos, aqui, evidenciar-se outra utopia lobatiana, que encontra guarida em Platão e em Rousseau: crer que a criança é um espaço em branco, uma tábula rasa, que pode ser moldada a bel-prazer do educador. Essa é uma visão prometéica, na medida em que supõe que um *Deus ex-machina* possa plasmar um novo ser humano. Lobato parece ignorar que a criança nasce numa intersecção de tempo e espaço que, inexoravelmente, a condicionará. A ontogênese — desenvolvimento do indivíduo — opõe-se à filogênese, desenvolvimento da espécie, isto é, quando uma criança nasce já traz consigo a herança de milhares de anos de história da humanidade.

Para Rousseau e Lobato, a criança representa um espaço virgem (é a idéia da “folha em branco”, de Locke), a ser moldado. Por isso, afasta-a da sociedade para que, em contato com um legislador e com a natureza, possa ter

acesso ao conhecimento. “A criança é a humanidade de amanhã”, afirma também Lobato. É um “ser especialíssimo”, cujo devir é o homem mas que dele está muito distante. A idéia da mente infantil como folha em branco é claramente admitida por Lobato, em 1943, na correspondência com Rangel mostrando o quão consciente estava ao tentar, por intermédio “do cérebro infantil ainda limpo de impressões” (v. 12, p. 345), fazer o “planejamento do futuro”, isso é, inculcar as idéias que levariam a uma sociedade ideal.

Notamos, assim, que Emília está muito próxima da natureza, age irrefletidamente, vivendo no imediato, conforme podemos ver na *História das Invenções*, quando Dona Benta defende o modo de ser da boneca:

[...] Diz sempre o que pensa, sem escolher ocasião ou palavras. Se certas pessoas condenam esse modo de falar sem papas na língua, achando-o “impróprio”, é porque elas não passam de “bichos ensinados”. Como lhes ensinam que isto ou aquilo não se deve dizer, aceitam o mandamento como coisa infalível e passam a vida a respeitar o que lhe ensinaram, sem nunca examinarem por si mesmas se o tal ensino tem ou não tem razão [...]. (LOBATO, 1982, p. 1878).

Numa época de desagregação social e de incontinência generalizada, como reler Lobato, que chegou a colocar Emília e o Visconde num bar, bebendo cerveja e também pregando um mentira no dono das fazendas contíguas à de Dona Benta, para forçá-los a venderem suas terras. “Entreguem-me o caso que num instante estará resolvido. E mais adiante, depois de ter convencido os fazendeiros a venderem suas terras: “— Nada, Dona Benta. Apenas comemos uns doces na bodega do Elias e tomamos uma cervejinha. Por sinal que estou tonta, tonta... E estava mesmo. Tão tontinhos ela e o Visconde, que caíram, na rede e ferraram no sono.” (LOBATO, 1982, p. 792).

Também para o próprio Rousseau, sua própria pedagogia pareceu algo temerária e o filósofo francês admirava-se da coragem dos que a adotavam (por exemplo, no que concerne aos banhos frios nos recém-nascidos)<sup>132</sup>.

Resta ainda o pó de pirlimpimpim. Que pó é esse a que crianças e adultos cheiram para viajar ao País das Maravilhas? “Todos cheiraram o pó de pirlimpimpim, e imediatamente começaram a sentir a vista turva, a cabeça tonta, com uma zoadada de pião nos ouvidos — fiuunn...” (LOBATO, 1982, p. 151). O próprio Lobato tenta traduzir os efeitos do pó de pirlimpimpim: “A ação do pó aspirado pelos três era muito semelhante à do clorofórmio. Eles perdiam a consciência e só acordavam quando atingiam o ‘tempo’ a visitar. Naquele dia, o tempo em que desejavam acordar era o século XV antes de Cristo, justamente o em que se realizavam as famosas façanhas de Hércules.” (LOBATO, 1982, p. 1258). José Roberto Whitaker Penteado (1997, p. 217) lembra que a ditadura militar de 1964 vetou o pó nos programas infantis televisivos.

Na verdade, recorrendo ao pó, Lobato reedita a magia dos contos populares, como a varinha de condão, e a ficção científica do século XIX, como a máquina do tempo.

Eis como as sensações causadas pelo pó são descritas em *Reinações de Narizinho*:

Assim cheiraram o pó de pirlimpimpim, que é o pó mais mágico que as fadas inventaram, sentiram-se leves como plumas, e tontos, com uma zoeira nos ouvidos. As árvores começaram a girar-lhes em torno como dançarinas de saio de folhas e depois foram se apagando. Parecia sonho. Eles boiavam no espaço levadas por um vento de extraordinária rapidez. Ninguém falava nem podia falar [...]. (LOBATO, 1982, p. 133).

O pó lobatiano seria uma reedição do pó de Peter Pan, que dele faz uso para voar e “seqüestrar”<sup>133</sup> as crianças para a Terra do Nunca que, na verdade, é a Terra das Crianças Desaparecidas (por descuido das babás, diz o texto).

---

<sup>132</sup> Eis o que diz em uma carta ao Abade Maydien: “Se é verdade que adotastes o plano que me esforcei por traçar no *Emílio*, eu admiro a vossa coragem.” (Apud FRANCO, 2000, p. 296).

O personagem Peter Pan decide levar, para a Terra do Nunca, as crianças da família Darling. Para tanto, elas precisam voar. Nas primeiras tentativas, as criança se esbarracham no chão. Então, Peter Pan recorre ao pó fantástico:

— Não é assim, meninos. Eu tenho de soprar em vocês um pó mágico que certa fada me deu — e dizendo isto sacou do bolso uma caixinha do pó magico e soprou uma pitada no nariz de cada um: depois mandou que experimentassem, que subissem às camas, erguessem os braços e dessem outro pulo para o ar. [...].

Ouviu-se um *prrrrr...* e ergueram-se nos ares os quatro meninos, na ordem marcada pelo chefe e com a bola de fogo voando à frente para indicar o caminho. E lá se foram para a maravilhosa Terra do Nunca [...]. (LOBATO, 1982, p. 593-594).

Penteado (1997, p. 205) levanta outra hipótese sobre Emília: associa-a (tanto quanto o Saci) ao *trickster*, herói arquetípico, estudado por Jung: herói truão e velhaco, presente em várias literaturas, símbolo do *puer aeternus* e que, em nossa literatura, teria como antecedentes os personagens Leonardo Pataca, de *Memórias de um Sargento de Milícias*, Serafim Ponte Grande, Macunaíma, Stanislaw Ponte Preta e Max, da *Ópera do Malandro*, de Chico Buarque (AVANCINI, 1998). Para Meletínski (2002, p. 203), o malandro impostor domina num ambiente de impostura generalizada.

Vejamos como Meletínski define o *trickster*:

A figura arquetípica do moleque-brincalhão mitológico reúne em si um inteiro repertório de desvios da norma, sua inversão, sua ridicularização (eventualmente com a função de válvula de escape") [...].

O *trickster*, à diferença do herói cultural, é bastante a-social e por isso mesmo mais "pessoal". É este o motivo pelo qual ele é apresentado negativamente, como figura marginal, muitas vezes até mesmo se opondo à própria tribo ou clã. (2002, p. 97-98)

---

<sup>133</sup> Notamos que as estórias para a infância não são tão "infantis" assim: crianças perdidas, incesto, crime, poções. Isso nos lembra a última frase do livro *O Menino Quadrado*, de Ziraldo: "Agora, leitor, que você chegou até aqui, estou certo que vai me dizer: 'Momento, isto não é um livro para crianças'. E eu responderei: 'Não. Não é. Este é um livro como a vida. Só é para crianças no começo'".

### 3.2.2 A Escola Nova

A pedagogia de Monteiro Lobato, que visa à autonomia da criança em relação ao adulto, desvincula-se dos padrões da época. No artigo já citado — “O planejamento do futuro”, o escritor opõe as idéias de Dona Benta às do compadre Teodorico, que representam o lugar-comum. Em contraposição às idéias de Dona Benta (faz a distinção entre “bom comportamento” e “boa educação”), Teodorico quer domar as crianças, como se domam potros. E há muitas formas de domesticação, segundo Lobato, uma delas, pela leitura obrigatória de livros instrutivos e cívicos, numa clara alusão ao cânone infantil de sua época (livros de Olavo Bilac, Coelho Neto e Júlia Lopes, por exemplo).

Contrariamente a essas idéias conservadoras de Teodorico, as de Dona Benta eram libertadoras. Nesse sentido, suas idéias se coadunam com as da Escola Nova — movimento na educação brasileira influenciado por John Dewey e Maria Montessori<sup>134</sup>) —, centradas na criança. Lobato tinha grande admiração por Dewey, que foi introduzido no Brasil pelo educador Anísio Teixeira. Este participou diretamente do movimento Escola Nova, e assinou o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” (1932), juntamente com outras 25 personalidades.<sup>135</sup> Esse manifesto solicitava uma ação efetiva do Estado na educação, mediante uma política federativa porém descentralizadora, que levasse em conta a diversidade, contra o que havia de “fragmentado e desarticulado”, no projeto educacional dos primeiros quarenta anos da República; pregando a escola para todos, a laicidade, a gratuidade, a obrigatoriedade e a coeducação (não separação entre sexos). A ênfase da

---

<sup>134</sup> John Dewey (1859-1952). Pedagogo e filósofo americano, próximo ao Pragmatismo, de William James, introduz na pedagogia os métodos ocupacionais. Os pilares da filosofia da educação de Dewey são a experiência e a investigação. O ato de aprender não se restringe a noções já sabidas, mas supõe que o aluno percorra o caminho que leva ao conhecimento. Maria Montessori, educadora italiana (1870-1952), dá ênfase à educação sensorial, à liberdade da criança, limitando as imposições do educador.

<sup>135</sup> Entres estes, citam-se: Fernando de Azevedo, Afrânio Peixoto, Roquette Pinto, Júlio de Mesquita Filho e Cecília Meireles.

“educação nova” seria nos trabalhos manuais e corporais, pondo o aluno “em contato com o ambiente e a vida ativa”, abrindo espaço para o ensino profissionalizante de caráter industrial ou mercantil e para a pesquisa científica.

A Escola Nova pretendia colocar a educação no compasso da nova sociedade que se formava na década de 30 (passagem da agricultura para a industrialização), amparada na técnica, nas invenções, na indústria. Em vez de ser estática — reflexo da sociedade até então — propunha uma educação dinâmica, flexível. A escola tradicional restringia-se a suplementar uma educação dada principalmente no lar e corroborada pelos valores sociais vigentes. Aprender significava decorar alguns conteúdos. A Escola Nova, para Anísio Teixeira (1930), deveria ser formadora e não se contentar em ensinar “dois ou três instrumentos de cultura e alguns manuaizinhos escolares”. Nessa nova pedagogia, o aluno deveria tornar-se um ser ativo, procurar realizar suas inclinações, escolher suas atividades. O professor seria apenas o mediador entre o saber depositado nos livros e aquilo que os alunos iriam vivenciar durante o aprendizado. A tendência livresca e ornamental do ensino brasileiro, visando a formar uma casta de doutores, com ênfase na formação humanística, seria substituída por um ensino preponderantemente científico.

Lajolo e Zilberman (1991, p. 49) sintetizam exemplarmente esse movimento educacional no início do século XX, que ocorria paralelamente ao trabalho de Lobato, como escritor para a infância:

As mudanças nesse setor [da educação] serão propostas pelos pedagogos que, influenciados pelo pensamento norte-americano, em particular por John Dewey, fundam o movimento da Escola Nova. Durante os anos 20, o núcleo constituído por Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Anísio Teixeira, Carneiro Leão, Francisco Campos e Mário Casassanta, começa a desenvolver suas teses, que se caracterizam pela crítica à educação tradicional. Opondo-se a um ensino destinado tão-somente à formação da elite, visavam à escolarização em massa da população. Discordavam da orientação ideológica em vigor: e, contrários à ênfase na cultura livresca e pouco prática, propunham um ensino voltado à difusão da tecnologia e com um conteúdo pragmático. Ao vago humanismo gerador de bacharéis ociosos e prolixos, contrapunham a necessidade do

incremento à ciência e ao pensamento reflexivo, bem como o estímulo à atividade de pesquisa.

A Escola Nova defendia a idéia otimista de que a educação teria uma função democratizadora, com a instituição do ensino básico universal, ensino profissionalizante, reservando-se a universidade aos talentos de exceção<sup>136</sup>. As raízes dessa hierarquia, podemos encontrar lá longe, em Platão, com o seu mito das quatro raças (ouro, prata, bronze e ferro). Também na sua Calípolis, só os primeiros teriam acesso a uma educação contínua. Aos últimos, reservavam-se os ofícios manuais. Apesar de todo o avanço que essas idéias representam, ao manter o dualismo entre um ensino visando a uma elite e o ensino profissionalizante, a Educação Nova repete a estrutura hierarquizada da sociedade. O que nos interessa aqui, porém, é o papel doravante atribuído ao educando.

Como dissemos acima, Anísio Teixeira foi o grande mentor dessa corrente no Brasil. Sua obra — tanto teórica quanto administrativa — é imensa e estendeu-se por quarenta anos. Suas idéias fundamentais são: ênfase na escola primária popular e universal, preocupação com o ensino técnico e tecnológico, cultivo da ciência, obrigatoriedade do Estado em manter escolas para todos, escolas primárias em turno integral (escolas-parque). Na década de 50, defendia o ensino profissionalizante em todos os níveis.

Lobato leu o manifesto que propugnava a reconstrução da educação brasileira e não se entusiasmou muito, embora sua literatura expresse muitos dos pontos de vista do movimento (contra o ensino literário-bacharelesco, preponderância da ciência, educador-mediador, importância da criança<sup>137</sup>). O

---

<sup>136</sup> No Brasil, a educação superior, antes da explosão do ensino particular universitário, era monopólio do Estado. Destinava-se às classes dominantes, oriunda a maior parte do patriarcado rural empobrecido e destinando-se a formais bacharéis e doutores, visando a preencher cargos públicos. A tendência que se revela hoje é o paulatino desligamento do Estado na educação superior.

<sup>137</sup> Em um fragmento chamado “Sub-técnica” (v. 10, p. 108), Lobato fala da necessidade de escolas profissionalizantes: “O nosso mal é a incapacidade técnica. Ninguém trabalha porque ninguém aprende a trabalhar. E o remédio é uma coisa só: escolas de trabalho. Foram estas escolas que fizeram a Alemanha. Foram as criadoras dos Estados Unidos.[...] A escola técnica opera como redutor do elemento parasitário do país [...]”.

certo é que preferiu substituir a leitura do Manifesto por um livro de Anísio Teixeira (*Educação Progressiva: uma introdução à Filosofia da Educação*), conforme confessou ao próprio Anísio (1986b, p. 68).

[...] Imagine que ontem o Fernando [de Azevedo] deu-me aquele volume do manifesto ao povo e ao governo sobre a educação para que o lesse e sobre ele falasse num artigo. [...] Comecei a ler o manifesto. Comecei a não entender, a não ver ali o que desejava ver. Larguei-o. Pus-me a pensar — quem sabe está nalgum livro do Anísio o que não acho aqui — e lembrei-me de um livro sobre a educação progressiva que me mandaste [...]. E cá estou, Anísio, depois de lidas algumas páginas apenas, a procurar dar berros de entusiasmo por essa coisa maravilhosa que é a tua inteligência lapidada pelos Deweys e Kilpatricks!

Citaremos, por extenso, o fragmento “Rápido croquis” (v. 10, p. 103), que poderia ser cotejado com o manifesto dos Pioneiros da Educação Nova:

Um volver d’olhos ao país revela uma estrutura *sui-generis*. Em baixo, a massa imensa dos Jecas, meros puxadores de enxada: em cima, na cúspide, um bacharelismo furiosamente apetrechado de diplomas e anéis com pedras de todas as cores, verde, vermelha, azul — o arco-da-velha inteirinho. E no meio? Nada. A classe fecunda, a classe obreira do progresso industrial, o pedreiro, o marceneiro, o entalhador, o tipógrafo, o negociante, o mecânico, o electricista, o bombeiro, etc., essas formigas, enfim, do trabalho técnico, faltam-nos. E como são indispensáveis, importâmo-las. Entre o Jeca de pés-no-chão, que carpe e roça, e o bacharel que requer *habeas-corpus* e faz discursos, ambos nacionais, temos que admitir uma cunha estrangeira, de técnicos imigrados.

O problema é abrir à classe de baixo o caminho à imediata. Temos de descascar o Jeca na escola primária, ensinando-lhe, depois, na profissional, a utilizar-se da leitura e da técnica.

Godofredo Rangel e Anísio Teixeira traduziram *Democracia e Educação*, considerada a principal obra de John Dewey, inspirador do movimento. O livro foi publicado pelo editor Octales Marcondes Ferreira, da Companhia Editora Nacional, que tinha fortes vínculos com Lobato. Como se vê, estamos em família.

Anísio Teixeira e Monteiro Lobato conheceram-se nos Estados Unidos em 1927. Dezoito anos mais jovem que Lobato, Teixeira frequentou a Columbia University, de Nova York, onde assistiu a aulas de Dewey e obteve, em 1928, o título de *Master of Arts* em Educação. Desde 1924, Anísio trabalhava no setor público de educação, primeiro como inspetor-geral de ensino e, depois, como diretor-geral de Instrução da Bahia.

De volta ao Brasil, escreveu longo relatório sobre o sistema de ensino americano (*Aspectos Americanos de Educação*), publicado na Bahia em 1928.

O encontro Anísio/Lobato, nos Estados Unidos, não poderia ter sido mais profícuo. Enquanto este se municiava com dados e contatos para implantar a indústria pesada no Brasil, aquele procurava assimilar a experiência educacional americana: edifícios vastos, ensino prático, flexível. Desde então, esses dois homens, fervorosos admiradores da América do Norte, estarão ligados em seu projeto de modernização da sociedade brasileira por intermédio da educação.

Com o dinheiro que ganharia com a extração de petróleo (qualquer semelhança com a fábula “A menina do leite” não é mera coincidência...), Lobato pretendia construir um centro educacional, com Anísio Teixeira no comando. Eis trecho da carta a Anísio, falando das “várias grandes coisas que [lhe] fervem na cabeça”:

[...] Uma dela diz com você. É criar luxuosamente um aparelho educativo com você à testa, como nunca existiu no mundo. Um gânglio novo, libérrimo, autonomíssimo, fora de governo, de religião, de tudo quanto restringe e peia. Um gânglio que vá se erradicando até fazer-se um formidável organismo moldador de homens — educador no mais elevado sentido. Com escolas especializadas, com jornais e revistas, com casa editora, com livrarias, com cinema, com estação de rádio própria, com estação teleemissora de imagens [...]. Qualquer coisa como a Rádio City do Rockefeller, mas educativa. O governo que ensine o povo o que quiser: a religião, idem. [...]. Iremos fazer com um pugilo de auxiliares o que o Estado — essa besta do Apocalipse — não faz com milhares e milhares de infecções chamadas escolas e de cágados chamados professores [...]. (LOBATO, 1986a, p. 101).

Anísio Teixeira acabaria fundando uma instituição, a Universidade de Brasília e participando da criação e presidência de dois órgãos de pesquisa – a CAPES e o INEP. Exerceu também o cargo de Conselheiro de Ensino Superior da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO).

Já Lobato exerceu sua atividade educativa como escritor. O desprezo que nutria pela instituição escolar foi destacada por Marisa Lajolo (2000, p. 61) que afirma: “No conjunto destes livros [infantis], as críticas à escola são freqüentes e impiedosas, mas nem por isso comprometem — antes reforçam — o valor formativo da obra infantil lobatiana. Se seus livros têm alguma grande lição, esta é a da irreverência, da ironia, da leitura crítica e do questionamento, da independência e do absurdo.”

A crítica de Lobato em relação ao ensino institucionalizado encontra fundamento em Rousseau, quando este afirma: “não encaro como uma instituição pública esses risíveis estabelecimentos que chamamos colégios” (1971, p. 22). Recusando a escola tradicional, trabalhando, nas veredas, pela Escola Nova, os personagens lobatianos são também educados, como o Emílio de Rousseau, no campo, longe da cidade corruptora, por intermédio do ensino concreto, da experimentação e das viagens.

Comentando as idéias de seus pequenos hóspedes, Dona Benta afirma, no livro *Serões de D. Benta*, que seu sítio ainda vai virar “Universidade do Picapau Amarelo” (LOBATO, 1982, p. 518). Quando ela recebe carta de Dona Antonica, sua filha, dizendo que as aulas de Pedrinho iam começar e que o mandasse imediatamente, o menino reflete:

— Que pena! — suspirou Pedrinho, quando Dona Benta lhe trouxe a notícia. — Anda mamãe muito iludida, pensando na escola. Puro engano. Tudo quanto sei me foi ensinado por vovó, durante as férias que passo aqui. Só vovó sabe ensinar. Não caceteia, não diz coisas que não entendo. Apesar disso, tenho cada ano, de passar oito meses na escola. Aqui só passo quatro [...]. (LOBATO, 1982, p. 1836).

Hoje já se comprovou que a maior parte do que se aprende na escola — pelos métodos tradicionais — é esquecida. Daí a posição pioneira de Lobato, para quem se aprende lendo, ouvindo estórias, viajando, vivendo. Emília não queria aulas de gramática, mas propõe que se vá passear no “País da Gramática” e isso é uma idéia bem rousseuiana. Também Rousseau pregava a “*école buissonnière*” (floresta-escola). Em lugar de ouvir a descrição de um crepúsculo, propõe que se observe um crepúsculo. Nos primeiros anos de sua vida, a criança deve brincar e correr, tal como ocorre na *República*, de Platão, que Rousseau considerava um manual de educação e não um tratado político<sup>138</sup>. “Platão, em sua *República*, que se crê tão austera, não educa suas crianças senão com festas, jogos, canções, passatempos”, afirma. É o aprendizado por intermédio do jogo, da festa, da música, em suma, o aprendizado com felicidade, a “gaia ciência”, coisa de que a escola tradicional será tão avara. Vejamos o que diz Platão, na *República*: “— Assim, pois, excelente homem, não uses de violência na educação dos filhos, mas procede de modo que se instruem brincando: poderás por este meio discernir melhor os pendores naturais de cada um.” (PLATÃO, 1965, v. 2, p. 137-138).

A idéia de se aprender brincando é muito clara em Lobato, conforme podemos ler em *Memórias da Emília*: “[...] acho que o único lugar do mundo onde há paz e felicidade é no sítio de Dona Benta. Tudo aqui corre como num sonho. A criançada só cuida de duas coisas: brincar e aprender.” (LOBATO, 1982, p. 290).

### 3.2.3 A leitura e o livro

---

<sup>138</sup> “Se você quiser ter uma idéia da educação pública, leia a república, de Platão. Não é, de forma alguma, uma obra de política, como pensam aqueles que só julgam os livros em função

Apesar de ser editor/escritor/gráfico/tradutor, produzindo cerca de cento e quarenta títulos entre obra própria e traduzida, Lobato nutria em relação ao livro certa desconfiança, também encontrada em Rousseau, fato compreensível se examinarmos o mito de Robinson Crusoe que subjaz a seu pensamento, e que ele colhe diretamente no filósofo francês. É um argumento difícil de sustentar, num país que vê o escritor como o homem-livro mas, com certeza, é uma das dualidades que sustentam o pensamento do escritor. O livro, para ele, era um meio de educar os cidadãos — daí o caráter pedagógico de grande parte de sua produção — e não um fim em si.

A relação de Lobato com a leitura e com o livro é ambígua. Vejamos por quê. Lobato leu muitos livros e os leu com intensidade, anotando-os e criticando-os nas cartas. Na fase de formação, vivia literalmente as leituras, encarnava personagens, tratando-os como seres familiares, como assinalou Brito Broca. Escreve a Rangel que, quando criança, morara no *Robinson Crusoe* e n’*Os Filhos do Capitão Grant*, de Jules Verne. Com seus amigos do Minarete viveu teatralmente alguns livros lidos.

A idéia do livro-morada é recorrente na correspondência de Lobato. Em 1926, escreve a Godofredo Rangel que quer fazer livros para as crianças morarem:

Ando com idéias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjos já me enjoiei. Bichos sem graça. Mas para as crianças, um livro é todo um mundo. Lembro-me de como vivi dentro do *Robinson Crusoe* do Laemmert. Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar. Não ler e jogar fora; sim morar, como morei no *Robinson* e n’*Os Filhos do Capitão Grant*.<sup>139</sup> (v. 12, p. 293).

---

de seus títulos: é o mais belo tratado de educação que jamais foi feito.” (1972, p. 22).

<sup>139</sup> Note-se o arrojado dessa imagem que, muito mais tarde, teria um similar em Ferreira Gullar que criou o “poema enterrado”, “poema” escavado no solo, onde se podia entrar. (GULLAR, 1969, p. 51). Os “parangolés” de Hélio Oiticica, obra de arte que se pode vestir, também se inscrevem nessa direção. A idéia de livro habitável foi muito bem encenada pelo artista plástico Elifas Andreato, idealizador da exposição “O Brasil Mágico de Monteiro Lobato”, comemorativa do 50º aniversário da morte de Lobato, em 1998. Andreato escavou, no interior da coleção de livros infantis de Lobato em tamanho gigante, um túnel que evoca o Reino das Águas Claras, onde se casa com o peixinho príncipe Escamado, no livro *Reinações de Narizinho*. Penetrando no túnel-livro, as crianças têm a impressão de caminhar no fundo do mar, pisando em colchões d’água e ouvindo o marulhar de ondas. As crianças também podem pular em livros-colchões,

Com essa idéia, Lobato coloca em prática "a arte dos taoístas consumados" (BENJAMIN, 1984, p. 55), isto é, procura fazer com que o sonho invada a realidade e a realidade invista no sonho, de forma que sonho e realidade se confundam, como no sonho do filósofo taoísta Chuang Tzu<sup>140</sup>, a que Lobato alude em sua obra, de forma tão sutil quanto a de Walter Benjamin. Em *A Chave do Tamanho*, Narizinho quer saber se a situação que vivem é sonho ou realidade e a vovó responde:

— Como posso saber, menina? Nosso modo de vida nesta casa sempre me deixou tonta e incerta sobre a realidade das coisas. Até me faz lembrar aquele caso do filósofo chinês.

— Qual deles?

— Aquele filósofo ou poeta chinês, já não me lembro, que passou a noite sonhando que era borboleta, e durante todo o sonho viveu a vida das borboletas, com ideiazinhas de borboleta, comidinhas de borboleta, tudo de borboleta, com a maior clareza e perfeição. Quando acordou e se viu outra vez homem, caiu na dúvida. "Serei uma borboleta que está sonhando que é homem ou sou um homem que sonhou que era borboleta?" E por mais que pensasse nisso, nunca pôde saber com certeza se era realmente uma borboleta que sonhava ser homem ou um homem que havia sonhado ser borboleta. (LOBATO, 1982, p. 1161).

Em carta a Anísio Teixeira (3/6/1944), há um trecho sobre o livro-morada, onde aparece a idéia de releitura como uma peregrinação: ato de "refazer a viagem" ou de "retornar à morada paterna".

Todos nós, Anísio, temos o vago sonho de encontrar um *livro* que nos seja como uma casa definitiva — a casa de sonho que procuramos. Um livro no qual moremos, ou passemos a morar como um rato dentro dum queijo. Um livro que seja casa e comida. E se, como Dom João saltava duma mulher para outra em busca da *única* ou *certa*, nós vivemos, como gafanhotos, a pular de livro em livro, é que nunca aparece o *nosso livro*. Quando santo Agostinho dizia temer o homem de um só livro,

---

num retrato fidedigno da concepção de Lobato de que os livros equivalem a brinquedos, e que se deve aprender brincando.

<sup>140</sup> "Chuang Tzu soñó que era una mariposa. Al despertar ignoraba si era Tzu que había soñado que era una mariposa o si era una mariposa y estaba soñando que era Tzu." (BORGES, 1976, p. 158).

ele se referia ao perigo que é o homem que encontra o *seu livro*.

Pois creio que encontrei o *meu livro* — o queijo para casa e comida do rato velho que sou.<sup>141</sup> (LOBATO, 1986a, p. 91).

Em Lobato aparece também a incrível padaria de fazer livros. Em *A Reforma da Natureza*, Emília cria o livro comestível, Livro-Pão, entregue pelo carrinho do padeiro, que combateria a falta de cultura e a desnutrição. “O velho pão viraria livro. O Livro-Pão, o Pão-Livro! Quem souber ler, lê o livro e depois o come; quem não souber ler come-o só, sem ler. Desse modo o livro pode ter entrada em todas as casas, seja dos sábios, seja dos analfabetos.” (LOBATO, 1982, 1200).

Emília foi uma leitora e queixa-se de que a leitura das agruras do mundo trouxe-lhe muitas tristezas:

Eu era uma criaturinha feliz enquanto não sabia ler e portanto não lia os jornais. Depois que aprendi a ler e comecei a ler os jornais, comecei a ficar triste. Comecei a ver como é na realidade o mundo. Tanta guerra, tantos crimes, tantas perseguições, tantos desastres, tanta miséria, tanto sofrimento [...]. (LOBATO, 1982, p. 290).

Quando jovem, Lobato afirma sofrer de “*delirium legens*”, depois de ter se embriagado com 1.500 páginas de Lamartine. “Leio tanto, que quando vou para cama meu cérebro continua a ler maquinalmente.” (v. 11, p. 47). Essa sofreguidão pela leitura arrefece quando começa a atividade empresarial, no início da década de vinte. Mais tarde, confessa-se empanturrado de ler, como aconteceu com o Visconde de Sabugosa, no *Circo de Cavalinhos*, comparando o fato a um episódio vivenciado quando criança: sua mãe o obrigara a ingurgitar um prato cheio de bons bocados e depois disso nunca mais quis saber da iguaria (LOBATO, 1986a, p. 77). Antes de morrer, foi vitimado por uma dislexia ou cegueira verbal, que o impedia de ler.

Lobato considerava a leitura como um alimento, com o qual não se deve empanturrar. “Ler e comer, só quando há apetite; fora disso é uma insuportável

---

<sup>141</sup> O livro em questão é *A Grande Síntese*, de Pietro Ubaldi, publicado pela Federação Espírita.

*corvée*". Lembrando a Rangel o primeiro aforismo de Hipócrates, adverte-o que distinga sumo e palha; livro e papelada, aconselha-o a vender os 18 volumes de Bourget a um fogueteiro, por exemplo, tendo se definido certa feita como "o homem de um só livro"<sup>142</sup>. (LOBATO, 1986b, p. 94).

Sua concepção de leitura está explicitada no artigo "Os livros fundamentais" (1922), como lembrou Regina Zilberman. Nesse artigo, onde pioneiramente opõe leitura/tortura a leitura/prazer, Lobato fala do horror à leitura advindo da prática obrigatória na escola, antecipando as idéias repisadas por Borges de que a leitura é uma espécie de felicidade e não pode haver felicidade obrigatória. Na busca da felicidade pela leitura, porem, vale tudo. Para se chegar "às altas filosofias", pode-se muito bem começar com livros como *Tereza Filósofa* (Anônimo, século XVIII), que inicia o leitor simultaneamente nos mistérios da letra e da carne.

Depois da tortura da leitura obrigatória, "sai o menino de escola com esta noção curiosíssima, embora lógica: a leitura é um mal: o livro, um inimigo; não ler coisa alguma é o maior encanto da existência." (v. 5, p. 85). Até que lhe cai nas mãos "um livro proibido, 'Tereza a filósofa', por exemplo":

E lê displicente uma linha. Lê mais interessado a segunda. Lê uma outra com o sangue já a alvoroçar-se nas veias — e corre a esconder-se para que ninguém lhe perturbe a leitura do livro inteiro.

Está salvo! Aquele providencial livrinho matou-lhe o engulho da leitura inoculado na escola pela pedagogia sorna. O menino aprendeu no livro de Tereza o valor da leitura; viu que a letra de forma não se limita a veicular as estopadas bocejantes do desagradável tempo de prisão escolar; viu que a leitura é suscetível de interessar profundamente a imaginação; e que se há livros piores do que palmatórias, há-os em compensação deliciosos, como esse da boa Tereza.

Para Lobato, ler é mergulhar num texto para recolher a pérola ali escondida, que só se revelará ao leitor que a procurar. Concebe a leitura de forma seletiva, joeirando apenas aquilo que lhe poderá ser útil: "Ler é coisa penosa; temos de mastigar, ensalivar e engolir — e que grande tolice comer

---

<sup>142</sup> É a distinção que Joyce faz entre *litter/letter* e Donaldo Schüller entre *liquetatura/literatura*.

palha! Alimentemo-nos dos sumos — Os Balzac, os Shakespeares, os Nietzsches, os Bains, os Kiplings, os Stuart-Mills.” (v. 11, p. 120). Por isso, aconselhava seu correspondente Godofredo Rangel passar a galope a obra de Nietzsche e dela só aproveitar o que os cascos imantassem.

Apesar de grande leitor, até de dicionários, o ceticismo em relação à leitura aparece em vários momentos da obra. No final de 1916, Lobato, decepcionado com o governo de Hermes da Fonseca, que vencera Rui Barbosa, na eleição presidencial de 1911, escreve ironicamente: “Ainda não cuidei de ensinar a ler aos meus pequenos, que aliás já conhecem todas as letras. Valerá a pena neste país saber ler? Teria ido à Presidência da República o Hermes, se soubesse ler?” (v. 12, p. 117). É claro que aqui ressalta o ressentimento do escritor paulista diante da primeira derrota das oligarquias, pois o intelectual Rui Barbosa, apoiado por São Paulo, fora vencido pelo militar Hermes da Fonseca, candidato apoiado pelo Exército, por Minas Gerais e pelo Rio Grande do Sul.

Em *O Saci* (1921), quando este personagem-filósofo discute com Pedrinho na floresta: “— Ler! E para que saber ler? Se o homem é a mais boba de todas as criaturas, de que adianta saber ler? Que é ler? Ler é um jeito de saber o que os outros pensaram. Mas que adianta a um bobo saber o que o outro pensou?” (LOBATO, 1982, p. 215).

São idéias no mínimo paradoxais, se pensarmos que a primeira edição de *O Saci*, em 1921, foi concomitante com a publicação de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, tiragem de 50.500 exemplares, destinados como segundo livro de leitura nas escolas públicas. Além disso, Lobato foi um homem que viveu do livro e morreu no livro, conforme nos lembrou o bibliófilo Waldemar Torres, afirmando que Lobato morreu no prédio da Editora Brasiliense, onde morava, depois de sua volta da Argentina.

Em prefácio que escreve à sua tradução de *Minha Vida, Minha Obra*, de Henry Ford, em 1924, Lobato exalta o conhecimento prático, em detrimento do conhecimento haurido em livros:

[Henry Ford] Nasceu mecânico e jamais trocou o estudo direto das coisas pelo estudo falaz dos livros. Educou-se a si mesmo e vem disso grande parte da sua vitória. Quem entope a mioleira com a vida morta dos livros, é inábil para bem compreender a vida viva das coisas humanas. (v. 15, p. 64).

Não é uma afirmação no mínimo estranha, partindo de um homem que estava implantando a indústria livreira no país? Nem tanto, porém, se examinarmos as bibliotecas das utopias ou o ideário educacional liberal desde Rousseau, culminando no Brasil com a Escola Nova.

Os utopistas são, de modo geral, reticentes com relação às artes (convém não esquecer que Platão escorraçou os poetas de sua cidade nascente e Rousseau condenou o teatro, em *Carta a D'Alembert sobre os Espetáculos*, opondo-se à sua introdução em Genebra, por acreditar que degenerasse os costumes, preconizando as distrações simples do povo e as festas patrióticas.

Geralmente predomina nas obras dos utopistas o interesse pela arte pedagógica ou utilitária, como a arquitetura (constroem cidades imaginárias). Quanto à leitura, tanto Platão quanto Rousseau condenam os fabulistas. Segundo Donald Schüler, Platão ensinava as virtudes e Homero, os vícios, logo, há que bani-lo da pólis.

Parece-nos que Lobato quer semear o Brasil com livros, para que sejam a ferramenta da transformação nacional e nisso se diferenciava da tradição meramente decorativa da elite que vinha do Segundo Império, conforme a analisa Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil* (2002, p. 163):

Ainda quando se punham a legiferar ou a cuidar de organização e coisas práticas, os nossos homens de idéias eram, em geral, puros homens de palavras e livros: não saíam de si mesmos, de seus sonhos e imaginações. Tudo assim conspirava para a fabricação de uma realidade artificiosa e livresca, onde nossa vida verdadeira morria asfixiada. Comparsas desatentos do mundo que habitávamos, quisemos recriar outro mundo mais dócil aos nossos desejos ou devaneios. Era o modo de não nos rebaixarmos, de não sacrificarmos nossa personalidade no contato de coisas mesquinhas e desprezíveis. Como Plotino de Alexandria, que tinha vergonha do próprio corpo, acabaríamos,

assim, por esquecer os fatos prosaicos que fazem a verdadeira trama da existência diária, para nos dedicarmos a motivos mais nobilitantes: à palavra escrita, à retórica, à gramática, ao direito formal.

Já a biblioteca de Dona Benta é eclética. As letras clássicas estão bem representadas, com Homero, Platão, Plutarco, Heródoto, Cervantes, Ariosto, Shakespeare, Bacon, La Fontaine, etc. De outro lado, aparecem autores de obras de caráter popular ou de vulgarização científica: Malba Tahan, Conan Doyle, Marco Polo, Wells, etc.

Em que consiste essa biblioteca? Eis como é descrita na *História do Mundo para as Crianças*:

— Mas, voltando ao livro — quantos teremos aqui em casa?

— Uns duzentos, vovó, não contando os de Emília.

(Emília tinha também a sua biblioteca, feita de pedacinhos de papel de jornal, cortados do tamanho de palhas de cigarro e presos com alinhavo muito mal feito... )

— Pois é — disse Dona Benta. — Duzentos — e isso é nada, absolutamente nada. Há casas por aí, com mil, dois mil livros. Na Idade Média, quem possuía *um* livro já contava prosa. Quem tivesse duzentos, como eu. Nossa Senhora! Ficava célebre [...]. (LOBATO, 1982, p. 1685).

Dona Benta é uma leitora refinadíssima: “Vovó sabe porque lê nos livros e é nos livros que está a ciência de tudo. Vovó sabe mais coisas do mar, sem nunca ter visto o mar, do que este senhor caramujo que nele nasceu e mora. Quer ver?” (LOBATO, 1982, p. 54). Todavia, ao transmitir seu saber para os netos, utiliza a arte do conto ou, então, lê mastigando, dilui tais leituras, tornando-as acessíveis aos ouvintes. Observa-se, então, que a prática da leitura, no Sítio, é uma prática oral e socializada.

Ao recontar o Quixote<sup>143</sup>, Dona Benta começa lendo uma versão do Visconde de Castilho e do Visconde de Azevedo, “um verdadeiro trambolho, aí do peso de uma arroba”, que precisa até de um suporte para escorá-lo.

---

<sup>143</sup> Gostaríamos de consignar um dado sobre a técnica literária de Lobato, técnica certamente colhida em Cervantes: a obra na obra. As personagens discutem sobre si próprias e sobre o autor. Depois de uma malcriação de Emília: “Dona Benta repreendeu-a dizendo que a uma personagem de sua importância, já conhecida no Brasil inteiro, não ficava bem andar dando

Dona Benta começa a leitura, mas logo recebe as objeções de Emília: “Lança em cabido, adarga antiga, galgo corredor... Não entendo essas viscondadas não...”, reclama Emília. “Nós, que não somos viscondes nem viscondessas, queremos estilo de clara de ovo, bem transparentinho, que não dê trabalho para ser entendido. Comece.”

Então Dona Benta começa a leitura, à moda dela: “— Em certa aldeia da Mancha (que é um pedaço da Espanha), vivia um fidalgo, daí duns cinqüenta anos, dos que têm lança atrás da porta, adarga antiga, isto é, escudo de couro, e cachorro magro no quintal — cachorro de caça.”

Observamos, então, que, no *Sítio do Picapau Amarelo*, o saber é veiculado por Dona Benta, que lê, adapta ou conta estórias para os netos. A avó substitui a figura do governante (“*gouverneur*”), do *Emílio*, de Rousseau, que faz a mediação entre o saber colhido nos livros e o seu educandos: “Uma criança não tem culpa de não saber, e para que saiba uma porção de coisas úteis é que as vovós contam estas histórias do mundo”. (LOBATO, 1982, p. 1666).

Tanto o governante rousseuniano quanto a avó não dão as respostas, mas criam as condições para que o educando encontre o caminho.

Desde Rousseau, a crítica ao ensino tradicional, baseado apenas em livros, é recorrente. A Escola Nova frisa a importância da experiência e do trabalho. Essas idéias estão disseminadas na obra infantil lobatiana. Em *Geografia de D. Benta*, os personagens descem do navio para percorrer os lugares e aprender *in loco*. Se precisam de sal, descem em Cádiz, na Espanha, cidade que o produz. Em *Serões de D. Benta*, esta monta um laboratório em um quarto e, enquanto conta a história da ciência, vai fazendo os experimentos.

No tópico “Livro e Leitura”, o pensamento de Lobato também é ambíguo: de um lado, exalta o saber colhido nos livros; de outro, o excesso de saber leva o Visconde de Sabugosa à loucura: “— Venha ver, Emília, quanta letra saiu de dentro do coitado — disse a menina, indo ao quintal despejar o balde. Eu bem

---

espetáculos como aquele. — Tudo quanto você diz ou fala, Emília, é logo espalhado, porque aquele tal sujeito vive tomando nota de tudo para botar em livros. Lembre-se.” (LOBATO, 1982,

digo que é muito perigoso ler certos livros. Os únicos que não fazem mal são os que têm diálogos e figuras”<sup>144</sup>. (LOBATO, 1982, p. 898).

E bom lembrar, todavia, que o Visconde vira sábio depois de ter ficado três semanas atrás da estante da Vovó, onde morava entre o *Dicionário do Moraes*, *O Banquete* e a *Enciclopédia do Riso e da Galhofa*:

A casa do visconde era um vão de armário na sala de jantar. Dois grossos volumes do Dicionário de Moraes formavam as paredes. Servia de mesa um livro de capa de couro chamado *O Banquete*, escrito por um tal Platão que viveu antigamente na Grécia e devia ter sido um grande guloso. A cama era formada por um grande exemplar da *Enciclopédia do Riso e da Galhofa*, livro muito antigo e danado de dar sono. (LOBATO, 1982, p. 117).

O *D. Quixote das Crianças* começa com um acidente de leitura. Quando Emília vai tirar da estante “os dois volumes enormíssimos e pesadíssimos (pesando cerca de uma arroba), os livros despencam, achatam e matam o Visconde, que tem que ser refeito por Tia Anastácia.

É aqui que entra a ironia de Lobato: não faz dos livros uma muralha, que esconde a vida, correndo o risco de fazer com que o leitor veja o mundo através das sombras, como ocorre na caverna de Platão. Antes, parece corroborar a frase de Goethe, no *Fausto*: “Cinza, caro amigo, é toda teoria, e verde a áurea árvore da vida”.

Borges, o grande bibliotecário, no seu conto “Utopia de um homem que está cansado” estranhamente parece compartilhar esta idéia, que vem de Rousseau: a crítica ao ensino livresco. Esse conto trata do encontro entre o narrador Eudoro Acevedo e um suposto habitante do futuro, o qual apresenta ao narrador uma edição original da *Utopia*, e afirma viver há quatro séculos. Quando o narrador, examinando o precioso exemplar, replica que tem dois mil livros, o outro retruca: “— Ninguém pode ler dois mil livros. Nos quatro séculos

---

p. 1052).

<sup>144</sup> Há uma recorrência, na literatura ocidental, do livro como veneno. O Visconde e Emília enlouquecem, a certa altura, devido ao excesso de leitura. O mesmo acontece com Policarpo

que vivo não passei de quinze. Ademais, não importa ler, senão rere. A imprensa, agora abolida, foi um dos piores males do homem, já que tendeu a multiplicar até à vertigem textos desnecessários.” (BORGES, 1977, p. 46).

Lobato, que viveu do livro, como impressor, editor, autor e tradutor, também faz reflexões muito interessantes no que tange à sociologia da leitura. Sabia que a leitura não é apenas um ato de volição. Por isso, bateu-se pelo barateamento e popularização do livro, visando facilitar seu acesso a todos. Ele defendia o livro barato, lutando pela isenção de taxas de importação de papel.

Em *História do Mundo para as Crianças*, aborda esse tópico:

[...] Não basta querer ler, é preciso poder ler.

— Mas então querer não é poder, Vovó? — perguntou Narizinho.

— Nem sempre. Por mais que um pobre diabo queira ir à lua, não fará essa viagem antes que haja uma linha de foguetes da terra à lua. Assim também a humanidade com a leitura. Antes de aparecer a imprensa, isto é, antes de surgir a arte de produzir livros na maior quantidade e a preços baratíssimos, a pobre humanidade não podia ler — e quem não lê não se instrui, fica asno a vida inteira. (LOBATO, 1982, p. 1685).

Tendo sido atingido de cegueira verbal e morrido dentro da casa do livro (uma editora), tendo considerado seus livros vacas leiteiras do leite/letra, Lobato colocou toda a sua catexia vital na página escrita. O próprio autor reconhece-se como homem-livro, como escreve a um amigo em 1946:

Vivo, e sempre vivi, de livros. Fui escrevendo-os sem plano nenhum, por intuição, e acertei. Quando os ferros e petróleos, e todos os mais negócios falharam, dei balanço em minha vida e encontrei-me pai de uns 40 filhos — e bons filhos, coitadinhos, pois que numa me traíram. E como se entraram em vestes hispânicas, puseram-se a operar também no mundo de língua hispânica: e não contentes, andam a trajar-se à italiana, inglesa e estilos nórdicos — e a me proporcionar renda cada vez maior, sem que eu, pai velho, e doente, precise continuar no trabalho. (1959b, v. 2, p. 201).

---

Quaresma, aliás, como já sucedera com Dom Quixote: o excesso de leitura leva-os ao delírio maníaco.

Rousseau é bem mais radical do que Lobato. Para Rousseau, o livro é “a praga da infância” (1971, p. 80), pois transmite um saber vicário e não vivenciado pela experiência. “Eliminando todos os deveres de casa das crianças, elimino os instrumentos de sua maior miséria, isto é, os livros. A leitura é a praga da infância, e quase que a única ocupação que sabemos dar-lhes. Somente aos doze anos Emílio saberá o que é um livro”. (ROUSSEAU, 1971, p. 80). E, algumas páginas depois, Rousseau explica-nos a razão por que teme o livro: ele criaria repetidores.

Em lugar de grudar uma criança nos livros, se a ocupo em um ateliê, suas mãos trabalham em proveito de seu espírito: ela torna-se filósofa e crê. [...] Nossos primeiros mestres de filosofia são nossos pés, nossas mãos, nossos olhos. Substituir por livros tudo isso, não significa ensinar-nos a raciocinar, mas ensinar-nos a nos servir da razão dos outros. (1971, p. 82)

### **3.3 Lobato e Rousseau: Lição de coisas**

#### **3. 3.1 Robinson Crusoe**

Em vários momentos de sua obra, Rousseau mostra birra com relação ao objeto livro. No *Emílio*, afirma que o abuso de livros mata a ciência, que o excesso de livros nos faz negligenciar o livro do mundo e que a criança que lê não pensa. Já o vigário saboiano fecha todos os livros. Na “Carta a Christophe de Beaumont”, Rousseau afirma que procurara a verdade nos livros e só encontrara mentira e erro. No *Discurso sobre a Desigualdade* retoma a idéia de que os livros são mentirosos. Essa birra com o livro faz com que o governante de Emílio só permita que seu pupilo entre em contato com um livro aos doze anos.

Esse livro é *Robinson Crusoe*.

Nele se conta a história do naufrágio e da sobrevivência de um marinheiro numa ilha deserta. Para sobreviver, até seu resgate quatro anos depois, Robinson tem que reconstruir o mundo, vencendo o medo e a solidão. Representa, então, a figura do indivíduo independente, agindo sozinho,

procedendo de forma útil e racional, e vencendo nas condições mais desfavoráveis.

Em um longo comentário sobre o Robinson, do qual extraímos apenas uma pequena passagem, Rousseau faz desse livro o único exemplar da biblioteca de seu jovem aluno:

Existe um livro que fornece, a meu juízo, o mais alegre tratado de educação natural, esse livro será o primeiro que meu Emílio lerá, o único que comporá durante muito tempo toda a sua biblioteca e em todos os tempos ele ali terá um lugar de destaque. [...]. Qual é, então, esse maravilhoso livro? É Aristóteles, é Plínio, é Bacon? Não, é Robinson Crusoe. (ROUSSEAU, 1971, v. 2, p. 488).

Há muita semelhança entre o pupilo de Rousseau, Emílio, e Robinson: ele age, sabe o que lhe convém, consegue tornar-se autônomo. Diante da infinidade de tarefas a fazer, é melhor aprender o que é útil. É o que afirma Lucia Helena (1983, p. 131):

Robinson Crusoe, em sua ilha, solitário, dependendo apenas de sua capacidade para superar a adversidade, é, na visão de Rousseau, um homólogo da situação de seu Emílio. Assim, temos um mesmo indivíduo Emílio/Robinson, que não aprende nos livros, mas a partir das próprias coisas, tudo o que necessita saber e que terá, solitariamente, de reerguer um novo mundo.

Segundo Franco (2000, p. 295), é no *Emílio* que a doutrina da bondade natural chega ao máximo, para a reforma da humanidade. E acrescenta: “E o homem natural do Brasil<sup>145</sup> ainda aparece ali nas páginas de Robinson Crusoe, único livro da biblioteca do jovem educando”.

Esse livro é fundamental também para Lobato, que o adaptou para crianças. Notamos que, em *A Chave do Tamanho*, depois do apocalipse que

---

<sup>145</sup> “[...] Robinson Crusoe é um romance em que o Brasil ocupa a parte principal. A ilha deserta, imaginada nos moldes de tantas outras anteriores, desde a Utopia, é localizada um pouco vagamente ao norte do Equador, nas vizinhanças do Orenoco. Grande parte do romance se passa, porém, na Bahia e do início ao fim do livro são freqüentes as referências feitas aos engenhos de açúcar, às plantações de tabaco, à vida e ao comércio do Brasil, porque foi no nosso país que Robinson enriqueceu e ainda aqui voltou, depois de se libertar da solidão de sua ilha” (FRANCO, 2002, p. 274-275)

provoca a derrocada da civilização corrompida pela guerra, o Dr. Barnes, edificador de uma microutopia – a *Pail City* —, é comparado a Robinson: “Vamos conversar com aquele homem. Está me dando idéia de Robinson em sua ilha”. (LOBATO, 1982, p. 1866)

Em certo sentido, Lobato também vê o Brasil como uma civilização a ser construída. Daí a importância simbólica desse personagem para alguém que foi um desbravador industrial, tendo traduzido e adaptado, em 1943, esse livro para a Coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira, da Companhia Editora Nacional. Poucos anos antes de morrer, confia a Rangel: “Não me lembro do que li ontem, mas tenho bem vivo o *Robinson* inteirinho — o meu Robinson dos onze anos.” (v. 12, p. 345).

Ian Watt aproxima Robinson do germe do *homo oeconomicus*<sup>146</sup>, o que nos leva a aproximar Lobato de Robinson Crusoe. Até na atividade literária pode-se dizer que o escritor paulista foi uma espécie de Robinson, fez tudo, sozinho: começou escrevendo, depois fundou editoras, lutou pelo barateamento da matéria-prima para o setor, foi proprietário de um parque gráfico, foi tradutor e até livreiro, se considerarmos que expandiu o número de livrarias, criando a venda por consignação. Nota-se, então, que o escritor participa de todo o ciclo da produção do livro. Não se contentou apenas em escrever. Está sempre presente em sua vida, até no finalzinho, o desejo de fundar editoras (seja nos Estados Unidos ou na Argentina). Na área do petróleo e do ferro, procurava novos métodos, fazia conferências de divulgação, escrevia relatórios técnicos e livros, procurava financiamento, etc., ou seja, operava em toda a cadeia produtiva.

### 3.3.2 Rousseau e La Fontaine

---

<sup>146</sup> Essa observação encontra guarida na opinião de Lúcia Helena (1983, p. 133): “Na leitura de Ian Watt, o Robinson Crusoe acaba por revelar-se um texto antiprimitivista em sua essência, fato que escapa a Rousseau, que nele vê uma lição objetiva das ‘virtudes’ educacionais e um corretivo para o intelectualismo da educação então vigente.”

Platão, há dois mil e quatrocentos anos atrás, coloca-se como um inimigo da poesia, *latu sensu*, pois afirma que Hesíodo, Homero e outros compuseram fábulas mentirosas, que denigrem os deuses. A condenação da poesia aparece nos livros III e X da *República*. Sócrates mostra que os poetas são, quase sempre, apenas mestres embusteiros. São imitadores, criadores de simulacros, reproduzindo objetos que já são cópias da Idéia. Platão tem verdadeiro horror à mímese, à poesia imitativa.

A arte dramática (tragédia e comédia) é condenada, pois o excesso de riso ou de lamentação amolece as cordas da coragem do educando. Só a narrativa serviria para a educação da juventude, por estar livre dos artifícios retóricos. Platão considera a palavra como *phármakon* (remédio e veneno), isto é, tanto serve para curar (arte da verdade) quanto para matar (arte da mentira). Marilena Chauí (1994, p. 192) esclarece essa idéia de Platão:

A linguagem, diz Platão, é um *phármakon*. Nas mãos do sofista e do retórico é filtro mágico, veneno, cosmético e máscara. Arte da sedução e da mentira, veneno mortal. Mas também pode ser um remédio, um instrumento útil capaz de curar doenças, desde que a poção seja usada na dosagem certa, por alguém que possui a arte e a ciência da cura.

Partindo da idéia de que a criança é um espaço em branco, maleável, Platão pede que se vigiem os fazedores de fábulas, e que se rejeitem as más:

[...] — Não sabes que o começo, em qualquer coisa, é o que há de mais importante particularmente para um ser jovem e tenro? Principalmente então é que o moldam e que recebe o cunho com que se pretende marcá-lo.

— Com toda certeza.

— Assim, permitiremos negligentemente que as crianças ouçam as primeiras fábulas que ocorram, forjadas pelos primeiros a ocorrer, e agasalhem em suas almas opiniões o mais das vezes contrárias àquelas que devem agasalhar, a nosso ver, quando forem crescidas?

— De maneira alguma.

— Portanto, seria preciso antes de tudo, parece, vigiar os fazedores de fábulas, escolher suas boas composições e rejeitar as más. Obrigaremos, em seguida, as mães e as nutrizes a narrar às crianças aquelas que tivermos escolhido e a modelar a alma com suas fábulas muito mais do que o corpo

com suas mãos; mas as que elas narram presentemente são, em sua maioria, de rejeitar. (PLATÃO, 1965, v. 1, p. 135-136).

Sabemos que tanto Rousseau, quanto Lobato, trataram especificamente de fábulas.

O que são, na verdade, as fábulas de La Fontaine? Inspiradas em Esopo, Fedro e na filosofia hindu, as fábulas traduzem uma visão pessimista da realidade. Ponto alto da literatura do século XVII, vazadas numa linguagem preciosa e cheia de sutilezas, versificação rica e versos polimétricos, as fábulas de La Fontaine utilizam quase sempre o animal, erguendo um portentoso retrato da sociedade e dos homens. Apesar da dominante pessimista, satírica, pregam o trabalho, a liberdade, a amizade, a educação. Na fábula “A Educação”, La Fontaine faz elogio da educação, que compara à boa alimentação. Dois cães famosos, de ótima origem, irmãos, têm um destino diverso, devido à educação: um torna-se um César e outro um Laridon (aquele que não deixa a cozinha), por negligenciar seus dons.<sup>147</sup>

Sérgio Buarque de Holanda (1994, p. 225) faz uma análise interessante das fábulas de La Fontaine, situando-as num limiar entre o pragmatismo e a redução de explicações transcendentais para os problemas humanos:

Essa secularização, essa redução ao humano e ao temporal da divina sabedoria, está contida freqüentemente na moral das fábulas de La Fontaine, na qual os homens são incitados a cuidar das necessidades da vida terrena e quotidiana, abandonando mais altos pensamentos, e a voltar seus olhos antes para o mundo do que para as esferas inacessíveis. [...] Os mesmos bichos, que a outros tinham servido para manifestar a razão divina, limitam-se agora a exprimir sentimentos e talvez ressentimentos humanos: o ressentimento dos deserdados e oprimidos, a quem não sorriam os bens da fortuna. Não será por acaso se Esopo, o mestre dos fabulistas, foi um escravo que, à humildade de sua condição, reunia o físico disforme e, natural da Frígia, a barbárie da origem. Ou se Fedro, que o interpretou para os romanos, não passava de um liberto.

Rousseau também é tido como denegridor das artes. Condena o teatro na “Carta a D’Alembert sobre os Espetáculos”. Também ele pensa que a criança não está pronta para entender as moralidades das fábulas, pois essa moralidade é ambígua e isso desconcertaria as crianças. Nas fábulas em que o leão aparece vitorioso, a criança identifica-se com o leão que, sabidamente, não é o símbolo da justiça.

Já na fábula o “O leão e a mosca”<sup>148</sup>, onde o leão é vencido pelo inimigo mais fraco, a criança se identificaria com a mosca, que vence o forte pela perfídia. Isso confundiria as crianças. A crítica básica de Rousseau a La Fontaine é que a moral das fábulas é contraditória: ensina a bajulação (“O corvo e a raposa:”); a desumanidade (“A cigarra e a formiga”); a injustiça (“Os animais doentes de peste”); a perfídia (“O leão e a mosca”); a liberdade (“O lobo e o cão”). Com tantos preceitos contraditórios, como educar pelas fábulas, pergunta o filósofo, que as julga boas para os adultos, mas quer delas preservar seu educando, pois este as compreenderia apenas parcialmente. Caso as compreendesse totalmente, em vez de corrigir-se, identificar-se-ia com o esperto.

Em relação ao apólogo “A cigarra e a formiga”, Rousseau afirma que a criança se identifica com a formiga, e essa é uma lição terrível para a infância. Pois, como afirma Sérgio Buarque de Holanda (1994, p. 226), “a formiga, já o tinha notado Taine, é o animal burguês por excelência, de espírito claro e firme, prático, raciocinador e calculista, rude como um homem de negócios e incisivo como um advogado”.

Lobato, por sua vez, dá duas versões desta última fábula: A formiga boa acolhe a cigarra e a formiga má deixa a cigarra morrer. Moralidade: “os artistas — poetas, pintores, músicos — são as cigarras da humanidade”.

---

<sup>147</sup> “Nem sempre se seguem os antepassados ou o pai./ A negligência, o tempo, tudo contribui para a degeneração./ Por falta de cultivar a natureza e seus dons,/Ó quantos Césares se tornarão Laridons.” (LA FONTAINE, 194-?, p. 296).

<sup>148</sup> Fábula em que a mosca vence o leão com suas picadas, para depois acabar presa numa teia de aranha. A moral, em La Fontaine, é que é preciso temer os pequenos inimigos (a mosca) e os pequenos perigos (a teia).

Já na fábula “O lobo e o cão”, segundo Rousseau, a criança se identifica com o lobo. O filósofo conta o caso de uma menina que chorara ao ouvir a fábula, pois se identificara com o lobo e sonhava perder a sua coleira. “A pobre criança se entediava de estar presa, sentia-se com o pescoço pelado, chorava por não ser o lobo”. (ROUSSEAU, 1971, p. 80).

Em Lobato, a mesma fábula — “O cão e o lobo” — o desfecho é idêntico: os pica-pauzinhos preferem o destino do lobo famélico mas livre ao do cachorro gordo e infeliz. Diz Dona Benta: “[...] Aqui não há coleiras. A grande desgraça do mundo é a coleira. E como há coleiras espalhadas pelo mundo!” (LOBATO, 1982, p. 434).

Rousseau comenta a fábula “O corvo e a raposa<sup>149</sup>”, linha por linha, para mostrar que a leitura dessa fábula, uma mais próximas do entendimento das crianças, ainda assim apresenta dificuldades para as mesmas, devido à linguagem figurada e à série de conceitos expressos, que a criança não estaria, segundo Rousseau, em condições de apreender. “As fábulas podem instruir os homens; mas é preciso dizer a verdade nua e crua às crianças: assim que a cobrimos com um véu, elas não se dão mais o trabalho de levantá-lo”. (ROUSSEAU, 1971, p. 78).

Que “véu” é esse? É a linguagem figurada, presente na poesia (as fábulas de La Fontaine são escritas em versos). Aqui reencontramos o velho desterro da linguagem poética que encontramos na *República*. De que Platão acusa os poetas? De falsearem a realidade e de enfraquecerem o caráter. Por exemplo: repudia as descrições do Hades tal como a faz Homero, pois levam um herói a temer a morte.

Em *A Chave do Tamanho*, Emília expressa também idéias análogas às de Platão e às de Rousseau:

— Estou vendo que tudo que a gente grande diz são modos de dizer, continuou a pestinha. Isto é, são pequenas mentiras — e depois vivem dizendo às crianças que não mintam! Ah! Ah! Ah!... Os tais poetas, por exemplo. Que é que fazem senão

---

<sup>149</sup> Considera essa fábula a obra-prima de La Fontaine.

mentir? Ontem à noite a senhora nos leu aquela poesia de Castro Alves que termina assim:  
Andrada! Arranca esse pendão dos ares!  
Colombo! Fecha a porta dos teus mares!  
Tudo mentira. Como é que esse poeta manda o Andrada, que já morreu, arrancar uma bandeira dos ares, e ainda que houvesse, bandeira não é dente que se arranque? Bandeira desce-se do pau pela cordinha. [...]. (LOBATO, 1982, p. 1105-06).

### 3.3.3 Lobato e La Fontaine

A idéia de literatura infantil surge para Lobato no auge de sua experiência editorial, em 1919. A primeira coisa que lhe ocorre é adaptar La Fontaine. Em 13/4/1919 escreve a Godofredo Rangel: “Tomei de La Fontaine o enredo e vesti-o à minha moda, ao sabor do meu capricho, crente como sou de que o capricho é o melhor dos figurinos [...]”. (v. 12, p. 193). Além de adaptar as fábulas, “veste-as à nacional”, simplifica a linguagem, altera as moralidades e, principalmente, coloca um adendo: o comentário dos “pica-pauzinhos”, que discutem o texto, comentário que também aparece nas *Histórias de Tia Nastácia*. Com La Fontaine, Lobato adapta o fabulário clássico; com *Histórias de Tia Nastácia*, adapta o fabulário popular (indígena, ibérico e africano), coletado por Sílvio Romero.

Wilson Martins fala de Lobato como Policarpo Lobato. Pois bem. Pareceu-nos interessante notar que o trabalho que Lobato faz com as fábulas parece inspirado em episódio do livro *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, episódio no qual Policarpo vai visitar um velho poeta, cultivador das lendas e estórias brasileiras. Depois de ler uma fábula do ciclo dos macacos — *Histórias do Mestre Simão* — o velho poeta arremata: “ — Não acham interessante? Muito! Há no nosso povo muita invenção, muita criação, verdadeiro material para *fabliaux* interessantes... No dia em que aparecer um literato de gênio que o fixe numa forma imortal... Ah! Então!” (BARRETO, 1997, p. 35)<sup>150</sup>.

---

<sup>150</sup> Lobato cita Lima Barreto em sua correspondência, pela primeira vez, em 1916, comentando com Rangel que está lendo a 2ª edição de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, publicado em

O literato de gênio apareceu. Em 1921, Lobato publica *As Fábulas de Narizinho*, seguidas, em 1922, de *Fábulas*. O livro tem diversas configurações e só a edição definitiva conta com os comentários que aparecem ao final de cada fábula. Ao todo, o escritor adapta cerca de setenta fábulas. Na verdade, suas fábulas não usam apenas La Fontaine como hipertexto, mas também algumas peças do fabulário antigo. Além disso, o autor usa também o recurso da intratextualidade, recuperando nas fábulas elementos de sua obra, como o caso de “O reformador do mundo”, que apresenta elementos de *A Reforma da Natureza*.

Em uma das fábulas — “O corvo e o pavão” — Lobato contesta a idéia de autor. Dona Benta responde à Emília, que perguntara sobre os autores das fábulas:

[...] Quem é que andou inventando as fábulas, Dona Benta?  
Foram os animais mesmo?

Dona Benta riu-se.

— Não, Emília. Quem inventou a fábula foi o povo e os escritores as foram aperfeiçoando. A sabedoria que há nas fábulas é a mesma sabedoria do povo, adquirida à força de experiências. (LOBATO, 1982, p. 435).

Sabemos que Dona Benta é uma grande admiradora de La Fontaine, cuja obra lera em francês. “Sempre tivera grande admiração por esse fabulista, que considerava um dos maiores escritores do mundo.” (LOBATO, 1982, p. 149).

Assim, Lobato rescreve as velhas fábulas, com a mesma sem-cerimônia que elas passaram do povo para os livros de Esopo, de Fedro, de La Fontaine... Mas as idéias nacionalistas já trabalham seu cérebro: quer introduzir o Brasil no cenário, através de nosso animais: a onça, o sabiá, as mutucas, o jabuti, o que seria também uma forma de atingir seu leitor, com animais próximos de sua realidade histórica.

---

1915: “Facílimo de língua, engenhoso, fino, dá impressão de escrever sem torturamento — ao modo das torneiras que fluem uniformemente a sua corda d’água. Vou ver se encontro um *Policarpo* e aí o terás. Bacoreja-me que temos pela proa o romancista brasileiro que faltava.” (v. 12, p. 108).

Em carta de 8/9/1916, escreve a Rangel: “Guardo as tuas notas sobre Malazarte. Um dia talvez aborde esse tema. Ando com várias idéias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças.” (v. 12, p. 104).

Mexer nas moralidades!<sup>151</sup> “Contra esperteza, esperteza e meia”<sup>152</sup>; “Quem for amigo da verdade, use couraça no lombo”; “Para os maus, pau”; “Fazei o bem, mas olhai a quem”; “O segredo de certos homens está nesta política do morcego. É vermelho? Tome vermelho. É branco? Viva o branco!”; “Mais vale cair em graça do que ser engraçado”. Lobato escreve as moralidades a contrapelo dos valores tradicionais, numa filosofia baseada na esperteza. E isso, é claro, não iria agradar a todos<sup>153</sup>.

Além do livro *Fábulas*, adaptação e compilação das fábulas tradicionais, Lobato vai vivenciá-las nas suas estórias. É assim que escreve, em 1930, *Pena de Papagaio*, que é uma viagem ao Mundo das Fábulas, depois incluído em *Reinações de Narizinho*.

Nesse livro, um menino invisível (Peninha), identificado apenas com uma pena de papagaio, traz um mapa mágico e com o pó mágico leva os

---

<sup>151</sup> Observamos, todavia, que Charles Perrault, em *Contes de ma Mère l'Oye*, já oferece, para muitos contos, duas moralidades. Anatole France, por sua vez, inverte a moralidade em “As sete esposas de Barba Azul” (FRANCE, 1983).

<sup>152</sup> Essas moralidades referem-se respectivamente às seguintes fábulas: “O galo que logrou a raposa”; “Os dois viajantes na Macacolândia”; “As duas cachorras”; “Pau de dois bicos”; “O imitador dos animais”.

<sup>153</sup> Alguns livros infantis de Monteiro Lobato foram queimados durante o Estado Novo, proibidos em Portugal e em muitos colégios católicos brasileiros e censurados pela crítica. “Monteiro Lobato criou um estilo próprio, acessível e gracioso, que faz o primeiro encanto de seus livros. Infelizmente a linguagem não pode merecer o mesmo louvor [...] Não se justifica esse palavreado desagradável, quando não grosseiro [...] Empana a sua obra ter desabafado no *Sítio do Picapau* as suas amarguras e revoltas, que não raras vezes sobressaem em expressões ou conceitos chocantes” (ALMEIDA, 1971, p. 194-195). Eis como o próprio Lobato relata a Artur Neiva, em 1939, o “auto-de-fé” sofrido por seus livros: “O fato que me chegou ao conhecimento foi este: a prefeitura daí da capital da república nomeou uma comissão de azêmolos para inspecionar os livros infantis e outros reunidos nas bibliotecas das escolas do Distrito Federal. Essa comissão condenou os meus, os do Fernando de Azevedo e os do Anísio Teixeira; em consequência foram retirados dessas bibliotecas cerca de 5.000 volumes e incinerados nas fornalhas da Caixa de Amortização. Mas não houve coragem de dar nos jornais a lista das obras condenadas [...]”. (NUNES, 1981, p. 54). Quanto a Rousseau, o *Contrato Social* foi condenado em Genebra e *Emílio* foi queimado em praça pública em Paris (FORTES, 1989, p. 23).

personagens ao Mundo das Fábulas de La Fontaine, onde este, “ao vivo”, registra seus apólogos.

Chegam ao País das Fábulas ou Terra dos Animais Falantes. Ali se dá o encontro dos personagens do *Sítio* com La Fontaine e com Esopo.

Na chegada, os personagens avistam um homem de cabeleira encaracolada, sapato de fivelas, calções curtos e jaqueta. Ele passeia pela terra dos animais falantes, anotando suas fábulas.

— Parece uma figura que vi naquele leque de dona Benta — disse Emília. Com certeza é o dono do carneirinho.

— Não! — afirmou Peninha. Aquele homem é o senhor de La Fontaine, um francês muito sábio, que passa a vida nesta terra a observar a vida dos animais.

— Conheço-o muito — disse Pedrinho. Tenho em casa um livro dele. (LOBATO, 1982, p. 134).

Quando estão percorrendo o Mundo das Fábulas, Pedrinho presta muita atenção no fabulista, observando até a marca do lápis de La Fontaine, porque desejava escrever fábulas como as dele. Assim, vemos que Lobato não se contenta em adaptar as fábulas, mas insere La Fontaine como personagem de sua obra, surpreendendo-o em pleno ato de criação. Como as *Fábulas* de La Fontaine derivam das de Esopo (e as de Esopo, de Bidpai<sup>154</sup>), Lobato promove o encontro dos dois principais fabulistas em suas páginas:

Quem será o bicho careta? Com certeza algum homem que estava tomando banho e perdeu as roupas — berrou Emília. Vem embrulhado na toalha.

O Senhor de La Fontaine explicou quem era: Estás enganada, bonequinha. Aquele homem é um famoso fabulista grego. Não vem embrulhado em nenhuma toalha, mas sim vestido à moda dos antigos gregos. Chama-se Esopo. Foi o primeiro que teve a idéia de escrever fábulas. (LOBATO, 1982, p. 139).

Os personagens do *Sítio* presenciam, no Mundo das Fábulas, o episódio de “O lobo e o carneiro”. Para o alívio de todos, o lobo não abocanha o carneirinho pois, no último minuto, La Fontaine, escondido atrás de uma moita, com uma

---

<sup>154</sup> Poeta a quem a tradição atribui numerosas fábulas em sânscrito. Suas fábulas e apólogos estariam na origem de numerosas fábulas européias.

bengalada espanta o lobo. Lobato considera “O lobo e o cordeiro” uma obra-prima: “Estamos diante da fábula mais famosa de todas — declarou Dona Benta. Revela a essência do mundo. O forte tem sempre razão. Contra a força não há argumentos”.

A segunda incursão dos pica-pauzinhos pela Terra dos Animais Falantes leva-os a acompanhar La Fontaine, que espreita uma cigarra. Trata-se, ao vivo, da fábula “A formiga coroca”. Nesta última fábula, Emília ajuda a cigarra na sua vingança contra a formiga: “ — Chegou tua vez, malvada! Há mil anos que a senhora me anda a dar com essa porcaria de porta no focinho das cigarras, mas chegou o dia da vingança. Quem vai levar porta no nariz és tu, sua cara de coruja seca!”

Emília salva a cigarra da morte e prepara uma vingança contra a formiga:

A triste cigarra, com o nariz esborrachado, ia pendendo para trás para morrer, quando Emília a susteve.

— Não morra, boba! Não dê esse gosto para aquela malvada. Está com fome? Vou já trazer um montinho de folhas. Está com frio? Vou já acender uma fogueirinha. Em vez de morrer, feito uma idiota, ajude-me a preparar uma boa forra contra a formiga. (LOBATO, 1982, p. 137).

Vale a pena assinalar que o fabulário lobatiano também inicia pela fábula “A cigarra e a formiga”, como em La Fontaine, considerada como uma das mais fracas, muito citada apenas por ser a primeira da coletânea.

No País das Fábulas, aparece repentinamente Esopo que, com La Fontaine, ferram uma discussão sobre a origem das fábulas.

Continuando a incursão pelo País das Maravilhas, os pica-pauzinhos encontram uma árvore seca, com um corvo segurando um pedaço de queijo. Mas, como conhecem a fábula, continuam à cata de episódios mais emocionantes. Acabam encontrando a casa da Menina do Leite que, para espanto de Emília, não derrama o pote de leite, apesar de todos os trejeitos que faz.

— Já se foi esse tempo, bonequinha! Isso me aconteceu uma vez, mas não acontece outra. Arranjei esta lata de metal, que fecha hermeticamente, para substituir o pote quebrado. Agora

posso sonhar quantos castelos quiser, sem receio de que o leite se derrame e meus sonhos acabem em desilusões. (LOBATO, 1982, p. 141).

Chegam finalmente à caverna do leão, onde se discute a origem da peste que assola a floresta e se procura um bode expiatório. É o momento de se desenrolar, ao vivo, a fábula “Os animais e a peste”.

Na hora em que o burro serviria como bode expiatório, uma enorme pedra cai sobre seu algoz, o tigre, e há debandada geral. O burro, injustamente acusado, é salvo por Peninha e depois é levado ao *Sítio*, onde se transforma no Conselheiro<sup>155</sup> ou Burro Falante. Chamfort (LA FONTAINE, 194-?, p. 210) considera este último apólogo o mais belo de La Fontaine.

Para Lobato, essa fábula é muito importante, já que aparece duas vezes em sua obra, em *Fábulas* (1922) e *As Reinações de Narizinho* (No País das Fábulas, 1931): para saciar um deus que lançou a peste no reino animal, um deles deverá ser sacrificado. O escolhido é o burro pois cometeu o crime dos crimes: “— A consciência só me acusa de haver comido uma folha de couve na horta do senhor vigário.” Como diz Dona Benta, essa fábula “retrata as injustiças da justiça humana. A tal injustiça humana é implacável contra os fracos e pequeninos — mas não é capaz de pôr as mãos num grande, num poderoso.” (LOBATO, 1982, p. 435).

Não contente de uma primeira viagem ao País das Fábulas, os pica-pauzinhos convencem Dona Benta a acompanhá-los numa Segunda aventura, Mas como erram na dose do pó mágico, acabam caindo em terras *das Mil e Uma Noites* e na propriedade do Barão de Munchausen.

---

<sup>155</sup> O Burro Falante, alcunhado de “Conselheiro”, personagem trãsfuga das *Fábulas* de La Fontaine, é considerado filósofo: “Um filósofo estóico. Costumo ler-lhe trecho das *Meditações* de Marco Aurélio. Os comentários que ele faz mereciam ser escritos e publicados.” (LOBATO, 1982, p. 262). A delicadeza, a discrição desse personagem, alçado a guardião dos personagens diminutos em *A Chave do Tamanho*, é um exemplo da transmutação de valores que Lobato buscava em sua obra.

Lobato dá muita atenção às fábulas “O lobo e o cordeiro”, “A formiga coroca” e “Os animais e a peste”, que aparecem tanto em *Pena de Papagaio* quanto nas *Fábulas*. Todas sintetizam a idéia de injustiça<sup>156</sup>.

Lobato faz, na verdade, uma paródia dos fabulistas. Em seu texto, encontramos algumas vezes, em destaque, a moralidade (em forma de provérbio). Embora recontadas em estilo literário (não se trata de tradução), apresentam marcas de oralidade (gíria, diminutivo). Como exemplo: O “asno”, de La Fontaine transforma-se na “mulinha”. Já o título “O asno carregado de esponjas e o asno carregado de sal”, Lobato simplifica-o para “Burrice”. Alguns outros exemplos de adaptação de Lobato, no sentido de uma popularização da fábula: “O cervo e a vinha” torna-se “O veado e a moita”; “A raposa e as galinhas da Índia”, “O peru medroso”. Outra diferença: enquanto as fábulas de La Fontaine são escritas em versos rimados, as de Lobato são escritas em linguagem “água de pote”, eliminando referências eruditas. Tal como preconizava Rousseau.

As fábulas lobatianas apresentam um caráter dialógico, pois trazem, em contraponto, a opinião dos personagens que as estão ouvindo. Através da moralidade e dos comentários, fazem emergir a voz de Lobato, pois nesses adendos às fábulas expõe sua filosofia de vida, sua teoria do estilo (literatura “sem aspas”, “palavra justa”), faz o elogio da morte, etc. Só em 1937 Lobato vai adaptar fábulas populares, no livro *Histórias de Tia Nastácia*. Em várias passagens desse livro, fica claro o desprezo pela tradição oral popular e apreço pelas estórias assinadas pelos grandes escritores. Como acontece com as *Fábulas*, inspiradas em La Fontaine, a maioria dos contos populares de Tia Nastácia estão coligidos no livro *Contos Populares do Brasil*, de Sílvio Romero. Lobato segue a mesma orientação de Romero, coligindo contos de origem européia, indígena e africana.

---

<sup>156</sup> A justiça, convém não esquecer, é o assunto primordial na *República*, de Platão. Ali está claramente manifesto que a justiça é a justiça do mais forte sobre o mais fraco. Aquele que pode cometer a injustiça, jamais deixará de fazê-lo, como aparece no mito O anel de Giges.

Neste capítulo fizemos a correlação entre a educação “negativa” de Rousseau, isto é, a educação que deixa a natureza agir, com a educação proposta por Lobato, no Sítio. Em ambos os pensadores, o saber deve ser descoberto seja pelo próprio educando, seja sob a direção de um mestre (O “*gouverneur*”, em Rousseau; Dona Benta; em Lobato). O ideal é que os educando se convertam em verdadeiros Robinsons, podendo se safar de qualquer dificuldade.

Essa educação negativa previa, a partir dos doze anos, a leitura do *Robinson Crusóé*, para ratificar a necessidade do conhecimento prático sobre o mundo. Os valores do mundo moral são transmitidos pelas fábulas, desde que bem pesadas e adaptadas à capacidade cognitiva da criança.

Se o Jeca Tatu era “uma quantidade negativa” (Uma Velha Praga), devido às influências de seu entorno, a criança passou a ser um espaço em branco, no qual podem florescer os melhores sentimentos e ações. Para tanto, necessita-se de uma educação em permanente contato com a natureza, na qual o papel do professor é apenas o de orientador. Dessa conjunção, deveria resultar o novo sujeito para as transformações esperadas para a sociedade brasileira.

Porém, levada a seu extremo, essa educação naturalista, de caráter eminentemente individualista, que visa a formar indivíduos superiores para obstar à influência nefasta do meio social, educação sem credo e eminentemente prática, pode ter seu lado nefasto. É no que acredita Theobaldo Miranda Santos (1945, p. 350), quando afirma: “Se fôssemos aplicar à realidade pedagógica, o sistema educativo naturalista, individualista e romântico de Rousseau, faríamos de cada criança um selvagem, um bruto sem moralidade, sem elevação espiritual, sem controle sobre os seus impulsos, em suma, uma criatura inumana e monstruosa.”

## 4 A AMÉRICA NÃO É AQUI

### 4.1 lanquecentrismo de Monteiro Lobato: Projeto liberal

— Esse país [os Estados Unidos] — disse Dona Benta — é a glória do continente americano. É o segundo em território, com 9.363.500 quilômetros quadrados, o maior em riqueza, em civilização e em poder. E é em muitas coisas o maior não só da América como do mundo inteiro. (LOBATO, 1982, p. 1026).

#### 4.1.1 Lobato e os Estados Unidos

Como vimos no primeiro capítulo, os utopistas Owen e Cabet partiram para os Estados Unidos no século XIX, tentando colocar em prática, em terras americanas, suas idéias utópicas. Também Lobato vai para lá, e aproveita para colher o seu modelo de sociedade ideal para o Brasil.

O escritor partiu para Nova York com a família em 1927, aos quarenta e cinco anos. Lá morou de 1927 a 1930, exercendo o cargo de adido comercial, a convite do presidente Washington Luís. Em 1930, foi demitido por Getúlio Vargas, que depusera Washington Luís, poucas semanas antes do fim do mandato deste. Foi-lhe tão penosa a volta ao Brasil, que compara o regresso ao boi a caminho do matadouro, tão pouca é sua vontade de retornar ao Brasil. Sua empolgação com os Estados Unidos fora tamanha que escreve a Rangel: “Isto aqui é o mar do peixe Lobato. Tudo como quero, como sempre sonhei.” (v. 12, p. 302).

Entusiasta da América na era do rádio e do cinema, descobre a pujança americana baseada no ferro e no petróleo. Começa a perguntar-se por que nosso país, com extensão e povoamento similares ao vizinho do norte, encontrava-se num estágio tão atrasado. A culpa não é do Jeca, admite desde o livro *O Sacy-Pereré*, de 1918<sup>157</sup>, e ressalta que o problema é a falta de ferro e

---

<sup>157</sup> “Salve amigo, só tu neste paraíso dos xaropes és como o pau de lei: casca mole por fora, cerne que machado não morde por dentro. Só tu neste embauval és cabiúna, Jeca!” (LOBATO, 1918, p. 291).

de petróleo, emperrando o Brasil, gerando a miséria, fonte de todas as outras mazelas: corrupção, doenças, pobreza, falta de cultura.

Naquele país, Lobato consolidou uma visão empresarial baseada no liberalismo, ou seja, na produção para o mercado, na modernização da estrutura produtiva e na iniciativa privada. Admirador e tradutor de Ford, tentou implantar a indústria pesada brasileira (prospecção de petróleo e industrialização do minério de ferro), como meio de erradicação da pobreza.

Para o escritor, só a exploração do subsolo levaria o país a libertar-se do estado “cocainizado”, a que a “mentira crônica” o levava. No texto “O que somos e o que precisamos ser”, Lobato lembra que enquanto os Estados Unidos retiram milhões de seu subsolo, do nosso só extraímos minhocas. E o que é que “cocainiza” o Brasil? A ilusão de “ter-se como paraíso terreal, um país riquíssimo, invejado por outros povos”. (LOBATO, 1950, v. 7, p. 119).

Lobato estava convicto de que a riqueza americana adviera do ferro, que produz a máquina, e do petróleo, que a movimenta. Secundado pela máquina, a força do homem multiplica-se, e com ela, a riqueza material (trata-se da política desenvolvimentista do “aumenta angu”, isto é, aumentar a quantidade de riqueza passível de ser redistribuída.

Em sua estada em Nova York, acirra-se cada vez mais a contradição entre o escritor e o empresário. Dividido, manda de lá, para seu correspondente Godofredo Rangel, o próprio epitáfio:

Aquela minha fúria literária de Areias e da fazenda: quem visse aquilo proclamava-me visceral e irredutivelmente “homem de letras”. E errava, porque o Lobato que fazia contos e os discutia com você está mortíssimo, enterradíssimo e com pesada pedra sem epitáfio em cima. O epitáfio poderia ser: “Aqui jaz um que se julgou literato e era metalurgista.” Porque a minha vocação pela metalurgia é muito maior que a literária. (v. 12, p. 312).

Ao voltar ao Brasil, Lobato lança-se concomitantemente na campanha do ferro (fundando a empresa chamada “Sindicato<sup>158</sup> Nacional de Indústria e Comércio”, associado ao industrial Fortunato Bulcão) e do petróleo (fundando a Companhia Petróleos do Brasil, em São Paulo, além de ajudar outras empresas)<sup>159</sup>. A partir dessa época, e durante mais de uma década, torna-se um propagandista do ferro e do petróleo. Além de escrever livros e artigos, começa a fazer conferências pelo Brasil afora, com o intuito de vender ações das várias companhias que funda<sup>160</sup>.

Eis o que escreve para Godofredo Rangel em 3/12/1931<sup>161</sup>:

Sindicato Nacional de Indústria e Comércio, chama-se a nossa companhia. Mas nem vale a pena falar nisto: pensas que é literatura de ficção...

Quanto ao petróleo, continuo com esperanças de dá-lo ao Brasil num ano ou dois. Estou imprimindo um prospecto para o lançamento da Companhia Petróleos do Brasil. Primeira fase: pequeno capital só para as experiências com o aparelho Romero, o Indicador de Óleo e Gás. Bem sucedidos que sejamos, virá a companhia perfuradora e exploradora — e havemos de afogar em petróleo este país que nega as verdadeiras riquezas que tem. (v. 12, p. 324-25).

Pelo menos duas obras estão diretamente relacionadas com os Estados Unidos: *O Presidente Negro*, de 1926; *América*, de 1932. A primeira é o único romance de Lobato, já citado anteriormente, como uma ucronia. Trata-se de uma antevisão dos Estados Unidos no ano de 2.228. O escritor escreve-o em vinte dias, pouco antes de embarcar para Nova York, onde planeja lançá-lo. (v. 12, p. 297). Já em *América* — que traz como subtítulo “Os Estados Unidos de

---

<sup>158</sup> “Sindicato” no sentido primeiro do termo, conforme Dicionário do Aurélio: “Companhia ou associação de capitalistas que têm interesses na mesma empresa e põem em comum os seus títulos a fim de que na venda destes o preço não se altere.”

<sup>159</sup> Ao mesmo tempo que dirige sua própria empresa, Lobato empenha-se em ajudar as outras. Assim, fundam-se a Cruzeiro do Sul e a Nacional de Petróleos, em Alagoas, esta presidida por um amigo de Lobato, Edson Cordeiro.

<sup>160</sup> Dessa luta quixotesca no setor petrolífero, temos um eco na crônica que aspira a conto “Quero ajudar o Brasil...” (LOBATO, 1943, p. 581), publicada inicialmente no *Correio Paulistano*, em 1938, na qual Lobato relata o caso de um negro pobre que vai a seu escritório comprar ações da Companhia Petróleos do Brasil.

<sup>161</sup> Já em 1933 Lobato retira-se da Companhia, que funda juntamente com o fluminense Fortunato Bulcão, discípulo do Barão de Mauá. (1959b, v. 1, p. 337).

1929”<sup>162</sup>, traça um panorama entusiasta da civilização americana da época. A famosa frase — “Um país se faz com homens e livros” (LOBATO, 1950, v. 9, p. 45) —, refere-se à visita que o escritor fez a Washington, descrita no livro *América*, de 1932. Quando Lobato escreve “um país se faz com homens”, tem como modelo os Estados Unidos, George Washington, primeiro presidente dos Estados Unidos; e Abraham Lincoln, presidente durante a Guerra de Secessão. Quanto a “livros”, inspira-se na Biblioteca do Congresso, a “Catedral do livro”.

Em 1928, Lobato introduz no universo do *Picapau Amarelo* o *Gato Félix*, de 1919, primeiro personagem de desenho criado e desenvolvido pelo americano Otto Messmer especialmente para o cinema. O famoso gato preto descreve para os personagens do *Sítio* a cidade de Nova York. Chama a atenção o quão rápido é Lobato em captar e introduzir na literatura infantil brasileira as novidades americanas.

Em *Geografia de D. Benta* (1935), o primeiro país estrangeiro que a turma do *Sítio* visita é os Estados Unidos (ver ilustração). Antes de o navio atracar no porto de Nova York, Dona Benta instrui os “pica-pauzinhos” sobre as qualidades da América:

— Esse país — disse Dona Benta — é a glória do continente americano.

[...].

A riqueza dos americanos, junto à audácia da sua iniciativa, fez que o país se enchesse de coisas únicas, coisas inéditas no mundo. Outra particularidade americana é que lá tudo é o maior do mundo. As pontes são as maiores. As casas são as maiores. A rede de estradas é a maior. A cultura do algodão, a produção de petróleo, ferro ou automóvel, tudo maior.

Dona Benta prossegue, enumerando as qualidades do território americano, num estilo que não fica nada a dever a *Por que me Ufano de Meu País*, de Afonso Celso:

---

<sup>162</sup> Convém lembrar que 1929 foi o ano da depressão econômica nos Estados Unidos, gerando um efeito devastador em todo o sistema econômico internacional. O subtítulo pode parecer, assim, uma provocação, ainda mais partindo de alguém que fora vítima do *crash* de 1929.

— E qual a razão de esse país ter-se desenvolvido tanto, vovó?  
— Muitas, meu filho. O território dos Estados Unidos é abençoado. Tem tudo. Produz tudo. Se o mundo desaparecesse inteirinho e só ficassem os Estados Unidos, eles continuariam a viver a mesma vida que vivem, sem precisar de nada. Só que deixariam de tomar café. (LOBATO, 1982, p. 1027).

Note-se que, nesse trecho, fica clara admiração pelo modelo dos Estados Unidos (país industrial) e a crítica velada ao Brasil (país primário-exportador). Se em *História do Mundo para as Crianças*, Dona Benta ainda aparece como produtora de café, em *O Poço do Visconde* (1937), ela descobre petróleo em suas terras.

Os Estados Unidos são o sonho de consumo até de Jeca Tatu. Depois de curado de suas mazelas, começa a aprender inglês e cogita ir aos Estados Unidos: “— Quero falar a língua dos bifés para ir aos Estados Unidos ver como é a coisa lá! Quero ir a Chicago dar uma prosinha com o rei do Toicinho!” (LOBATO, 1924, p. 32).

Nas mais variadas obras podemos detectar a americanofilia de Lobato. A cartola do Visconde foi herança de Lincoln (1809/1865), como se lê em *A Chave do Tamanho*. “D. Benta era a maior admiradora desse homem. Dizia sempre: ‘Depois de Jesus Cristo, o ente que eu mais venero é Abraão Lincoln’” (LOBATO, 1982, p. 1177).

No livro *O Picapau Amarelo* (1939), é a vez de Walt Disney:

— Quem é esse Disney? [Narizinho pergunta]  
— Oh, um gênio! — berrou Emília. — O maior gênio moderno  
— maior que Shakespeare, que Dante, que Homero e todos esses cacetões que a humanidade tanto admira [...].” (LOBATO, 1982, p. 804).

Não há nenhuma nota crítica no otimismo de Lobato em relação aos Estados Unidos, ao contrário da visão crítica de um Lima Barreto que, no artigo “O nosso ianquismo” (1993, p. 378), destaca aspectos negativos da vida americana (banditismo, repressão, ganância, crença excessiva no dinheiro,

etc.) Ou ainda no dos romancistas americanos John dos Passos e John Steinbeck, que mostram o cenário americano pós depressão, com seus bandos de andarilhos, percorrendo as estradas.

#### 4.1.2. Admirador e tradutor de Ford<sup>163</sup>

Lobato foi grande entusiasta do modelo fordista de produção. Prova disso é que o autor traduziu e editou vários livros de Henry Ford<sup>164</sup>: *Minha Vida e Minha Obra, Hoje e Amanhã, Os Princípios da Prosperidade, Minha Filosofia da Indústria*. O primeiro deles, a biografia de Ford, contou com prefácio de Lobato, que ainda traduziu para o inglês, visando ao público norte-americano, os próprios artigos que escrevera para *O Jornal*, com o título “*How Henry Ford is Regarded in Brazil*”.

Lobato admirava em Ford sua inventividade, sua envergadura moral e seu desejo de poupar o trabalho humano, mediante a organização e a técnica. Autodidata, o dinheiro, para Ford, era o coroamento natural do trabalho e da dedicação. Tinha pelo trabalho uma devoção quase sagrada. Para ele, a indústria era uma espécie de religião, devendo gerar a prosperidade que, por sua vez, renderia frutos, em benefício da sociedade como um todo.

---

<sup>163</sup> Oriundo de modesta família agrícola, Ford interessa-se desde cedo pela mecânica. Seus primeiros brinquedos são ferramentas. Ainda menino, aproveita o tempo livre para desmontar e montar relógios, aprendendo a conhecer os segredos de seu mecanismo. Acreditando em seus projetos, chegou a construir o primeiro carro, a partir de peças de ferro-velho, com rodas de bicicleta e sem resfriamento. Em 1903, funda a Ford Motor Company, da qual foi desenhista, mecânico-chefe, superintendente e vice-presidente. Tudo o que lucrava, investia na indústria. Anunciava que não vendia apenas automóveis, mas um conjunto de serviços, responsabilizando-se pela assistência ao comprador. Chegou a utilizar vinte e quatro diferentes tipos de aço e criou uma rede nacional de distribuidoras de veículos.

<sup>164</sup> Lobato traduziu e editou muitos outros livros americanos. Entre suas traduções, pela Cia. Editora Nacional, constam *A epopéia americana*, de James Truslow Adams, em 1940; e *Lincoln*, de Nathaniel Wright Stephenson, em 1942. Por sua vez, teve seus contos traduzidos para o inglês em 1925, por Isaac Goldberg, sob o título *Brazilian Short Stories*.

O sistema de linha de montagem (trabalho parcelado, despersonalizado) foi idealizado por Taylor<sup>165</sup>, no livro *Princípios de Administração Científica*. A meta do taylorismo é o aumento da produtividade, o que redundaria em benefícios para a sociedade e para os próprios operários. Em Detroit, nos anos 20, Henry Ford adotou esse modelo, revolucionando a produção industrial, inaugurando o sistema de linha de montagem na produção automobilística.

A idéia central do modelo fordista-taylorista de produção era a guerra ao desperdício (de tempo, de espaço, do esforço físico e mental dos operários) e, principalmente, a busca da eficiência,. Não faltaram os que viram nesse sistema mais uma forma de alienação, onde o operário se converte numa peça da engrenagem, como bem retratou Chaplin, no filme *Tempos Modernos*.<sup>166</sup>

No tocante ao desperdício, Lobato repete as diretivas de Ford:

A economia de tempo e material representa lucro e aumento de salário. Quem pode fazer um serviço em uma hora e o faz em duas; quem mata o tempo em vez de produzir: quem dá dez passos em vez dos oito necessários; quem espicha a sua tarefas: quem se esconde atrás de uma porta: quem maltrata uma máquina: quem estraga uma folha de papel: quem perde um minuto que seja de trabalho, lesa a empresa e lesa, portanto, a si próprio. No fim do ano a soma desses pequenos desperdícios representa muito. A empresa que consegue evitá-los habilita-se a beneficiar ao público com melhoria de preços e ao operário com melhoria de paga. (v. 10, p. 289-290).

O lucro é super-importante no sistema taylorista-fordista. Em uma carta da década de 20, Lobato expõe aos funcionários de sua editora um programa inspirado no ideário taylorista/fordista. Trata-se do texto “Apelo aos nossos operários”, súplica do pensamento fordista: valorização do trabalho; valorização do consumidor. Ademais, o operário, a direção e o consumidor são igualmente

---

<sup>165</sup> Campos (1986) nos informa, outrossim, que o primeiro número da *Revista do Brasil*, em 1916, anunciou, num artigo de Victor da Silva Freire, a morte de Taylor. Isso é uma mostra da importância do industrial no círculo em que Lobato circulava.

<sup>166</sup> Essa alienação aparece, sob forma de pesadelo e despersonalização da força de trabalho, no livro *América* (1927), de Kafka. Nesse romance, o personagem Karl vive como andarilho, em terras americanas, uma atmosfera de sufocamento, pesadelo, miséria, desemprego, e *nonsense*. Monteiro Lobato, por sua vez, só percebeu o lado risonho da vida americana. Como é que ele vê as mazelas brasileiras e não vê as americanas?

sócios, um fornecendo o trabalho manual, outro o trabalho mental e o terceiro recebendo um produto barato e de boa qualidade, sendo o salário o resultado da produção, logo dependente do próprio operário.

Como Ford, Lobato foi também um “gênio do trabalho”. Dormia muito pouco. Ao longo da vida, costumava acordar no meio da noite para revisar provas. Numa época em que se desconhecia o computador, escreveu milhares de páginas sem fraquejar no estilo dúctil, mordente e preciso. Sua filha Ruth afirma que nunca se lembra de tê-lo visto “sem estar a escrever, a traduzir ou a rever provas” (LOBATO, 1965, p. ix). O escritor chegou a traduzir quase setenta páginas por dia enquanto gerenciava empreendimentos de grande porte, produzindo uma obra literária ciclópica. Esse aficcionado pelo trabalho queria mudar-se para Netuno, onde “os dias têm 1916 horas.” (v. 12, p. 328).

Chamou-nos a atenção, depois de termos lido toda a correspondência editada de Lobato, que não há nenhuma informação, nessas cartas, sobre o projeto do empresário Henry Ford<sup>167</sup> para extração da borracha na Amazônia. Esse projeto desenvolveu-se de 1928 a 1946, com a fundação de duas cidades, Fordlândia e Belterra, às margens do rio Tapajós. Como Lobato era um fordista, e teve contato com o filho de Ford nos Estados Unidos, julgamos estranho ele ter praticamente ignorado esse assunto, de cunho eminentemente político.

O fato só é citado de raspão em *Geografia de D. Benta*, quando esta comenta o declínio da borracha que, por ter sido uma cultura extrativista e não cultivada, foi vencida pelos concorrentes do sudeste asiático:

— E por que os amazonenses não a cultivam pelo sistema do café, fazendo grandes borrachais, como há grandes cafezais?  
— inquiriu Pedrinho.  
— Era o que deviam ter feito, mas não fizeram, e o resultado foi perderem o negócio. A única tentativa semelhante foi promovida pelo Ford dos automóveis, mas não obteve sucesso devido ao elevado custo de fixação naquela inóspita região. (LOBATO, 1982, p. 1016).

---

<sup>167</sup> Ford no Brasil é também tema do romance *Fordlândia* (Iluminuras, 1997), do argentino Eduardo Sguiglia.

Eis como se deu a presença do capital americano na Amazônia: Com a expansão da indústria automobilística nos Estados Unidos, Ford sentiu necessidade de expandir a produção de borracha até então monopolizada pela Inglaterra, que a produzia em suas colônias da Malásia e do Ceilão. Seus técnicos aconselharam a produção no vale do Tapajós, na Amazônia. Em 1927, iniciava-se o gigantesco empreendimento. Ford firmou contrato com o governo brasileiro que lhe deu concessão, por cinquenta anos, de 10.000 km<sup>2</sup>, com privilégios totais. Ford criou a Companhia Ford Industrial do Brasil, com sede em Belém. Em 1928, chega a Tapajós, em dois navios, toda a infra-estrutura de uma moderna cidade. Em seis anos, a área se modificou totalmente, com o plantio de 1,8 milhões de seringueiras. As cidades pré-montadas foram instaladas na floresta Amazônica: vastos galpões, refeitórios, hospitais. Em 1930, houve uma revolta dos trabalhadores, conhecida como “quebra-panela”, pois os trabalhadores não se adaptavam à comida industrializada, que vinha diretamente dos Estados Unidos. Posteriormente um fungo atacou a plantação. Como a topografia acidentada do terreno dificultou o combate à praga, tentou-se nova experiência em 1934, numa gleba a sessenta quilômetros ao sul, chamada Belterra. Plantaram-se 3,8 milhões de seringueiras. Entre Fordlândia e Belterra viviam dez mil pessoas. Outro ataque de praga desestimulou o projeto. Após dezessete anos de presença na Amazônia, Ford desistiu. Em 1945, Henry Ford II cedeu ao governo brasileiro o acervo das duas comunidades que, hoje, compõem um cenário espectral encravado na selva, às margens do Rio Tapajós, lembrando o fausto da ocupação americana na Amazônia para a extração da borracha, nos anos 1920-1940.

Lobato defendia a exploração comercial da Amazônia, que um dia se converteria “na mais maravilhosa das fazendas”:

Os sábios consideram a Amazônia uma terra ainda em formação. Acham que ainda é cedo para a entrada ali do homem. Dia virá, porém, em que o homem há de conquistar aquela bacia para transformá-la na mais maravilhosa das fazendas. Um dia... Hoje a Amazônia ainda assusta a gente da raça branca.” (LOBATO, 1982, p. 1016).

Essa forma de ocupação da Amazônia está na contramão das idéias atuais, pois hoje se pensa na preservação da floresta, como meio de sustentar a biodiversidade da região, ainda pouco estudada. Transformá-la numa fazenda significa destruir um patrimônio biológico ainda parcialmente inexplorado (tribos, línguas, espécimens vegetais e animais etc.).

O historiador André Luiz Vieira de Campos (1986, p. 86-87), fazendo uma bela análise do fordismo na obra de Lobato, assinala que, mais que um sistema de produção industrial, era uma filosofia de vida, que implicava a coerção e a padronização da vida dos operários, sempre em busca da eficiência e do bem-estar para todos: “A fiscalização moral e saneadora que Henry Ford exercia sobre seus operários passava pelas condições de habitação, pelos hábitos de alimentação, de poupança e de moderação, incluindo a proibição do alcoolismo e da vida sexual ‘desregrada’, sendo seu objetivo o de manter, também, fora do espaço da fábrica, o equilíbrio psicológico do trabalhador, esmagado diante dos novos métodos de produção.” Em outra passagem, Campos destaca a admiração de Lobato por Ford, por ocasião de uma visita a uma fábrica Ford, nos Estados Unidos. Referindo-se ao almoço dos operários, Lobato comenta, no livro *América* (1932):

Os vagonetes traziam milhares de caixas de papelão contendo cada qual um almoço completo, estudado e dosado por um corpo de bromatologistas... A fruta, o sanduíche, o creme... Tanto de calorias, tais e tais vitaminas... Ford faz estudar a alimentação de seus homens como faz estudar a alimentação dos motores e, do mesmo modo que o motor não “come” o que quer e sim ingere combustível exato que o fará operar com maior rendimento, assim também os entes humanos que lhe trabalham nas usinas recebem a dose de combustível alimentar na quantidade cientificamente requerida. (CAMPOS, 1986, p. 101).

A importância de Ford no pensamento lobatiano está presente em diversos momentos. A personagem Jane, em *O Presidente Negro*, faz uma verdadeira apologia de Ford:

[...] Ford nos parece um messias da Idéia Nova. Há um aparelho de limpar os tubos das caldeiras por onde passa a chama vinda da fornalha. Esses tubos, com o tempo, vão se encrostando de resíduos carbônicos e acabam por se obstruírem. É necessário a espaços proceder-se a uma limpeza. Embora o uso das máquinas de vapor já seja bem velho, só recentemente se inventou o meio prático de desencrostrá-las: o martelo trepidante. Ford me dá a sensação desse instrumento. É o martelão trepidante que nos desencrosta os tubos do cérebro, obstruídos pela fuligem das idéias falsas. Ninguém melhor do que eu poderá dizer isto de Henry Ford, porquanto devassei o futuro e por toda parte vi reflexos do seu pensamento. É pois o melhor tipo atual do idealista orgânico. Sonha, mas sonha a realidade de amanhã. [...]. (v. 5, p. 202-203).

#### **4.1.3. Lobato e o *New Deal***

No final da estada de Lobato nos Estados Unidos, a América vive os momentos da grande depressão. Desemprego em massa, descapitalização generalizada, pobreza social e marginalidade, culminando no famigerado *crash* da bolsa de valores. O próprio Lobato perdeu todo o seu capital na Bolsa em Nova York. Suas ações tiveram o mesmo destino de qualquer aplicador: como milhões de empreendedores, o escritor sofreu falência. Aliás, a terceira. A primeira foi como fazendeiro. A segunda, como editor de livros. Agora, a terceira falência, nos Estados Unidos, o obriga a vender suas ações da Companhia Editora Nacional, no Rio de Janeiro.

Eis o que escreve à sua cunhada Esther, de Nova York, em 9/1/1930:

[...] Hás de crer que acabo de cometer um dos maiores erros da minha vida? Entrei no Stock Exchange com todos os recursos que pude reunir, certo de fazer fortuna. Errei o bote. Em vez de ganhar já perdi metade do meu capital e estou ameaçado a perder o resto e ainda devendo alguma coisa. [...] O mais certo é perder e ficar reduzido ao ordenado. E mesmo este ordenado, até quando poderei contar com ele? Estou cá interino e é muito provável que com a mudança de governo vá para o olho da rua. (1959b, v. 1, p. 298).

Lobato era um homem otimista, que sempre aceitou o risco econômico. Tendo vivido o cenário negro da grande depressão americana, como explicar

que retorne ao Brasil com o ideário ou repertório modernizador? Por que ignorou a falência americana momentânea e só trouxe o sonho da América sobre rodas?

Em seu livro *América*, Lobato responde a essa pergunta. Na sua opinião, embora em dezoito dias de pânico tenha havido uma perda de cinquenta bilhões de dólares, a queda foi rapidamente sustada e quarenta bilhões se recuperaram. Lobato insiste no fato que o fim da queda (o “*bottom*”) já significava o início da alta e que a riqueza apenas mudara de mãos. Em sua literatura infantil insiste nesta idéia: a riqueza são como as areias que o vento ora coloca aqui, ora acolá.

Exemplo desse otimismo — que a história posterior do Estados Unidos viria justificar — pode-se sentir na carta a Artur Neiva, de 1930:

Tive azo de assistir ao *crash* da Wall Street, o maior desastre financeiro que os anais da finança ainda registraram — e assombrei-me da maneira galharda e eficientíssima com que esta máquina que é a América reagiu. [...] Dois meses são passados da semana de pânico, e tudo indica que na próxima primavera restarão do *crash* apenas cicatrizes. (1986a, p. 161).

Não era difícil, para um empresário, que fora um grande fazendeiro em Taubaté, reconhecer o início do *Welfare State*<sup>168</sup> na economia americana, com a implementação da política do *New Deal*, de Franklin Roosevelt, que enfrentou a crise econômica americana de 1930, mediante a intervenção federal, promovendo grandes reformas, visando à expansão do emprego, da indústria e da agricultura, fazendo face à Depressão que, de certa forma, se prolonga até a entrada dos Estados Unidos na 2ª Guerra Mundial.

As medidas do *New Deal* realmente foram excepcionais (LEUCHTENBURG, 1976, p. 369 sq.): auxílio aos desempregados; programas de assistência (beneficiavam milhares de artistas, músicos, historiadores, atores); reforma de instituições financeiras (em 1934, o número de falências

---

<sup>168</sup> O *New Deal* foi também conhecido como Estado de Bem-estar Social caracterizado pelo coletivismo, políticas de emprego e consumo de massa, com serviços sociais garantidos pelo Estado.

bancárias atinge 400 estabelecimentos, reduzindo-se a menos de 100 em 1935); recuperação agrícola (AAA – *Agricultural Adjustment Administration*): recuperação industrial (NRA — *National Recovery Administration*).

Nessa América em reforma, surgiu a figura do *new dealer*: “parecia que cada burocrata em Washington era um *New Dealer* — jovem, liberal, agressivo, com formação universitária ou oriundo da assistência social, em vez de experiência nos negócios.” (LEUCHTENBURG, 1976, p. 389). Mas o *New Deal* também entrou em colapso, como se nota no discurso de Franklin Roosevelt, de 1937: “Vejo milhões de famílias tentando viver com rendas tão escassas que o manto do desastre familiar paira sobre elas, dia após dia” [...] “Vejo milhões a quem é negada instrução, lazer e a oportunidade de melhorarem suas vidas... Vejo um terço de uma nação mal alojado, mal vestido, mal alimentado.” (apud LEUCHTENBURG, 1976, p. 411). Foi só com o crescimento da indústria bélica, na 2ª Guerra, que os Estados Unidos voltam a ganhar alento.

O que empolgou Lobato na América foi a ideologia do *self-made man*, como salienta Nelly Novaes Coelho, no posfácio à *Reinações de Narizinho no Reino das Águas Claras*, de 1998, ao definir Lobato como “[...] formado pelo idealismo humanitário de raízes românticas, mesclado ao materialismo pragmático-positivista do *self-made man*, ideal da produção em série, consumo e lucro norte-americana [...]”. Essa é a imagem que trouxe da América para o Brasil: dinamismo, abnegação e idealismo, virtudes dos *new dealers*. Por isso, não se abala com a primeira grande crise do capitalismo americano.

#### **4.1.4 Empreendedor nato**

Sem dúvida, o otimismo de Lobato deve-se ao fato de ele ser um empreendedor nato, à Schumpeter (1982). Esse economista, sem nenhum psicologismo, descreve o empreendedor como um indivíduo especial, cuja força de ação gera grande número de fenômenos significativos. São pessoas dotadas de força de vontade e de espírito de liberdade excepcionais, que lhes permitem

abrir caminhos novos. Movem-nos o desejo de conquista, a alegria de criar. Têm a faculdade hedonista pouco desenvolvida, o que os predispõe à luta e ao sacrifício. Segundo Schumpeter (1982, p. 61), “essa liberdade mental pressupõe um grande excedente de força sobre a demanda cotidiana e é algo peculiar e raro por natureza”. Impedimentos legais, econômicos e sociais vão barrar todo aquele que quer fazer algo novo, afirma o economista. “A manifestação da condenação pode trazer de imediato conseqüências perceptíveis em seu rastro. Pode até levar ao ostracismo social e finalmente ao distanciamento físico ou ao ataque direto.”

Schumpeter nos descreve o empresário nato, explicando-nos que esse conceito engloba quatro casos, todos eles contemplados pelo escritor paulista: introdução de um novo bem, introdução de um novo método, abertura de um novo mercado, conquista de uma nova fonte de matéria-prima.

#### **4.1.4.1 Introdução de um novo bem e de um novo método**

O empresário revela-se basicamente no setor do ferro, do petróleo e do livro. Nesses três setores, fundou ou participou de várias empresas, a saber: Editora da Revista do Brasil, Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato, Cia. Editora Nacional, Editora Brasiliense, Aliança Mineração e Petróleos Ltda., Cia. Petróleos do Brasil, Cia. Petróleo Nacional, Cia. Brasileira de Petróleo Cruzeiro do Sul, Sindicato Nacional da Indústria e Comércio, Cia. Nacional de Ferro Puro. Em escala menor, cogitou em outros projetos: fábrica de geléias; internato para meninos ricos; sanatório; transformação do Viaduto do Chá em rua aérea habitável; loteamento de terrenos; fábrica de banana em pó; exposição permanente industrial em São Paulo; estrada de ferro; restaurante em Nova York<sup>169</sup>; revista infantil (“O Sítio de Dona Benta”); casa lotérica; fábrica de

---

<sup>169</sup> Trata-se de *Brazilian Garden Coffee*, primeiro restaurante brasileiro em Nova York, localizado em Wall Street.

motores rotativos; laboratório farmacêutico; plantação de eucaliptos; de babaçu... (NUNES, 1970, p. 91-92).

Muito antes de Monteiro Lobato, em 1846, o Barão de Mauá já tentara introduzir a “mãe das outras indústrias, a indústria do ferro” (apud CARRION, 2002). Os debates sobre a pequena siderurgia já estavam implantados no Brasil, desde a década de 1910, quando o Brasil participou de um congresso em Estocolmo sobre a exploração de minério de ferro. Os resultados sobre as possibilidades do Brasil geraram uma verdadeira corrida imperialista de empresas internacionais, interessadas na aquisição de terras no Brasil. Em 1911, a Itabira Iron já está instalada no Brasil. Iglésias (1986a, p. 80) descreve essa firma:

Destacou-se, sobretudo, um grande empreendimento que seria em grande parte realizado por Vargas durante o Estado Novo: a famosa Itabira Iron, liderada por um magnata, misto de aventureiro e homem de negócios, homem de muito dinheiro, de uma extraordinária audácia, figura meio romanesca, que se chamava Percival Farquhar.

Ele tentou de todas as maneiras tomar conta do minério de ferro no Brasil: não pretendia fazer siderúrgicas, queria obter o controle da exportação de minério de ferro. Mas teve de enfrentar um obstáculo invencível e intransponível, na obstinação do presidente de Minas, Arthur Bernardes, que era um nacionalista e não admitia de modo algum que o minério fosse exportado, partindo do princípio de que o minério não dá duas safras.

Com o apoio do Estado, foi criada a Companhia Belgo-Mineira, marco inicial da produção de aço no Brasil. Falta, porém, a siderurgia pesada, onde a iniciativa privada quer investir. A tentativa mais conhecida é a de Percival Farquhar que, em 1919, assumiu “o controle da Itabira Iron, que se compromete a construir uma usina siderúrgica e a exportar minérios, utilizando financiamento norte-americano” (AURELIANO, 1981, p. 51). O projeto de

Farquhar e de outros empresários encontra forte oposição<sup>170</sup>. Que lições tirar disto, pergunta-se a economista Liana Maria Aureliano?

Em primeiro lugar, fica patente a incapacidade do empresariado nacional de enfrentar os problemas de mobilização e concentração de capitais exigido pela siderurgia de maior porte, mesmo quando contasse com o apoio nada desprezível do Estado: como cumprir esta tarefa, se o desenvolvimento exportador capitalista oferecia oportunidades de inversão e muito lucrativas, sem risco elevado? Em segundo lugar, há que registrar o profundo desinteresse do capital internacional, que se negou, sempre, a sancionar as aventuras de Percival Farquhar: como poderia ser diferente, sem que houvesse internamente qualquer esquema de acumulação que pudesse justificar, quer empréstimos, quer investimentos diretos? Em terceiro lugar, revelam-se os estreitos limites da atuação do Estado, a quem é permitido, desde logo, conceder apenas determinados incentivos, não estando sequer em cogitação a idéia de que ele mesmo poderia assumir a tarefa, como ultrapassá-los dentro dos quadros do Estado oligárquico?

Quando, na década de 30, Lobato retoma a discussão da produção de ferro, quer sobretudo implantar um novo processo produtivo, já que o tradicional era o alto-forno, que implicava em uma fonte de energia não disponível no Brasil, o carvão mineral, recurso presente só em Santa Catarina, e que era empregado em indústrias de produção de aço em pequena escala. As causas da nossa pobreza em ferro seria a nossa falta de coque, usado na redução do minério de ferro.

Comparando o Brasil à panela de barro da fábula de La Fontaine, que racha em contato com a de ferro, Lobato quer introduzir a siderurgia no Brasil. Seus conhecimentos da indústria americana levam-no a fazer projetos sobre a extração de ferro baseado no método de William Smith, engenheiro da Ford e professor da Universidade de Detroit. O processo de Smith consistia em

---

<sup>170</sup> Lobato, em carta de Nova York, de 1928, refere-se a Farquhar: “A empresa Farquhar, que acaba de assinar um contrato com o governo, chegou em má hora: na hora em que a metalurgia vai passar pela sua maior transformação, e nada poderá deter a marcha vitoriosa da patente Smith. [...] Produz por 50% menos que o alto-forno um ferro duas vezes melhor.” (1986, p. 151). A Farquhar nunca consegue realizar seus objetivos, pois seu opositor Arthur Bernardes foi alçado à presidência da República e redobrou os obstáculos à empresa estrangeira.

produzir ferro “sem a fusão do minério, que exigia fornos em alta temperatura.” Esse método foi chamado de “redução em baixa temperatura”. Além de eliminar os inconvenientes do processo clássico de alto forno, “não impõe o coque [carvão mineral] como único agente redutor<sup>171</sup> (v. 7, p. 271). O coque é substituído por outras fontes de carbono, como resíduos de produtos disponíveis no Brasil (restolho de café, bagaço de cana, babaçu ou até lixo). Mas os entraves burocráticos impediram que o processo fosse posto à prova.

Numa longa carta, aponta a indiferença do Governo Washington Luís em aplicar tal processo:

Há três anos que minhas tentativas para que o nosso governo tome conhecimento técnico deste processo siderúrgico, como base de uma orientação segura na matéria, esbarram numa indiferença que não me explico. Apesar de haver apresentado as informações mais completas e, mais, ter promovido todas as necessárias experiências com minérios de Minas e cascas de café e babaçu, graças à cooperação oficiosa de um eminente industrial brasileiro, nenhuma reação ainda revelou qualquer interesse por questão de tal magnitude. Não será crime retardar assim o início da revolução econômica que tudo está impondo ao Brasil? (LOBATO, 1986a, p. 131).

Só em 1938, Vargas considerou a questão da fabricação do aço no Brasil. O processo adotado foi o uso do carvão mineral de Santa Catarina que se adequava à produção de coque. O financiamento a longo prazo foi obtido nos Estados Unidos e o plano que se adotou foi recomendado pela United States Steel. Enfim, o oposto do que Lobato sempre recomendara, ou seja, o método Smith.

No que concerne à prospecção do petróleo, o escritor fez experiências e financiou um método de indicador de óleo e gás, que chamava de aparelho Romero, do nome de seu inventor.

---

<sup>171</sup> A redução significa separar o ferro do oxigênio (o processo oxidante do ferro), que se pode entender na seguinte fórmula química:  $FeO - O + C = FeC$

Ainda como empreendedor, seu pioneirismo revelou-se no setor industrial. Lobato realizou o sonho balzaquiano, participando de todo o encadeamento produtivo do livro: foi editor, impressor, escritor e tradutor.

Além do barateamento do preço, adotava outros métodos para atingir o público: misturava literatura e publicidade, como é o caso do almanaque *Jeca Tatuzinho* (1924), adaptação da história do Jeca Tatu, distribuído gratuitamente, junto com o “Biotônico Fontoura”, em todas as farmácias do Brasil, perfazendo a maior campanha de saúde pública já realizada em nosso país, como lembrou o bibliófilo Waldemar Torres. Para quantos brasileiros, aquele almanaque ilustrado, com as galinhas de botinas ringideiras, não foi o único livro a que jamais tiveram acesso? Além disso, Lobato encartava nos livros reclames de outras obras e folhetos; valia-se da publicidade em jornais; lançava edições com papel de qualidade inferior e rescrevia obras clássicas.

Como impressor, notabilizou-se por ter importado, na década de 20, um parque gráfico tão moderno que funcionou até os anos 1970. Sua falência, na época, deveu-se a um “apagão” que paralisou as máquinas e impediu-o de honrar compromissos assumidos em moeda estrangeira. Havia uma certa *hybris* em Lobato, que buscava um crescimento rápido, talvez em desacordo com o ritmo da sociedade brasileira. Daí suas repetidas falências.

#### **4.1.4.2 Abertura de um novo mercado**

Monteiro Lobato criou o comércio editorial no país. Para tanto, começou escrevendo artigos pregando a isenção de taxas de importação de papel. Em sua opinião, a política para o livro no Brasil era digna de D. Maria I, “que o demo tenha no seu ardente garfo” (LOBATO, 1950, v. 8, p. 188), pois ela mandara empastelar os prelos no Brasil colônia (LOBATO, 1950, v. 6, p. 170).

Depois de ter impresso *Urupês* (1918), constatando a falta de pontos de distribuição, Lobato redige uma circular e remete-a a 1.200 pontos de venda, sugerindo a venda por consignação e aumentando de quarenta para mil e duzentos os pontos de venda do livro, na década de 20. *Urupês*, mais do que

um livro, é a pedra fundamental da indústria do livro brasileiro que, até então, era em grande parte impresso em Portugal.

Como editor e empreendedor, considerava o livro como uma mercadoria que precisava ir ao encaixe do comprador. Marisa Lajolo (1982) destaca o pioneirismo de Lobato como editor, ao fazer com que o livro encontrasse o público. “O nosso sistema não é esperar que o leitor venha; vamos onde ele está, como o caçador. Perseguiamos a caça”, afirma (v. 12, p. 239). Fugia da uniformidade das brochuras amarelas, conforme padrão francês em voga, editando livros com capas cartonadas e coloridas. Jogava com o formato dos livros, editando, em 1922, o livro de contos *Andorinhas*, de Rangel, no formato 12 cm x 8 cm.

Eis como sintetiza, em 1946, em carta a seu biógrafo Edgard Cavalheiro, a sua participação como magnata do livro do Brasil:

Parece incrível, mas a vida literária do Brasil, de 15 a 25, girou em redor de mim e da minha editora. Pelas cartas verás isso. Não havia quem não me procurasse, e eu ia lançando nomes e mais nomes novos, depois de **haver aberto o país inteiro à entrada de livros**. Aquela história de pular das trinta e tantas livrarias que tínhamos pelo país inteiro, **únicos pontos onde se vendiam livros**, para os 1200 e tantos consignatários de Monteiro Lobato & Cia., foi uma das etapas da emancipação cultural do Brasil. (LOBATO, 1959b, v. 2, p. 189; grifo do autor).

Já em depoimento a Joel Silveira, Lobato rememora um trecho da carta circular:

Vossa senhoria tem o seu negócio montado e quanto mais coisas vender maior será o lucro. Quer vender também uma coisa chamada “livro”? Vossa Senhoria não precisa inteirar-se do que essa coisa é. É um artigo comercial como qualquer outro, batata, querosene ou bacalhau. E como Vossa Senhoria receberá esse artigo em consignação, não perderá coisa alguma no que propomos. Se vender os tais “livros”, terá uma comissão de 30%; se não vendê-los, no-los devolverá pelo correio, com o porte por nossa conta. Responda se topa ou não topa. (v. 13, p. 179 sq; p. 213).

Ao expandir o comércio do livro, contribuía para o desenvolvimento da leitura e da cultura, mas também consolidava a idéia de que vender livros era

uma atividade que gerava lucros. Lobato atuava em duas frentes: a da modernização da sociedade e a da divulgação da cultura. Na intersecção dessas duas linhas, colocava a criança, o novo sujeito de sua utopia, mas também sujeito consumidor, para criar a sociedade tecnizada e culta no Brasil.

#### **4.1.4.3 Conquista de uma nova fonte de matéria-prima**

A modernização dos processos siderúrgicos brasileiros teve como propulsor um literato que, além de escrever sobre o ferro e o petróleo, transformou-se em empresário, arrebanhou técnicos, movimentando-se em altos escalões internacionais, com interlocutores como Edsel Ford, filho de Henry Ford. Em carta de Nova York, de 3/05/1928, exclama: “Em Detroit passei a semana mais maravilhosa da minha vida e vi todas as grandezas possíveis e inimagináveis. Almocei com Edsel Ford na célebre mesa-redonda dos *offices* da Ford onde se reúne o *staff* da fábrica. Que homens! Que cérebros! São a matéria cinzenta daquela monstruosa, no bom sentido, organização.” (1986a, p. 153).

Para o escritor, está muito claro que o Brasil tem petróleo, numa extensão tal que até o corrente ano de 2003 suas previsões não se confirmaram. Por isso, a propalada não existência do mesmo em território nacional por parte das autoridades do setor, provoca a ironia lobatiana:

Quer dizer que a América é um continente todo ele petrolífero, de norte a sul, da ponta alêutica ao extremo patagônico. Mas a natureza, há milhões de anos atrás, quando o petróleo entrou a formar-se, refletiu consigo que numa área de 8.500.000 quilômetros quadrados desse continente iria formar-se um país chamado Brasil, e determinou que o petróleo circundasse de todos os lados essa área imensa mas não lhe transpusesse as fronteiras. Eis porque não temos petróleo. A natureza previu que íamos existir e no-lo denegou por antecipação, para que gozásemos da delícia de sermos eternos compradores do combustível alheio. (v. 7, p. 43)

O mesmo ocorre com o ferro: “Pareceu-me que um fado safado condenava-nos ao suplício de possuímos 23% do minério de ferro do mundo e termos de comprar quanto prego e alfinete necessitávamos para irmos remendando nossas coisinhas.” (v. 7, p. 237).

Observamos, ao analisar os itens propostos por Schumpeter, que Lobato pode ser enquadrado como empresário típico. Seu projeto, porém, não foi aceito, como também previa Schumpeter, ao falar dos projetos dos desbravadores. O que é pior: sofreu represálias. Foi processado por injúria às autoridades, por ligações comerciais com elementos estrangeiros<sup>172</sup> e por crime contra a economia popular. Sujeito à pena de detenção, teve seu escritório vasculhado e documentos apreendidos. Mantido em detenção preventiva e condenado, em segunda instância, a seis meses de prisão, foi indultado depois de três meses de cumprimento da pena.

Uma carta confidencial a Getúlio, em maio de 1940, foi a gota d’água que provocou a condenação de Lobato a seis meses de prisão, por “audaciosa e injustificável irreverência” (LOBATO, 1986a, p. 233). Absolvido em primeira instância, outra carta espirituosa do escritor (acompanhada de uma caixa de bombons) ao General Horta Barbosa, presidente do Conselho Nacional do Petróleo, levou-o de volta às grades, onde cumpriu pena de noventa dias. Nem assim, Lobato dá-se por vencido, tal a força de suas convicções: “O general do Petróleo houve por bem proporcionar-me uma estadzinha aqui, de descanso, à vista das minhas atividades epistolares”, escreve ele a seu amigo, o desembargador Paulo de Oliveira Costa, da Casa de Detenção, em 26/3/1941 (LOBATO, 1986a, p. 236).

Apesar de ter lutado por intermédio da fundação de empresas e de vasta obra documental, seu nome é ignorado nos estudos sobre a industrialização brasileira e não são poucos os que o consideram um “escritor prescrito”. Apenas num país de memória curta como o nosso, isso é concebível.

---

<sup>172</sup> Lobato procurou técnicos na Argentina, nos Estados Unidos e capital na Alemanha.

Guardadas as devidas proporções, alguém jamais ousou pensar, na França, que Balzac está prescrito?

#### **4.1.5 Modernização à Lobato: Implantação da indústria pesada brasileira**

Lobato pretendia promover a modernização do Brasil rural e urbano. Ubíquo, o escritor lança-se em várias frentes, como assinalou Cassiano Nunes: Também é sanitarista, prolongando a luta de Oswaldo Cruz pelo saneamento básico (*Problema Vital*<sup>173</sup>); economista, em *Mr. Slang e o Brasil* (1927); metalurgista, em *O Ferro* (1931); jornalista, em *Na Antevéspera* (1933); petroleiro, em *O Escândalo do Petróleo: depoimentos apresentados à Comissão de Inquérito sobre o Petróleo* (1936).

Eis como ele sintetiza o projeto de modernização do campo, no livro *História das Invenções*.

[...] Nós cá do sítio ainda estamos atrasados em matéria de luz. Ainda usamos o querosene. Mas deixe estar. No dia em que o café subir, eu compro um dínamo para aproveitamento da queda d'água da cachoeirinha do pasto. E havemos de ter luz elétrica excelente e força elétrica para o nosso rádio, em vez dessas baterias incômodas, e para mover minha máquina de costura, e para um batedor de ovos na cozinha, e para um ventilador, e para um ferro elétrico, e para uma geladeira, e para um aspirador de pó, e para uma enceradeira. Quanta coisa! Tudo isso lá se está perdendo naquela cachoeirinha do pasto [...]. (LOBATO, 1982, p. 1858).

Depois de ter criticado o homem (Jeca Tatu), as condições sanitárias (*Problema Vital*), depois de ter iniciado uma obra de educação das crianças, escrevendo para elas uma enciclopédia (livros que integram a série *Sítio do Picapau Amarelo*), Lobato está persuadido de que o problema brasileiro é econômico. “Indispensável nos compenetrarmos de uma vez para sempre da

---

<sup>173</sup> O livro *Problema vital* reúne artigos da campanha em prol do saneamento básico, publicados sob o patrocínio da Liga Pró-Saneamento do Brasil, de Belisário Pena, sob a rubrica da Editora *Revista do Brasil*.

grande verdade: — nosso problema não é político, nem racial, nem climatérico, mas pura e simplesmente econômico”. (v. 7, p. 246)

O escritor sofreu o impacto ou a vaga das idéias de seu tempo dentro de uma perspectiva econômica liberal . Se a leitura juvenil da obra de Nietzsche corroborara a idéia do “super-homem” — antítese do Jeca Tatu, símbolo do sub-homem, do homem de cócoras, do trabalhador rural que incendiava as terras, por não saber cultivá-las —, na idade madura, o liberalismo americano dá-lhe a idéia de que o bem coletivo nasce da busca individual, do *self made man*, da iniciativa privada, da presença mínima de um Estado forte na economia.

Por que suas idéias não são aceitas? Ele fazia parte do círculo de poder do Estado e foi por ele demitido (1930). Muito provavelmente, suas jermiadas foram uma voz discordante do projeto de Vargas. Historicamente, Vargas implantou outro projeto.

A questão do petróleo é emblemática. Lobato queria petróleo, ou melhor dizendo, a industrialização do setor petrolífero brasileiro, para mover a máquina, inclusive as suas. Seu conceito de máquina era amplificar o trabalho, ou seja, aumentar a produtividade homem/hora e gerar lucros. Ora, abrir poços, transmitir o conhecimento sobre isso — dada a perspectiva pedagógica que perpassa toda a vida e a obra do autor —, criar efetivamente o setor petrolífero brasileiro, com tudo o que isso envolve, no cenário varguista dos anos 30, parece uma utopia. Em 1930, vender petróleo para quem, se era mais barato importar dos dois *trusts* que monopolizavam o produto: a Standard Oil e a Royal Dutch & Shell? Como implantar a indústria pesada, se isso dependia de planejamento estatal e de somas vultosas, que deviam ser obtidas com a exportação — sempre problemática — de produtos primários? O modelo brasileiro era agro-exportador e ainda não se falava em substituição das importações.

Durante o Estado Novo, Vargas mal mexe na questão do petróleo: apenas cria, em 1938, a Comissão Nacional do Petróleo, diretamente subordinada à

presidência, em vez de subordinar o petróleo ao Departamento Nacional de Produção Mineral, do Ministério da Agricultura. A Petrobrás, empresa estatal responsável pelo monopólio da extração do petróleo brasileiro, só foi criada no último governo de Getúlio Vargas, em 1953, depois de intensa mobilização popular, quase vinte anos depois das investidas lobatianas, portanto; e numa perspectiva totalmente diferente, pois Lobato queria o setor petrolífero nas mãos da iniciativa privada, como nos Estados Unidos. Só no final do século XX, muda o modelo: há abertura comercial e competitividade industrial. Agora, o setor petrolífero brasileiro abriu-se à exploração estrangeira; a Petrobrás deixa de ter o monopólio e poderá contar com a concorrência de empresas internacionais na exploração do nosso petróleo.

A indústria do ferro da época servia a quem? Como implementar a indústria pesada, se nem a indústria de bens de consumo duráveis — automóveis, eletrodomésticos — estava pronta, fato esse que só seria realizado com o plano de metas<sup>174</sup> de Juscelino Kubitschek, nos anos 50? Também no setor do ferro, Lobato enfrentou forte concorrência da empresa americana Itabira Iron, no Brasil desde 1911, que pretendia monopolizar o setor e inviabilizou os projetos do escritor. Apesar de ter criado a Comissão Nacional de Siderurgia em agosto de 1931, só a partir de 1937 Vargas definirá sua posição em relação à siderurgia pesada, já que a posição do Brasil na divisão internacional do trabalho — exportador de produtos primários e importador de produtos manufaturados — não lhe facultava o acesso ao setor de meios de produção.

---

<sup>174</sup> Plano Nacional de Desenvolvimento implementado no governo Juscelino Kubitschek na década de 50, programa com 31 objetivos dentre os quais se destacam a criação de hidrelétricas (Furnas e Santa Maria), a implantação da indústria automobilística, a ampliação da

## 4.2 A Era Vargas

### 4.2.1 Não implantação da indústria pesada brasileira: industrialização truncada

A intervenção de Lobato na cena industrial verifica-se concomitantemente à implantação do Estado Novo. E por que esse Estado é Novo? Na Primeira República, o Brasil foi governado pelas oligarquias que se revezavam no poder<sup>175</sup>. Isso quer dizer que não havia um Estado nacional, mas que este era usado pelas forças locais, em proveito de seus interesses próprios<sup>176</sup>. A fraqueza do Estado brasileiro tem sua origem no Brasil colônia, com a divisão do país em capitanias hereditárias quando, pela incapacidade de a Coroa manter o controle do extenso território, repassou a administração à iniciativa privada, aos donatários. Quando Vargas tomou o poder, assumiu a tarefa de organizar o Estado centralizador, para combater o poder regional. O retrato do poder regional no Brasil aparece na nossa literatura, por intermédio do duplo coronel/jagunço.

No início da década de 30, o Governo Vargas passou a desempenhar o papel de agente econômico, seja como regulador (intervenção no sistema de crédito, política cambial, controle de preços, política tributária e salarial), seja como produtor direto, fundando empresas estatais para atuar tanto no campo siderúrgico quanto no mineração, setores que implicam investimentos maciços, de longa fase de maturação, só suportáveis pelo Estado. Para enfrentar a

---

produção de petróleo, a construção da nova capital, o desenvolvimento da infra-estrutura de transporte e comunicações. O slogan desse governo era: “50 anos em 5”.

<sup>175</sup> Darcy Ribeiro, em *O Povo Brasileiro* (1997, p. 403) afirma: “A oligarquia cafeeira, como detentora dos maiores poderes políticos no período imperial e no republicano, é responsável por algumas das deformações mais profundas da sociedade brasileira. A principal delas decorre de sua permanente disputa com o Estado pela apropriação da renda nacional, da sua arraigada discriminação contra os negros escravos ou forros e contra os núcleos caipiras que lhe resistiam, bem como contra as massas pobres que cresciam nas cidades.”

<sup>176</sup> Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil* (1936), faz uma análise do Estado brasileiro, apoiado em Max Weber, que distingue entre Estado patrimonialista (confusão entre o

escassez de divisas, o volume exigido de recursos, a falta de tecnologia, foi necessário criar empresas estatais. Por isso, o petróleo só passa a ser explorado quase duas décadas mais tarde. (ALENCAR, 1996, p. 324).

Nesse cenário, desembarca dos Estados Unidos um homem que quer implantar o capitalismo industrial em termos privados. Entender o fracasso de Lobato significa partir para uma análise da formação do Estado brasileiro.

Além de problemas políticos, má administração e corrupção, a natureza do modelo econômico vigente na época — modelo agro-exportador, foi outro obstáculo para a não implantação da indústria pesada brasileira. O Brasil ainda precisará dar alguns saltos para chegar ao modelo da substituição das importações num contexto de industrialização restringida, e isso o autor não antevê, baseado que está numa comparação com a economia americana, que está em outro estágio do desenvolvimento das forças produtivas e que tem outro papel na divisão internacional do capitalismo.

Lobato se esquece, muito provavelmente, da divisão econômica mundial: a de centro e de periferia. Ele não se dá conta de que a economia brasileira ingressa tardiamente no capitalismo internacional, porque não tem as mesmas condições estruturais das economias centrais. O passado escravagista, a lentidão no assalariamento e na formação do mercado interno, a ausência de infra-estrutura urbana, a característica rural da maioria da população brasileira, e a presença histórica das oligarquias rurais datadas do colonialismo canavieiro, no Nordeste, e cafeeiro, no Sul, são as principais diferenças entre os dois modelos.

Existia o petróleo, existia o minério de ferro, mas não se dá a industrialização de ambos, no momento da luta obstinada de Lobato, por várias razões: inserção na divisão internacional do trabalho, ausência de mercado interno, barateamento das importações, ausência de capital nacional para suporte dos investimentos pesados, ausência de progresso técnico, e de mão-

---

público e o privado) e Estado burocrático (Estado técnico, visando às garantias jurídicas dos cidadãos). Segundo Sérgio Buarque, o Estado brasileiro caracteriza-se por ser patrimonialista.

de-obra qualificada, cartéis do petróleo que agiam com o aval do governo brasileiro, entre outros. Extrair petróleo não se tratava simplesmente de um ato de voluntarismo. Não adiantava sair criando companhias siderúrgicas e furando poços. Havia necessidade de um planejamento industrial integrado, que o país não estava apto a implantar.

O processo de industrialização brasileiro é conhecido pelo nome de substituição das importações. Na época, o país tinha dificuldades de exportação, devido à queda da cotação do café e das dificuldades internacionais geradas pela crise de 30 e, depois, pela Segunda Guerra. Sem exportar, não há divisas para importar. É nesse contexto de dificuldades para exportar e para importar que o país começou a substituir artigos estrangeiros por produtos de fabricação nacional. Não se objetivava promover totalmente a industrialização. Trata-se do fenômeno que os economistas chamam de “industrialização truncada ou restringida”, isto é, produzia-se internamente bens que exigiam tecnologia menos sofisticada. Mas, a partir de 1933 a 1939, a indústria nacional cresceu 11,3%, enquanto que a agricultura, apenas 1,7%. A industrialização ganhava impulso.

No período de 1930 a 1945, além das políticas centralizadoras e estatizantes, que colocavam a economia sob tutela do Estado, uma série de medidas como contrato coletivo de trabalho, a criação de leis trabalhistas e o salário mínimo, também visavam a promover o controle social e faziam parte da implantação do capitalismo de Estado no Brasil, pois melhorando as condições da reprodução da força de trabalho e do consumo (por intermédio de salários), também se fortalecia o capitalismo.

A implantação da industrialização no Brasil, primeiro sob a forma de industrialização restringida e, depois, a partir da década de 50, da indústria de base, é estudada por Sonia Draibe (1985, p. 100; grifo da autora), que afirma:

Restam, hoje, poucas dúvidas sobre o fato de que, entre 1930 e 1945, no mesmo período em que se desencadeava a primeira fase da industrialização brasileira — a *industrialização restringida* —, amadurecia também um projeto de

industrialização pesada. Naquele momento, a ação estatal foi decisiva tanto no desenvolvimento econômico real quanto na tentativa de definir o processo e tomar a iniciativa da instalação das indústrias de base no país.

Lobato tinha um projeto de sociedade técnico-científica que previa a expansão da iniciativa privada. Esse projeto era o contrário da política varguista, período durante o qual o empresário agiu. Por isso, seu modelo desenvolvimentista não encontra ressonâncias no fechado circuito do poder. Ao Vargas estatizante e populista, opõe-se um Lobato individualista e liberal. Daí, o fracasso de suas investidas no setor econômico brasileiro.

Vargas promoveu a estatização, monopolizou o petróleo, encampou as empresas petrolíferas existentes na década de 40, sem sequer indenizar os acionistas. Com a implantação do Código de Minas, o proprietário da terra foi destituído do direito à exploração do subsolo, o que contraria toda a política lobatiana no setor<sup>177</sup>. A respeito dessa lei, que coíbe a exploração do subsolo por particulares, a cólera de Lobato se expressa, no seu estilo opulento: “Lei labirinto de Creta. Lei cipó arranha-gato. Lei serpes de Laocoonte. Lei arapuca. Lei mundéu. Lei trapa. Lei gramaticida. Lei matapau. Lei rolha. Lei atentado de lesa-pátria, de lesa-direitos, de lesa-bom senso, de lesa-dignidade humana [...]” (v. 7, p. 12).

Com Vargas, a instauração do capitalismo no Brasil tornou-se questão do Estado e não da iniciativa privada. O executivo federal interveio fortemente no setor econômico, mediante a criação de empresas no setor de infra-estrutura. Esse comportamento intervencionista e centralizador opunha-se à organização federal e à livre iniciativa. Basta lembrar que as bandeiras estaduais foram queimadas em praça pública, durante uma comemoração ao Dia da Bandeira. Enquanto 22 bandeiras brasileiras foram içadas em 22 mastros, simbolizando os 22 estados da nação, numa pira foram queimadas as estaduais e municipais, durante uma missa campal que tinha no altar, por deidade, uma enorme

---

<sup>177</sup> Lobato estava convencido de que essa lei fora insuflada pela Standard Oil, para opor obstáculo ao setor petrolífero nacional. (1959b, v. 2, p. 16).

bandeira brasileira. Para fortalecer o poder central, aboliram-se, pela constituição, os hinos e bandeiras estaduais e municipais e os partidos políticos. Os partidos, a partir de agora, deixam de ser regionais (os PRP), e aspiram a tornar-se partidos com expressão nacional.

No governo de Getúlio Vargas foram criados inúmeros conselhos técnicos centralizadores e empresas estatais, tais como: Conselho Nacional do Café (1931), Instituto Nacional do Açúcar e do Alcool (1933), Departamento Nacional de Produção Mineral (1934), Conselho Nacional do Petróleo (1938), Companhia Siderúrgica Nacional – Volta Redonda (1941), Companhia do Vale do Rio Doce (1942). Isso sem falar em institutos de menor envergadura, como o do Sal, do Mate e do Pinho. Esses dados mostram a onipresença do Estado em setores-chave da produção.

O maior problema de Lobato foi, entre outros, querer transpor, de forma quase automática ou imediatista, o modelo de desenvolvimento econômico da Era *New Deal* para a Era Vargas. São cenários bastante distintos, como vimos. A idéia mistificadora da transposição mecânica do modelo americano, para além da ingenuidade, deixa entrever que o autor, apesar da qualidade de certas idéias, de seu visionarismo ou de sua utopia, talvez não conhecesse suficientemente a sua própria nação, o seu passado, o seu contexto na economia da época.

### **4.3 Lobato & Vargas: Conexões**

Os utopistas opõem-se e, ao mesmo tempo, gravitam em torno do poder. Para implantar seus projetos econômicos no Brasil, Lobato afrontou o poder estabelecido, questionando sua legitimidade. Sugeriu, certa vez, que se suprimisse o ministério da Agricultura (“tênia burocrática”<sup>178</sup>) — a que se subordinava o Departamento Nacional de Produção Mineral, leia-se Petróleo — e se arrasasse a sua sede.

Foi adido comercial em Nova York no governo de Washington Luís e correspondente de Getúlio Vargas, a quem tentou, inutilmente, insuflar suas idéias sobre o ferro e o petróleo. Vale lembrar que Washington Luís tinha sido deposto por golpe militar e Vargas assumira, em seguida, o governo provisório. Lobato, adido comercial de um governante (Washington Luís), imediatamente volta-se para o outro (Getúlio Vargas), pois só lhe interessava propor soluções para o problema nacional, inspirado nas idéias americanas. No final da vida, tentou fazer com que Ademar de Barros implantasse o georgismo em São Paulo. Em 1947, morando na Argentina, escreveu, sob o pseudônimo de Miguel P. Garcia, um *best seller* de propaganda política: trata-se do livro *La Nueva Argentina*, onde explica às crianças argentinas o plano quinquenal de Perón.

A respeito do flerte dos utopistas com o poder, Trousson (1979, p. 17) fala da “ingenuidade de alguns utopistas que ofereciam aos poderosos de seu tempo a maquete imaculada de sua cidade.” Platão sonha convencer o tirano Dionísio, o Velho, que um bom governo se faz com leis e com sabedoria. Fracassa e, mais tarde, tenta influenciar seu filho, Dionísio II, igualmente sem resultados, conforme já vimos no capítulo primeiro. Campanella também tentou influenciar o rei da Espanha e Harrington dedicou a Cromwell seu *Oceana*, como nos ensina Trousson (1979, p. 17).

Guardadas as devidas proporções, pode-se dizer que foi o caso de Lobato. Assim como Platão pretendia influenciar o tirano Dionísio com a *República*, Monteiro Lobato também era lobbista, queria “vender o seu peixe” ao governo Vargas. Era íntimo do poder e queria influenciá-lo. Encontrava-se, assim, numa posição ambígua: conselheiro e adversário.

Como já vimos, no governo de Washington Luís, está mais próximo do poder, tanto é que consegue ser nomeado adido comercial em Nova York. Encampa a tese desse político, de que “governar é abrir estradas”, veias que levam o sangue vital às diversas regiões, combatendo a esclerose política e o separatismo. Mas vibra com sua deposição, que ele associa à queda do

---

<sup>178</sup> Em *Caçadas de Pedrinho*, também se ironiza a burocracia brasileira.

perrepismo em São Paulo, conforme vemos em carta de 22 de novembro de 1930, onde saúda a chegada de Getúlio ao poder:

O entusiasmo que o expurgo desse flit feito homem que se chama Getúlio Vargas operou no Brasil dá-me ganas de beijar as mãos de quanto rio-grandense exista pelo mundo [...]. Foi preciso que o pampeiro da indignação trouxesse do Sul uma onda de centauros para que ele criasse ânimo e arreganhasse os dentes. Bastou isso. Aparentemente invencível, a horda de parasitas sorverteu-se, como diz o caboclo. (LOBATO, 1986a, p. 213).

Em uma carta, não datada, mas provavelmente do início da Era Vargas, ele encaminha um livro a Getúlio. Trata-se certamente de *Ferro* (1931), que tem como subtítulo *A solução do problema siderúrgico do Brasil pelo processo Smith* (artigos publicados em *O Estado de São Paulo*, em 1931). Lobato colocava-se no papel de conselheiro, de eminência parda, soprando nos ouvidos do poder, o seu projeto para o Brasil.

Vejamos como encaminha o seu livro ao presidente, ao mesmo tempo aconselhando-o e instando-o a adotar as medidas propostas;

Se num momento de sua próxima viagem ao Sul o senhor puder ler meditar sobre as idéias centrais do livro que mando, as conseqüências poderão ser de valor imenso para o nosso país.

[...].

Dê-me o seu apoio *convicto* — e resolveremos o problema máximo do Brasil — o do carbono: em seguida resolveremos o do ferro. Feito isso, todos os mais problemas se solverão por si, automática e necessariamente.

[...].

Leia e medite nas idéias centrais do meu livrinho, e de volta da sua viagem ajude-me a fazer de sua presidência a Grande Presidência. (LOBATO, 1986a, p. 137-138).

Qual era efetivamente a relação de Lobato com o Estado de Vargas? Era, no mínimo, uma relação ambígua. Na década de 30, o escritor paulista foi um tradutor de idéias americanas para a economia de Vargas, graças a uma vasta correspondência, que inclui cartas, memoriais, relatórios, cujo intuito era expor

desde uma visão de modernização da economia, até um novo papel do Brasil na divisão internacional do trabalho.

Em 1930, Lobato foi exonerado por Getúlio Vargas do cargo de adido comercial em Nova York. Voltando ao Brasil, iniciou a campanha pela produção de ferro e de petróleo no país, empreendendo verdadeira cruzada epistolar dirigida a Vargas. Já em 9/12/1930, apenas dois meses, portanto, da tomada do poder por Vargas e da deposição do presidente Washington Luís, Lobato escreve uma carta relatório, prestando contas de sua atuação nos Estados Unidos. Nessa carta, aponta a fragilidade da balança comercial brasileira, devido à importação de trigo, ferro e combustível.

Além do ferro, aborda nessa carta o problema do petróleo. Insiste no fato de que os monopólios internacionais não querem concorrência na prospeção do petróleo. Os relatórios de técnicos brasileiros indicando a inexistência do óleo seriam, na sua opinião, subornados pelas Companhias internacionais, como a Standard Oil.

Enquanto o petróleo não for descoberto, aconselha a que o Brasil importe óleo cru da Rússia, interessada na troca do excedente de café brasileiro por aquele produto. A importação de óleo cru obrigaria o Brasil a promover o refino, etapa inevitável de industrialização, uma vez descoberto o petróleo.

A questão do que fazer com o excesso de oferta cafeeira é bastante ilustrativa da posição de Lobato em relação ao Estado. Não se intimidava em bater à sua porta e lhe fazer propostas que, em geral, recebiam como resposta o silêncio.

Durante a Primeira República, o Estado brasileiro, controlado pelas oligarquias cafeeiras, sustentava artificialmente a monocultura do café, pela compra e estocagem do produto a preços superfaturados. Queimaram-se ou jogaram-se ao mar<sup>179</sup>, durante anos consecutivos, cerca de 80 milhões de sacas de café, numa espécie de “indústria da queima”, ou “socialização das perdas” (VIZENTINI, 1983, p. 17), sendo o ônus pago pela sociedade brasileira,

em detrimento dos barões do café, seus beneficiários. Em nenhum momento, cogitou-se inverter essa superprodução no mercado nacional ou mesmo internacional.

Por que queimar café — clamava Lobato — se era possível uma troca por combustível com a Rússia, por intermédio de uma firma sediada na Argentina, já que não mantínhamos relações diplomáticas com aquele país?

Mais tarde, lembrando esse episódio, no *Diário de São Paulo*, em 1935, ele desabafa, lembrando que nem uma resposta de cortesia lhe fora dada:

O primeiro ímpeto de quem estuda o caso da queima do café no Brasil é rescrever o livro de Salter Pitkin, “Breve introdução à História da Estupidez Humana”, a fim de acrescentar o capítulo que falta. [...].  
*A queima de 80 milhões de sacas de café brasileiro foi feita porque o convinha ao jogo financeiro do capitalismo anônimo que se interpõe entre a produção e o consumo.* (v. 7, p. 23; grifo do autor).

Também o problema do babaçu preocupou Lobato. Na carta referida anteriormente, conta que, nos Estados Unidos, fez construir uma máquina e a testou, com cocos que fez vir do Brasil. Expõe seu projeto a Vargas, alertando apenas que, se adotada a sua máquina, apenas o excesso de tributação poderia obstar o projeto, tornando-o pouco competitivo, como ocorrera com a nossa borracha.

Nota-se, assim, que Lobato coloca-se como paladino da industrialização brasileira, justamente na década em que o Brasil dá um salto nessa direção. Oriundo da oligarquia cafeeira, abandona a agricultura pela industrialização, tornando-se empresário do setor gráfico e, posteriormente, investindo na indústria pesada.

As cartas a Getúlio se acumulam. Em 1931, volta a escrever a Getúlio, para explicar-lhe o processo Smith de produção de aço, conhecido como ferro esponja. Nesse momento, Lobato ainda está muito esperançoso, subserviente,

---

<sup>179</sup> Cf. Alencar (1996, p. 309), entre 1931 e 1944, queimaram-se 78.214.000 sacas de café.

confiando na política de Getúlio Vargas. Falando-lhe do memorial que enviara sobre o ferro, reitera:

No Memorial só existem fatos. Nada ali é opinião, minha ou de quem quer que seja. Os dados estatísticos, os algarismos referentes a preços de custo, etc. são do mais absoluto rigor — e quem pretender contestá-los cumpre destruí-los com outros de igual rigor. [...].

Que a vontade de V. Excia. na solução do nosso problema básico não vacile, como não vacilou no momento de rasgar o tumor político, são os votos de quem, cheio das mais altas esperanças, se assina,  
Soldado de V. Excia. na Segunda Revolução. (LOBATO, 1986a, p. 166).

Nota-se, até pela assinatura, que Lobato se colocava dentro das hostes da Revolução de 30. Só que ele aguardará, em vão, por uma resposta. A recepção de seu “Memorial sobre o problema siderúrgico brasileiro”, por parte de Getúlio, lembra a do relatório de Policarpo Quaresma, por parte do Marechal Floriano Peixoto.

Em 29/1/1935, escreve a Getúlio falando de relatório confidencial que lhe encaminhara por intermédio de Ronald de Carvalho, para denunciar manobras da Standard Oil em conjunção com membros do Serviço Geológico Nacional, contra a prospeção de petróleo em solo brasileiro.

O assunto é extremamente sério e faz jus ao exame sereno do Presidente da República, pois que as nossas melhores jazidas de minérios já caíram em mãos estrangeiras e no passo em que as coisas vão o mesmo se dará com as terras potencialmente petrolíferas. E já hoje ninguém poderá negar isso visto que tenho uma carta em que o chefe do serviço geológico da Standard ingenuamente confessa tudo, e declara que a intenção dessa companhia é manter o Brasil em estado de “escravização petrolífera”. (1959b, v. 1, p. 344).

Em 26/02/1935, volta a escrever, insistindo na siderurgia baseada no ferro esponja e propondo, entretanto, que o nosso minério fosse enviado aos Estados Unidos, para lá ser transformado em chapas de aço. É a luta contínua pela industrialização e pela instalação da indústria de bens duráveis no Brasil.

O flerte com Getúlio continua. Este, como bom manobrista, não descartava nem atendia Lobato. De um lado, o político manipulador, tencionando cooptar o intelectual; de outro, o homem de ação, disposto a tudo para a implantação de seus projetos.

Em carta de 13/02/1935, falando de sua denúncia sobre a possível cumplicidade do Serviço Geológico com a Standard Oil, que teria infiltrado no serviço brasileiro dois espiões de sua confiança, Victor Oppenheim e Mark Malamphy, confidencia a Artur Neiva:

Estamos agora com todos os elementos de sucesso nas mãos, e cheguei até a conquistar o Getúlio. Ele chamou-me em fins do ano passado e tivemos uma conferência importantíssima (e acabou levando-me ao teatro). Quer que eu dirija um novo departamento que ele vai criar e cuja função será provocar a entrada de capitais estrangeiros. Inda ontem recebi dele uma carta dizendo que a coisa está demorando porque tenciona habilitar-me com todos os recursos necessários. Tudo isso é reservado. Ouça e esqueça. (LOBATO, 1986a, p. 185).

Em 17/07/1935, em carta a Artur Neiva, sentimos que a relação com Getúlio começa a se deteriorar. Lobato esperava convencê-lo, e Getúlio, cansando-o com as tergiversações, não desistindo de cooptar o imenso potencial propagandístico que significava a adesão do escritor consagrado.

Sinto-me tão cansado... Os inimigos são tantos... Além disso, perdi em absoluto a esperança de se fazer algo em nossa terra. Todo esforço inteligente, sensato e bem-intencionado é inútil. Getúlio convidou-me para organizar o Ministério da Propaganda — mas depois que lhe expus as minhas idéias, horrorizou-se. Eu pensava em tudo o contrário dele. (LOBATO, 1986a, p. 189).

Em 19/8/1935, escreveu nova carta a Getúlio Vargas, denunciando a sabotagem que vitima sua empresa Companhia Petróleos do Brasil, pois restrições e decretos públicos paralisam-lhe a atividade.

Na campanha presidencial de 1937, com a candidatura do político e escritor José Américo de Almeida (*A Bagaceira*), é a vez de Lobato mudar de rumo, expondo-lhe seu projeto de modernização, como o fizera em relação a

Vargas, em uma longa carta, onde lhe sugere departamentos a serem criados e até que tipo de homens devem dirigi-los:

Está nas mãos do Dr. José Américo dar petróleo ao Brasil imediatamente, apenas com o anúncio de que fará do petróleo ponto de destaque do seu programa de governo, e também, quando for governo, com atos que demonstrem a decisão firme de não pactuar com o passado. E que glória não será para o seu governo lançar assim os alicerces do Brasil Novo, o Brasil Grande, o Brasil Motorizado e vencedor do nosso grande inimigo, a Distância. (LOBATO, 1986a, p. 144).

A partir do golpe de 1937, Vargas continua no poder. Lobato não tem caminho a não ser retomar sua ladainha. Recrudescem as cartas, onde o escritor, sem meias-palavras, denuncia a “camorra” incrustada nos organismos oficiais. Escreve a “Carta Aberta ao ministro da Agricultura”, cujo subtítulo é “porque o Brasil não tem petróleo” (1939), publicada com grande repercussão nos principais jornais.

Invocou-se a Comissão de Inquérito sobre o Petróleo, para apurar as denúncias de Lobato, que acusa o Conselho Nacional de Petróleo (CNP), subordinado agora diretamente à presidência e presidido pelo General Horta Barbosa, de “não tirar petróleo nem deixar que o tirem”. Acusa o órgão de sabotagem e aponta a “camorra” nele enquistada. Uma das peças do depoimento de Lobato foi a carta de Harry Koller, ex-geólogo da Standard Oil na Argentina<sup>180</sup>. Contrariamente ao que aconteceu nos Estados Unidos quando, depois do primeiro poço descoberto pelo Coronel Drake, começou a febre do petróleo, quando se localizou petróleo na Bahia, o CNP mandou fechar o poço e parar as investigações.

Em 1940, sobre o mesmo assunto, escreve carta ao general Góis Monteiro, chefe do Estado-maior do Exército, homem todo poderoso, que liderara as tropas durante a Revolução de 30, no Rio Grande do Sul

---

<sup>180</sup> Semanas depois de publicada sua carta, Koller foi encontrado morto num quarto de hotel em Buenos Aires

(AZEVEDO, 1997, p. 294). O próprio Lobato comenta, no livro *O Escândalo do Petróleo*, a resposta:

Não tardou a resposta do general Góis Monteiro, amável e inteligente. Resposta política. A resposta do Presidente veio onze meses depois e sob forma para mim inesperada. Em abril de 1941. Ao tomar o ônibus da tarde para casa, comprei um a “Folha da Noite”. Mal a abri, dou com o meu retrato na primeira página, ilustrando uma notícia de sensação, a avaliar pelos grandes títulos e subtítulos. Era um telegrama da sucursal do Rio, dizendo o seguinte:

O procurador do Tribunal de Segurança, sr. Goulart de Andrade, apresentou a seguinte denúncia contra o escritor Monteiro Lobato, processado pelo mesmo Tribunal, por crime de injúria à pessoa do presidente da república, ao Conselho Nacional do Petróleo e ao Departamento Nacional de Produção Mineral. (v. 7, p. 189).

Ainda da cadeia, escreve a Vargas, no dia do aniversário deste, dando-lhe conselhos sobre o petróleo: Lobato aceita a nacionalização (que só ocorrerá no segundo governo Vargas, em 1953, com a criação da Petrobrás, auge da ação interventora do Estado na economia), mas sugere, então, que as empresas nacionais do setor sejam encampadas e seus acionistas ressarcidos. Escrever da cadeia, insistindo na mesma tecla que para lá o levava, dá-nos a impressão de quão monomaniaco<sup>181</sup> estava Lobato nesse momento.

Eis um trecho da carta, escrita da prisão, para o próprio carcereiro:

Dr. Getúlio:

Amanhã é dia de seus anos. Quero dar-lhe um presente. Esse presente é uma idéia. Essa idéia é a seguinte: Assim como o governo fundou a Cia Nacional Siderúrgica<sup>182</sup>, com 500 mil

---

<sup>181</sup> Cassiano Nunes sublinha que Lobato, às vezes, beirava “o grau de mania, de obsessão: seu lema na campanha era *“Oil or hell”*. (NUNES, 1981, p. 75) . O escritor ia buscar ajuda lá onde podia encontrar, mesmo que tivesse que pactuar com o poder, tal a força de suas convicções, o que nos lembra os versos de Virgílio, citados em epígrafe por Freud, em *A interpretação dos sonhos*: *“Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo”* (“Se eu não conseguir dobrar os deuses de cima, comoverei o Aqueronte”).

<sup>182</sup> Em Volta Redonda, Vargas criou a Companhia Siderúrgica Nacional, para produção de aço, com auxílio de capital americano. Iglésias (1986, p. 81) comenta: “A grande usina siderúrgica de Volta Redonda encontra-se no Estado do Rio de Janeiro, nem junto da zona de minério de ferro, em Minas Gerais, nem junto da zona fornecedora de carvão de pedra, no sul do Brasil, principalmente em Santa Catarina. Esta é uma das obras máximas do Estado Novo do ponto de vista econômico pelo motivo óbvio de que representava a vitória da indústria pesada [...]”.

contos de capital, por que não funda também a Cia. Nacional do Petróleo, com outros 500 mil contos de capital? Era o meio de ao mesmo tempo solver os problemas do ferro e o do petróleo, de igual importância.

A solução que proponho [...]. (v. 7, p. 199).

E lá vão mais soluções do presidiário para o presidente...

Segundo Lobato, o entrave à implementação dos seus projetos é o parasitismo incrustado na máquina estatal (amplamente presente na constelação imagética de seus textos). Grupos da elite estatal, ligados ao capital financeiro internacional, impunham a política que melhor remunerasse seus interesses.

O quadro que pinta do fim do Estado Novo, em 1944, é desolador:

O quadro é sinistro: saúva, erosão, generais, ditador, comodismo, cabeça de avestruz sob as asas, o café na agonia, o agricultor pai de tudo, na miséria: prospera, só uma coisa: o parasitismo recrudescente e já canceroso. É o medievalismo, e a mentira onímoda adotada como ópio ocultador do processo de decomposição. E para que nada perturbe a paz do brejo, a supressão da livre manifestação do pensamento, o que vale dizer a supressão das saneadoras correntes de ar puro, de oxigênio. (1959b, v. 2, p. 135).

Por que Lobato e Vargas não se entenderam? O primeiro trazia a ideologia liberal, o segundo a ideologia da planificação, da intervenção. Um representava o cidadão empreendedor e capitalista; outro, o Estado empreendedor. Foi esse descompasso entre seu ideal e o ideal de sua época que impediu que Lobato instalasse a siderurgia pesada e extraísse petróleo — riqueza nacionalizada depois de sua morte.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso trabalho procurou evidenciar várias facetas do pensamento lobatiano. O utopista que busca a construção de uma cidade ideal (o estado industrializado), precisa da força do além-do-homem nietzscheano. Descendo do homem atual, procura moldar o espírito infantil próximo da natureza, como em Rousseau, para dar início à Nova Era, cujo espelho seriam os Estados Unidos da década de 1920.

A obra de um gênio artista, porém, é surpreendente e sobrepuja, de muito, o mero engenho crítico. Quando se pensa tê-la apreendido, ei-la que escapa, por uma fresta e, risonha, nos dá uma piscadinha e mostra a língua. Apertada nas malhas da interpretação, começa a esgarçar os fios que a prendem e tende a escapular, a crescer, a recuperar sua forma primeira. Apesar de todas as leituras, a obra está lá, intacta, qual um rochedo infenso às ondas interpretativas: a isso se chama um clássico, fogo que queima na ausência mesma de oxigênio.

Nietzsche lembra, em *Humano, Demasiado Humano*, que a pequena força que se faz para empurrar uma canoa num rio caudaloso não deve ser confundida com a força desse rio que, doravante, leva a canoa. O texto lobatiano é a torrente que nos carrega e nos interroga.

Estudar a obra de Lobato afastou-nos às vezes da literatura. Tivemos que voltar-nos para assuntos como industrialização, taylorismo, fordismo, educação, ou seja, assuntos que estão além dos livros, na vida, e isso já dá um medida do escritor: mais na vida (no significado) do que na literatura (no significante), em flagrante desequilíbrio.

A literatura brasileira, pela precariedade dos estudos antropológicos, tem cumprido o papel de intérprete do país. Basta pensar o quanto já fez pelo Nordeste, pela seca, pelos jagunços, a ponto de parecerem mais vivos nos

livros do que na realidade. Lobato foi desses escritores que não separavam o *fictum* do *factum*, como assinalou Roberto Vecchi.

Se o escritor se afasta da literatura, por outro lado nos aproxima da História, e em primeiro lugar, da nossa. Como já assinalamos, a pesquisadora Marisa Lajolo escreve que a saga lobatiana é “ainda uma atualizadíssima cartilha de Brasil”<sup>183</sup>: “Sem papas na língua, Lobato escreveu sobre praticamente tudo o que pautava as discussões relevantes entre os anos 10 e 50 deste século. Da importação cultural à guerra, da falência do modelo rural de desenvolvimento brasileiro ao mandonismo e provincianismo das elites patricias, nada escapou a ele.”

Com efeito, essa obra reflete quase meio século de história brasileira. uma propriedade rural (o *Sítio/Brasil*) em vias de modernização (o petróleo), com os resquícios da velha sociedade escravocrata e servil (Tia Nastácia).

A República Velha lá está, por intermédio de artigos como “País de tavolagem”, que dá conta da instabilidade cambial vigente no país, nas primeiras décadas subseqüentes à política do Encilhamento de Rui Barbosa, cuja política de grande emissão monetária então teve repercussões duradouras na economia brasileira. O sistema de leiloamento de cargos públicos, que caracterizou o início da República, aparece no conto “O Luzeiro agrícola”.

Na sua teoria dos “trinta homens”, o escritor inclui Oswaldo Cruz, a quem se associa na faina saneadora, agora não mais com vacinas, mas com artigos e divulgação de medicamentos. Lima Barreto, seu contemporâneo, posicionou-se contra o “terror do Alves”, com a vacina obrigatória, mas Lobato só vê em Oswaldo Cruz o herói, pouco importando que o sanitarista estivesse na raiz de uma guerra civil. Não importa o autoritarismo, contanto que seja para o bem do país...

Lobato discute a política fiscal brasileira em vários artigos, pois sempre se preocupou com a excessiva carga tributária da economia brasileira e

---

<sup>183</sup> “Obra infantil do escritor é uma Cartilha do Brasil atual”. *O Estado de São Paulo*, 28/6/1998, disponível na Internet.

propunha uma reforma fiscal — que até hoje não se realizou — na primeira metade do século XX. Destacam-se o artigo “Novo Gulliver”, do livro *Na Antevéspera*, onde compara o Brasil a um Gulliver imobilizado pela “cipoeira fiscal”, enquanto nele repasta “parasitalha infinita”. O conto “O fisco”, que tem como subtítulo “Conto de Natal”, coloca o problema em termos ficcionais, à Dickens. Trata-se da história de um menino que resolvera ser engraxate para ajudar a família pobre e acaba perdendo toda a sua fêria devido à intervenção de um fiscal excessivamente zeloso e de um policial conivente:

Súbito, viu um homem de boné caminhando para o seu lado. Olhou-lhe para as botinas. Sujas. Viria engraxar, com certeza — e o coração bateu-lhe apressado, no tumulto delicioso da estréia. Encarou com o homem já a cinco passos e sorriu com infinita ternura nos olhos num agradecimento antecipado em que havia tesouros de gratidão. Mas em vez de lhe espichar o pé, o homem rosnou aquela terrível interpelação inicial:  
— Então, cachorrinho, que é da licença? (LOBATO, 1943, p. 289)

Durante o Estado Novo, os textos de interlocução são *O Escândalo do Petróleo*, *Ferro* e algumas cartas. Lobato ficou muito marcado por esse período, e, no imaginário nacional, é associado ao ferro e ao petróleo, sempre em relação à sua linguagem panfletária e ao malogro de suas aspirações nacionalistas e economicistas. Amargou, nessa luta, várias derrotas, e morreu sem ver coroado seus esforços.

O apoio a Luiz Carlos Prestes e à reforma agrária, presentes no folheto *Zé Brasil*, 1947, valeram sérias críticas a Lobato. Transformado em cordel, *Zé Brasil* foi apreendido.

Com relação à *História Universal*, ressalta certa lusofobia do escritor. A seu juízo, o descobrimento do Brasil foi obra do acaso. Recorde-se de que homenageia Vasco da Gama, lembrando do episódio das orelhas e mãos decepadas, em *História do Mundo para as Crianças*. “Vasco da Gama encontrou na Índia vários navios árabes carregados de arroz, aprisionou-os, cortou as orelhas e as mãos de oitocentos homens da equipagem e depois

queimou os pobres mutilados dentro dos seus navios”. (LOBATO, 1982, p. 1696). No artigo “As orelhas de Vasco da Gama” (v. 13, p. 270), volta à carga: “Há lá ainda a história das 1600 orelhas que Vasco da Gama cortou à marinhagem árabe duns navios encontrados em Calicut; mas esse fato é mencionado em todas as histórias universais não portuguesas. Só as escritas em nossa língua o escondem.”

Talvez por isso pese sobre Lobato um silêncio cabal em terras portuguesas. Sua lusofobia é tal que erige Cunhambebe, chefe dos tupinambás, que lutavam contra os portugueses, como herói, em 1925, no artigo “Herói nacional”. Em 1925, publica *Hans Staden: suas viagens e cativo entre os índios do Brasil*<sup>184</sup>, de Hans Staden: texto ordenado literariamente por Monteiro Lobato. Segue-se, em 1927, a adaptação para crianças *Aventuras de Hans Staden*. Nesse livro, há um capítulo denominado “Antropofagia” e Cunhambebe aparece como herói. Do cânone colonial, privilegiou a visão do alemão e do francês, tendo traduzido *Viagem à Terra do Brasil*, de Jean de Léry.

A esse respeito, é muito interessante o artigo “As orelhas de Vasco da Gama” (v. 13, p. 269), onde o escritor comenta a proibição do livro *História do Mundo para as Crianças*, em Portugal, por conter “ofensas à metrópole”. As ofensas seriam a idéia veiculada por Lobato de que o descobrimento era obra do acaso e que Vasco da Gama cortara 1600 orelhas de marinheiros.

O artigo “Hostefagia” faz elogio da guerra e pode ser lido em paralelo com o “Manifesto Futurista” (1909), de Marinetti que, aliás, é citado por Lobato. Da primeira guerra, dá-nos ainda o conto “O espião alemão”, que aborda a germanofobia vigente no Brasil à época. Enquanto isso, Mário de Andrade escrevia o “Há uma gota de sangue em cada poema”...

A ascensão de Lenin, em 1917, recebe comentários fervorosos de Lobato. Não só se entusiasma com a revolução Russa, como destaca o novo papel da mulher que essa sociedade lhe acena. Segundo o autor, a partir das

---

<sup>184</sup> Esse livro foi retraduzido em 1998, na esteira da comemoração dos 500 anos da chegada dos portugueses ao Brasil, com o título *Portinari Devora Hans Staden*.

idéias russas, Madame Bovary não mais precisará suicidar-se. Como se proibia no Brasil a divulgação dos acontecimentos russos, Lobato comentava artigos de um jornalista argentino, Agorio. Devido a essa simpatia, foi chamado a depor e ameaçado caso ousasse publicar um livro do mesmo Agorio, sobre a vitória dos comunistas na Rússia.

Vale a pena citar um fragmento do artigo “Idéias Russas” (v. 6, p. 67), pois mostra a heterodoxia do pensamento lobatiano:

Lenine, esse ogre na opinião dos franceses, ainda há de dar o seu nome ao século como o maior reformador social de todos os tempos. Nenhuma criatura operou em maior escala, nem foi mais radical em suas idéias. Semeou como um deus, e até ao derradeiro momento de vida presidiu ao novo estado de equilíbrio social que implantou na Rússia. O tempo irá aos poucos corrigindo sua obra: a adaptação far-se-á mas ninguém lhe tirará a glória de ter arquitetado o dia de amanhã.

Nota-se, então, que paralelamente ao entusiasmo com a sociedade americana, Lobato aprovava a Revolução Russa, considerada uma das últimas utopias que passaram à fase de implantação. Da sociedade americana admirava o progresso e a técnica. Na Revolução Russa antevia modelos utópicos que lhe sustentavam o pensamento. Ao elogiar a Revolução Russa, preponderou nele o utopista. Lembremos que Thomas More, por admitir a supressão da propriedade privada no livro *A Utopia*, foi considerado precursor do comunismo e seu autor foi homenageado com uma escultura em Moscou, em 1917.

Muito embora Marx e Engels se insurjam, no *Manifesto do Partido Comunista*, contra os socialistas utópicos, zombando dos falanstérios fourieristas e da Icária de Cabet, ambos delineavam esse mundo do amanhã, onde os proletários e não mais a burguesia e o capital seriam os protagonistas e onde se suprimiria a propriedade individual da terra, tópico presente em todas as utopias, desde Platão. É nesse sentido que compreendemos a posição favorável de Lobato em relação à Revolução Russa: o sonho operário é também uma utopia! À revelia de Marx e Engels, a marcha da História mostrou,

que também eles trilhavam o caminho das utopias: o capital migrante e avassalador e a revolução tecnocrática destronaram não só o proletariado, mas inclusive a própria idéia de trabalho, hoje um bem em vias de rarefação.

A Segunda Guerra recebeu tratamento ficcional em *A Chave do Tamanho*. O presente se tornara inaceitável para Lobato. Para fazer cessar a carnificina, Emília provoca outra, diminuindo o tamanho de todos. Nesse universo liliputiano, só um sabugo de milho detém o tamanho e o poder. Um “homem de milho” agora domina o mundo. Não pudemos deixar de averiguar a simbologia do milho. Na cosmologia das civilizações americanas, ele representa o terceiro estágio da criação do homem. Depois de o homem de argila ser destruído pela inundação, e o homem de madeira, pelas chuvas torrenciais, eis que o homem de milho se salva. (CHEVALIER, 1982, p. 603). Sabugosa, homem de ciência, homem boníssimo, o único que se salva dos cataclismos, caminha pela terra devastada pela guerra, como senhor absoluto, carregando no oco da cartola, uma boneca de trapo. Mas aqui, Lobato está no final da vida e, desesperançado, já não acredita na espécie humana, e espera impientemente a morte.

Como não poderia deixar de ser, a ideologia está presente em seus textos: em *Histórias do Mundo para as Crianças*, não apresenta posição crítica diante da Guerra de Secessão, admirador que era de Lincoln, nem tampouco sobre a Guerra do Paraguai, admirador que era de D. Pedro II. Não acreditamos, todavia, que sua obra deva ser subavaliada — e nem tampouco superestimada — devido a seu patente caráter ideológico.

Por ser um liberal e defender o ideário econômico norte-americano, Lobato sempre foi visto com bastante reserva pela esquerda brasileira. Walt Disney, uma espécie de homólogo americano de Lobato na área de entretenimento infantil, por quem este nutria grande admiração, também é uma das personalidades americanas mais odiadas pela esquerda. No final da vida, ao fechar a *Barca de Gleyre*, Lobato compara sua relação com Godofredo Rangel ao *Fantasia*: “Estamos agora aqui com a maravilha das maravilhas, que

é a FANTASIA do Walt Disney. Já me delíciei seis vezes. Não a percas, Rangel. Faça uma viagem ao Rio especialmente para te assombrares com essa amostrazinha das tremendas coisas futuras que nossos netos verão. [...] Fuja de Belo Horizonte e vá ver FANTASIA. Nós fomos uma FANTASIA, Rangel[...]. (v. 12, p. 337).

Sobre este filme, que muito interessou à inteligência brasileira na época, Lobato escreve em 1948:

Ah, se fosse possível um novo fiat! Recriar o mundo! Com o material que a natureza nos fornece produzir um mundo novo, formas novas de vida — e se fosse Walt Disney o encarregado da transmutação! Que suprema, que prodigiosamente bela uma nova Criação Cósmica assinada pela mais alta expressão do gênio humano — Walt Disney.<sup>185</sup> (LOBATO, 1964, p. 115).

Se a esquerda o escanteou, o varguismo não lhe reservou destino melhor e seus livros sofreram autos-de-fé, já que Lobato defendia o liberalismo numa época marcada por políticas estatizantes e pela expressiva presença do Estado na economia.

Com relação à literatura, sua situação não foi melhor. Mário de Andrade publicou-lhe o necrológio, estando o autor vivo. Quanto à Igreja Católica, esta colocou-o no Índice<sup>186</sup>. Em 1957, o Pe. Sales Brasil colocou-se como porta-voz do clero brasileiro, publicando o livro *A Literatura Infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para Crianças*.

Campos (1986, p. 117) chega à conclusão semelhante:

---

<sup>185</sup> Walt Disney visitou o Brasil em 1941 por ocasião do lançamento de *Fantasia*, como “embaixador da boa vizinhança”, entre os Estados Unidos e a América Latina. Além de encontrar-se com o diretor do DIP, Lourival Fontes, o ponto alto da visita ao Brasil foi o encontro com Getúlio Vargas (LEITE, 2001). Dessa viagem, resultaram três desenhos animados, em que Donald faz uma peregrinação pela América: “Alô, amigos”, “Os Três Cavalheiros” e “Você já foi à Bahia?”. Segundo Leite, essas produções ‘marcaram o aparecimento do célebre personagem Zé Carioca, concebido para ser a síntese dos laços de amizade entre os Estados Unidos e o Brasil.’

<sup>186</sup> Não só Lobato, mas também Anísio Teixeira, outro educador que girava na mesma órbita de Lobato, foi perseguido pela Igreja. Num memorial enviado ao Presidente da República, na década de 50, bispos gaúchos acusam Teixeira de promover a revolução social no país, pois este batalhava pela escola única, de responsabilidade do Estado, o que não agradava a Igreja, tradicional beneficiária do ensino pago

A literatura de Monteiro Lobato não serviu para legitimar o Estado Novo (como a de Cassiano Ricardo), nem para apontar o caminho do socialismo (como fez Jorge Amado). E, na medida em que não cumpriu nenhum dos papéis que a polarização política sugeria, acabou esquecida enquanto registro de uma determinada visão de mundo liberal que submergiu naqueles tumultuados anos 30.

Lendo-se Lobato, tem-se a impressão de que a coisa pública era negócio privado. Ora, o Estado tampouco pertencia ao escritor, como ele parecia acreditar. Porém, se dele fosse nos anos trinta do século passado, hoje ou o Brasil já seria um arremedo de América do Norte ou já poderia estar nos trilhos. Apesar de seu projeto de modernização, de cunho autoritário e paternalista, o escritor foi o visionário de uma sociedade moderna, dirigida por uma elite esclarecida e não rapinante.

## REFERÊNCIAS

### Obras de Monteiro Lobato

LOBATO, Monteiro, José Bento. **Obras Completas**: Literatura Geral. S. Paulo: Brasiliense, 1950.13 v.

**Urupês** (v. 1)

**Cidades Mortas** (v. 2)

**Negrinha** (v. 3)

**Idéias de Jeca Tatu** (v. 4)

**A Onda Verde e O Presidente Negro** (v. 5)

**Na Antevéspera** (v. 6)

**O Escândalo do Petróleo e Ferro** (v. 7)

**Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital** (v. 8)

**América** (v. 9)

**Mundo da Lua e Miscelânea** (v. 10)

**A Barca de Gleyre 1º tomo** (v. 11)

**A Barca de Gleyre 2º tomo** (v. 12)

**Prefácios e Entrevistas** (v. 13)

— **A Barca de Gleyre**. São Paulo: Nacional, 1944.

— **A Barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1959a.

— **Cartas Escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1959b. 2 v.

— **Cartas de Amor**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

— **Conferências, Artigos e Crônicas**. São Paulo: Brasiliense, 1964.

— **Críticas e Outras Notas**. São Paulo: Brasiliense, 1965.

— **O Garimpeiro do Rio das Garças**. São Paulo: Nacional, 1937.

— **Jeca Tatuzinho**. São Paulo: Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato, 1924.

—. **Literatura do Minarete**. São Paulo: Brasiliense, 1969.

—. **A Menina do Narizinho Arrebitado**. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia., 1920 (com ilustrações de Voltolino).

—. **Monteiro Lobato e o Espiritismo**: as sessões espíritas de Monteiro Lobato. RIBAS, Maria José Sette (Org.). São Paulo: Livraria Allan Kardec, 1972.

—. **Monteiro Lobato Vivo**. Cassiano Nunes (Org.). Rio de Janeiro: MPM-Record, 1986a.

—.**O Sacy-Pererê**: resultado de um Inquérito. 1918. Ed. fac-similar. São Paulo: Fundação Odebrecht, 1998.

—. El Brasil visto verticalmente (Frag.). Disponível em  
<<http://portugues.tripod.com.ar/vertical.htm>.>

—. **Urupês, Outros Contos e Coisas**. São Paulo: Nacional. 1943.

LOBATO, Monteiro; BARRETO, Lima. **A Correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto**. CAVALHEIRO, Edgard (Org.). Rio de Janeiro: MEC, 1955.

LOBATO, Monteiro; TEIXEIRA, Anísio: **Conversa entre Amigos**: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato. VIANNA, Aurélio e FRAIZ, Priscila (Org.). Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1986b.

—. **Obra Infantil Completa**. São Paulo: Brasiliense, 1982 [Edição do Centenário].

**Reinações de Narizinho**

**Caçadas de Pedrinho**

**O Saci**

**Memórias da Emília**

**Emília no País da Gramática**

**Aritmética da Emília**

**Fábulas**

**Histórias Diversas**

**Histórias de Tia Nastácia**

**Peter Pan**

**Viagem ao Céu**  
**O Poço do Visconde**  
**O Picapau Amarelo**  
**Aventuras de Hans Staden**  
**D. Quixote das Crianças**  
**Geografia de D. Benta**  
**A Chave do Tamanho**  
**A Reforma da Natureza**  
**O Minotauro**  
**Os Doze Trabalhos de Hércules**  
**Histórias do Mundo para as Crianças**  
**Serões de D. Benta**  
**História das Invenções**

### **Obras consultadas**

ALENCAR, José de. **Ubirajara**. Porto Alegre: L& PM, 1999.

ALENCAR, Francisco et al. **História da Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1996.

ALMEIDA, Marco Antonio de. A literatura de aventuras e a expansão do ocidente: *As viagens extraordinárias*, de Júlio Verne. **Revista de Ciências Sociais**. UFC, v. 19, n. 1/ 2, 1998.

ALMEIDA, Renato. Literatura infantil. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.). **A Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1971. p. 183-204. v. 6 : Teatro. Conto. Crônica. A Nova Literatura.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964.

ANDRADE, Oswald de. **Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias**: manifestos, teses de concursos e ensaios. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

ANDRADE, Oswald. **A Utopia Antropofágica**. São Paulo: Globo, 1995.

ARANHA, Graça. **Canaã**. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1968.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1989.

AURELIANO, Liana Maria. **No limiar da Industrialização**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

AVANCINI, José Augusto. Notas do curso “Retratos do Brasil”, PPG/História/UFRGS, 1998.

AZEVEDO, Carmen Lucia de, CAMARGO, Marcia, SACCHETTA, Vladimir. **Furacão na Botocúndia**. São Paulo: SENAC, 1997.

BARRETO, Lima. **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá**. São Paulo: Revista do Brasil, 1919.

— . **Impressões de Leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1956.

— . **Um Longo Sonho de Futuro**. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993.

— . **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. Espanha: ALLCA/Scipione Cultural Colección Archivos, 1997.

— . **Os Bruzundangas**. Porto Alegre: L&PM, 1998.

BARROSO, Gustavo. **Aquém da Atlântida**. São Paulo: Nacional, 1931.

BARTHES, Roland. **Roland Barthes par Roland Barthes**. Paris: Seuil, 1975.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões**: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984.

BERGERAC, Cyrano. **L'Autre Monde**. Pref. e notas de Henri Weber. Paris: Editions Sociales, 1978.

**BÍBLIA**. São Paulo: Loyola, 1983.

**BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA**. *Utopie: la quête de la société idéal en Occident*. Disponível em:

< [http://www.bnf.fr/web-bnf/expos/utopie/grand/2\\_40b.htm](http://www.bnf.fr/web-bnf/expos/utopie/grand/2_40b.htm)>. Acessado em 09/06/2000.

BLOCH, Ernst. **Le Principe Espérance**. Paris: Gallimard. v. 1 1976; v. 2, 1982; v. 3, 1991.

BORNHEIM, Gerd. A Utopia no Mundo Ocidental (Conferência). Notas. **XI Seminário Nacional de Literatura e História**. FAPA/RS, 12/06/2000.

BORGES, Jorge Luis. **Antología de la Literatura Fantástica**. Buenos Aires: Sudamericana, 1976.

—. **Veinticinco Agosto 1983 y Otros Cuentos**. Madri: Siruela, 1983.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

—. **O Ser e o Tempo da Poesia**, São Paulo: Cultrix, 1997.

BROCA, Brito. **Vida Literária no Brasil: 1900**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1960.

—. Quando se começou a traduzir no Brasil. In: —. **Naturalistas, Parnasianos e Decadistas: vida literária do realismo ao pré-modernismo**. Campinas: UNICAMP, 1991. p. 58-61.

BRUNEL, Pierre. **Dicionário de Mitos Literários**. Rio de Janeiro: José Olympio/Unb, 1997.

CAMPANELLA, Tommaso. **A Cidade do Sol**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.(Os pensadores).

CAMPOS, André Luiz Vieira de. **A República do Picapau Amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

CAMPOS, Haroldo de. Prólogo. In: ANDRADE, Oswald de. **Obra Escogida**. Caracas: Ayacucho, 1981.

—. **A Arte no Horizonte do Provável**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

CAMPOS, Maria do Carmo. **A Matéria Prismada**: o Brasil de longe e de perto e outros ensaios. Porto Alegre: Mercado Aberto/EDUSP, 1999. v. 1.

CANDIDO, Antonio. Os gêneros públicos. In: —. **Formação da Literatura Brasileira**: momentos decisivos. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

CANDIDO, Antonio. A nossa *Aufklärung*. In:—. **Formação da Literatura Brasileira**: momentos decisivos. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975. v. 1.

—. **Presença da Literatura Brasileira**. São Paulo: DIFEL, 1975. v. 2.

CANO, Wilson. **Desequilíbrios Regionais e Concentração Industrial no Brasil:1930-1970**. São Paulo: Global; Campinas: Ed. UNICAMP, 1985.

—. **Raízes da Concentração Industrial em São Paulo**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Livros Proibidos, Idéias Malditas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

CARONE, Edgard. **A Terceira República**: 1937-1945. São Paulo: DIFEL, 1982.

—. **A República Nova**: 1930-1937. São Paulo: DIFEL, 1974.

CARRION, Raul. Mauá: Um Capitalista Moderno em uma Sociedade Escravista Dependente, 2002. [texto não publicado].

CASTRO, Silvio. **A Carta de Pero Vaz de Caminha**: o descobrimento do Brasil. Porto Alegre: L&PM, 1985.

CASSAL, S. A. T. Barros. **Amigos Escritos**: correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. São Paulo: Giordano, 2002.

CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato**: vida e obra. São Paulo: Nacional, 1956. 2 v.

CERIZARA, Ana Beatriz. **Rousseau**: a educação na infância. São Paulo: Scipione, 1990.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Introdução à História da Filosofia**: dos pré-socráticos à Aristóteles. São Paulo: Brasiliense, 1994. v. 1.

CHAVES, Ernani. *Raízes do Brasil* e Nietzsche. **Cult Revista Brasileira de Literatura**. N. 37, p. 52-55, 2000.

CHEVALIER, Jean et al. **Dictionnaire des Symboles**. Paris: Laffont/Jupiter, 1982.

CHIARELLI, Tadeu. **Um Jeca nos Vernissages**: Monteiro Lobato e o desejo de uma arte nacional no Brasil. São Paulo: EDUSP, 1995.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil**. São Paulo: Quíron, 1985.

COELHO, Teixeira. **O que é Utopia**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Logique du Sens**. Paris: Minuit, 1969.

—. *Pensée nomade*. In: **Nietzsche Aujourd'hui?** Colloque International de Cerisy. Paris: 10/18, 1973.

DEWEY, John. **Democracia e Educação**. Trad. de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo, Nacional, 1959.

DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche Educador**. São Paulo, Scipione, 1993.

**Dictionnaire du Darwinisme et de l'Évolution**. TORT, Patrick (Org.). Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

DÍDIMO, Horácio. **Ficções Lobatianas**: Dona Aranha e as seis aranhinhas no *Sítio do Picapau Amarelo*. Fortaleza: UFC, 1996.

DORAY, Bernard. **Le Taylorisme, une Folie Rationnelle**. Paris: Bordas, 1981.

DRAIBE, Sônia. **Rumos e Metamorfoses**: um estudo sobre a constituição do Estado e as alternativas da industrialização no Brasil 1930-1960. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985

DURAND, Gilbert. **Mito, Símbolo e Mitodologia**. Lisboa: Editorial Presença, 1982.

—. **A Imaginação Simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.

DURANT, Will. **História da Filosofia**: vida e idéias dos grandes filósofos. Trad. de Godofredo Rangel e Monteiro Lobato. São Paulo: Nacional, 1959.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

—. **O Super-homem de Massa**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

**ENCLYCLOPAEDIA UNIVERSALIS**. Paris, 1985, v. 2, v. 15 e v.18.

ENGELS, F. **O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem**. São Paulo: Global, 1986.

FANO, Ester. Crise e retomada econômica na avaliação do *New Deal*. (texto manuscrito).

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FORTES, Luiz R. Salinas. **O Iluminismo e os Reis Filósofos**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

—. **Rousseau**: o bom selvagem. São Paulo: FTD, 1989.

FRANCE, Anatole. **As Sete Esposas de Barba Azul**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. **O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

FREUD, Sigmund. **Oeuvres Complètes**. Paris: PUF, 1992. v. 17

FREYRE, Gilberto. **Ordem e Progresso**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962. v. 1.

FRYE, Northrop. **Anatomia da Crítica**. São Paulo: Cultrix, 1989.

GHIRALDELLI JR., Paulo. **História da Educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

GIRARD, René. **Des Choses Cachées depuis la Fondation du Monde**. pesquisa com Jean-Michel Oughourlian e Guy Lefort. Paris: Grasset, 1978.

GOETHE. **Os Anos de Aprendizagem de Wilhelm Meister**. São Paulo: Ensaio, 1994.

GUERRA NETO, Aurélio. Algumas questões em torno do nascimento da tragédia de Nietzsche. 1999. 35 p. (texto não publicado).

GULLAR, Ferreira. **Vanguarda e Subdesenvolvimento**: ensaios sobre arte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

HACK, José Lino. Escola nova: a educação sob a ótica liberal. **Cadernos de Educação**, Pelotas. v. 3, n. especial, p. 178-190, jun. 1994.

HARDMAN, Francisco Foot. Antigos modernistas. In: NOVAES, A. (Org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras-SMC, 1992. p. 289-305.

—. Epílogo: sinais do vulcão extinto. In: —. **Nem Pátria nem Patrão!** vida operária e cultura anarquista no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 110-149.

—. Palavra de ouro, cidade de palha/ literatura anarquista. In: SCHWARZ, Roberto (Org.). **Os Pobres na Literatura Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

HELENA, Lucia. **Uma Literatura Antropofágica**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1983.

O Romantismo teórico e as trevas da Modernidade. Curso ministrado no Instituto de Letras da UFRGS, 20 a 23/03/2000. (notas de curso)

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso**: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1994.

—. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

IGLÉSIAS, Francisco. Aspectos políticos e econômicos do Estado Novo. In: SZMRECSÁNYI, Tamás; GRANZIERA, Rui G. (Org.). **Getúlio Vargas e a Economia Contemporânea**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1986.

KANT, Immanuel. **Filosofía de la Historia**. Buenos Aires: Editorial Nova, 1964.

KERN, Arno Alvarez. **Utopias e Missões Jesuíticas**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994.

KLINKE, Karina. Um faz-de-conta das meninas de Lobato. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira et al. (Org.). **Lendo e Escrevendo Lobato**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LA FONTAINE. **Fables**. Paris: Garnier, [194-?].

LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato**: a modernidade do contra, São Paulo: Brasiliense, 1985.

—. **Monteiro Lobato**: um brasileiro sob medida. São Paulo: Moderna, 2000.

—. O regionalismo lobatiano na contramão do modernismo. **Remate de Males**. Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP, n. 7, p. 39-48, 1987.

LAJOLO, Marisa et al. **Monteiro Lobato**: literatura comentada. São Paulo: Abril Educação, 1981.

LAJOLO, Marisa; Zilberman, Regina. **Literatura Infantil Brasileira**: história & histórias. São Paulo: Ática, 1991.

LAJOLO, Marisa (Org.). **Monteiro Lobato**: contos escolhidos. São Paulo: Brasiliense, 1989.

—. Jeca Tatu em três tempos. In: SCHWARZ, Roberto (Org.). **Os Pobres na Literatura Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 101-105.

LALANDE, André. **Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LANDERS, Vasda Bonafini. **De Jeca a Macunaíma**: Monteiro Lobato e o modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

LEITE, Sidney Ferreira. Walt Disney, o embaixador da boa vizinhança. **Jornal da Tarde**. Disponível na Internet. Acessado em 01/12/2001.

LEUCHTENBURG, William E. (Org.). **O Século Inacabado**: A América desde 1900. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976. v. 1.

**MAGAZINE LITTÉRAIRE. Jules Verne Inattendu**. Paris, n. 119, déc. 1976.

**MAGAZINE LITTÉRAIRE. Nietzsche**. Paris, n.141, out. 1978.

**MAGAZINE LITTÉRAIRE. La Renaissance de l'Utopie**. Paris, n. 2049, mai 2000.

MAGRIS, Claudio. Utopía y desencanto. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madri, n. 594, p. 7-15, dez. 1999.

MAN, Paul de. **Allégories de la Lecture**. Paris: Galilée, 1989.

MARTINS, Wilson. **História da Inteligência Brasileira**: 1897-1914. São Paulo: Cultrix, 1978a. v. 5.

—. **História da Inteligência Brasileira**: 1915-1933. São Paulo: Cultrix, 1978b. v. 6.

MARX., Kar; Engels, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Porto Alegre: L&PM, 2001. (Pocket).

MELETÍNSKI, E. M. **Os Arquétipos Literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. *A Chave do Tamanho*: a instauração de uma nova ordem. **Letras de hoje**, Porto Alegre, n. 43, p. 67-74, mar. 1981.

—. A noção de hipertexto e sua contribuição para os estudos literários. In: BITTENCOURT, Gilda (Org.). **Literatura Comparada**: teoria e prática. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1996.

MELLO, João Manuel Cardoso de. **O Capitalismo Tardio**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MELLO NETO, João Cabral. **A Educação pela Pedra**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966.

MERZ., Hilda Junqueira Villela et al. **Histórico e Resenhas da Obra Infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

**Momentos do Livro no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

MORA, José Ferrater. **Diccionario de Filosofia**. Madri: Alianza, 1984. 4 v.

MORE, Thomas. **A Utopia**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os pensadores).

MOREIRA, Pedro Paulo. Conversando sobre Lobato. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira et al. (Org.). **Lendo e Escrevendo Lobato**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MORUS, Tomás. **A Utopia**. Porto Alegre: L&PM, 1997.

NAXARA, Marcia Regina Capelari. **Estrangeiro em sua Própria Terra**: representações do brasileiro 1870/1920. São Paulo: Annablume, 1998.

NESTROVSKI, Arthur. **Ironias da modernidade**. São Paulo: Ática, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich . **Crépuscule des Idoles ou Comment Philosopher à Coups de Marteau**. Paris: Gallimard, 1977.

- **Humain, Trop Humain.** Paris: Gallimard, 1968. v. 2.
  - **La Naissance de la Tragédie.** Paris: Gallimard, 1977.
  - **Le Gai Savoir.** Paris: Club Français du Livre, 1973.
  - **Obras Incompletas.** Sel. Gérard Lebrun, São Paulo, São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).
  - **Par-delà Bien et Mal - La Généalogie de la Morale.** Paris: Gallimard, 1971.
  - **L'Antéchrist.** Paris: Gallimard, 1974.
  - **Ainsi parlait Zarathoustra.** Paris: Club Français du Livre-10/18, 1972.
  - **Ainsi Parlait Zarathoustra.** Paris: Gallimard, 1971.
- NUNES, Benedito. **A Filosofia Contemporânea.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1967.
- NUNES, Cassiano. A correspondência de Monteiro Lobato. **Letras de Hoje.** Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 61-85, set. 1982.
- Monteiro Lobato e Anísio Teixeira: o sonho da educação no Brasil. **Letras de Hoje.** Porto Alegre, v.19, n.2, p. 25-54, jun. 1986b.
  - **Monteiro Lobato e Fortunato Bulcão:** o sonho do aço brasileiro. Brasília: Thesaurus, 1985.
  - **Norte-americanos.** São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1970.
  - **O Patriotismo Difícil:** a correspondência entre Monteiro Lobato e Artur Neiva. São Paulo: [s. n.] 1981.
  - O último sonho de Monteiro Lobato: o georgismo. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **Atualidade de Monteiro Lobato:** uma revisão crítica. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1986a.

OLIVEIRA, Marco Antonio de (Org.). **Economia & Trabalho**: textos básicos. Campinas: UNICAMP/IE, 1998.

OLIVEIRA, Renato José de. Utopia e educação científica: pensando a formação do homem a partir das concepções de Rousseau e Bachelard. **Episteme**: Filosofia e História das Ciências em Revista. Porto Alegre, v. 2, n. 3, p. 21-32, 1997.

PAES, José Paulo. O homem que fugia de si mesmo. In: —. **O Lugar do Outro**: ensaios. São Paulo: Topbooks, 1999.

—. **A Aventura Literária**: ensaios sobre ficção e ficções. São Paulo: Cia da Letras, 1990.

PENTEADO WITHAKER, J. Roberto. **Os Filhos de Lobato**: O imaginário infantil na ideologia do adulto. Rio de Janeiro: Dunya, 1997.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. **Desenvolvimento e Crise no Brasil 1930-1983**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PEREIRA, Maria Tereza Gonçalves. Processos expressivos na literatura infantil de Monteiro Lobato. **Cadernos da PUC**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 10, p. 71-102, 1982.

PETIT ROBERT 2 . **Dictionnaire Universel des Noms Propres**. Paris: SEPRET, 1974.

PILETTI, Nelson. **História da Educação no Brasil**. São Paulo: Ática, 1997.

PITTA, Sebastião da Rocha. **História da América Portuguesa**. São Paulo: Jackson, 1964.

PLATÃO. **A República**. Introd. e notas de Robert Baccou. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: DIFEL, 1965. 2 v.

PRADA, Cecília. O Andersen da América Latina. Disponível na Internet: SESC on line. Acessado em 07 agosto 1997.

QUEIROZ, Maria José de. **Os Males da Ausência ou a Literatura do Exílio**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

REGO, Enylton de Sá. **O Calundu e a Panacéia**: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

RESENDE, Vânia Maria. **Vivências de Leitura e Expressão Criadora**. São Paulo: Saraiva, 1993.

RIBAS, Maria José Sette. **Monteiro Lobato e o Espiritismo**: As sessões espíritas de Monteiro Lobato. São Paulo: Lake, 1972.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

RICOEUR, Paul. **Ideologia y Utopia**. Barcelona: Gedisa, 1997.

ROHDEN, Valério. Utopia como idéia crítica. Conferência. XI **Seminário Nacional de Literatura e História**. FAPA/RS, 15/06/2000.

ROUSSEAU, J.-J. **Oeuvres Complètes**. Paris: Seuil, 1971, v. 3 (*Émile ou de l'Éducation*)

— **Jean-Jacques Rousseau**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores)

SANDRONI, Laura. A função transgressora de Emília no universo do Picapau Amarelo. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 87-96, set. 1982.

SANTOS, Theobaldo Miranda. **Noções de História da Educação**. São Paulo: Nacional, 1947.

SCAVONE, Antonio Carlos. Reflexos do Positivo em *A Chave do Tamanho*. **Letras**, n 43, março 1981.

SCHILLING, Voltaire. Dostoiévski Contra o Palácio de Cristal. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/voltaire/cultura/cristal.htm>> Acessado em 16/01/2003.

—. Voltaire. O Poeta e os Direitos Humanos. Disponível em: [www.http://educaterra.terra.com.br/voltaire/artigos/shelley2.htm](http://educaterra.terra.com.br/voltaire/artigos/shelley2.htm). Acessado em 26/08/2003.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Teoria do Desenvolvimento Econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SERRES, Michel. **Jouvences sur Jules Verne**. Paris: Minuit, 1974.

SERVIER, Jean. **Histoire de l'Utopie**. Paris: Gallimard, 1967.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, Sergio. **Expansão Cafeeira e Origens da Indústria no Brasil**. São Paulo: Alfa-Omega, 1985.

SOBRINHO, Barbosa Lima. **A Verdade sobre a Revolução de Outubro-1930**. São Paulo: Alfa-Omega, 1983.

STADEN, Hans. **Suas Vagens e Cativo entre os Índios do Brasil**. Texto ordenado por Monteiro Lobato. São Paulo: Nacional, 1945.

STAROBINSKI, Jean. **Jean-Jacques Rousseau**: La Transparence et l'Obstacle. Paris: Plon, 1958.

TAVARES, Maria da Conceição. **Acumulação de Capital e Industrialização no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1985.

TEIXEIRA, Anísio. Por que "Escola Nova"? **Boletim da Associação Bahiana de Educação**. Salvador, n. 1, p. 2-30, 1930. Disponível em: <<http://www.prossiga.br/anisioteixeira/>>

TROUSSON, Raymond. **D'Utopie et d'Utopistes**. Paris: L'Harmattan, 1998.

—. **Voyages aux Pays de Nulle Part**: histoire littéraire de la pensée utopique. Bruxelles: Éditions de l'Université de Bruxelles, 1979.

VASCONCELOS, José Gerardo. "Política e educação libertária: uma leitura de Jean-Jacques Rousseau. **Educação**, Porto Alegre, v. 23, n. 42, p. 173-190, nov. 2000.

VASCONCELLOS, Zinda. O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato. **Cadernos da PUC**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 35, p. 31-70, 1982.

VAZ, Leo. **Páginas Vadias**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

VENTURA, Roberto. **Estilo Tropical**. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

VECCHI, Roberto. Algumas trilhas dannunzianas no pré-modernismo brasileiro. **Remate de Males**. Campinas, n. 18, p. 123-150, 1998.

—. Figuras e raízes do Brasil Moderno: para uma semântica dos tempos históricos e estéticos do pré-modernismo brasileiro. Curso ministrado no Departamento de História da UFRGS, de 25 a 28/08/98.

VÍTOR, Nestor. **Obra Crítica**. Rio de Janeiro: MEC/Fundação Casa Rui Barbosa, 1969. v. 1.

VIZENTINI, Paulo Gilberto Fagundes. **Os Liberais e a Crise da República Velha**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

WATT, Ian. **A Ascensão do Romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

—. **Mitos do Individualismo Moderno**: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robinson Crusoe. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

WELLS, H. G. **A Construção do Mundo**. Trad. de Monteiro Lobato. São Paulo: Nacional, 1943.

ZILBERMAN, Regina. **A Terra em que Nasceste**: imagens do Brasil na literatura. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1994.

—. Nietzsche e a História da Literatura. **Cadernos Nietzsche** 2. Disponível na Internet.

—. Monteiro Lobato e a aventura do imaginário. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 35-46, set. 1982.

ZILBERMAN, Regina et al. **Atualidade de Monteiro Lobato**: uma revisão crítica. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **A Formação da Leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

